

A close-up portrait of a middle-aged man with a grey beard and mustache, wearing glasses and a dark hat. The background is dark and out of focus.

SILVA CARVALHO

COMO SE  
**NADA**  
FOSSE

EDIÇÕES AQUÁRIO

## Capítulo 1

Não podia mais. Estava completamente exausto, meu corpo em ferida, resfolegando. Passara a manhã daquele mês de Março soalheiro, mas frio, a retirar, com uma enxada exímia, canas de um local do terreno para levá-las depois para um outro local mais à frente. Tinha que as transportar cuidadosamente para não perderem as suas raízes carnudas, para que pudessem ser plantadas de novo como se nada tivesse acontecido. Cada cana, para ser desalojada, obrigava-me a vários golpes de enxada, e tinha que ser um trabalho meticuloso, não podia perder na vigorosa operação que levava a cabo as suas raízes preciosas. Fazia a viagem, que não era longa, uns quinze metros, mais ou menos, quando via no chão um molhe frouxo de quatro ou cinco canas prontas para serem replantadas. A estratégia que prosseguia não era difícil nem exigia grande saber, difícil era executá-la para um homem de quarenta e cinco anos, pesado, para não dizer gordo. No local escolhido para o transplante já se encontrava um sulco circular que eu fizera no começo desse inverno, e algumas canas dispunham-se já erguidas no seu novo pouso, como se lá estivessem há muito tempo. Felizmente que o inverno tinha sido chuvoso, e a terra, barrenta e escassa, não mais de quinze ou vinte centímetros de solo arável, se tanto, estava ainda húmida, em alguns pontos até um pouco encharcada, devido à inclinação do terreno que favorecia o aparecimento de poças.

A solução que achara para aplacar a nortada que varria o terreno situado a uns três ou quatro quilómetros do mar, ou mais, o qual se divisava ao longe enquadrado por duas minúsculas encostas, formando uma espécie de taça contendo o azul escuro do oceano em contraste flagrante com o azul mais claro do céu, seria construir quatro círculos de um diâmetro de dez a quinze metros, tangentes entre si em quatro pontos precisos, formando um hipotético quadrado capaz de albergar as árvores de fruto que teimava em plantar no terreno que comprara cinco anos atrás, regressado da América. Estava pois a construir o terceiro círculo. Os dois primeiros já encerravam dentro dessas muralhas frágeis, mas aparentemente efectivas, umas catorze árvores, sete em cada um dos seus bo-

jos, tentando, a todo o custo, conviver com as adversidades a que estavam sujeitas. Não havia dúvidas, a ideia que se inculcava na minha inteligência parca estava a dar resultados. Elas cresciam, não direi normalmente, pois ignoro o que é normal na natureza, mas cresciam, sem contudo terem começado a dar os frutos que eram uma promessa que nunca me fora feita. Mas os troncos alargavam-se razoavelmente, os ramos irrompiam, impávidos, na primavera e em pleno verão, desejosos de se expandirem até onde a seiva lhes consentisse o denodo. Enfim, tudo parecia decorrer como fora previsto.

Transpirava por todos os lados, cada poro uma passagem transbordando de um líquido quente e viscoso, as roupas de inverno ungidas desse suor pegajoso que me dava a sensação de estar enfaixado num enorme lençol untado e aquecido pelo corpo. As lentes dos óculos mais do que baças, contendo minúsculos salpicos de terra e alguns trilhos aquosos feitos pelas pingas que caíam da testa, dando à visão que tinha das coisas uma sensação um pouco estranha, como se o mundo em volta, fragmentado em intervalos irregulares, tivesse adquirido outros contornos e uma outra dimensão. Uma realidade inusitada. Nos pés, as botas de borracha, pesadas com a intumescência do barro teimoso que se pegara às suas solas, só dificultavam a tarefa. Mas o trabalho tinha que ser feito.

Lá ia eu, irreconhecível e quase sem forças, cambaleante, perdendo muitas vezes o equilíbrio, temeroso de tropeçar nas próprias canas, de um ponto ao outro, ora desplantando ora replantando, as horas passando lentas e adurentes, até que o cansaço finalmente venceu e me fez parar. O coração, querendo a todo o custo sair do perímetro do peito, arquejava. Apoiando o queixo sobre as mãos sujas que se apoiavam no cabo da enxada, o corpo ligeiramente curvado, contemplava o trabalho dessa manhã, arfando como um animal incapaz de adivinhar em que momento chegaria a morte. Pensando, talvez, pois o que relato já se passou há muitos anos, nos meados dos anos noventa do século transacto, na ideia um pouco insólita, para não dizer absurda, que me fizera comprar um terreno que ficasse não muito longe do apartamento onde então vivia, nos subúrbios o mais possível afastados da capital, mas perto da vila que condescendia, com a sua existência pra-

ticamente turística, ainda uns laivos de uma ancestralidade que convidava as pessoas a pensarem que poderiam talvez possuir uma história, um passado, até mesmo uma origem.

Sobretudo porque, que eu soubesse, nunca tivera na família gente do campo, nem a vida rústica me interessara até ao dia da compra daquele pedaço de terra. Nem sequer era, pelo menos conscientemente, aquilo que se poderia chamar, nesses anos volvidos, de um ecologista. Mas tinha amealhado algum dinheiro que ganhara da minha estadia na Califórnia, onde fora professor numa das suas universidades nos últimos quatro anos da década de oitenta. Meu pai, avesso a contas nos bancos, talvez porque tivesse sido durante toda a sua vida bancário e soubesse o que eu ignorava, na altura já reformado, lá do norte do país dissera-me com uma segurança invejável, investe num terreno, e eu, estúpido, acatei o seu conselho.

O terreno, de um hectare, albergava uma velha casa de uns vinte e cinco metros quadrados, que servira, pensava eu, para guardar vetustas alfaías agrícolas. A alvenaria, da região rural em que se inseria o terreno, era-me tão desconhecida que pensei estar diante de um casebre do século dezanove. Não era húmido, esse habitáculo. Não havia nas suas paredes largas nem tijolo nem cimento, mas pedras e um material que as soldava. Barro? Adobe? Não faço a mínima ideia. Não fazia a mínima ideia. Duas janelas um pouco levantadas davam luz ao interior, ou melhor, dois buracos em forma de janela, quero dizer, mais ou menos rectangulares, pois não havia ali um resquício sequer de caixilhos, fossem eles de madeira, e muito menos de vidros. No seu chão, de terra batida, nada, ou só porcaria. Uma porta de madeira apodrecida e desengonçada fazia de conta que protegia. O quê, é um mistério.

Foi quando, sem saber o que fazer da minha vida, comecei a matutar na possibilidade, num futuro mais ou menos incerto, e se valesse a pena, uma vez ponderada judiciosamente a ideia, de tornar habitável esse arremedo ou testemunho de casa. Ficara-me bastante dinheiro no banco. Eu era um homem poupado e habituado à frugalidade, ou não tivesse vivido exilado durante anos num Paris que já me parecia mítico. Mas primeiro teria que resolver outros problemas. Fazer do terreno um espaço aprazível onde pudesse perder algum tempo do

muito que possuía ao longo dos intermináveis dias que desagravavam na ida nocturna para o emprego. Ler e ouvir música, prazeres que são, eram-me insuficientes.

Primeiro passo, ter que pedir electricidade à companhia. O terreno estava afastado uns duzentos e cinquenta metros da estrada. Com a ajuda de um amigo, construtor a horas livres, arranjei alguém, um Africano oriundo de uma das antigas colónias, para me construir a cabine que acolheria o quadro da electricidade, assim como o balão do furo artesiano que projectava mandar fazer. Depois procedeu-se à ligação da cabine aos fios que passavam na estrada por intermédio de cinco postes levantados ao longo do caminho. Com as primeiras chuvas descobri que os veículos patinavam na descida um tundo nada íngreme. Foi preciso comprar uns dois ou três camiões de cascalho e de gravilha e espalhá-los, com a ajuda de uma retroescavadora, de cima a baixo. Gastei um dinheirão com todos esses inevitáveis empreendimentos. Mas fiquei com luz. E água, depois de ter mandado abrir o furo. Um crime, disse-me um colega, professor de geografia e de geologia, ao saber da extensão do desastre: cem metros de profundidade. A contaminação de três camadas freáticas. Se não fosse essa a profundidade não teria o furo, expliquei-lhe, um pouco compungido. Foi uma exigência do perpetrador do serviço. Deslocar a máquina para menos metros não era um negócio. Ínvia economia, a nossa.

Comecei logo, nesse inverno, com a desculpa de que precisava de fazer exercício, de me mexer, e de que o terreno teria que ser de algum uso, a plantar árvores de fruto. Umas dez, pouco mais, e todas em linha recta, deixando, como me dissera um amigo que percebia do assunto, um espaço de quatro metros entre elas. Não me lembro, para dizer a verdade, se foram pereiras ou macieiras, limoeiros ou laranjeiras, ameixeiras ou marmeleiros, pessegueiros ou damasqueiros. Mas lembro-me bem que, de toda essa ideia de um pomar apressadamente concretizada, no final do mês de Agosto só restava, ainda vivo, mesmo se machucado, o forte marmeleiro. Tudo o mais, mesmo com a água que injectara na calota côncava de terra formada à volta delas, as caleiras, como diziam os indígenas, queimara com a cruel ventania que se fazia sentir du-

rante todo o ano, principalmente nos meses de verão. Pensei, azedado com o desenvolvimento inopinado da minha tentativa agrícola, vou plantar só marmeleiros. Mas para quê? Quem me faria malgas de marmelada, se eu era solteiro, ou melhor, já divorciado duas vezes, vivendo então sozinho? E para quê tanta marmelada? Só me faria engordar ainda mais.

No ano seguinte não plantei nenhuma árvore. Fui ao terreno do vizinho, pessoa que desconhecia e que nunca por lá apareceu, surripiar, de um vasto canavial, alguns, para não dizer muitos, exemplares dessa planta considerada, por muita gente da região, e com argumentos válidos, como nociva (uma praga, uma praga) para os terrenos. Trazendo-os sempre com as respectivas raízes, era o segredo, para que pudessem pegar melhor. O que me obrigou a fazer sulcos de vinte e tal centímetros de fundura (foi aí que descobri que a terra não valia nada, de uma esterilidade que me deixou triste e um pouco arrependido da compra que fizera) para que a plantação resultasse. E resultou, devo dizê-lo.

Ia ao terreno do vizinho pela facilidade do seu acesso. Entre os dois terrenos mais ou menos esguios que se espalhavam paralelos em direcção ao poente, só restavam os vestígios depostos de um muro que talvez tivesse existido outrora. Pedras rugosas caídas no chão, cobertas de silvas e de toda uma vegetação variegada, para mim inominável, formavam, mesmo assim, um limite de propriedade, bem visível a olho nu. Aproveitando uma estreita passagem viável, talvez de meio metro, lá andei durante meses a levantar barreiras naturais capazes, talvez, de susterm o vento que não se cansava de soprar. Meu corpo ressentiu-se do feito. Dores nas costas tu-meffectas alongavam-se por vezes em espasmos que só acalentavam a minha hipocondria galopante. Os rins, pensava eu, e lembrava-me de quando fora lavador de pratos, há muito tempo, no estrangeiro. E as palmas das mãos cheias de calos, para não dizer completamente calosas, assim como os dedos. A impressão de que tinham perdido uma flexibilidade que lhes era própria. Parecia-me que as mãos tinham atrofiado, engrossando, se não for um paradoxo, transformando-se, ignoro por que me veio esta imagem à cabeça, em dois gordos sapos. Mas não posso esconder que o sentimento final era de

uma missão cumprida. Nem poderei dizer que não estava contente. Feliz por ver os muros vegetais, que tinha alicerçado no ano anterior, tomados de uma espessura razoável, de uns dez ou quinze centímetros que faziam ou fariam toda a diferença, ou eu não lhes tivesse posto, aconselhado por pessoa amiga, sulfato de amoníaco como adubo, essa pasta branca rivalizando com a aparência do sal grosso, fui comprar mais árvores de fruto na cooperativa agrícola de que me tinha feito sócio.

Esses Janeiros enchiam-me de uma felicidade extrema, transformavam-me num homem antiquíssimo, já desaparecido da superfície da terra, como se eu fosse o último de uma espécie, um sobrevivente de épocas remotas, ultrapassadas pelo tempo e pelas culturas modernas. Eu era uma civilização talvez perdida. Um passado ínsito no presente. Um enclave anacrónico. E depois, quantas e quantas vezes, em Abril, mas também nos meses seguintes, a pretexto de descansar ou de tomar algum sol, não me deitava eu pelo chão alcatifado de um verde fofo e infundável! Flores de todos os feitios e de todas as cores acenavam a uma brisa mais afoita, rasteira, atraindo insectos que se refastelavam e se empanturravam nos seus néctares preciosos. Meu corpo refeito do trabalho sazonal, sentindo o sol que brilhava como uma carícia mais premente do que todas as carícias de todas as mulheres que conhecera na minha vida. Eram momentos de um erotismo selvagem, inenarrável, abertamente sexual. Por vezes, suspenso numa suspeita de que estava a sofrer uma imperceptível sedução, sentia que o meu sexo endurecia numa erecção ingénua, imperturbável e imperturbada. Sussurrava então, estúpido e obsceno, sem que nada tivesse a ver com nada, «This is my land, this is my land.», como se a terra pudesse ser de alguém.

Por outro lado descobrira, um pouco incrédulo, que o cansaço proveniente do manejo brutal da enxada e da sachola, ao contrário da fadiga improfícua com que saía da escola todas as noites, depois de dar as aulas que me competiam, era diferente. Dava-me uma sensação de bem-estar inexplicável. Regressar ao apartamento era uma aventura insólita, como se o meu corpo, dentro do automóvel barato que procurava evitar

os buracos que desnivelavam aqui e ali o piso, planasse a alguns metros acima de mim e do nível do mar que divisava à minha direita, como se alguma droga, das benéficas, se tivesse infiltrado no corpo, no meu cérebro, expondo-me a uma felicidade inoculada de alegria e de maravilha. As coisas que via deixavam de ser parte do mundo para se incrustarem numa evidência sem propósito, a realidade era límpida e a suave transparência em que evoluía sabia-me a uma paz desconhecida, quase imprópria, como se eu não fosse mais eu, nem pudesse ser mais nada.

É a endorfina, disse-me uma colega da escola, professora de biologia ou de química, é a endorfina. A endorfina. Nunca me dei ao trabalho de saber, realmente, o que é a endorfina. Mas a partir daí era quase com uma reconhecida antecipação do que poderia ser o paraíso que me debruçava sobre a terra para fazer o que tivesse que fazer, a enxada escavando, a enxada aplanando a terra revolta, a enxada ou a picareta abrindo regos no chão que o sol de verão tinha empedernido, gretando-o como a uma pele seca. Concomitante à plantação das novas árvores nesse inverno, como trabalho suplementar, seguindo a sugestão de um outro colega que também possuía uma quintinha nos arredores, e gostava de privacidade, comprei uma boa centena de mulatas enraizadas em pequenos vasos pretos de plástico, se a memória, que nunca foi grande coisa, não me falha.

Com essas plantas imberbes, buraco a buraco, ao longo dos limites do terreno, mesmo junto às pedras musgosas que se amontoavam de um muro arruinado pelo tempo, compus uma barreira que mostrava bem, a quem quisesse observar a paisagem, por lá passando, que ali havia mão de gente, e, logo, gente. Essas futuras árvores de folhas perenes cresceram num esplendor de copas onde as folhas cintilavam em jogos de luz, faúlhas breves em eclipses e desvelamentos, embora a secura do estio lhes tirasse muito do brilho que as caracterizava nos meses chuvosos. Disseram-me, os eruditos da botânica local, que essas árvores tinham sido trazidas do Japão pelos portugueses, no século dezasseis, e eu acreditei. Por que não haveria de acreditar?

Nesse Abril desse ano, os botões das árvores incipientes

explicitando-se já em flores de várias cores, consoante as árvores, embora de uma fragilidade que me compungia em receios quase maternos, acreditando mesmo assim que os muros de canas iam ser eficazes, perdia horas e horas rondando à sua volta, numa curiosidade eivada de uma serenidade que eu desconhecia como um traço da minha tantas vezes imprevisível personalidade. E influenciado por um desses programas que a televisão passava a desoras, das Áfricas ou das Américas ainda num estado que o velho Ocidente considera de primitivo, punha-me a falar com as árvores, um pouco jocosamente, confesso, proferindo tolices como:

– Sê boazinha, vá lá, cresce, cresce, aguenta-te aí firme, sobrevive, não me deixes ficar mal!

O que um homem faz na vida!

Depois do advento das flores, e para mim incompreensivelmente, porque sempre me pareceu, na minha ignorância, que as folhas, para proteger as flores, deveriam surgir em primeiro lugar, criando um escudo contra o vento e todas as manifestações do mal, vieram as folhas. Já os ramos explícitos cresciam a olhos nunca vistos, cinco centímetros de um desenvolvimento vegetal, dez centímetros, quinze centímetros, vinte centímetros, trinta centímetros, o que não era nada mau para um primeiro ano fora do viveiro onde se fizeram árvores, quase sempre enxertadas num cepo de uma outra árvore talvez mais resistente e adaptável a todos os solos e a todos os microclimas do país.

Logo que chegava ao terreno, umas vezes de manhã, outras à tarde, pois só trabalhava à noite dando aulas a alunos mais ou menos adultos numa escola muito perto do meu apartamento, saltava do automóvel arquejante, abria a cabine onde uma mangueira enrolada, desenrolando-se apressadamente ao longo do terreno com a minha ajuda, transportava a água para que eu pudesse humedecer a terra que começava a dar sérios vestígios da secura barrenta que a amarfanhava. Mas as árvores lá continuavam, verdejantes e plenas de sofreguidão, sussurrando leves brisas que se infiltravam pelos caules esguios das canas, convictas, como eu, que iriam sobreviver ao estio.

Passava depois em revista as mulatas, escondidas nos seus

nichos, quase impossíveis de serem vistas devido à presença da vegetação heterogênea que se amontoara entretanto à sua volta. No verão, o baço das folhas mortificava-me. Ficavam flácidas, achatadas, secas, a um passo de tombarem sobre a terra. Como a mangueira, com os seus diminutos cinquenta metros, não poderia nunca atingir o fim do terreno, nem coisa que se parecesse, pois o seu comprimento estimar-se-ia talvez em duzentos e cinquenta metros, talvez menos talvez mais, era uma questão de se fazer um cálculo, que nunca fiz por preguiça, regá-las foi um sarilho dos grandes, e uma trabalhadeira fastidiosa, esgotante, cansativa. Só de pensar na solução que achei me dá, ainda hoje, a tantos anos de distância, uma dor de cabeça que de suportável só tem o facto de não ser uma verdadeira dor. Com dois garraões plásticos de cinco litros, dos muitos comprados para ter em casa água inodora, que a da torneira trazia um cheiro a cloro insuportável, um em cada mão, devidamente repletos, descia a menos que colina deixando na concavidade rugosa onde as plantas residiam, muito parcimoniosamente, o líquido miraculoso que, em goles sonoros e invertidos, se precipitava sobre as raízes não muito distantes da superfície da terra. Tantas e tantas vezes debaixo de um sol que me afogava de afagos um pouco traumáticos, perniciosos, ao ponto de ter que usar bonés para proteger a minha calvície definitiva. Mas nessa altura eu já sabia de antemão qual seria a recompensa de tanto denodo e de tanto cansaço, para não dizer, de tanto sofrimento. Um bem-estar apocalíptico, revelador de que o sentir nas suas diversificadas manifestações foge de todo aos conceitos que a humanidade possui do que é a sensibilidade, mesmo quando a ciência neurológica pretende identificar, hoje mais do que nunca, as razões e as origens do prazer nas suas contínuas descobertas.

Um dia, um ano depois, talvez em Junho ou Julho, ao chegar ao terreno, aberta a porta da cabine onde guardava as alfaias (duas enxadas, um ancinho, uma pá, uma picareta), vejo que me falta uma das enxadas. Fiquei confuso e perplexo. A porta, de chapa, não tinha sido arrombada. Pensei, esqueci-me de a recolher e deixei-a algures caída no terreno. Esses meses eram terríveis, porque uma erva a que sempre chamei de capim, com certeza sem nenhuma propriedade, mas que

chegava a subir-me até à cintura, algumas vezes ao peito, dando-me a impressão que caminhava ainda pelas pradarias pristinas do “midwest” americano em plenos séculos dezoito e dezanove, aquando da chegada do homem branco ou, então, em savanas africanas de todos os tempos, infestava o terreno. Não poderei dizer ao certo quanto tempo perdi, abrindo caminho, com os pés e as mãos, nessa vegetação indesejada, à procura do utensílio desaparecido, mas nada encontrei. Pensei, culpa minha, culpa minha, com certeza esqueci-me de a recolher na última vez que por aqui andei. Sempre em azáfamas mais ou menos inconclusas, esgotantes, que me deixavam exangue e incapaz de dar conta do recado: manter a vida do que plantara. Alguém, um curioso, passou por aqui e levou a enxada. O que me fez praguejar, de raiva, não sei se a viva voz ou apenas mentalmente: País de ladrões! País de ladrões.

Não vale a pena escondê-lo, fiquei abalado. Caí no ressequido chão sem forças, perdido em ejaculações sorumbáticas, tentando, mesmo assim, com o tempo que passava, lentamente passando, acalmar-me. E acalmei-me. País de pobres, foi a conclusão que consegui extrair de toda uma meditação mais ou menos social, cultural, política. Pobre país de pobres, gotejava com um desânimo intransponível. Teria, no futuro, de ter mais cuidado. Compreendi que a minha ausência era a presença dos outros. Mas nesse dia, achacado com a descoberta de que andara gente por ali, de que a propriedade não era propriamente uma evidência perceptível, não fiz mais nada. Sentado no automóvel, as portas abertas para dar alguma frescura ao veículo indefeso que esturricava ao sol, astro que sempre amei, mesmo nos momentos mais deprimentes da minha existência, vi passar a tarde perspícua e vi o entardecer perder as suas cores no oceano crepuscular, um arrebol inaudito cerzindo o céu com coloridos que infelizmente não me concitaram, nesse momento de tréguas, a gozar a ideia do que poderia ser a beleza. A noite, indiferente e insofismável, sucedia ao dia. Para ter ficado ali até a essa hora tão tardia deveria ser sábado ou domingo, ou então o dia de semana em que não trabalhava. Pus o automóvel em marcha, abri as luzes, subi a ladeira, retomei a estrada vizinha e dirigi-me, imbuído de uma certa tristeza, ao apartamento que não distava

dali mais de dez quilômetros. A vida tem a sua própria língua e as suas sugestões, os seus insondáveis caprichos, uma vez dá e outras vezes tira, tudo acontecendo no misterioso enleio do acaso.

Durante dias não pus pés no terreno. Não sentia vontade de voltar ao local do crime. Temia, porém, como uma consciência que se enrola e desenrola em dúvidas, pelas árvores que não estavam a ser regadas, sentia mesmo um remorso remoer-me as entranhas, tinha deveres, dizia-me, tinha deveres, e o dever de estar a assistir ao bem das árvores que plantara não estava a ser cumprido. Não durou pois muito esse desgaste emocional. Uma semana depois lá estava eu regando o que tinha de regar, ora com a mangueira ao que era acessível, ora levando até aos recantos mais distantes do terreno a água que fertilizava com a sua presença a substância da terra. Sempre subindo e sempre descendo, quase uma figura mitológica das Grécias dadas a alegorias, passo após passo, pé ante pé, as gotas de suor caindo-me da borda frontal do boné sobre o peito muitas vezes desnudo, ou então estatelando-se na secura escabrosa do chão por onde passava. O coração batendo e as narinas arfando, como se o ar quente que me chegava aos pulmões não tivesse suficiente oxigénio. As pernas doridas, subtraídas de toda a tracção. E sempre observando, em momentos de escasso lazer, essas ávidas árvores, o volume da copa das suas folhagens, um encantamento inefável para os meus olhos. Eu que nunca fizera nada na vida e da vida, era o que então pensava, sentia-me quase realizado, como se fosse possível um sentido para a breve estadia terrestre, ou, senão um sentido, um sentimento muito íntimo ciciando-me com uma candura infinita que, na desrazão de tudo, poderia talvez haver uma pequena ilha ou luz de qualquer coisa para a qual, sabia-o, nunca encontraria uma palavra. Uma dimensão e uma medida. Estava no inexpugnável oráculo da realidade, no concerto com o que é e não é, apenas um homem.

Depois das tarefas prementes e que me ocupavam horas, descansado, descendo pelo campo afora, como se o horizonte onde me inseria fosse incapaz de ser paisagem, ou vice-versa, acontecia-me, às vezes, ser tomado por sustos pueris, como espantar-me com o súbito reboar de asas de uma boa vintena

de perdizes que levantavam voo num cerrado deslize, num inesperado vórtice. Refugiavam-se, muitas delas, nessas pedras limítrofes eivadas de passagens labirínticas, de tocas insuspeitas, esperando muito naturalmente o deflagrar dos perdigotos que, uma vez eclodidos dos seus ovos, seguiam as suas progenitoras numa fila que só não era indiana porque lhes faltava a cultura e a disciplina dos humanos. Um espectáculo que me fazia sorrir. Já não sorria tanto quando uma mão, a minha, procurando puxar as raízes de uma erva daninha que pretendia danificar a presença de uma dessas mulatas incipientes, sentia o frio, talvez mais imaginado do que real, de uma pele de cobra deslizando sorrateira, procurando desaparecer sem rasto na espessura do mato, como se tivesse sido uma alucinação o que acabava de acontecer. Uma proximidade tão animal.

Julho e Agosto transformavam o verde do solo num amarelo sujo, de palha febril e calcinada pelo sol. Nos campos em volta, alguns ainda cultivados, amontoavam-se, em vultos por vezes bizarros, fazendo lembrar esculturas ou instalações contemporâneas em galerias ou em museus, fardos de feno que, segundo me disseram, só servia para alimentar o gado. Que gado? Nunca vira uma vaca pastando pacificamente na esperança de uma ruminação certa e paciente, nunca vira um cavalo exprimindo a sua beleza em contorções de pescoços dançantes, evoluindo na esbelta desenvoltura de um trote ou de um galope, como vira em alguns ranchos da Califórnia. Sem dúvida, espalhados pelas povoações ao redor, haveria, naqueles casais invisíveis do meu terreno, galinheiros, azáfamas alegres de galinhas e galos deambulando no perímetro a que estavam confinados. Talvez mesmo alguns pombais. Mas de certeza, de certeza, só deparava com pastores conduzindo rebanhos de ovelhas e de cabras, ao som de chocalhos metálicos, pelos terrenos vizinhos abandonados ao tojo e à solidão da natureza. Só ouvia sons que saíam, glotorando, de vozes não exprimindo mais do que injunções, ordens, comandos, como se os animais, cão e ovelhas e cabras, pudessem manter uma conversa com um homem respondendo-lhe, não com língua, mas com acções e movimentos a que se sentiam obrigados.

Homens tisonados pelo fervor do sol vinham, quando vinham, duas vezes por ano, trabalhar alguns dos terrenos. Nunca me dei ao trabalho de ir ver o que estavam a fazer. Mas não é preciso ser-se um perito em lavoura para saber que vinham, em épocas diferentes, plantar e recoltar. Ouvia, muito de longe, o barulho quase insignificante dos tractores que usavam, raramente via esses tractores. Verdade que a maior parte dos terrenos em volta eram pequenos bosques de pinheiro manso espalhados em relevos sem relevância, dando à paisagem a tonalidade apreciável de um conforto permanentemente verde. Muitos desses pinheiros, assaltados em Janeiro por grupos de dois ou três homens que vinham com escadas clandestinas recolher as pinhas, induzidos pelo vento do norte inclinavam-se doridaamente até as suas copas tocarem o chão juncado de agulhas secas. Um espectáculo, devo dizê-lo, que não atraía multidões desejosas de constatarem os caprichos mais ou menos artísticos da natureza.

Muitas vezes, em pleno verão, fiz as minhas incursões até alguns desses bosques vizinhos para sentir a frescura tímida da sombra que o meu terreno não me concedia. Um prazer, sentir que o vento esmorecia na espessura dos bosques, e que o cheiro a resina se insinuava nas minhas narinas como um perfume suavemente gratuito, sem preço nas economias do grande ou do pequeno capital. Sentado numa pequena pedra musgosa ou num tronco caído, carcomido pelo tempo, esfarelhando-se, que meditava? Não faço a mínima ideia. Não tive nem tenho nenhuma memória para o imemoriável. Poderei dizer que pensava na vida, como se estivesse agora a falar de uma outra pessoa. E eu não era, então, uma outra pessoa? O tempo não molda as pessoas em arabescos de acasos? Não é, o tempo, bem no fundo, outro vento que sopra, às vezes com tanta desenvoltura e tanta força, que nos faz inclinar em posições que pensaríamos, na nossa ignorância, inacreditáveis e impossíveis? Talvez até nem meditasse. Quem me diz a mim, que de mim tudo ignoro, que não ficava muito simplesmente a gozar a sensação de estar vivo e de, vivo, sentir que ali estava? Não vou agora inventar o que perpassava pela minha consciência, algo sem dúvida perpassava e me entretinha, certo, mas para quê imaginar o que se perdeu completamente? A

consciência não é o local ou o espaço onde o tempo decorre a uma velocidade devastadora, ininterrupta, em acervos de sensações e de percepções, de memórias involuntárias, enfim, de acontecimentos disparados em todas as direcções, sem, tantas vezes, um fio razoavelmente condutor? Nela tudo aparece e desaparece, é como uma presença atômica explodindo em milhões de fragmentos de uma experiência inexcédível, poeiras contraindo-se e expandindo-se em ritmos que fazem do que se pensa que é o universo, e por comparação, uma calmaria vazia e silenciosa de hipóteses mais ou menos científicas e especiosas. Estarei talvez enganado. Que sei eu do universo? Que sei eu do que sei ou do que soube?

Nesse ano, regressado do norte onde fora visitar os meus pais durante as férias escolares, contente por tê-los visto vivos e com saúde, contente por ter convivido com alguma família, tios e tias, primos e primas, o Agosto findo, deixadas as malas no apartamento, fui imediatamente ao terreno ver como estavam as coisas, como estava, sobretudo, o meu pomar. O que vi deixou-me numa desolação que ainda hoje me faz chorar. As árvores que plantara com tanto carinho estavam completamente desfiguradas, as folhas dos seus ramos quebrados desaparecidas, como se um cataclismo inusitado tivesse ocorrido naquela porção da terra. Até os frágeis troncos dessas incipientes árvores tinham sido descascados aqui e ali, vítimas de uma absurda violência que não podia compreender. Até que ponto poderá ir o mal, a maldade? Boquiaberto, confuso, desvairado, concutido, indo de árvore em árvore, procurava explicações para o sucedido, para o facto. Haveria ali mão de homem? Brincadeira de mau gosto e de impunidade imputáveis a crianças em férias? As aldeias mais próximas distavam mais de três quilómetros, quem perpetrara tal acto?, perguntava-me. E porquê? O capim ou lá o que era pisado e amarrado numa palha remexida arbitrariamente, só as canas protegendo as árvores subiam para o céu imaculadas, sem vestígios de qualquer afronta, viçosas, oscilantes na música quase inaudível que produziam. Passada a estupefacção inicial, observando o chão com olhos de ver, deparei com alguns excrementos facilmente decifráveis. Fora o rebanho que costumava passar no terreno ao lado. Só poderia ser. Malandros,

soltou-se-me a ira. Malandros, não há respeito por nada nem ninguém! Um ódio profundo pelo país, vindo da juventude amordaçada, predisposta ao desdém por tudo quanto fosse ideia de pátria ou evidência nacional, que pensava há muito rasurado na terra de ninguém que é o esquecimento, toldou-me a visão numa vertigem tenebricosa. Abandonei o desastre desfeito numa manifestação excruciante da catatonia. Subi o escasso declive que me separava do automóvel, fechei os olhos como se não houvesse nem limites nem realidade. Tudo em volta era, mas era o quê? Sentado na chapa pintada de verde que cobria o cubo onde desembocava o furo, na berma do terreno percorrido por um ventinho fresco, sopesava, perdido em congeminções quase insanas, a ruína de um projecto, o descabro de uma prática com que pretendi aceder à paz, ao convívio epulótico com a natureza, mesmo contando com as vicissitudes da sua imprevisibilidade. Ter vindo ao mundo, por mais amor que tivesse pelos meus pais, e tinha, foi a maior das maldades.

Desci do poiso e comecei a chutar, imponderável, distraído, as pedras soltas que jaziam no chão daquela terra, como se nelas só houvesse a ocasião de um nada, de uma indiferença. Eis o que me restava: regressar ao apartamento, ler livros, dar aulas a quem não queria aprender, evadir-me em frente da televisão, ouvir a música que me mantivera ao longo dos anos longe de um qualquer suicídio. Eis o que me restava: esquecer as mãos. A possibilidade de se fazer qualquer coisa, por mais pequena que fosse, que se pudesse testemunhar como uma experiência, mesmo sabendo de antemão que tudo passa e se perde no irremeável fluxo do tempo. Mas fazer. Apalpar. Ver. Construir. Sentir que a vida não é um mero engano. Não se ter que fingir todos os dias que se é um ser humano macaqueando os outros da espécie, não pactuar com a ideia de que se é alguém, um homem, por exemplo, satisfeito e recompensado por viver entre afazeres e obrigações e deveres médios, para nada. Um nada que poucos têm a coragem de olhar de frente. Assim, olhos nos olhos. Esse nada não é a morte, não é o medo de morrer, que todos caucionam de uma maneira ou de outra, mas o medo de viver. De se viver um desconhecido, nem indivíduo nem pessoa nem sujeito. Mesmo se,

historicamente, ainda estivesse, por força da contemporaneidade inelutável, «ocluído em halos de impotência», como escrevera com acuidade, havia muitos anos, um poeta contemporâneo, meu amigo da infância balbuciante.

Não tive coragem de regressar junto às árvores dizimadas pela incúria ou pelo desleixo ou pela irresponsabilidade de um pastor. Desci o terreno entre a convicção de que tudo me era presente e se apresentava como um tudo, e o desânimo de quem não compreende, bem ou mal, o que se passa à sua volta. E enquanto descia o terreno sentia em mim um vazio incomensurável, um desejo de queda ou de perda, ou mesmo de perdição. A paisagem habitual anulava-se em ausência e simulacro, o mar, ao longe, surgia como uma fantasmagoria, uma aparição tingida de acenos metálicos, faiscantes, panos de um fundo sem fundo, sem distância, sem autenticidade. O real nunca me fora tão adverso.

## Capítulo 2

O sol hiemal, no fim da manhã, começo da tarde, acendia fracamente o meu corpo depositando nele um calor agradável, agasalhado, como se a pequena brisa que se fazia sentir, vindo de leste, não quisesse misturar-se com a sensação de um bem-estar que me inundava como uma disposição extrovertida. O trabalho desse dia estava feito. Contemplava-o apoiado à enxada de cabo comprido, cansado das duas ou três horas consumidas numa intensa actividade. Não poderei dizer que tivesse um sorriso nos lábios. O cansaço do corpo é sempre, quer se queira quer não, doloroso. O sol, no inverno, não tem pino. Perfilava-se no céu sem nuvens como se procurasse esgueirar-se o mais rapidamente possível para a imensidão da noite. Os campos, em redor, adormecidos em letargias imutáveis, matizavam-se em vários tons de verde. Os trevos, como ilhas dominando porções do terreno, atreviam-se a mostrar as suas flores delicadas, de um amarelo muito bonito. Havia uma humidade rasteira em forma de gotas no verde das ervas. O sol inócuo, mesmo àquela hora, não tinha o poder de as fazer evaporar. O inverno não foge às suas prerrogativas.

Subitamente, aturdindo aquela paz perdida na ignorância dos homens e do mundo, um barulho ligeiro de cascalho moído vindo do caminho faz-se ouvir. Um jipe acabava de entrar no terreno, estacionando ao lado do meu automóvel. Um amigo, penso. Talvez não, pois não conhecia nenhum amigo que tivesse um jipe. Seria o arquitecto que me fez ou completou a casa que se erguia não muito longe do portão escancarado, à direita? Abre-se a porta fazendo um guincho saturado e sai do jipe, descendo num salto, uma mulher que permanece entre os dois veículos. Vê-me e faz um sinal, um aceno. Eu tresandava a suor. Os óculos embaciados não me permitiam apostar em quem seria aquele vulto feminino. Era um corpo e levantava uma mão entregue a estranhos trejeitos permitidos pela anatomia humana. Aproximei-me lentamente, intrigado, com a lâmina da enxada escorregando ao longo do chão, aos solavancos, incapaz de lhe abrir um trilho, limpando-se canhestramente ao contacto com as ervas mais altas que atapetavam aquele espaço já muito perto da gravilha.

– Desculpe-me, diz-me apreensiva, por ter invadido a sua propriedade. Meti-me por este caminho, assim à toa, e vim desembocar aqui, sem saber onde me levaria este, pensava eu, atalho. Peço-lhe desculpa.

– Não tem importância nenhuma, nada como investigar-mos... sendas desconhecidas.

Ignoro se a minha hesitação lastimável foi percebida.

– Ando à procura de um terreno nesta região. Por acaso conhece algum que esteja à venda?

– Não. Geralmente vê-se ao longo das estradas pequenos avisos, dizendo, «vende-se terreno», e com o número de um telefone.

Um silêncio conspícuo, que possivelmente nem durou mais do que alguns segundos, ampliou-se como uma inflexão muscular.

Pelo menos foi assim que encontrei o meu. Há já alguns anos, verdade.

– Não tenho dado por nada, mas talvez conduza muito depressa, não tendo tempo para reparar nesses detalhes. Esta região é magnífica, um sossego, precisava de encontrar algo de parecido com o que tem aqui, abrigado da confusão, de tudo.

Olhando para a casa que tinha à sua esquerda, misto do velho com o novo numa simbiose um pouco desajeitada, continuou numa voz diluindo-se numa confiança:

– Gostava de construir uma pequena casa, assim, mais ou menos assim, como a sua.

Avisei-a:

– Olhe que esta região é bastante ventosa. Este dia é enganador. Contam-se os dias do ano como este. O vento do noroeste não nos poupa.

– Eu gosto do vento, replicou, acenando com a cabeça, como se estivesse segura do que estava a proferir.

Não tive a coragem de lhe dizer que detestava o vento, não por mim, que aceito a natureza como ela é, mas pensando na preservação das árvores.

– Vive aqui há quanto tempo? A casa parece recente.

Respondi, amargurado:

– Para dizer a verdade não vivo aqui, vivo num apartamento, na vila.

Não fui capaz, socialmente envergonhado, sujeito a preconceitos, de lhe dizer a verdade, que habitava um apartamento num dos grandes dormitórios suburbanos da capital. Ainda hoje não sou capaz de entender por que se apossara de mim tal vergonha. Talvez por ela ter aparecido naquele jipe, sinal, para mim, de alguma riqueza.

– Construí a casa para passar os fins-de-semana no campo. E também para me servir dela quando venho aqui durante a semana, duas ou três vezes, depende. Tratar do meu canteiro de rosas e das árvores que se encontram dentro daqueles círculos de canas.

Apontei com um braço cansado as fortificações que levantara inverno após inverno, de Dezembro a Março.

– Parece quase o símbolo dos jogos olímpicos!, disse-me, esboçando talvez um sorriso.

Não concordei nem discordei porque ignorava de todo, na época, de que símbolo ela estava a falar.

– Claro que de vez em quando trago alguns livros para estar entretido, quando as tarefas estão acabadas. Plantar no inverno e regar no verão. E um pequeno aparelho de música. Portátil. Ponho uns CDs, e vou lendo ao som da música.

Continuei ainda, não sei por que razão:

– Trabalho à noite.

Ela sorriu e acenou novamente com a cabeça, um nuto que exigiria talvez várias interpretações.

– Agradeço pelas informações, e peço desculpa, mais uma vez, por tê-lo interrompido no que estava a fazer.

– Nada..., respondi-lhe com uma voz arrastada, como se estivesse alongando o tempo dando-lhe ainda mais tempo, sem compreender muito bem o que estava a tentar dizer com aquele «Nada...».

Entrou no jipe verde, a porta tinha ficado sempre aberta. Dada a proximidade, agora podia vê-la, apesar da porcaria que se instalara nas lentes dos óculos. Olhou para todos os lados, como se estivesse a tomar uma resolução. Depois ligou o motor. Deitou a cabeça para fora da janela e perguntou:

– Posso contornar o seu automóvel, para não ter que fazer manobras?

– Claro.

E foi-se. Ao sair do terreno, tomando energicamente o caminho de volta à estrada indigente, esburacada no asfalto há muito passado do seu prazo de consumo, os pneus do jipe resvalaram num alvoroço surdo de gravilha triturada. Uma imponderável poeira levantou-se numa miríade de partículas minúsculas que, por segundos, ficaram suspensas no ar frio do começo da tarde, indiferentes à lei da gravidade.

Dirigi-me finalmente para casa. A porta ficava no lado virado para o sul, revisão actualizada da velha porta do pardieiro que tinha encontrado no terreno. Dois anos antes, depois do desastre ocorrido com as árvores, em Setembro, enfurecido com o que acontecera, numa atitude um pouco maternal, resolvi aproveitar aqueles vinte e cinco metros quadrados e anexar-lhes uma superfície mais ou menos equivalente. Pedi ao arquitecto, um colega da escola que trabalhava de dia, professor de desenho, que me configurasse a casa de tal maneira que o casebre servisse de cozinha, de comedor e de sala de estar, para que o acrescento pudesse ser um quarto, entalando entre as duas soalhadas um quarto de banho. Não quis tijolo. O acrescento seria levantado com as pedras que se alinhavam ao longo do terreno, ligadas por cimento. Disse-me que ficaria mais cara a construção. Por causa da mão-de-obra. Por causa da mão-de-obra, lembro-me perfeitamente do que ouvi. Tu sabes, ter que partir as pedras, trazê-las até à obra, alinhá-las, e esta malta, o que quer, é despachar, já nem saberá como se desenrascar nesse tipo de construção. Fazer uma casa à antiga! Mas são só vinte e cinco metros quadrados, ó pá!, insistia eu. Sim, mas queres tudo como novo. Na realidade estamos a falar de cinquenta metros quadrados. É muito quadrado. Vou falar com o construtor, a ver o que ele diz. O construtor com quem trabalhava aceitou a empresa. Não me importei com a conta, desde que, é claro, não me apresentassem uma soma descomunal. Tinha o dinheiro que me pediram. Em seis meses (seis meses, é de se ficar doido!), com idas e vindas para outras obras, a nova casa, com todos os melhoramentos que se exigiu ao pardieiro, estava levantada. A luz e a água vindas da cabine não muito distante, trazida por tubos subterrâneos, de não sei o quê, quero dizer, o material, e que duraria uma eternidade, assegurar-lhe-ia o conforto.

O lava-louças, o chuveiro, o lavatório e a sanita já estavam ligados, sempre subterraneamente, a uma fossa mais ou menos séptica, tudo segundo as normas, isto é, dividida em três compartimentos. As botijas de gás, enormes, ficaram no exterior, protegidas da chuva e do sol, numa estreita cabine adjacente. Estava habitável, a casa. À sua volta, um passeio de quatro metros de largura (quatro metros?, perguntavam os pedreiros, espantados com a idiosincrasia posta nesse desejo), feito de um barato desperdício de mármore, evitaria que a vegetação se intrometesse com as lides domésticas e a limpeza do imóvel. Os dez centímetros que o separavam da terra tornariam a vida mais difícil aos bichinhos que pretendessem entrar em casa. Quatro metros de nada seria um deserto para a fauna rasteira que concorria comigo naquele território. Mas não foi, nem era. Que se pode fazer? Contudo, não foi esse o motivo principal para pedir um passeio daquela dimensão. O que eu visualizava, na minha tantas vezes ilusória antecipação do futuro, era a possibilidade de trazer uma espreguiçadeira para qualquer um dos lados da casa, consoante os ventos e a posição do sol, onde pudesse refastelar-me, confortavelmente, a pensar em nada. Ou em tudo, que é a mesma coisa.

Nesse dia, depois da inopinada visita daquela mulher, a primeira coisa que fiz, ao chegar ao passeio, foi tentar desembaraçar-me das botas. A do pé direito, com a ajuda do bico da outra bota fazendo pressão no seu calcanhar, retendo-o, não foi difícil de ser subtraída ao pé. A outra, para não sujar a meia encharcada do pé já liberto numa operação semelhante, obrigou-me a infligir à perna esquerda sucessivos arremessos, chutos no vazio, para se deslocar o suficiente até me permitir puxá-la. O chão de desperdício felizmente que estava seco. Deixei-as, as botas, abandonadas sobre a erva. Em algumas passadas estava dentro de casa, onde umas pantufas indesculpavelmente carcomidas pelo uso esperavam os meus pés. Descalcei as meias e atirei-as para o soalho de tijoleira.

Não havia música em casa. Fui ao leitor de CDs, apoiei um dedo em dois botões, um para ligar o aparelho, o outro para o pôr a tocar, começando imediatamente a Quarta Sinfonia de Mahler a encher o espaço em volta. Pássaros de uma outra dimensão, que não a da natureza, puseram-se a soltar

alguns gorjeios e pios que conhecia quase de cor de tanto os ter ouvido nos últimos meses. Abri o esquentador, desfiz-me da roupa e acerquei-me da casa de banho. A luz do dia entrava pela clarabóia que encimava o duche. Pus-me debaixo do chuveiro quando a água começou a sair quente. Um prazer, sentir aquela água colidir com a pele embebida num suor ressequido, o sabão passando pela totalidade da superfície que molda e cobre um corpo humano. Depois, sempre deixando a água abençoar-me com o seu fluxo ligeiramente oblíquo, fiquei largos minutos a saborear a sensação de um renascimento. Ainda dentro do duche, enorme, que ficava ao fundo do quarto de banho, aproveitando a sua largura de um metro e meio, peguei na toalha que se encontrava sobre a tampa da sanita, e limpei-me muito lentamente, para não trazer ao cimo da pele, do interior do corpo e da carne, restos de suor. Os gestos tinham que ser em câmara lenta, obedecendo a um ritual aperfeiçoado com a experiência. Que bom! Sentia mesmo assim os músculos doridos, e o desejo enorme de, uma vez vestido com a roupa que pusera num banco providencial, deitar-me na cama e adormecer no calor dos cobertores. Mas a fome, como uma angústia que não se reconhece, apertava. Dirigi-me à cozinha, retirei do pequeno frigorífico três ovos e fiz uma opípara omelete, minha especialidade culinária. Comi-a com apetite, como quem se desprende, alheado, das coisas que nos rodeiam para formarem o mundo. Bebi, do garrafão retido a um canto da cozinha, já encetado, meio copo de água. Dei um singelo arroteio. Tinha acabado a frugal refeição. Sonolento, deitei-me sobre a cama que se erigia no compartimento ao lado da casa de banho, puxando sobre mim um cobertor felpudo que me fora oferecido pela minha mãe. A sinfonia estava no seu quarto andamento. Judith Raskin cantava um texto muito engraçado, que conhecia mais ou menos por tê-lo lido na sua versão inglesa, contida no folheto que acompanhava o CD. Esperei, sonolento embora, poder ouvir, depois dessa sinfonia, a voz de Frederica von Stade cantando as quatro canções da peça *Lieder eines fahrenden Gesellen*, do mesmo Mahler, e que me fascinavam ao ponto de as pensar geniais. Mas o sono foi mais forte.

### Capítulo 3

O mês de Março estava no seu fim. Abril anunciava-se como uma primavera afável, ainda fria durante a noite, mas trazendo no sol a expectativa de um calor que confortasse a humanidade, naquela região da terra, durante as horas do dia. Aliás as horas do dia distendiam-se como se mais minutos se adicionassem a cada hora, e assim sentia-se que as noites povoadas de escuridão pouco a pouco perdiam o privilégio que todos os invernos, invariavelmente, lhes era outorgado.

O meu trabalho, no terreno, reduzia-se a tratar do canteiro (não sei por quê chamava-lhe sempre platabanda) onde se erguiam as variegadas roseiras que tentavam espraiar-se em botões ainda tímidos, algumas ousando já algumas rosas danificadas pelo frio da noite e as geadas da manhã. Mas ia removendo as ervas que surgiram entre as rosas numa profusão inacreditável, como se o vento tivesse transportado as sementes da fauna local, escolhendo de preferência aquela terra que não pertencia ao terreno. Aquando da construção da casa aproveitei a oportunidade para pedir que me fizessem um canteiro, de uns vinte metros por um metro e meio, com a altura de duas camadas de tijolo, mesmo em frente da casa, isto é, distanciado de uns dez metros. Comprei um camião de terra preta, da boa, para encher aquela estrutura. E enquanto os pedreiros se atarefavam dentro de casa, em Janeiro eu plantava as roseiras compradas num viveiro não muito longe dali. À vontade, umas dez ou quinze variedades de roseiras. Em Abril ou Maio desse ano, já a casa estava acabada, e o terreno regressado à sua solidão prístina, deu gosto ver todas aquelas cores encimando caules que resistiram bem às investidas do vento, ao contrário do que sucedera com as árvores de fruto, agora enclausuradas nos seus círculos quase herméticos, sujeitas ao seu tempo de crescimento e à circunstância de serem árvores. Mas firmes nos casulos circunscritos pelos círculos de canas que não só as protegiam do vento como da rapacidade das ovelhas e das cabras. Rebanhos às vezes consideráveis que continuavam pastando sem um momento de repouso, sempre movendo-se numa caminhada ou num passeio que deveria ser um roteiro de uma rotina mais ou menos diária,

passavam frequentemente no terreno ao lado. Acompanhados pelos mais diversos pastores, rugosos e desdentados, que estavam sempre a mudar num eterno retorno do mesmo. Pelos vistos, pelas conversas que entabulei com alguns deles, procurando assim ganhar alguma confiança que não os permitisse moralmente causarem o mal, o rebanho era sempre o mesmo, e o mesmo era o seu dono. Mas o patrão pagava mal, queixavam-se, e quando esses homens encontravam algo de melhor despediam-se daquelas paragens indo servir outros senhores. Quando estava no terreno nunca os vi atreverem-se a invadi-lo. Era a parcela do vizinho que fazia de passagem.

De qualquer maneira os limites do terreno tinham sido alterados. O construtor, ou para ganhar dinheiro, ou porque sabia do que estava a falar, depois da casa feita, aconselhou-me não só a colocar um portão que interrompesse o caminho, como a fechar o terreno, de uma maneira mais ou menos simbólica (ele dizia, para se dar ao respeito) com três linhas de arame circundante, bastando para isso comprar uma ou duas dúzias de postes de cimento já feitos, contendo os devidos furros para se enfiar o arame. Fiz uma pequena objecção, não pelo dinheiro que iria gastar, mas pelo facto puramente estético de ver o terreno transformado num campo de concentração. Não, disse-me ele, estou a falar de simples arame, não de arame farpado, aliviando assim a minha preocupação. E depois, convenci-me, esses fios metálicos de uma fealdade que me fazia arrepiar não seriam vistos graças à presença, cada vez mais notória, das mulatas que se desenvolviam. E para os olhos de fora seriam a confirmação de que aquele pedaço de terra era habitado. Achei o raciocínio razoável. Fazia sentido. Mulatas e fios de arame pareceram-me um pouco redundantes, mas talvez redundassem numa lógica dissuasiva para quem quisesse ultrapassar os limites ingovernáveis da lei.

Valerá a pena dizer que passados seis meses os arames já tinham desaparecido, ficando aqueles postes desguarnecidos de uma qualquer utilidade prática? De que me valia dizer, praguejar, numa cantilena desenfreada, «é um país de ladrões, é um país de ladrões», se os ladrões não estavam ali, à minha frente, para concordarem ou discordarem da minha enraizada convicção, completamente indiferentes a respeitos ou a sím-

bolos? Não havia nada a fazer, e essa impotência sabia um pouco a uma fatalidade pátria. Valerá a pena dizer que três meses depois a casa foi assaltada? Que me entraram por uma das janelas da cozinha, que ficava a uns bons quatro metros do passeio, tendo o ou os perpetradores deixado, com um desinteresse altivo, encostada à parede, uma escada tosca construída de dois troncos ou ramos delgados de pinheiro onde foram pregados horizontalmente uns degraus ainda mais finos, por debaixo da janela? E que uma das janelas, no quarto, tinha ficado escancarada, para que toda a gente, se a houvesse nos arredores, soubesse por onde saíram os amigos do alheio? Que levaram? Nada. Uma roupa de cama, umas colheres de pau, um microondas envelhecido, umas taças de chá, alguma comida e bebida que se alojava no frigorífico frugal. Quando vi a janela destruída, toda escaqueirada, os vidros duplos espalhados pelo chão da cozinha, senti qualquer coisa, não sei se uma tristeza recalcada, se uma desolação esplenética. Embotado como fiquei não senti nem ódio nem raiva, apenas uma dor, uma dor quase desumana, uma dor sem começo nem fim, não pelo roubado, mas pela destruição que me deixaram nos braços. Um horror terrível, ver aqueles vidros partidos e eu, com uma vassoura modesta, a fazer um montículo num canto do comedor para que ninguém se ferisse com os estilhaços. Se tivesse alma, ela estaria tão em baixo que se confundiria com esses vulníficos vestígios do que foi. Valeria a pena chamar a polícia? Para quê? O nada que ela faria ser-me-ia ainda mais penoso e revoltante. Tive, obviamente, que chamar o construtor, sempre solícito. Pedi-lhe para refazer a janela conspurcada pela inteligência arguta da pobreza local, e para protegê-la, a essa e às outras, com umas grades inacessíveis às investidas dos gatunos. Que não se esquecesse, já agora, da clarabóia. Ninguém poderá entrar pela clarabóia, só uma criança, opinou, tentando dissuadir-me. Mas nunca se sabe! Se queria que fosse recolocado o arame desaparecido, perguntou-me. Não vale a pena, deixe lá, retorqui-lhe, como se a resposta fosse uma pergunta. Esses gajos são uns filhos da puta, uma cambada, resmungou abanando a cabeça encapecada. Fiquei pois confinado a uma prisão, aquelas grades dando à casa insignificante a aparência de um castelo medie-

val preparado para as contingências da guerra. Such is life!, dizia-me a voz inaudível da consciência esmorecida. Assim é a vida!

## Capítulo 4

Estirado na espreguiçadeira de lona, as unhas dos dedos um pouco sujas, enegrecidas pelo contacto fértil que tivera com a terra do roseiral (imbuído ainda da leitura que fizera, há já tanto tempo dos famosos Quatro Quartetos de T.S. Eliot, chamava-lhe pretensiosamente o meu “rose garden”), os pés sobre o passeio de desperdício que alguns amigos, visitas da casa sobretudo nos fins-de-semana, por força queriam que fosse um terraço, um boné na cabeça, seguia as evoluções e revoluções de um milhafre num céu concorrido de pequenas nuvens esbranquiçadas que se perpetuavam numa quase imobilidade. Não ser ave! Não poder planar, as asas estendidas, sobre a terra, não poder observar do alto a riqueza da vegetação que ascendera com um fulgor invicto no solo de Abril. Mas o milhafre não parecia muito feliz. Todo aquele verde deveria dificultar-lhe a visão sagaz para detectar uma presa, um pequeno ratinho desprevenido, um coelho, que os havia bastantes, distraído com toda a atenção que dispensava ao que ocorria à sua volta. O verão era talvez mais propício para caçadas, meditava eu, sempre ignorante, embevecido pelo espectáculo das suas circunvoluções aéreas, sempre diferentes umas das outras, sem um padrão que as pudesse definir.

Ouço um ruído crescente, como se de lava se tratasse, aproximando-se de uma súbita paragem. No local onde estou não posso ver o que acontece à entrada do meu terreno. Mas algo acontece ou aconteceu, tenho a certeza. Virando a cabeça dispersa em devaneios, vejo uma figura de mulher, da mulher que aparecera dias antes a perguntar-me sobre a existência de terrenos à venda. À primeira vista, nada nela se assemelhava a ela, seria por causa da roupa que vestia?

– Posso?

– Claro.

O dito que serviu de resposta foi acompanhado de um ligeiro movimento da cabeça, um nuto explicitando um assentimento. Levanto-me impelido por um impulso automático, efeito da educação. Aproximo-me introduzindo, na acção que perpetro, uma curiosidade:

– Então?

– Nada. Não encontrei nada. Tenho andado pelos arredores, perguntando aqui e ali, mas nada. Algumas casas para alugar, apenas.

– Isto de se estar num parque é uma chatice! Os terrenos são demasiado pequenos para que alguém os compre com a intenção de construir. Ou então as pessoas, quer dizer, os proprietários, não estão simplesmente interessadas em desfazer-se do património. Nunca vi ninguém nestes terrenos ao lado, a não ser os pastores com os seus rebanhos. Às vezes aparece-me um senhor naquele terreno ao alto, ali longe, inclinado para este lado, e que não conheço, mas que me grita: «Esse terreno devia ser lavrado, esse terreno devia ser lavrado!». Faço-lhe um sinal com o braço. Nunca se deu ao trabalho de vir ter comigo. E é assim.

– Uma pena, porque a região é calma, não há a barafunda da outra linha. Veja só este silêncio, este isolamento! Não me quer vender a sua casa?

Sorrio, complacente, como se tivesse ouvido um disparate, ou uma pergunta feita por uma criança. Fiquei indeciso, sem saber o que dizer. Murmurei, aturdido de história, da minha história pessoal:

– E que seria da minha vida?

Vi-lhe, na expressão que fez, um breve pestanejar, um breve trejeito quase imperceptível nos lábios. Não estava à espera de uma resposta com esta tonalidade afectiva quase íntima, talvez mesmo inconveniente.

– E que farei eu da minha?

Abanei a cabeça, interdito, quase sussurrando:

– Terá que fazer alguma coisa?

Fez um giro com o seu corpo num passo de uma dança contemporânea, virou-se para o poente, a mão direita penteando ou despenteando o cabelo, ou as duas coisas ao mesmo tempo ou sucessivamente. Lá ao fundo, o azul do mar. No seu rosto não havia resquícios de contrariedade, mas um ar de sonho, de quem procura evadir-se numa impossibilidade, como se tivesse perdido alguma coisa, que sei eu, a esperança, a realização de um desejo.

– Tenho a certeza que vai encontrar alguma coisa. É uma questão de procurar.

– Não vou encontrar nada!

Estupefacto, percebi um choro desenganado naquela afirmação espontânea. Um inexplícito pesar. Os portugueses diariam, a voz do fado. Ou a sua sombra. A expressão de uma certeza. Para aliviar esse quê que se tinha instalado na atmosfera, comovido, atrevi-me a dizer, sem saber o que fazer e como fazer, irresoluto:

– Vou buscar-lhe uma espreguiçadeira.

– Deixe estar, vou indo. Tudo bem. Tenho que insistir, sim. Talvez um pouco mais ao norte. Ou mais para o interior. Mas este concelho, para lá da vila, também se está a perder. Há partes já devoradas pela indústria. Armazéns disto e daquilo, enfim, o negócio.

– É a maneira portuguesa de viver as coisas. Ou tudo ou nada. Ou oito ou oitenta. Ou a paisagem vazia ou a fealdade dos aglomerados. Aqui nada, noutros locais os armazéns, as empresas em azáfamas ruidosas, as cidades dormitórios, gente, muita gente. Porém, veja o meu caso. Construí a casa com o intuito de vir habitá-la e bastou-me uma noite, a primeira noite em que aqui fiquei, para perceber que nunca seria capaz de passar a noite aqui sozinho. Confesso-lhe, não preguei olho. A angústia transformou-se em medo.

– Não me diga!

– Verdade. Passei toda a noite em sobressalto. A vir à porta para ver se alguém rondava por estes sítios, ou à volta da casa. Os ruídos eram insuportáveis. O silêncio possuía uma vida de que eu nunca suspeitara. Gente, concluí eu, preciso de gente. E no dia seguinte lá estava eu no apartamento, em segurança, rodeado de vizinhos. E dormia. As coisas são assim. São como são.

Envergonhado com todo aquele paleio que desenvolvia com um denodo compulsivo, acompanhei-a até ao jipe. Ia proferir um disparate, mas evitei-o a tempo. Não me perguntem do que se tratava, que já esqueci. Mas era um disparate, disso tenho a certeza. Estendeu-me uma mão um pouco inerte, insegura, apertei-a com cuidado, para não a machucar ou a ferir. Senti a palma da sua mão na palma da minha mão. Senti-lhe o frio, fazendo de conta que nada estava a sentir. A pele tocou a pele. Às vezes os corpos tocam-se, na singeleza de

um gesto convencional, como se trouxessem em si destinos. Mas este «como se», na língua de que nos servimos e que também servimos, nunca fez muito sentido.

Meteu-se no jipe, fez um aceno de despedida, procedeu a uma marcha atrás para evitar o meu Micra branco, e partiu. Desta vez, curiosamente, o jipe não derrapou. Não vi nenhuma poeira, a alguns centímetros do solo, palpitando caoticamente no razoável calor da tarde. Vi no céu, levantando a cabeça, como uma companhia das mais queridas, o milhafre descrevendo círculos imperfeitos, hélices de voos que me eram inacessíveis, fazendo pela vida.

## Capítulo 5

Abril prega as suas partidas. Depois de dois ou três dias de franca primavera, as duas semanas seguintes não me levaram ao terreno. O tempo esteve detestável. Chuva, um inóspito frio, o cinzento anavalhando-me a carne. Só apetecia ficar no apartamento todo o dia, sobre a cama ou sobre o sofá, debaixo de um cobertor, lendo, ouvindo música e tentando esquecer que havia mundo lá fora. Todas as noites, quatro vezes por semana, havia mundo e escola. Quinze horas de aulas, enquanto as pingas de água caíam, intempestivas e sonoras, das protecções de asbesto que ligavam os vários edifícios formando um labirinto suspenso de telhados. Uma humidade difusa infundia um certo respeito à sensação que eclodia no corpo. Não vi mais do que uma dezena de vezes, ao longo daqueles cinco anos, o meu terreno em dias de chuva. Ou de ausência de sol. A natureza, desprovida do brilho solar, assumia-se como uma presença depressiva, a paisagem devolvia-me uma melancolia avassaladora, a terra sem a dádiva do sol não era terra, era um sentimento insuportável, uma massa de vegetação desvairada e perdida numa loucura irreconhecível, em sobressaltos ocasionados pela ventania e pela chuva. Uma desolação que não me assaltava nos aglomerados de bairros onde pontificava o meu apartamento. Bastava-me não olhar para fora, por uma janela furtiva, para pensar que estava no melhor dos mundos. Mas toda a gente estava de acordo que no mês de Abril chove, era já uma tradição de há muita memória.

Alçou-se no céu, um dia, por uma nesga das nuvens altas que não capitulavam, sempre em movimento, lento, disseminado, esponjoso, uma luz frouxa, temerosa. Era o sol. Uma alegria sensual percorreu o meu corpo e abeirou-se da consciência como um aviso ou um emissário. Mesmo sem o azul pleno do céu, a terra recompunha-se. Meti-me no automóvel, depois do almoço, e conduzi-o quase sem lhe dar directivas, ele sabia o caminho, ele sabia para onde eu ia tão carregado de boa disposição. Claro que não se podia esquecer o piso das estradas, os solavancos faziam a máquina tremer nos seus recantos mais obscuros, embora as suspensões fossem de um

veículo que não tinha mais de um ano. Barato, é certo, pouco flexível, o volante exigindo toda uma musculatura dos braços, o assento petrificado numa dureza que molestava o meu rabo.

Cheguei ao caminho que descia para o terreno. Um pé no travão, em primeira, as rodas sobre o cascalho já confundido com o chão original, reparo que junto ao portão fechado se encontra o jipe esverdeado da senhora que andava à procura de um terreno. Avanço lentamente, estaciono atrás do jipe.

No chão não havia sinal de poças, como às vezes acontecia depois do mau tempo. A chuva não fora muita, ou então embebera-se na terra com uma sofreguidão incoercível. Ninguém dentro do jipe. Abro o portão. Vou até à porta da casa, que não é visível da entrada do terreno. Ninguém. O passeio está seco. O sol mais acessível, adocicando a atmosfera. Abro a casa para arejar. Não sinto nenhuma humidade, as paredes à antiga estavam a dar resultado. Todos os meus colegas que viviam nas redondezas tinham-me avisado, olha que a região é muito húmida. E era. Mas a casa tinha aguentado bem os dois invernos passados. Pus qualquer coisa no frigorífico, abri as janelas do quarto, já que as janelas da cozinha, vírgula, comedor, vírgula, sala de estar, na altura em que se empoleiravam nunca puderam sustentar umas portadas. Nunca se abriam nem fechavam. Davam apenas a luz do dia, cortada agora pelas grades que as protegiam. Não se notava na clareza da soalhada tripartida nenhuma diferença entre o antes e o depois do roubo. As coisas não têm memória de acontecimentos. Apenas aparecem e desaparecem. Umas muito rapidamente, outras levando milhares de anos. Nem a pedra será sempre pedra.

O tempo estava abafado. Vejo ao fundo do terreno, subindo, o vulto de uma mulher. Era a gaja. Não me aproximei, pois não queria molhar os sapatos na relva ainda encharcada pela precipitação dos dias anteriores. Nem tive a pachorra de ir buscar as botas de borracha que se abrigavam na cabine, onde costumava guardá-las, com os demais utensílios. Vejo-a que sobe, sem pressa, as mãos nos bolsos de um casacão azul, olhando à direita e à esquerda, parando de vez em quando, como se o passeio a que se dedicava fosse uma meditação. Que estaria a ver? Que havia ali de observável? Passou pelas

canas olímpicas, não teve a curiosidade de deitar uma olhada para o que se encontrava dentro desses círculos. Às vezes virava-se em direcção ao oceano, um ou dois minutos, talvez extasiada com a paisagem que se me tornara, com os anos, um hábito perfunctório. Contornou, como quem já tivesse descoberto a armadilha, o rasgão em forma de L aberto na terra. O meu “small canyon”, vergonha das vergonhas, que mandara escavar há mais de quatro anos, quando pensei fazer uma muralha de betão para segurar as terras que pretendia aplanar. Quando os tipos do betão, já depois de feita, na precipitação com que levo a cabo as ideias mais absurdas, essa cicatriz infame, me disseram por quanto me ficaria esse projecto, desisti dessa brincadeira e de ser estúpido. Nunca pensei que o betão fosse tão caro!

Ao ver-me, ela apressa o passo, toma o carreiro que eu empedernira ao longo dos anos com a minha passagem, desprovido de vegetação, ou resumido apenas de uma penugem inócua, rasteira, servil.

– Tem os sapatos todos molhados. E as calças..., foi o que a minha voz proferiu num tom ao mesmo tempo amigável e repreensivo, se me lembro bem.

– Peço-lhe desculpa, peço-lhe desculpa!

Parecia uma menina que tinha cometido uma má acção, como se dizia outrora, ou fora apanhada em falta. O rosto afogueado, indeciso, indefeso, reagindo como se não houvesse nas acções humanas nem um princípio nem um fim. Como se tudo fosse um entretanto.

– De quê?, tentei dissimular a minha surpresa.

O que tinha acontecido assim de tão grave para ter que a desculpar? Tanta formalidade deixou-me um pouco nervoso, não gostava de ver as pessoas submersas numa submissão que me era intolerável, por maior que fosse a culpa.

– De lhe ter entrado na propriedade. Na sua ausência.

– Tolice. Suba para o passeio. Olhe como está!

Deitou um olhar duvidoso para as calças molhadas até a uns dez bons centímetros da bainha. Os sapatos, ou os botins, mesmo se apropriados para a estação, num estado lastimável. Sacudiu as pernas como se as calças pudessem secar por magia, ou talvez para lhes retirar alguma erva mais teimosa, ou

por um outro motivo qualquer, que sei eu? Levantou um dos pés e verificou a sola do sapato.

– Vou buscar uma cadeira. Ou quer entrar? Está mais quente cá fora do que em casa. Vou buscar uma cadeira para se sentar e tirar os sapatos.

Fui buscar uma cadeira. Sentou-se. Tirou os sapatos. As meias, obviamente, encharcadas. Entrei novamente em casa, fui ao quarto, ao guarda-roupa, a uma das gavetas de baixo e repesquei umas meias minhas de algodão, velhas, que usava com as botas nas tarefas de inverno. Passei pelo quarto de banho e do armário retirei uma toalha, das de mão. No passeio lá estava ela, sem saber se sorrir se mostrar uma certa consternação pelo incómodo que causava. Estendi-lhe, afável, o produto do saque.

– Não vale a pena, chegando a casa eu trato disto tudo.

Não se preocupe. Só lhe peço desculpa.

– Faça o favor, insisti.

Aceitou. E começou a tratar de si. Não sei porquê, ou talvez saiba, afastei-me um pouco, não podendo no entanto abandonar o passeio para ir ver em que estado se encontrava o roseiral, as ervas demasiado húmidas. As nuvens acinzentadas, em unidades compactas, deslizavam pelo céu como se tivessem um propósito, um fim em vista, um ponto de chegada. A natureza sempre quis imitar o homem e os seus artefactos.

Dizia ela:

– Não percebo, colocou os postes de cimento à volta da quinta, mas esqueceu-se dos arames e da rede. Nada mais fácil do que lhe entrarem no terreno. Foi o que eu fiz.

Virado de costas, como estava, deu-me uma vontade incoercível de rir. Fui rapidamente até à esquina da casa (acção que lhe deveria ter causado alguma estranheza) para que ela não me pudesse ver, e aí, encostado à parede, as mãos na boca, os olhos quase em lágrimas, comecei a rir, a rir, esperando não ser ouvido nessa extemporânea indelicadeza. Continuei, ao longo da parede, até virar para a parede que fazia face ao portão, agora na sombra. E aí, infrene, escorreguei com as costas a deslizarem pela parede, ficando agachado. Rindo às gargalhadas. Não podia mais. Todo o meu corpo era convulsões de riso, explosões de vísceras em abanos facundos e con-

tínuos, como se fosse tomado de um ataque desconhecido dos manuais de medicina. Aplacado, continuei a dar a volta à casa, um verdadeiro périplo, recompondo-me, aparecendo por detrás da desconhecida. Como se estivesse atarefado na prossecução de uma finalidade impreterível.

– Então, como vai isso? Sente-se melhor? Continuei, explicando, não, os arames já lá estiveram, mas foram roubados. Desde então dispensei-os. Estavam a mais. Está a ver, é o preço que se paga quando se busca um pouco de paz. Ou de tranquilidade. Ou de isolamento.

– Roubados?

– Roubados.

A conversa estava a tomar tais requebros de comicidade que quase comecei a rir de novo. Ou melhor, eu ria baixinho, na intimidade da minha consciência, gozando esse momento como se estivesse em presença de uma epifania indefinível. A senhora ignorava que neste mundo havia ladrões. Ou que fosse possível passar pela cabeça de alguém a necessidade de ir roubar a uma cerca uns simples arames. Mas o que é, pergunto agora, culturalmente, uma feira da ladra? É uma instituição, senão nacional, pelo menos de um bairro da capital.

– Sente-se melhor?, repeti, sem saber o que dizer, o que fazer, o que perguntar. Há situações tão espinhosas que desmentem a ideia do que se pensa que é possível. A realidade às vezes estende-se ou contrai-se sem limites, indiferente ao que acontece, como se tivesse uma vida própria, autónoma.

Olhou-me e já não era a mesma mulher. Parecia que nada acontecera, os pés no chão, as suas meias tentando secar sobre a brancura do mármore, os sapatos com as solas viradas para um sol que aparecia e desaparecia, o tempo eclipsado ou regressado a um atrás tão atrás que duvidei do que tinha vivido na última meia hora. Estaria a sonhar? Ela olhava-me, estaria a ver-me? Haveria visão nos seus olhos? Que se passava naquela cabeça? Quais os seus pensamentos? Que sentia? Mas não era a mesma de há pouco. Infelizmente não sei descrever as ínfimas mutações que se tinham operado no seu ser, se faz sentido dizer-se tal coisa. Talvez seja melhor dizer, no seu semblante. Sei, como quem sabe sem como nem porquê, que a mulher sentada à minha frente, olhando-me numa espe-

ra de não sei o quê, não era a mesma pessoa que vira subindo o terreno, que se aproximara da casa, ficando-se pela borda do passeio, observando-me. O olhar não era o mesmo. Não era o de uma criança apanhada em flagrante ou em falta, era de uma mulher que muito possivelmente sentiria a falta de qualquer coisa.

– Não tem vindo ao terreno.

Ignoro de todo se era uma pergunta ou uma afirmação. Parecia-me mais ter sido uma afirmação a precisar de ser confirmada.

– Nunca venho quando está mau tempo. Fico sempre um pouco depressivo. Tem vindo ao terreno?

Como se o terreno fosse dela, foi o que senti na pergunta que acabava de fazer. Há pessoas que sabem possuir, outras há que nunca terão o privilégio ou a maldição de sentirem que possuem alguma coisa.

– Algumas vezes. Isto é, fico-me a meio do caminho, vejo o portão fechado, faço marcha atrás e abalo. Desta vez não resisti à tentação de entrar, mesmo com o portão fechado. Pensei que me bastaria passar entre os arames. E descobri que afinal não havia nenhum arame à volta do terreno. Só os postes, e os arbustos. E pensei, desculpe a franqueza, que senhor estranho! Não me passou pela cabeça, confesso, que alguém os houvesse roubado.

Talvez porque fosse professor, de português e de francês, gostei daquele «houvesse roubado» um pouco, ou até muito, literário naqueles tempos desprendidos e cada vez mais iletrados, para não dizer analfabetos. Retiniu-me aos ouvidos carentes como uma carícia antiquíssima, afinal ainda havia alguma língua em algumas pessoas, raríssima casta.

– Sou um homem do sol. O terreno nada me diz, ou diz-me coisas que não gosto de ouvir, quando se cobre de um cinzento. E de chuva. Embora... Ano passado, em Setembro, dia de aguaceiros, fazia um calor ainda agradável, começou a chover, isto é, uma dessas nuvens negras abriu-se de repente e deixou cair a água que nela viajava. Pingas cerradas, verticais, sobre o terreno, sobre a palha seca e amarelecida. Devo dizer, o cheiro dessa água misturada à palha foi como uma experiência do enigma, se se pode dizer assim, ou se eu fosse

um grego da antiguidade clássica. Não sou. Um cheiro, um cheiro..., que chatice!, não saber descrever esse cheiro. Ape-tece-me dizer um disparate, do género, um cheiro a bebé. E ao mesmo tempo, se não for uma contradição, o que não me admirava nada, de uma decomposição genesíaca, sei lá. Sei que senti uma súbita alegria, como se valesse a pena viver só para se experimentar a existência da terra.

Viro-me para ela e vejo-a de olhos espantados, ou melhor, parecendo espantados. Sentara-se na cadeira colocando o corpo como se quisesse levantar voo, as mãos no rebordo do assento, o dorso elíptico, ligeiramente soerguido e inclinado para a frente. Uma águia.

– Peço desculpa por esta estúpida tirada, sorri, envergonhado por ter-me entregue a um arrazoadado livresco, o que me acontecia frequentemente.

Seu rosto regressa ao horizonte, vejo-a de perfil, uma estátua de um escultor desconhecido, uma voz ousando destronar o oráculo com entoações quase trágicas:

– Você é um poeta, disse-me serenamente, sem qualquer ironia. E perante o meu riso falso continuou: Só um poeta, ou um escritor, tanto faz, poderia ter dito o que acaba de dizer. Não foi por nada que tirei um curso de línguas e literaturas modernas. É ou não é verdade?

– Pode ter a certeza que não. Verdade que li milhares de livros, mas, tenho a certeza, nada mais fiz do que plagiar um autor que agora me escapa, ou de que me esqueci. A originalidade é um mito. Já ninguém lê o mundo, todos copiam, mesmo se e quando ignoram que o fazem.

Não acreditava numa só palavra do que acabava de proferir. Como explicar esse lugar-comum da modernidade? Tentei simplesmente repetir o discurso contemporâneo? Por que o fiz? O que verdadeiramente pensava era muito simples. Há, sempre houve, traduções de traduções, mas cada tradução acaba por ser um original. E a putativa originalidade é e será sempre uma traição. Uma petulância desmedida: pensar-se que a língua é capaz de dar do real, do que é ou do que está sendo, a sua verdade. A comunicação entre as gentes é sempre um mais ou menos. Vive-se nesse mais ou menos sem grandes dificuldades. Quando não se compreende, pois bem,

imagina-se, e a imaginação é tão fértil. Às vezes demasiado fértil, infelizmente.

– Não, não me engana. Não vale a pena vir com esses subterfúgios, com essas, perdoe-me a ousadia, banalidades em moda. Eu sei detectar a literatura a milhas de distância. Eu leio. Eu aprendi a ler.

– Talvez tenha razão. Por acaso estou a pensar escrever um romance, já o tenho na cabeça, mas a preguiça não me leva muito longe. Não é fácil. Ter que ser minimamente coerente no que se apresenta como uma história é um problema, exige demasiado trabalho e muita concentração.

Continuei:

– Claro que escrevi alguns artigos literários para revistas especializadas. Académicas, revistas que não são lidas por ninguém. Fi-lo sobretudo quando dava aulas na Califórnia, na universidade. Nada mais. Sim, escrevi alguns poemas medíocres na adolescência, só para rivalizar com um amigo.

Mentia descaradamente. Quantos livros não fui escrevendo, desde que regresssei de Paris, ao longo dos anos, inéditos para sempre! Nada de romances, essas pasmaceiras, histórias e enredos para fazer adormecer os homens e as mulheres deste mundo desejosos de ilusões e de aventuras, de evasão. Mas de poesia, se é esse ainda o nome ou a designação. Esses momentos de uma fulgurante dispersão pela língua tentando tremulamente vislumbrar vocábulos e depois atraí-los com a intenção infame de fazer deles emoções e sentimentos que me catapultassem ao delírio de uma presença, à confirmação de uma existência. Que ficasse escrita e inscrita no papel. Sem nunca ter a coragem de os mostrar ao meu melhor amigo, esse sim, poeta, que me pensa há muito imune a disparates mais ou menos literários, em última análise, artísticos. A experiência que me inundava de palavras, de sonoridades, de ritmos, de respirações, era estética, se estética deriva de estesia, e se estesia significa, como significava para os gregos de antanho, sensação. Bem me parecia, esta mulher agora tão segura de si não era a mesma de há uma hora. Fiquei deveras perturbado, confuso. Franzi a testa, como se vislumbrasse em mim, algures, um perigo, uma ameaça. Ou nela.

## Capítulo 6

Uma semana depois, não me lembro em que dia, talvez à tarde, depois de ter inspeccionado as árvores, um gozo demorado em que perdia algum tempo vendo como elas se desenvolviam, se precisavam de algum cuidado, refasteiei-me na espreguiçadeira com um livro no seio. Lia *Le Temps Retrouvé*, de Proust, enquanto a Quinta Sinfonia de Mahler, vinda de dentro de casa, se desdobrava em razões musicais procurando resolver os seus problemas de estrutura. Às vezes atendia com uma atenção genuína a certos motivos da peça, ficando sempre atrapalhado e um pouco inquieto quando me apercebia que a torrente sinfónica se reduzia, por breves segundos, a um instrumento, como se o tempo ficasse suspenso na possibilidade humana de um erro, de uma fífia. O prazer transformava-se então numa quase angústia. Mas a maior parte do tempo a música servia-me como um pano de fundo.

Lia Proust, e por esse facto, penso eu, comecei a pensar na minha primeira mulher. A rever Paris, a sentir como um presente o passado que me acontecera nessa cidade. Conhecera-a, ou falei com ela pela primeira vez, no corredor do sexto andar que me levava ao quarto onde então vivia. Não me era desconhecida, pois vivia ainda com os seus pais no quarto andar do prédio servido por um elevador, e ao longo dos anos vi-a várias vezes, entrando ou saindo. O que me chamou mais a atenção na sua figura era a maneira um pouco bizarra como se vestia. Inverno ou verão não mudava essa impressão. Havia nela uma leveza inqualificável, como se estivesse sempre rodeada de véus, pelo menos o seu corpo. Saía, nas vestimentas, ao pai. Um senhor alouradamente grisalho, o cabelo farfalhado um pouco comprido, os caracóis amplos tentando evadir-se do chapéu verde que encimava aquela cabeça de artista, segundo os preconceitos do começo do século XX. No imóvel era a família que destoava pela sua aparente liberalidade, pelo seu desprendimento. Pois nesse dia, na mansarda, ela surpreendeu-me a abrir a porta do quarto onde eu vivia, uns seis metros quadrados enclausurados pelas suas paredes pintadas de um verde afável. Um antigo quarto de criada, pensava eu.

O quarto que correspondia ao seu apartamento era ao lado do meu. Não tinha locatário. Era frequentado por ela de vez em quando, quando trazia os seus namorados para, presumo, estarem à vontade nas suas deambulações sexuais. A parede entre os dois quartos não deixava escapar grandes ruídos. Às vezes um riso mais estridente, mas nada denunciava manifestações propriamente eróticas.

Enquanto eu abria a porta usando uma chave antiga, enorme e tosca comparada com as de hoje, ao ver-me, virado o ângulo do corredor, atirou-me um bom dia civil, estranhamente cúmplice, talvez pelo facto da propinquidade que nos definia nunca se ter concretizado num encontro ou numa fala de cortesia. Respondi-lhe com o meu bom dia, um pouco intimidado por assistir a duas acções que em tudo se assemelhavam, embora vindas de duas pessoas diferentes.

– É o hóspede dos Arnaud?

Abanei com a cabeça que sim, admirado com o emprego da palavra «hóspede» para a realidade do contrato de arrendamento inexistente que mantinha com essa família que habitava o apartamento justamente em face do seu.

– Eu sabia. A senhora Arnaud tinha-me dito. Um estudante português!

Confirmei, mas estava a mentir. Já fora estudante, mas depressa abandonei essa situação quando finalmente me convenci que não tinha estofos para ser estudante do que quer que fosse. As nossas chaves faziam o mesmo barulho e davam as mesmas voltas nas fechaduras. As portas abriram-se.

– Até à próxima, sorriu-me.

As duas portas fecharam-se, eu caí na cama, que ocupava quase metade do quarto, pensativo. O rosto desta rapariga tinha qualquer coisa de singular. Não posso dizer que fosse bonito. Nunca soube, a bem dizer, o que era verdadeiramente a beleza de um corpo feminino, senão como uma vontade fictícia de me iludir pensando que se pode distinguir o mesmo em explícitas diferenças. Mas havia ali qualquer coisa, e eu não sabia o que era. Fará sentido dizer-se que era um rosto disperso? Liberto de constrangimentos, como se um mundo surgisse nele para fazer espantar quem o observasse com atenção. Um rosto que nunca soubera, talvez, o que fora um sofrimento ou

uma contrariedade. Contente, alegre. Proporcionando, a quem o admirasse, a sensação de que tudo era possível, até viver na imensa complexidade do mundo.

O segundo encontro não foi casual. Trabalhava nessa altura, excepção de uma regra que durou todo o tempo em que vivi em Paris, numa escola de línguas, privada, ensinando ou tentando ensinar, a alguns bancários que tinham trato com imigrantes portugueses, um pouco da língua onde nascera. O melhor período da minha estadia em França! Não fazia nada e era pago, por comparação com os salários que usufruía ou usufruía nos outros empregos, soberbamente. E não me cansava. Comprei um fato decente, algumas camisas, uns sapatos, e lá ia eu, ao banco, dar as minhas aulas, como se fosse um professor diplomado. Há destinos que são bafejados pela ironia. Preferia, no meu caso, que fosse antes bafejado pela sorte.

Quando me tocaram à porta do quarto pensei que era um dos meus amigos, como tantas vezes acontecia, malgrado os olhares franzidos da porteira que detestava visitas inoportunas, vindo convidar-me a ir ao café que frequentávamos ali perto. Abri a porta. Não era. Era a vizinha do quarto andar, sorridente, fluente, como se estivesse em sua casa. Fiquei em pânico. O facto de viver em tão diminuto espaço causava-me engulhos sociais, vergonhas que me impediram muitas vezes de convidar uma rapariga a subir aos meus escassos aposentos. A miséria era-me detestável. A pobreza, um suplício contundente. A minha posição na hierarquia social, um engulho.

Lembro-me perfeitamente das suas palavras, da disparatada pergunta que formulou, à queima-roupa, sempre sorrindo, mas, sem no saber, tendo-me desferido um golpe cujo alcance lhe era completamente inacessível:

– Quem é? De onde vem? Para onde vai?

Não, não era uma mulher quem se dirigia a mim. Não era a vizinha com quem tinha trocado há dias umas palavras. Era um anjo incumbido de uma missão, detentor de uma autoridade que lhe permitira estabelecer contacto comigo usando uma injunção a meus olhos completamente despropositada.

– Sou apenas um homem, balbuciei, atrapalhado, incapaz de entrar num jogo, numa brincadeira que me parecia trazer a

caricatura de um sarcasmo. Há perguntas que nunca se devem fazer. Sobretudo, penso eu, quando são emitidas pelos outros. Nunca me tinha perguntado, até então: Quem sou, de onde venho, para onde vou?

Mantive a porta entreaberta, o quarto ocultado pelo meu corpo largo mas emagrecido, resultado não só da fome que me consumia como pelos empregos em que o físico era o mais importante dos seus atributos. Os seus olhos de avelã não tinham acesso à minha intimidade. Mais séria:

– Estava apenas a brincar. Não sabia como justificar a minha ousadia, a minha intrusão. Afinal não nos conhecemos. Fui demasiado impetuosa? É um defeito de que me acusam. Uma verdadeira calúnia, devo dizê-lo. Vim ao quarto de cima e, não sei porquê, bati à sua porta. Fiz mal? Nem sequer sabia que estava aí. Afinal são só quatro horas da tarde. Pensei que não estivesse. Apanhou-me de surpresa. Foi isso.

Mais tarde, não muito mais tarde, revivendo este episódio, ela confessou-me que tinha ficado impressionada com a minha resposta. «Sou apenas um homem», dizia ela num tom jocoso, parodiando-me. Mas porquê? Impressionada porquê? Dissera-lhe apenas a verdade. Explicou-me que não era a resposta que ela e os seus amigos costumavam dar quando repetiam essa fórmula que vinha já do tempo do liceu. Mas ela compreendia. Eu não estava no segredo, nem na patetice, das piadas escolares que haviam eclodido nos jogos e convívios da sua adolescência.

– Venha ver o meu quarto.

Fui ver, acompanhando-a. A sua área era ligeiramente diferente da do meu, um pouco maior. Mas a diferença na disposição dos móveis e na decoração era abissal. Podíamos mexer-nos à-vontade, fazer uma pirueta com o corpo, a distância não era uma palavra vã. O meu quarto obrigava a uma intimidade forçada, as pessoas não podiam ficar de pé nem se cruzarem, e cruzando-se na estreiteza do pequeno corredor a que se resumia, entre a cama e a protuberância de uma mesa estreita encostada à parede, tinham que se tocar. Quando um amigo me vinha ver, a primeira coisa que fazia era sentar-se na extremidade da cama contígua à porta. Muitos me tinham dito, ó pá, por que não arranhas um quarto maior? A resposta

era sempre a mesma: Estou no centro de Paris. O centro era o Quartier Latin, o café que frequentava ficava mesmo ao lado, ou em frente, do Jardin du Luxembourg. Não há nada que se obtenha sem um custo, diria o truísmo. Nem todos se podiam gabar de viver ao lado do Panteão, nem de serem vizinhos do escritor irlandês Samuel Beckett.

– Que lhe parece?, olhou-me de viés. Mas esse viés trazia implícito a pergunta: Posso ver o seu?

Sáímos do quarto dela e entramos no meu. Ou melhor, eu entrei, sentei-me na borda da cama junto ao lavatório que ficava na parede oposta à porta, enquanto ela, sem ousar sentar-se na cama, de pé, deitava um olhar ao meu tugúrio. Eu observava-a com um sentimento misto de vergonha e de revolta, como se fosse ela a culpada da minha decadência social.

– Que lhe parece?, lancei-lhe com uma lágrima oculta nos olhos secos, tão invisível como a sensação de invisibilidade que sentia em todo o meu corpo. Mas o que estava diante dela nada tinha de invisível. O seu sorriso esmorecera, desaparecera. O seu rosto, quase brejeiro, transformara-se numa máscara grega, exprimindo qualquer coisa que eu ignorava, ou que li como se se tratasse de uma tristeza, de uma quase compaixão. Disse apenas, como se nada fosse:

– Um pouco sombrio, não é? O quarto da sua vizinha em frente não é muito diferente deste, apressou-se a informar-me, apenas maior. As lucarnas são as mesmas, embora a do quarto dela pareça oferecer mais luz. Foi ela que me disse que você era um rapaz simpático. Sempre ouvindo música, que não a incomoda, digo-lhe já, pois só dá conta dela no corredor, quando entra do trabalho.

Fiquei um pouco perplexo. Simpático? Eu nem sequer conhecia essa vizinha. Nunca a vira. Nunca lhe falara. Sabia que vivia uma rapariga nesse quarto, pois também eu me apercebia, de vez em quando, sobretudo quando ia à retrete comum do andar, de algumas vozes femininas, de conversas possivelmente entre amigas, ou quando eu regressava de mais um dia de nada. Nunca lhe batera à porta para me apresentar, nunca me batera à porta para se apresentar. Para quê?

Apreciei o seu pudor. Eu não sabia o que dizer. Não disse

nada. Esperei que o tempo resolvesse o problema em que estávamos envolvidos. Ela reparou então nas prateleiras que sobrenadavam na parede onde a cama se encostava, a minha precária biblioteca. Uns escassos duzentos volumes, encostados uns aos outros em duas fileiras que expunham lombadas atulhadas de nomes e de títulos num amálgama de figurações quase pictóricas, casualmente artísticas.

– Tanto livro! Leu-os todos?

– Claro.

– Romances?

– Há de tudo. Romance, poesia, ensaio, filosofia, enfim, um pouco de tudo.

– Em francês?

– Em francês.

Senti como um estranho eco à sua pergunta a resposta. Uma voz retornando à sua origem, desvirtuada, não pela mecânica do som, mas porque o ponto de retorno coincidiu com uma outra origem. Algo tocara em algo e nunca ninguém teria a coragem de chamar a isso contingência. E muito menos, já agora, conhecimento.

Suspirou. Os seus olhos pareciam abrigar-se num olhar longínquo, vendo muito para lá do visto, envoltos numa apreensão talvez comovida, talvez intrigada, incapazes contudo de dizerem mais do que dizia o silêncio: nada. Senti, estupidamente, uma indesculpável piedade por mim, pela minha situação de exilado, pela minha vida tão exposta aos pontapés do que adviria, mais tarde ou mais cedo, como história. Pessoal.

Casualmente um dos seus pés roçara, sem grande dano, no gira-discos que pontificava no chão, junto à outra parede, como uma caixa contendo segredos insuspeitos ou alegrias irreprímíveis. Ao lado, também de pé, duas ou três pastas plastificadas para conter os discos.

– Posso ver?, pediu com uma curiosidade que nunca soube se fora verdadeira ou falsa, mero pretexto para fazer o tempo ganhar algum sentido, algum tempo.

Abaixou-se, o vestido suspenso tocou no soalho alcatifado, abriu uma das pastas negras, e retirou numa ordem sucessiva alguns discos. O seu rosto, de uma brancura viçosa, pareceu-me um achado da natureza.

– Não conheço nenhum destes álbuns. Nem estes músicos, nem estes grupos. Onde os desencantou? Não tem música francesa?, interpelou-me, levemente frustrada.

O seu rosto, agachada como estava, levantava-se para o meu, de viés, mas não de uma maneira inquisitiva. Despido de qualquer matreirice, envolto num sobressalto quase amoroso, pedia-me apenas uma resposta. As suas mãos, soleitando um disco, excediam-se em dedos finos e longos.

– De onde venho não há música francesa. Estou desolado. Mas tenho nas outras pastas alguns álbuns dos Beatles, de Bob Dylan, dos Rolling Stones.

– Ah, de onde vem..., sorriu-me, quase me piscou o olho, abanou a cabeça sabida, tendo compreendido, sem dúvida, a insinuação que a remetia para o começo do diálogo desse nosso segundo encontro. Eu era capaz de ser engraçado, teria talvez pensado de mim. Ou mordaz.

Levantou-se, afogueada. Sentou-se também na berma da cama. Pareceu reflectir, um segundo, como se eu não estivesse ali, como se não me visse, a mim, que estava sentado na mesma cama debilmente feita, à distância de um braço.

– Seja gentil, será possível ouvir-se um desses álbuns vindos sabe-se lá de onde? Escolha um. Não importa qual. Melhor fechar a porta, não acha?

Ela própria fechou a porta, com desenvoltura mas sem estrondo, como se de repente fossemos dois criminosos preparando-se para um assalto, evitando fazer barulho para não chamarmos a atenção de ninguém. Levantei-me, dei um passo, ajoelhei-me tocando-lhe num dos seus joelhos, senti uma sensação muito boa, de aconchego, de pertença, e escolhi um disco que ouvia muitas vezes com a insaciável desmedida de um vampiro sugando o sangue vital das suas vítimas. Astral Weeks, de Van Morrison. Pu-lo a rodar no prato do giradiscos baratucho que comprara quando viera viver para esse quarto. Peguei-o com um cuidado extremo, para preservar o som de cada uma das suas fachtas imaculadas, sem sinal de dedos desrespeitosos. Sentei-me e começamos a escutar essa obra-prima. Não tenho medo das palavras. No fim da primeira faixa, com receio de estar a fazê-la perder o seu tempo, fiz menção de lhe perguntar se queria ainda continuar a audição,

se gostava do que estava a ouvir. Não tive tempo de abrir a boca. Com uma mão apertou o meu braço direito, com o indicador da sua outra mão, vertical, tocou os seus lábios. Percebi. Escutámos os dois lados do álbum. Chegados ao fim, disse-me, decidida:

– Tem que me iniciar nesta música.

## Capítulo 7

Nada me deu mais prazer na vida do que iniciá-la nessa música. Ao princípio no meu quarto, depois no dela, não só pela conveniência de não sermos surpreendidos pelas batidas dos meus amigos na porta, mas também para nos sentirmos mais desafogados. A minha cama era demasiado estreita.

Lembro-me desse quarto como se fosse uma bolha gigantesca de sabão dispersando luz e arco-íris para todos os lados, e nela estávamos os dois, primeiro ouvindo música, disco após disco, audição após audição, entre risos e facécias, entre encostos e recuos. Depois, quase inevitavelmente, pois a lei é eterna, deitados numa cama capaz de conter dois corpos em manifestações espontâneas de uma linguagem carnal. Um corpo dentro de outro corpo não é uma façanha ou um mistério, é uma evidência corroborada pela experiência da humanidade apostada em sobreviver. Claro que há o amor, claro que há a paixão, claro que há o desejo. E depois?

A nudez certificava-se que a atracção, ou qualquer outra coisa, por ser inominável, se entregasse a excessos e a cansaços, a suores e a gemidos. A juras e a promessas. Feitas sem palavras, subentendidas, alicerçadas em prazeres profundos, em mergulhos descobrindo os abismos do corpo, a felicidade da matéria despida de qualquer dor ou desavença. O tempo não parava, parou. Um eclipse ou uma cegueira é a mesma coisa quando há um pouco de imaginação naqueles que querem ler os acontecimentos e os sucessos. Sucediã-se os dias desfeitos em amplexos, em esperas, em chegadas, em encontros dentro e fora dos horários que emolduram as rotinas humanas. Os homens e as mulheres podem amar-se e odiar-se, a vida só ama. O difícil é descortinar-se onde está a vida.

Apaixonei-me como se só houvesse uma vez. Não vivia para mim, vivia tão longe de quem era ou tinha sido que às vezes suspeitava da minha própria existência. Eu flutuava alhures na imensidão de um outro ser, de um outro corpo, no melhor dos casos era um apêndice, uma sombra, uma possibilidade duvidosa, dependente de um sinal, de um aceno de mão, sem qualquer autonomia. Eu não era mais eu. Eu tornara-me uma ficção incapaz de conceder à realidade a sua quo-

ta-parte de imanência.

Todos estes acontecimentos deveriam ter ocorrido na primavera e no verão, pois dificilmente se compreenderia a visão que me ficou de cenas frequentes, eu deitado na cama, nu, ela sentada na borda da cama, nua, lendo, a meu pedido, passagens de romances como, por exemplo, *Le Rouge et le Noir*, de Stendhal, *L'Éducation Sentimentale*, de Flaubert, e mesmo algum livro, dos muitos que possuía, do Marquis de Sade, o autor mais chato dos três, convenho. Lembro-me perfeitamente de a ouvir dizer, com um abano pensativo da cabeça: Pobre tipo, nunca conseguiu libertar-se da ideia de Deus.

Era realmente um prazer ouvir numa voz francesa as palavras francesas que se perfilavam em sintaxes de uma limpidez inteligente, numa fluidez aparentemente natural. Os trechos lidos escapam-me agora completamente. Pedia-lhe que abrisse os livros à sorte, não estava interessado em nenhuma cena em particular, em nenhuma passagem favorita, em nenhum momento extático. O importante era sentir na voz autóctone a voz que teria passado pela cabeça desses autores no momento da escrita. Mesmo que em sotaques diferentes. Ela lia com uma concentração invejável, levando a sério a tarefa a que se entregava. De vez em quando, é certo, inclinava-se para me dar um beijo.

Ouvir a sua voz debitando aquelas frases não me impedia de observá-la com um fascínio e uma atenção que nunca pensei possuir. Aquele jovem corpo, na sua nudez, nesses momentos, não me despertava uma lascívia que seria perfeitamente compreensível, antes me inspirava a possuir olhos de escultor que, por uma estranha magia, fora de qualquer possibilidade de real, tivesse transformado o mármore excessivamente branco e frio da sua arte num corpo vibrante de vida, capaz de respirar, de palpitar. Ouvir dava-me olhos, os olhos apercebiam-se, mesmo se muito confusamente, da beleza intuitiva das coisas, dos objectos que nos rodeavam, como se o mundo desejasse também ser amado por quem o habita. Infelizmente, o mundo, pelo menos para mim, estava confinado àquele quarto.

Porém, nenhuma leitura é interminável, pelo menos a de livros. Tudo tinha um fim.

– Chega?

Chegava.

Em muitas ocasiões, estendidos novamente um ao lado do outro, dispensando abraços e beijos depois desses momentos de descanso, desses interregnos, se houvesse ainda algum tempo que nos sobrasse, e às vezes havia, o desejo reacendido obrigava-nos a novas incursões no domínio da carne, até que o prazer sobreviesse camuflado numa certa forma de apaziguamento, ou mesmo de extinção.

Sozinho, regressado ao meu quarto, o gira-discos trazido furtivamente do quarto ao lado, habituado que já estava a um vaivém infrene, ouvia os discos mais recentes que comprara enquanto a luz do dia se esvaía pela lucarna. Não me apetecia ir ao café dar duas de conversa com os eventuais amigos que lá estivessem. Bovino, ruminava tudo o que tinha acontecido no quarto ao lado nesse dia, cada palavra proferida, cada gesto, cada olhar, cada efusão dos corpos, afastando assim, involuntariamente, o que pensava ser, pela primeira vez na minha vida, a solidão, o abandono, o medo. Desejando muito secretamente, ao ponto de não me dar conta de uma maneira explícita, que o dia seguinte não demorasse, que o encontro fosse uma certeza, correspondesse ao acordado, independente de qualquer percalço. Minha vida tinha desaparecido de mim, tinha-me escapado insidiosamente pela força do amor, minha vida acompanhava-a, sorrateira e silenciosa, e só me seria devolvida pela sua presença.

Eu que fora sempre dado ao apetite insaciável, agora esquecia-me que havia horas, a noite enlanguescida não me sussurrava nenhuma necessidade de alimento. O tempo deslizava como se fosse verdadeiramente tempo, e eu sentia-me de fora, numa outra dimensão do real, sem compreender muito bem esse fora. Não que não tivesse ido trabalhar de manhã para a escola, preparando manuais, não que não tivesse ido dar aulas ao banco, quase sempre durante ou depois do intervalo do almoço, mas o que apreendera do mundo, da sua história contemporânea, das vicissitudes da política nacional e internacional, dos acontecimentos que tiveram lugar? Nada. E tenho a certeza, agora, que muita coisa acontecera. Há sempre uma democracia estertorando em escândalos, há sempre uma

crise perpetuando a fragilidade da sobrevivência das nações, há sempre uma fome espalhada em certas regiões do planeta, sempre houve crimes que aspiraram a uma meditação.

Nada. Passara incólume ou cego por esse turbilhão a que chamam de azáfama, alheado numa menos que congeminção, estupidificado. Tinha olhos e não via, tinha ouvidos e não ouvia, tinha uma boca que automaticamente expelia palavras como resposta às palavras que me dirigiam pensando, sem dúvida, que estavam a lidar com alguém, tinha um par de mãos que não reconhecia a superfície das coisas, tinha um olfacto divorciado das fragrâncias e das efluências, tinha todos os sentidos embotados ou adormecidos. A bem dizer, tudo se desmaterializava, tudo se esfumava numa nuvem, tudo se esboroava em partículas e películas de uma substância desconhecida. Eu não estava ali. Nenhum ali poderia aguentar a minha ausência ou conceder-me o consolo de me perpetuar num simulacro.

Ninguém, do edifício, deu por nada. Os amigos não desconfiavam de nada porque estavam ao corrente do meu emprego numa escola de línguas, certamente muito ocupado com os meus deveres. Quando algum deles aparecia casualmente à tarde, ouvíamos, eu e ela, o bater de nós dos dedos colidindo com a porta do meu quarto, mas essa outra música, mesmo se ritmada, não durava muito. Dizia-me ela, baixinho, ao ouvido, numa cumplicidade mais que galhofeira, tens muitos amigos. Se se surpreendiam por ouvir música no quarto ao lado do meu, nunca me disseram nada. Quando apareciam à noite, o que era raro, pois eles tinham as suas próprias vidas, mesmo quando se achavam no desemprego, lá estava eu, sorridente, sempre disponível para um paleio de chacha sobre isto ou aquilo. Isto é, agora mais sério, sobre as atribulações das nossas vidas. Geralmente descíamos, a partir do quinto piso, no ascensor, essa dádiva da civilização, e enfrentávamos a noite iluminada de uma electricidade sem surpresas, prontos para a aventura. A aventura ou era uma descida até ao rio Sena que atravessa Paris, acotovelando as gentes que passeavam, turistas quase todas elas nessa época do ano, ou era o inquestionável café. Era quase sempre o café. Havia sempre mesas com contrerrâneos. Os habituais, mas também, por ve-

zes, algumas caras mais recentes, ainda sob a suspeita de pertencerem a informadores vindos, nunca soube por quê ou para quê, do país em que tivera a infelicidade de vir ao mundo. A trivialidade procura sempre a sua importância.

Sentávamo-nos em mesas vazias, quando o assunto era mais delicado ou necessitava de algum sigilo. Ou então juntávamo-nos, ruidosos, a um grupo conhecido, certos de sermos bem-vindos. A conversa era sempre a mesma, embora variasse nas suas modulações específicas, consoante o grupo em questão. Uns ainda falavam da sua terra como se houvesse urgência em discutir acções a desenvolver num futuro mais próximo. O escopo, derrubar a ditadura que durava há mais tempo que as suas próprias vidas. A maioria já tinha perdido, por assim dizer, a Terra, e nela o país de onde se ausentaram por este ou aquele motivo. Os problemas que enfrentavam eram outros, mais prementes, mais corriqueiros, isto é, inadiáveis. Uma sobrevivência não enobrece ninguém.

Penso que, nessa altura, o que entretinha os meus amigos na mesa onde me sentara era a crise do petróleo. Eu não tinha automóvel, mas ouvia-os.

## Capítulo 8

O mês de Agosto foi um castigo. Ela fora passar férias com os pais para a região de Vannes, na Bretanha, onde possuíam uma casa não muito longe de uma praia que costumavam quase todos os anos frequentar. Eu dava agora aulas a poucos empregados do banco, pois a maioria estava também de férias. Ganhara mais dois ou três alunos, gente que tinha ou teria negócios no Brasil, ou que iria viver para o Brasil. As aulas tinham lugar na própria sede da escola, para os lados do Arco de Triunfo.

A cidade asfixiava de calor. Os pavimentos pareciam ascender em reverberações de piche calcinado, os passeios atulhados de turistas que afluíam de todas as partes do mundo, na esperança de ver a cidade luz, estavam ingovernáveis. Havia todo um cheiro inflamável que pairava no ar, para lá da poluição dos automóveis que percorriam os boulevards e as avenidas. Cheirava, a impressão é da minha total responsabilidade, ou da sensibilidade que me diferenciava na altura dos demais, a sexo. Talvez essa sensação se devesse ao facto de se ver tanta rapariga vestida com o mínimo de roupa possível, assediada por imigrantes do norte e do centro de África, para já não falar de alguns conterrâneos. Essas raparigas, como pude comprovar tantas vezes, até pessoalmente, não eram presas difíceis, antes eram prisioneiras de uma fantasia duvidosa: conhecerem e apaixonarem-se por um francês (“the french lover” era um mito comum entre os falantes da língua inglesa) durante uma semana, para, mais tarde, decrépitas, vencidas pela idade, lembrarem-se que estiveram nos braços dos maiores amantes do mundo. Quem as pode censurar? Só que os jovens franceses não estavam disponíveis nem tinham sede de amor, Paris dando-lhes o privilégio de não passarem pela miséria sexual, a solidão da vida citadina a grande mola impulsionadora para se atirarem sem escrutínio para os braços uns dos outros. Quase todos, porém, tinham partido para as suas férias, esperando, muito possivelmente, encontrar nessas praias do sul e mediterrâneas aventuras que pudessem também perdurar nas suas memórias como feitos de uma juventude desprendida e alerta. Se possível, daí a ironia, com

turistas estrangeiras em busca de sol, e quanto mais loiras e nórdicas, melhor.

À falta do verdadeiro produto, Paris sempre lhes oferecia, a essas jovens mulheres, os pobres que não tinham dinheiro para se permitirem sonhar com vilegiaturas noutras plagas mais arejadas. Eu fazia parte dos pobres. Mas eu não fazia parte de Paris, em sentido estrito. Encalhado no meio da Europa, não tinha encontrado até então uma direcção, um propósito, um escopo minimamente existencial. Não havia caminho nem para trás nem para a frente, havia só o fosso, a caverna, a impossibilidade de um futuro plausível. Sem uma destinação eu nunca conseguiria ser um destino. O que era então? Sentia-me inviável, a dois passos de um desfecho que temia, não acreditando em experiências salvíficas. Estava perdido. Até que ela apareceu. Não posso dizer que a sua presença me tivesse devolvido a mim mesmo, o que quer que isso significasse, mas deu-me, talvez ilusoriamente, a ideia de que a partir de então eu poderia, de uma certa maneira, arquitectar uma abertura ou uma passagem na aporia em que me transformara. Havia alguém ao meu lado, e eu propendia com toda a potência do meu instinto para essa mulher num desvairo que fazia transcender o meu amor numa figura que me era de todo desconhecida. Confesso, nunca consegui deslindar em toda a minha vida, quando num ápice de memória o passado irrompe intempestivo como um problema não resolvido, qual fora essa figuração inaudita, essa presença que não possuía a bem dizer uma forma para que eu pudesse traduzi-la em palavras.

Deixara pois de ser um produto da mundividência capitalista para reencarnar esse outro produto perdido pelo ocidente nas suas deambulações escatológicas, e que levaram esse mesmo ocidente ao esquecimento, por alguns pensado, ontológico. Com a ajuda dela eu apresentava-me. Eis-me. Eis o homem. A contemporaneidade de mim não era mais histórica, eu estava para lá da alegria e da tristeza. Eu era o futuro. Só ela produzira o efeito de concatenar os estilhaços em que me dispersara para os amalgamar numa visibilidade palpável.

Era sobretudo durante as noites de verão, depois do jantar, que essa lava erótica, sensual, ligeiramente obscena, porque mais sentida do que observável, descia sobre a cidade como

uma nuvem transparente contendo as fragrâncias mais inspiradoras para estados de corpo. Nesse mês de Agosto, fervendo de furores atmosféricos, eu não funcionava.

Convidado pelos amigos para percorrer essas avenidas em passeios inocentes, saudando as luzes dos cafés e das esporádicas lojas que estivessem abertas na perspectiva de um negócio, eu declinava o convite com um abanar da cabeça. A falta que sentia era autêntica, a dependência um facto. Que se passa contigo?, perguntavam-me admirados. O problema era esse, é que nada se passava. Nem um só desejo, nem uma pequena manifestação da vontade que, de si, já era tão precária. Nada de nada. Elanguescia num torpor intransponível.

Numa dessas noites, sozinho, matutando sobre ausências e presenças, sentado à minha mesa preferida do café, não me importando da possível brisa que faria na esplanada que o circundava, retiradas as vidraças que protegiam do frio do inverno os clientes, reparei numa rapariga que parecia esquadrihar o interior do café. Conhecia-a. Tinha sido minha colega quando trabalhara num armazém perto de uma das portas de Paris. Viu-me, fez um ar de espanto, sorriu talvez correspondendo ao meu sorriso, dirigiu-se à minha mesa.

– Que fazes aqui?

Disse-lhe que vivia perto. Apontei uma cadeira que sobrava na mesa, pois as outras andavam desirmanadas ao acaso das necessidades dos clientes. Ela sentou-se, não sem primeiro lançar mais um olhar em redor. Que surpresa, não esperava ver-te. Nem eu. Já passaram dois anos. Dois anos, é verdade. Notei que, apesar do sorriso que lhe afluía à comissura dos lábios, havia uma tristeza algures no seu rosto. Pensei, quando se está triste tudo em volta se transfigura numa tristeza mais ou menos mimética. O mundo não resiste a um sentimento, por mais insensível que possa ser. Não seria mais do que uma impressão minha, julguei, derivada sem dúvida da emotividade em que eu próprio me encontrava. Mas atrevi-me a dizer:

– Estás triste.

Naquele rosto de uma mulher simpática havia também uma nuvem que nada tinha de erótico. A experiência da vida, ou um inescrutável desígnio, grava os corpos com uma cruel-

dade que nem se dá ao trabalho de obedecer à infalibilidade do tempo, pode-se envelhecer, ou parecer velho, em plena adolescência.

– Se soubesses o que tem sido a minha vida!

– Conta.

Contou-me. Não era parisiense. A capital era-lhe tão estrangeira como me fora talvez para mim. Viera da Normandia porque o emprego escasseava por lá, e sobretudo para se livrar de um pai alcoólico que lhe dava cabo da vida, a ela como a sua mãe. Não conhecia ninguém. Três ou quatro meses depois a solidão foi-lhe insuportável. Conhecera entretanto raparigas da sua idade, sobretudo colegas do trabalho, que se transformaram com o tempo, pensava ela, em amigas. E eram. Para se divertirem, aos fins de uma semana de duro trabalho atiravam-se para as discotecas no afã de gozarem um pouco a vida. Gozavam. Mas ela não tinha nenhuma experiência da vida. Conhecera um rapaz. Deixara-se engravidar. Teve um filho. Era mãe solteira. O rapaz desaparecera, não era francês. Teve que chamar a mãe para poder tomar-lhe conta do miúdo. Um amor. Vivia pois actualmente com a mãe e o filho, que crescera e já ia nos seus três anos. Ou no emprego, ou nas boîtes, ia conhecendo outros rapazes, mas agora escrutinados devidamente. Gente boa. Namorava-os, se é que há verdadeiro namoro numa metrópole como Paris, pois uma mulher tem que se entregar à segunda ou à terceira saída, para não dizer à primeira, de tal modo a aceleração das vidas contemporâneas não dava sequer para se meditar no que se está a fazer. Mas conheceu, nestes anos, dois ou três rapazes porreiros. Encontravam-se nos apartamentos diminutos onde eles viviam, e ela fala no plural porque estes acontecimentos se repetiram sucessivamente. As ligações eram sérias. Ela, de cada vez, apaixonava-se, não sabia ao certo se sinceramente, se pela ideia de dar um pai ao seu filho. E de formar um lar, desejo de qualquer mulher, pensava ela. Não lhe agradava a ideia de andar de discoteca em discoteca fazendo de conta que se divertia. Três ou quatro meses depois do começo de cada ligação, e nunca tendo escondido que tinha um filho, coisa que para eles não era aparentemente um problema de maior, o que mais reforçava a ideia e a confiança de que era

amada, ou por sugestão dela, ou mesmo deles, era mais que tempo de lhes apresentar a mãe e o menino. Apresentava-os.

Pressenti um iminente choro na sua voz. Segurei-lhe instintivamente um dos braços, tentando recompô-la da emoção que a fendia. Perante aquela dor senti-me envergonhado.

– E depois?, foi a pergunta mais estúpida que jamais fiz. Arrependi-me imediatamente da curiosidade doentia. Que interessava o depois naquele momento preciso?

– Depois eles apercebiam-se que o meu filho era um mulato. Que eu tivera um caso com um negro. Todos, com muitas desculpas, achavam que talvez não fosse tempo para pensarem imediatamente em casamento. E desapareciam da minha vida. E do meu sonho, de ter, como todas as mulheres, um lar, um marido, filhos. Meu filho, que eu tanto amo, uma criança adorável, tem sido a mancha, a nódoa na minha reputação. Repara, eu compreendo-os, a esses homens que amei. Muito mais do que ao pai do meu filho, cujo encontro nem sequer fora uma aventura, mas uma ocasião. Como poderiam suportar a chacota, esses homens, os risos malévolos dos vizinhos? Mesmo que tivéssemos filhos nossos, haveria sempre ali um estigma, um desconforto, um motivo de reprovação. Que diriam as suas famílias? Eu compreendo-os.

Eu não compreendia. Para mim não havia ali mais do que a exteriorização de um racismo latente na sociedade francesa. Mas admirei a atitude da minha colega que se confessava com a candura de quem não cometeu um crime, que não fizera mal a ninguém. E lamentei até, não sei porquê, que o raciocínio para o explicar me falta, que na sua compreensão também havia, sub-reptícia, uma patine de racismo assumido com a naturalidade que a cultura cultiva como se nada fosse.

Patético, enquanto eu pensava obsessivamente, as pessoas sofrem, as pessoas sofrem, como uma ladainha a despropósito, pois nada mais fazia que repetir truísmos consabidos, eu via os seus lábios a debitarem mais palavras, mas não as ouvia. Não sei se durou alguns segundos ou alguns minutos essa falta de comunicação, sei que uma outra comunicação, não verbal, foi sentida por mim, uma deiscência que me catapultava para a experiência do sofrimento humano. Eu pertencia, por mais que o negasse, à humanidade, não era um ser vindo

das galáxias inodoras e mudas, as minhas raízes, mesmo se enfraquecidas ou podres, alojavam-se num chão. A terra não era o mundo. Dessa disjunção, dessa realidade, prorrompia todo o mal que me dilacerava. O mundo era uma ficção insuportável que me feria desmedidamente, era o mal por excelência.

Pensei ainda em consolá-la. Não tive coragem. Que dizer? Que as coisas se iriam arranjar, que tudo se resolve, que enquanto há vida há esperança, que não desanimasse, que a vida às vezes traz-nos soluções com que não contávamos? Não tive coragem, não tive coragem. Pergunto-me muitas vezes porque raio enjeito o lugar-comum, as convenções benfazejas da comunidade, espaços de uma entreajuda e de uma relação mais forte que o ferrete do egoísmo.

Ela relançou novamente um olhar em redor, voltou-se para mim, os olhos ainda húmidos, a expressão gradualmente desanuviando-se, como se o tempo curasse:

– Tinha um encontro e encontrei-te a ti. Ele não vem, já devia ter chegado.

Mas veio, e chegou. Viu-nos, pediu licença para trazer uma cadeira vazia para a nossa mesa, e sentou-se. Era um homem com os seus trinta e tal anos, o seu rosto pintado de algumas rugas mais teimosas e que vieram sem dúvida para ficar. Um homem com um aspecto nítido, um ar simpático. Beijaram-se ternamente nas respectivas faces. Antes de partirem ele ficou a saber que eu era um antigo colega dela, encontrado ali por acaso, eu fiquei a saber que era divorciado, que também tinha um filho, que o seu primeiro casamento tinha sido um desastre, mas que desta vez as coisas seriam diferentes. Estava mais maduro. E amava-a. Ou melhor, amava-os, a ela e ao filho dela, um pimpolho encantador. Quase que me convidaram para a cerimónia do casamento. Ela ouvia-o absorvendo cada uma das suas palavras, todo o seu rosto indisfarçavelmente radiante, dizendo que sim em nutos singelos, confirmando o que não sabia se viria a ser realidade. Foi a minha vez de ficar comovido. Que importa o que será? Vive-se sempre o que é, o que passa e se faz passado. Ela estava feliz. Ele parecia feliz. Eu era feliz, por interpostas pessoas. Levantaram-se, despedimo-nos com apertos de mão amigá-

veis. Esqueceram-se de pagar os cafés que tinham pedido. Eu chamei o empregado para pagar a despesa. Olhei também em volta, nada vi, levantei-me e saí também do café. Não tinha para onde ir. Senti esse não-ter como uma liberdade e um alívio. Estava vivo, eu, no meio de toda aquela multidão acossada pelo desejo de passar, de ir em frente, de talvez descobrir ou encontrar um caminho.

A noite sibilina inundava o boulevard indiferente às luzes que se propagavam no espaço, línguas de vários países chegavam-me aos ouvidos numa harmonia onde não pude detectar uma cacofonia, pessoas desciam e subiam o boulevard animado de uma azáfama que não subsumia o detestável trabalho, gozava-se. Risos de gentes, vozes, corpos roçando-se ou indo de encontro uns aos outros, pedidos de desculpa ou simples acenos de quem compreende, a cidade vibrava sem a ajuda do sol. Desci o boulevard, não direi num transe ou em êxtase, mas tomado pela euforia do ambiente, um entre muitos, esquecido de qualquer sofrimento ou de qualquer contratempo assinalável.

Dois dias depois, sem que tivesse recebido entretanto um qualquer postal, ela chegou. Enquanto descrevia as suas férias com pormenores mais ínfimos do que o possível, eu ouvia-a desesperado. Não me interessava, para dizer a verdade, o que lhe acontecera nesse mês de férias. Ela estava ao meu lado e eu desejava, com toda a minha solidão tão pouco solidária para ouvir pacientemente relatos, que ela entrasse dentro de mim ou eu dentro dela. Entrámos, e foi bom. Eu era o mesmo homem, ela pareceu-me diferente, de uma maneira que não saberia descrever. Não se tratava, da minha parte, de catalisar os pormenores do que vagamente sentia, porque o que percepcionava era da ordem de um vago e inesperado holismo. Mas não havia mal.

## Capítulo 9

Uma tarde, depois dos afagos e dos beijos próprios de quem não se encontra há mais de vinte e quatro horas, diz-me, eu prestes a sentar-me na borda da cama, ela curvando-se um pouco para tocar várias vezes com as mãos espalmadas nos seus joelhos, sorridente e aparentemente feliz por ser portadora de uma nova que me pudesse surpreender:

- Estou grávida.
- Grávida? Grávida como? E agora, que fazemos?
- Casamo-nos.
- Casamo-nos?...

Fiquei estarecido. Ainda lhe disse, deixa-te de brincadeiras. Então não usas a pílula? Claro que não, respondeu-me com um sorriso desafiador. E agora, e agora? Que vão dizer os teus pais? Tu queres essa criança? Não vai estragar-te a vida? Vai estragar-te a vida?, replicou, fazendo-me cócegas em partes que me abstenho de mencionar, como se fosse uma menina travessa, gozando com o meu embaraço.

- Mas eu não tenho nada!
- Vejamos, tens os teus livros, a tua música. Que mais queres? Não te preocupes, já falei com os meus pais. Querem um casamento, foram categóricos, embora, para dizer a verdade, nem compreenda porquê! Nunca ligaram a isso, borrifando-se de todas as convenções. Então o meu pai! Um artista. Ficou de boca aberta: Vou ser avô, vou ser avô! Desconfio de que nunca gostou de crianças, como se fossem um empecilho à sua liberdade criativa. Sabes que ele é um arquitecto famoso? Ou melhor, ganha muito bem a sua vida. Trabalha, trabalha. Não to disse? Está mortinho que eu acabe o curso para me ver no seu atelier. É a vida, meu querido.

É a vida? Ouvia-a, transpirando de um medo inaudito, que vai ser de mim? Não tive coragem de lhe dizer, não estás a tempo de fazer um aborto? Seria da minha parte uma monstruosidade inconcebível. Quase uma falta de respeito. A morte do nosso amor. Mas não havia dúvidas, os pais eram uns loucos, destravados de todo. Verem a filha casada com um ninguém! Qualquer coisa estava mal, não batia certo, mas eu não compreendia o que era. Qualquer coisa de indefinido, en-

tre a sorte e o azar, bailava diante dos meus olhos espantados. Que dizia a voz dessa mulher por quem eu me apaixonara?

Dizia que eu ia ser pai. Uma sombra penosa toldou-me a consciência. Eu que me tinha prometido, desde as primeiras desavenças com o trabalho braçal em que caí e a percepção aguda das condições em que vivia a maior parte da humanidade, não fazer ou ter filhos, essa veleidade da cega biologia que nos emprisiona, pensando, muito sinceramente, que seria um crime trazer ao mundo uma criatura para depois vir a sofrer o acaso da sorte, recebi a notícia que ela me deu como uma traição a mim mesmo, às convicções que fui arquitetando com a experiência do mundo, falho de uma qualquer liberdade. Não ia poder, também eu, pelas vicissitudes da contingência que me calhara, escapar à obsessão animal.

Fizemos amor como das outras vezes, mas eu não estava ali, embora meu corpo desse a entender que estava, pois os gestos eram os mesmos, as carícias foram as mesmas, o vaivém não deixou nada a desejar. A disjunção entre o que sentia e o que perpetrava era porém abissal. Um hiato contundente fendia-me numa absorção do engano, enganava-a sem qualquer intenção de a ofender ou de a subtrair ao meu amor. Uma lassidão que não era física apoderou-se de mim, um silêncio íntimo e covarde percorria-me num torvelinho, uma fuga de sinais contraditórios afogava-me numa perplexidade que me era desconhecida. Vivía um momento único sem qualquer fruição. Devorado pelo sentimento de que também eu tinha caído na armadilha das leis mais ou menos fixas do universo, como se fosse meu dever e obrigação propagar a espécie que se dizia, ou se pensava, humana.

Não estás a gostar?, ciciou, tirando repentinamente os olhos do livro que estava a ler. Via-lhe o corpo nu e já adivinhava dentro do seu ventre abaulado qualquer coisa que se mexia, a natureza confinada à sua aberração incompreensível. Atraí-a para junto de mim, deixou tombar o livro no abafado da carpete, ficamos lado a lado, ressupinos, as cabeças viradas de tal sorte que os olhos de um pudessem reflectir os olhos do outro. Sorrindo. Minha mão direita, obedecendo a um desígnio que me ultrapassava, despegou-se do meu corpo e passou ao de leve pela sua barriga, afagando-a num movi-

mento circular, como se o começo da vida fosse um minúsculo ponto no centro de uma galáxia palpitando de antecedência.

– Ainda é cedo para sentires alguma coisa.

Não estava a sentir nada.

Nada lhe disse. Fosse o que fosse que lhe pudesse dizer, seria uma mentira. Nossos narizes quase se tocavam. De tanto estarmos perto quase que não nos podíamos ver. Maravilhado e seduzido, ouvia o arfar da sua leve respiração e sentia o odor do seu hálito como uma presença enorme na indecisão da certeza. Minha mão continuava, através de um dedo expedito, a circum-navegar pela imensidão do seu ventre, sulcando um mar que aspirava a ser o cálido líquido amniótico de uma futura mãe.

Emocionei-me. Ignoro porquê. Uma menos que lágrima aflorou, dévia, aos meus olhos, ela não deu conta de nada. Eu dispersava-me em conflitos imbecis, entre uma alegria e uma tristeza, incapaz de abrir um caminho num sentimento que me pudesse, de alguma maneira, sustentar.

– Estás contente?

– Estou.

Abraçámo-nos. Que estaria ela, o meu amor, a sentir nesse preciso momento? Que pensamentos a inundavam, que emoções ousariam tomar forma e realizar-se na sua sensibilidade? Quem éramos nós? Um homem e uma mulher?

## Capítulo 10

Apresentou-me aos seus pais. Não estou certo, mas com certeza foi ou deveria ter sido num fim-de-semana. Conhecendo-me como me conheço, mas eu conheço-me?, deveria estar um pouco, ou talvez muito, intimidado. Abriu-se-me a porta depois do toque da campainha. Deparei com uma senhora cujos olhos ficavam ligeiramente acima dos meus, num rosto nem prazenteiro nem sisudo, curiosos mas com uma naturalidade tão casual que me fez sentir bem, seguro de mim.

– Entre, entre.

Estendi-lhe a mão num gesto evanescente, mas não recebi resposta nem vislumbrei uma reacção. Entrei, através de um ínfimo corredor, para o salão alvoraçado pela presença da luz. Ao fundo, junto ao piano, estavam o meu futuro sogro e a minha futura mulher, conversando. Ela veio ter comigo, alegre e sorridente, dando-me um beijo numa das minhas bochechas. Abraçou-me, e depois, levando-me pela ilharga, expôs-me ao olhar do seu pai. Vi-o levantar-se e vir ter comigo com um braço estendido, oferecendo-me a sua mão, que apertei delicadamente.

– Então é você, o homem que quer roubar-nos a nossa filha? Sente-se, sente-se.

Sentei-me num sofá confortável, enquanto ele permanecia de pé, como a filha. A esposa tinha-se sentado num cadeirão enviesado em relação ao sofá, junto a uma das janelas. Tive que levantar ligeiramente a cabeça para manter contacto com os seus olhos. Ele sorria, a filha sorria, gozando o espectáculo, como se estivessem prestes a pregar-me uma partida. O pai, depois de me ver bem instalado, atirou-me, civilizadamente, decididamente teatral:

– Posso saber que elixir possui para ter encantado a minha filha, ao ponto de a engravidar?

– Nenhum, que eu saiba.

– Posso pressupor então que tem uma grande pila?

– Não.

A estupefacta resposta que ejaculei foi seguida quase simultaneamente por um abanar da cabeça da esposa, e de um «papá!» queixoso e severo da parte da filha. Ele pôs-se a rir

desbragadamente, com o efeito que tinha causado à sua volta. Ou, pelo menos, em mim.

Estou fodido com este gajo, foi a exclamação silente que se soltou na minha cabeça um pouco obumbrada. Não deixei de o fitar, predisposto a aceitar o espectáculo com todas as suas peripécias e consequências, sorrindo, não sei se dele, se para ele. Preso no riso simiesco que o abanava dos pés à cabeça, abraçou a filha, levantou-a por uns centímetros no ar, ciciando-lhe quase ao ouvido, para que todos nós ouvíssemos:

– Escolheste o homem ideal para ti.

– Deixa-te de parvoíces!

– Oh, estava a brincar. Foi apenas uma brincadeira. Não fiques zangada comigo, minha princesa.

– O meu pai é completamente louco, não liguês!

– Gosto dos loucos, soletrei.

Ela sentou-se ao meu lado e o pai dirigiu-se para o outro cadeirão, onde se refastelou. Era um homem da minha altura, nos seus cinquenta anos, um pouco anafado sem ser gordo, o cabelo farto não ousando chegar aos ombros, olhos de uma inteligência disponível, a barba incoativa cuidada, a boca alicerçada por uns lábios não muito diferentes dos meus. A esposa era de uma beleza inquietante. A sua pele contrastava com a do marido e da filha, pois havia ali um bronzeado que parecia permanente, que talvez nada tivesse a ver com o sol ou o verão. Para quem não sabe descrever pessoas, que é o meu caso, diria que, em certo sentido, havia nela um pouco de uma atriz francesa, Michèle Morgan, possivelmente da sua idade, mais ano menos ano. Dei-lhe, apostando, quarenta e cinco anos.

Falámos da preparação do casamento. Do que iríamos fazer das nossas vidas, da necessidade de se encontrar um pequeno apartamento nas redondezas. A criança nasceria em Abril. Na minha ingenuidade honesta fiz notar que não tinha cheta, e que os meus empregos eram sempre provisórios, precários. Nós encarregamo-nos disso, meu rapaz, e vi-o olhar para a esposa. Eu vi-a fitar-me numa intenção que me pareceu de aprovação. A filha, muito chegada a mim, intervindo sempre divertida, aqui e ali, como se não estivesse em causa o seu

e o meu futuro, descaradamente proferia: Não te preocupes, eles são ricos, eles sabem o que fazem!, o que me deixava ligeiramente nervoso. Mas foi bom, reconheço, sentir confusamente que regressava a casa de uns pais.

Estou convencido que logo nessa noite me convidaram a jantar nesse apartamento ainda rescendendo a uma novidade. Não me lembro bem. Posso estar a confundir datas e lugares e acontecimentos. Fizeram-me perguntas razoáveis. Expliquei-lhes por que estava em Paris. Perdi o meu tempo, penso agora, liberto de ideologias parvas, a mostrar-lhes que eu não era verdadeiramente um imigrante, mas sim um exilado, duas coisas completamente distintas, e que pertencia a uma família da pequena burguesia portuguesa, enfim, expus-lhes as minhas chagas com um conforto típico dos hipocondríacos.

Houve, como iria ser costume doravante, risos e gargalhadas da parte do pai e da filha, piadas que me escapavam, gestos imperceptivelmente perceptíveis, manifestações de uma harmonia que me aproximava do que outrora eu sentira como a linguagem da alegria. A mãe, de vez em quando, olhava-me como se eu não a visse. Mas eu devolvia-lhe o olhar com aquela bonomia de quem não compreende o que se está a passar, ou mesmo se alguma coisa se passava que merecesse da minha parte uma reflexão. A vida, nessa hora de confraternização, era bela. Para quê manchá-la de cepticismo ou de desconfiança? A comida, para quem tinha passado alguma fome nos anos transactos, era excelente, a conversa, mesmo se com plausíveis hiatos, sedutora, a atmosfera excedendo todas as minhas expectativas, que não foram nenhuma.

Devo ter regressado ao meu quarto, se não transfigurado, pelo menos confundido com o encontro desse dia, ébrio de um iniludível prazer, ter permanecido num lar por algumas escassas horas, entre gente que poderia, se tudo corresse bem, corresponder a uma nova família. Deitado na cama estreita, esguardando a lucarna anoitecida num céu que me era inacessível, evaporava-me, alheando-me, em pensamentos ora alinhados ora desconexos, em circunvoluções da sensibilidade, em impressões imarcescíveis. Como me foi sempre muito particular, e desde que me recordava de mim, ruminava então uma espécie de memória do presente, ou, pelo menos, de um

recente passado. Trazia aos sentidos imagens, acções, gestos, falas, realidades suprimidas pelo passar do tempo, mas ainda vivas. Devo, sem dúvida, ter adormecido num sonho pacífico, profusamente ondulando, ondulando.

Depois da clandestinidade, o propósito estabelecido, casar, só então ela me fez conhecer os seus amigos. Rapazes e raparigas. Da sua idade. Da minha idade. Gente que nunca soubera, felizmente para eles, a privação e o medo do futuro. Não os apresentou um a um, o que seria moroso e aleatório. Combinou com um deles, já casado, um jantar no seu apartamento numa data aprazada. Reuniu umas dez pessoas. Ou mais, contando connosco. Faces novas, sem rugas, quase todas de homens, duas ou três de jovens mulheres. Muitos cumprimentos, alguma curiosidade, perguntas e respostas, não havia ali um estrangeiro. Pelo menos aparentemente.

O país onde eu nascera não lhes dizia nada. Não o conheciam. Não os podia censurar por isso, a mim também nada me dizia, embora o tivesse conhecido. Mas falou-se de ditaduras e de democracias, uns mais do que outros, como se soubéssemos o que estávamos a dizer. Alguns, devido talvez aos estudos que fizeram ou faziam, até pareciam saber. Um deles, depois de uma pequena efabulação sobre a ditadura pátria levada a cabo por mim, a título de informação, mais expedito, dizia-me, «Meu caro amigo, não te faças ilusões, a democracia é uma merda.», como se eu tivesse chegado a Paris no dia anterior e ainda não me tivesse inteirado das falácias desse regime. Não, não tinha ilusões. Um outro esclareceu-me, sorrindo, não lhe prestes atenção, vai acabar como tantos outros em deputado da república. Risada geral.

Um convívio que me agradou. Agradava-me a gentileza daqueles gestos, a delicadeza prazenteira como se tratavam, o domínio impecável da língua, que também já tinha verificado naqueles trabalhadores franceses com que lidei, num contraste flagrante com a maioria da população do meu país debitando um analfabetismo que me constrangia sobremaneira. Lembro-me perfeitamente, talvez porque seja sensível à plasticidade material das línguas, de, uma vez, cavando um grande buraco para não sei o quê, um indígena empregou a expressão «em detrimento de» com o à-vontade de quem não

deu por nada de excepcional. Estou convencido que essa expressão, na altura, só caberia na língua de alguns licenciados ou de alguns literatos portugueses. Mas talvez esteja enganado. Não quero ser demasiado severo com o que foi do país que nunca fora meu.

De tal maneira sou sensível às línguas vivas que, de toda aquela animação de vozes e de inflexões ora afirmando ora negando, ora interrogando ora respondendo num bailado que me embriagava desmedidamente, e de toda aquela companhia onde os corpos se ligavam por uma animalidade que parece ainda sobreviver nos seres humanos, mas também por toda uma encenação educada na polidez e na amabilidade, seria uma tentação descrever ao pormenor, inventando um pouco, a ocorrência dessa noite, as falas que foram proferidas, as conversas havidas, os problemas tratados, as refutações verosímeis. Não vou fazê-lo. Mas lembrar-me-ei sempre do momento fascinante em que eles se puseram a recitar um poema sem dúvida aprendido ou na escola primária ou no liceu, património comum, em que no meio daqueles versos ditos com um humor que não deixava de lado a ironia, aparecia o termo «eflúvio». Eflúvio, repetiam eles, eflúvio, com um gozo desobrigado, desvairado, rindo-se talvez de uma sensibilidade e de uma cultura ultrapassadas, mas que lhes eram, de uma maneira ou de outra, memória. Confesso, fiquei emocionado. Um vazio encheu-me os sentidos, uma pobreza tumefacta, uma miséria incomensurável, um não-vivido. Eu era, sem dúvida, um estrangeiro vindo de um nada para desembarcar na opulência de indícios ou de rastos de uma riqueza imponderável impondo-se como um lastro bem real, sublimado, subliminal.

– Estás triste, meu amor?, foi a pergunta que ouvi, notando ela talvez uma nostalgia no meu semblante, mas desconhecendo de todo que era uma nostalgia de um acontecimento que nunca tivera lugar na minha aprendizagem pessoal, e colectiva, do que se julga que é um povo.

– Não. Estou feliz.

E estava. Parecia-me subitamente que uma outra experiência do mundo poderia ser possível, que um fado secular poderia esvair-se em nada, que uma maldição terrível poderia apa-

gar-se, desfeita em esquecimento. Teria a coragem, cogitava eu no silêncio da minha consciência, para franquear essa porta? Seria capaz de atingir esse porto? Só o futuro o diria.

## Capítulo 11

Casámo-nos. Os pais dela, diligentes, tinham encontrado um apartamento mais ou menos a um quilómetro do deles. Constava de um salão, dois quartos, um para nós, o outro para o bebé, uma cozinha e uma sala de banho. Uns bons oitenta metros quadrados, ou mais. Veio a mobília, ou a maior parte dela, de uma casa, um pavilhão, como lhe chamavam, que os pais possuíam nos arredores de Paris, e que permanecia agora quase sempre inabitada. Foi uma pechincha na altura da sua compra. Pensavam, como muitos parisienses mais abastados o faziam, servir-se dela para os fins-de-semana. E serviram-se, durante anos, mas agora que a filha se tornara uma mulher e deixara de se interessar pelo campo, não tinham pachorra para se ausentarem de Paris. Nem disposição para alugá-la. Nunca se sabe o dia de amanhã, E poderia vir a ser-nos útil, a nós, para levarmos a criança que iria nascer até ao campo, para arejar, ver um pouco de verdura e de paisagem. Como eles faziam e fizeram com a filha. Nunca tocariam, evidentemente, na mobília da casa que lhes servia de residência balneária nos confins da Bretanha, sagrada e intocável. Como o deles, o apartamento onde íamos viver tinha a sua história, edificado, pensava eu, no século dezanove. Sem dúvida retocado com o passar do tempo para estar à altura das tecnologias sanitárias que se tinham desenvolvido entretanto. Aliás, como o deles. Só não estava situado num lugar privilegiado nem à distância audível de um toque de sinos da Sorbonne. Nem era tão grande. Nunca soube, para ser franco, quanto pagavam de aluguer.

Calcorreava aquele apartamento como se aprendesse de novo a viver num espaço respirável, mesmo se circunscrito. Media os compartimentos com passos seguros, tentando adivinhar qual o sentido de uma distância entre as paredes ou da solidez de uma superfície encerada, essa madeira envelhecida servindo ainda de soalho. Abria os braços e não era capaz de tocar ao mesmo tempo em duas paredes opostas, como quase conseguia na pequenez da mansarda. Morcego pouco convicto enviava sons comedidos contra as paredes na esperança de ouvir um eco, ou um retorno. As dependências, obviamente, não eram assim tão grandes para que uma parede pudesse de-

volver-me o que quer que seja. Mas eu evoluía sem chocar no mobiliário, como se fosse independente, um outro homem, uma outra pessoa. Aqueles anos de miséria reduziram-me a uma migalha. A crisálida furava enfim o seu casulo. Fazia este tipo de exercício físico e mental quando me encontrava só no apartamento, minha mulher algures, lidando com os seus afazeres. Uma ou duas vezes, porém, surpreendeu-me nestes bailados extravagantes, nestas medições que substituíam meditações possivelmente mais metafísicas, desatando-se a rir.

– Que estás a fazer, querido?

– Meço a profundidade pelo confronto com a hipótese de exiguidades em sucessivas mutações do conceito de realidade, disparei eu, numa dessas vezes, com uma desenvoltura que me desconhecia, não sei se me faço compreender.

– Parece que estou a ouvir o meu pai! Não me digas que também tu não tens juízo.

– Logo, estás em tua casa, não vais sentir diferença nenhuma. Vais ver que não será difícil viver comigo! Ao encontrar-te, encontrei-me.

Tinha-me despedido da família que me alugara o quartinho no sexto andar, ou melhor, apenas da senhora Arnaud, que se encontrava em casa, dizendo-lhe, para sua estupefacção, que me casara com a filha dos vizinhos da frente. Vi-a colocar a mão direita sobre a boca como se quisesse abafar um grito inoportuno. O que não a impediu de dizer:

– Meu pobre rapaz!

A vida era bela. Tinha regressado, se for possível tal fenómeno, ao homem que tinha sido antes de chegar a Paris. O Natal estava à porta e eu tinha perdido o emprego. O banco abandonara o seu projecto inicial por desinteresse dos empregados, ou porque, disse-me a minha mulher, que não duvidava da minha proficiência como professor, eles, os banqueiros, serviam-se desses programas para evitarem de pagar tantos impostos. Na escola privada, a maior parte dos alunos, gente crescida, quadros, como se dizia, desejava aprender o português, mas na sua variante brasileira. Os negócios e os interesses estavam lá. Compreendi perfeitamente as suas razões. O meu sotaque era inadequado, e os idiotismos, assim como muitos dos termos empregues para referenciar a mesma coisa,

diferenciaram-se ao longo do tempo. Que sei eu!

Como sempre me acontecia, fazia umas férias ou um inter-regno de dois ou três meses entre dois empregos, o trabalho sendo uma chaga que me deixava sem consciência, o corpo afligido por cansaços que pensava que já não fossem possíveis numa era que se sonhava de lazer. A frugalidade que me impunha, apesar dos maus salários, permitia-me sempre fazer algumas economias. E nesses períodos de descanso mental e físico os meus gastos eram diminutos. Uma maçã e um café à hora do almoço. Para comer qualquer coisa de mais substancial, muitas vezes apareci em casas de amigos na hora do jantar, sobretudo dos que se tinham casado e formado uma família. Eram visitas recebidas com um sorriso nos lábios, mas desprovidos de qualquer tipo de malícia ou de surpresa. Tive muitos amigos, em Paris. Nunca soube, porém, como agradecer-lhes. Um peso na minha consciência.

A minha mulher compreendeu. Não te preocupes, não te preocupes com isso, sussurrava ela aos meus ouvidos, como se eu não necessitasse de lhe dar explicações. Vamos gozar a vida, que depois do bebé nascer tudo será diferente. Aliás, é imperativo que termine o curso no próximo ano. O meu pai precisa de mim no atelier, abanava ela a cabeça com uma lúcida compenetração que eu admirava.

As aulas, com efeito, já tinham começado. Cabia-me a mim ser doméstico, o homem de casa. Tratar do apartamento e de fazer as compras. Até mesmo, às vezes, quando ela regressava um pouco cansada, de cozinhar, embora ela nunca se tenha acostumado à minha limitadíssima gastronomia. Havia excepções. Cozinhar era tarefa de que ela se ocupava. O resto do tempo dedicava-o a ser livre. Não era nada mau.

Deitado numa cama larga, lia os livros que alguns amigos mais zelosos me emprestavam para que eu pudesse completar a minha educação política de um modo mais metódico e sistemático. Lia os seus livros versando sobre a anarquia, sobre a questão social como fora vivida ao longo do século dezanove e no começo do século vinte. E sobre problemas actuais. Essas críticas ferozes, provocadoras e inteligentemente argumentadas feitas por um grupo de intelectuais, então muito em voga, que denunciava o espectáculo como a última, ou uma

das muitas máscaras da burguesia e do capital. As democracias ocidentais, com os seus poderes dominando, de um alto metafórico, as alienações dos escravos modernos, eram fustigadas nessas críticas que me impressionavam pela acuidade acerada das análises e das visões dos seus autores. Não me lembro, e tenho pena, das propostas que, com certeza, faziam para mudar o mundo, se nós quiséssemos.

Ao princípio lia com uma voragem de neófito esses livros e essas brochuras exprimindo a possibilidade real de uma libertação para os homens. Depois, pouco a pouco, com um enfado que me criava engulhos na consciência, pois aqueles textos militantes excediam-se demasiado em especulações que me faziam cair numa sonolência imperdoável. A leitura desses textos culminava irremediavelmente num sono a despropósito. Quando chegava ao café, perguntavam-me, os amigos, um brilho nos olhos:

– Então, então?

– Bestial. Falta só levar avante, isto é, materializar, essas ideias e esses ideários.

– Pois, aí é que está o problema.

Deitado na cama fofa, ouvia os meus discos, agora lidos por uma aparelhagem que transformava ligeiramente o som a que estava habituado, tornando-o muito mais perceptível e límpido. Eu flutuava numa gradação um pouco inferior ao êxtase, quase lá chegando não raras as vezes, fazendo corresponder aos sons, mentalmente, gráficos ou linhas de uma estranha linguagem espacial que comportava quer cumes quer abismos da sensibilidade, em ziguezagues que faziam de mim um inesperado apêndice da aparelhagem. Isto é, sem no saber, vivendo, meu corpo e minha mente sondavam os mistérios subjacentes ao conceito do humano e à ideia de máquina. Nada como a música para se perceber, em filigrana, a complexidade do que é, quero dizer, do real.

Dava grandes passeios embrulhado no meu, um pouco surrado, sobretudo, enfrentando os frios secos do outono. A cidade não era propriamente uma festa, como muitos basbaques ou algumas elites provincianas tentaram publicitar, mas oferecia-me, agora que a vivia de outra maneira, sem preocupações nem obrigações nem depressões, a sensação inusitada de

uma grandeza que nunca, até então, tinha logrado intuir. Não era mais um cárcere ou a arena de batalhas letíferas, era apenas uma cidade evoluindo em azáfamas de automóveis e passos da gente que a habitava com uma desenvoltura consuetudinária. Tudo permanecia nos seus lugares, sobrevivendo a esporádicos acidentes que explodiam por vezes na mecânica das coisas.

E quando ia com ela, a minha esposa, pelos boulevards e pelas avenidas, não nos escapando as ruas anónimas e perdidas em solidões esporádicas, então o contentamento atingia as raias de uma união com o que outrora se apodava, talvez muito pomposamente, de ser, ou de alma, ou de espírito. Abraçado a ela, rindo ou conversando sobre os assuntos mais variados, envolvia-me nas luzes já nocturnas da cidade como se fosse um dos seus rebentos, como se estivesse a nascer numa outra língua que não a minha, admirado por conter em mim mais mundos do que o próprio mundo da experiência quotidiana. A terra não era mais incógnita. Um amor fecundo, alerta, diferente, apossava-se de mim tentando coadunar-se com o amor que sentia por ela, como se fosse natural a fusão do que nem sequer era uma divergência.

E depois, para minha surpresa, numa cidade que não deixara, apesar de todas essas emoções e desses sentimentos em que me enredava, de me ser estrangeira, eu conseguia iniciar minha mulher em interesses que lhe passaram despercebidos ou não lhe tinham nunca atraído a atenção. Íamos à Cinemateca uma ou duas vezes por semana, e não era sem satisfação que ela se sentava, como se sentou, ao lado de Godard, de Truffaut, de Chabrol, essa nova vaga de realizadores já não tão nova como isso.

Acontecimentos que ela contava, depois, aos seus amigos incrédulos e ignorantes, muitos deles, dos segredos mais banais da cidade, com uma festividade de expressão e com tais requintes de observação que nunca me foram possíveis. E dos quais, como se poderá observar neste momento, eu só soube reter a sua superficialidade e evidência mais perspícuas, incapaz de exemplificar uma dessas ocasiões com dados historicamente mais precisos, concretos, icásticos. Mas não só aos seus amigos. No apartamento dos pais, nesses sábados e do-

mingos em que íamos lá almoçar como um facto adquirido, ela dava a conhecer aos seus progenitores esse outro lado da cidade que eu lhe desvelara como uma matéria de facto, sem, porém, a espectacularidade que ela prodigalizava em hiperbólicas manifestações dessas descobertas. Meu sogro olhava-a com um fascínio que se abeirava da admiração ou da adoração, minha sogra fitava-me como se não fosse possível o que sucedia na sua ausência. Eu, como iria acontecer tantas vezes no futuro próximo, sentava-me no sofá e contemplava a cena com um sorriso nos lábios. Meus olhos presos naquele amor paternal e filial, meus olhos, um vez por outra, cravados no silêncio céptico da minha sogra. Que lhe iria nessa cabeça de uma beleza insubstituível? Um mistério insondável. Ou talvez não. Eu pressentia, assim muito vagamente, que nessa sala, pouco a pouco, ao longo do tempo, se formavam dois pares. Minha mulher e seu pai, eu e sua mãe. Era uma impressão infundada, da ordem talvez da minha imaginação ingénua. Minha sogra não me era hostil. Pelo contrário, a delicadeza era um dos traços da sua personalidade, do seu, como ainda se costuma dizer, carácter. Só o seu silêncio, naquela confusão, me confundia.

Visionava-a muitas vezes como uma estátua serena, talvez uma esfinge deslocada no tempo, talvez uma testemunha de um acontecimento que nunca entraria nos anais da história mas que existira na realidade anónima do mundo. Muitas vezes os nossos olhares se cruzaram não dizendo nem exprimindo nada para poderem ser cúmplices. O silêncio era a melhor da nossa difusa comunicação. Havia um assentimento tácito, como dizer, uma amizade mais intuída por mim do que verbalmente assumida pelos dois, havia companhia e deferência. Pai e filha atordoavam a atmosfera circundante de vozes tão conspícuas que temi muitas vezes a manifestação crítica dos vizinhos. Mas aquelas paredes e aqueles soalhos não eram feitos de tijolo. Eu e a mãe estávamos ali para estar. Não há, penso eu, teatro, sem espectadores. Talvez esteja a ser injusto, ou pouco claro, para não dizer completamente obtuso, nestas observações anódinas, e por isso inócuas. Efusões são efusões, e serão sempre humanas. Havia uma alegria ali, bem em frente dos meus olhos, e eu não podia nem queria

resistir a essa alegria transbordante que só me fazia bem.

O Natal não tardou a chegar. Ceias festivas e prendas. Nada ofereci, porque nada possuía. Ou melhor, ofereci por interposta pessoa, minha mulher. Isto é, devolvíamos a quem nos dava. O importante não era de onde vinha o dinheiro, era o presente. Ofereceram-me, não sei quem, embora fosse a minha mulher quem me deu um beijo meigo, um sobretudo que não me envergonhasse diante do frio do inverno. Agrade-ci quase comovido, lembrando-me dos meus pais. Depois de já alguns meses de convívio, tive a primeira conversa, a sério, ou talvez não mais do que um esboço de conversa, dadas as circunstâncias, com a minha sogra. Meu sogro, sempre exuberante, sempre tonitruante, tocava ao piano canções natalícias acompanhado da única filha que tivera, como se revivessem uma infância perdida, um tempo que não foi bem aproveitado em manifestações de amor ou de carinho. Tentavam, pareceu-me, recuperar o tempo, refazê-lo, convocá-lo.

Minha sogra perguntava-me, na outra extremidade da sala, longe de tanta folia e ruído, nossos corpos pela primeira vez aconchegados no espaço do sofá:

– Meu pobre rapaz, como vão as coisas lá por casa?

Bebido como estava não consegui deslindar todas as repercussões dessa pergunta, embora tivesse adivinhado nela algo de indefinido, como se nenhuma palavra das proferidas significasse o que comumente essas palavras significam. Havia ali qualquer coisa a mais, que, não me passando despercebida, eu não consegui agregar numa explicitação compreensível. Todo eu, no estado de exultação em que me encontrava, era sentidos, muito pouca razão. Tentei responder com uma seriedade pertinente:

– Não podiam ir melhor. A gravidez, até agora, não tem causado problemas. Nunca a vi queixar-se. Sabe disso tão bem como eu.

Fiquei com a sensação que não tinha correspondido na sua plenitude à curiosidade da minha sogra. Com uns copos a mais expandia-me um pouco em estado de levitação, fora do pensamento, incapaz de abarcar completamente uma realidade que fosse detectável. E depois eu perdia-me com os meus olhos amorosos naquele par entretido numa bonomia senti-

mental, preso, mesmo se muito tenuemente, à presença da minha mulher. O tudo do que era estava ali, concentrado, sem qualquer ambiguidade.

– Ainda bem. Precisam de alguma coisa? Como está o quarto da criança?

– Qual criança?

Quebrei-lhe, com uma pergunta deveras atônita, a sua habitual serenidade. Devolveu-me, quase mimeticamente, um olhar atônito, apreensivo, talvez mesmo reprovador:

– Mas como, qual criança? A vossa, vejamos, a que a minha filha, a sua mulher, espera.

Compreendi.

– Sabe tão bem como eu. Está preparado, pronto para receber o convidado. Numa expectativa inexcedível. Mas tem que esperar. Abril é o mês do parto, do seu advento.

– Não brinque. Agora também se dá ao humor? Nunca o vi assim.

Acotovelou-me com um toque subtil que fez todo o meu corpo sentir um conforto benévolo. Éramos uma família, tocávamo-nos. Não fora a mesma coisa, aquele toque, como eram e tinham sido até então os beijos polidos que reciprocávamos todas as vezes que, em grupo, nos encontrávamos.

– E, por favor, trate-me por tu. Já é tempo.

Subitamente desvaneceram-se todas as efluências da diminuta embriaguez, fiquei sóbrio. Olhei-a bem nos olhos, perdi-me na cor indecifrável das íris, passando muito lentamente do azul para um verde percorrido de filamentos castanhos. Retorqui:

– Não o poderia fazer. A minha educação nunca mo permitiria. Lembre-se, não sou francês, por mais que gostasse de o ser. Os meus preconceitos culturais, infelizmente, são indeléveis. Fui ensinado assim, assim trato os meus pais. Confesso, ser-me-ia de todo impossível franquear essa barreira. Vejamos, você é a minha sogra, a mãe da minha mulher.

Ia dizer: não somos da mesma idade, da mesma geração. Ensinaaram-me a respeitar, através da língua, as pessoas mais velhas. Mas retive-me a tempo. Aquele rosto nunca seria velho, como não o era aos quarente e cinco anos, se fosse essa a sua idade. A velhice não é o contrário, o oposto da juventude.

Há corpos que transcendem a idade, era o que então, estupidamente, eu pensava.

Havia turbulência de vozes naquele salão, sons de piano mais ou menos bem tocado, mas eu senti, e gostaria de saber o que ela sentira, um silêncio triste que irrompeu entre nós, um silêncio quase monstruoso, inadmissível. Não houve resposta. O silêncio que se fizera, de uma intimidade incorruptível, era a resposta. Balbuciei, arrependido:

– Estou desolado.

– Não faz mal. Eu compreendo.

Não se levantou, como pensei que iria fazê-lo. Estaria zangada? Não se poder entrar na consciência dos outros, uma chatice! Só se pode julgar, pensar, sentir o que os outros sentem ou julgam ou pensam, por mimetismo. Como se houvesse uma comunidade subterrânea abraçando-nos todos numa língua comum, pelo facto de todos sermos humanos. Mas, e as diferenças, as, como se dizia então, singularidades?

Não se levantou. Permanecemos os dois, juntos, a observar com um sorriso nos lábios as palhaçadas do pai e da filha, ouvindo essas vozes, um pouco toldadas pelo vinho, derramarem-se em canções, umas que me eram totalmente desconhecidas, outras que eu podia reconhecer, de tão universais que eram. Vendo, a certa altura, que uma mão da minha mulher nos chamava, acenando, para nos juntarmos à alegria contagiante.

Rejeitámos a proposta com um abano da cabeça quase sincronizado, quase orquestrado. Não sei como, por um movimento sem dúvida involuntário, meu ou da minha sogra, ou de ambos, os nossos corpos uniram-se lateralmente com um profundo desprezo pelas fronteiras. Estaríamos, desse modo, a tratarmo-nos por tu? Não faço a mínima ideia.

## Capítulo 12

Os quatro meses seguintes decorreram numa pacífica exteriorização do tempo que antecedeu o parto. Minha mulher continuava os seus estudos apesar da barriga que crescia todos os dias numa expansão natural. Admirava-a profundamente, com raiva, em certos momentos, de não ser como ela, isto é, de não ser capaz de ter vontade ou desejo de vencer a minha preguiça, nem de ter coragem para enfrentar a realidade do mundo. Fiz menção, como prometera a mim e a ela, de procurar emprego, mas ela dissuadiu-me. Nem pensar nisso, tinha muito que fazer, não só tratar das coisas da casa, como de lhe fazer companhia, no apartamento, ouvindo música ou lendo, enquanto ela estudava as matérias finais do seu curso de arquitectura. Não poderia ter ficado mais contente. Livre do trabalho, dizia-me eu no silêncio da consciência vulnífica, livre da fadiga que se dissolvera no meu corpo em todos aqueles anos de aprendizagem. Alguns diriam, da vida. Nunca quis saber o que era ou como era a vida. Em casa, na sua ausência, ocupava-me dos afazeres domésticos, mas esses gestos perpetrados quase com um carinho que me espantava nada tinham a ver com a crueldade do trabalho como o conhecera. A música, conforme passava de um compartimento para o outro, adquiria tonalidades quase afectivas, ora límpida e acessível, ora distorcida e abafada pelas paredes que se interpunham entre mim e ela. Tinha a casa num brinco, se é que ainda se diz assim o assim do que pretendo dizer. Nem uma poeira sobre os móveis amorosos que eu acariciava com um pano eficiente, nem uma migalha ou um cotão no soalho passado a aspirador. Havia um zelo que surgira dentro de mim como uma flor que descobre a primavera, eu era, até certo ponto, útil, sem me pensar ou considerar um escravo da era contemporânea. Tudo o que desejava era dar à minha mulher o prazer de se sentir bem no ambiente que nos bafejava de saúde e de paz. Ela chegava a casa e não precisava de me perguntar o que eu havia feito. As coisas falavam por si e por mim. Um sorriso dela sabia-me a uma recompensa, fizera-a feliz, trazia-a ao colo como se fosse uma filha que se ama para lá de todas as possibilidades da língua em dizê-lo.

Falávamos muito. Estendidos na cama, o meu local favorito desde sempre, que ela adoptou sem reservas, grandes conversas atravessaram os limites da nossa condição humana, lembranças de infâncias e de adolescências, comparações de comportamentos, tentativas de confrontar o que fora com o que poderia ter sido. Nossas vidas, em lugares da terra tão diferentes, em sociedades tão avassaladoramente díspares, não tiveram quase nada de comum, a não ser o facto banal de termos convivido com um pai e uma mãe. Dispensávamos uma atenção a cada pormenor divulgado, como se a intenção que nos açambarcava consistisse em sugar o máximo das nossas memórias, e, por conseguinte, de nós mesmos. Era essa a nossa ilusão. Fins do dia extraordinários, a música desfilando baixinha, as luzes dos candeeiros, em pontos de uma ocasional estratégia embebida em acaso, oferecendo aos olhares de um e do outro o maravilhamento de haver qualquer coisa onde poderia não haver mais do que o nada. E o quente de mãos afáveis entregando-se a afagos quase inconscientes, como se a carne ousasse possuir também uma língua, mesmo se insonora, mesmo se não muito evidente.

Caí talvez na asneira de lhe contar o meu segredo. Se há verdade, disse-lhe a verdade. Que me tinha prometido a mim mesmo, antes de a conhecer, de não aceitar mais nenhum emprego como os que antecederam o de professor nessa escola de línguas estrangeiras. Mil vezes a morte, pelo suicídio, que a condição proletária. Fui ainda mais longe. Se não tivesse a coragem de o fazer, e não tive numa gorada tentativa mais encenada do que real, que o medo imbecil prospera onde mais nos toca a sobrevivência de que somos vítimas, sairia de casa para cometer os crimes mais nefandos que me enclausurassem numa cela até ao dia da minha morte. Não lhe vi no rosto ameno a imagem de um horror ou de um terror abismado em si mesmo, imaginei talvez que uma lágrima lhe surgiu inopinada no brilho dos seus olhos de avelã. Abraçou-me num apego maternal em que senti o outro lado da compreensão, uma compaixão apaixonada e cálida, o breve tumulto da aceitação. Sem ti, possivelmente, já estaria morto, sussurrei num comovido deslize da minha fala, e nesse deslize eu senti que tinha alcançado, sem no querer, o apogeu da minha humani-

dade indesculpável.

A domesticidade quase clássica em que vivia com ela, estes começos de noite abrigados dos ruídos e das metamorfoses da cidade que nos cercava, muitas das tardes em que o silêncio imperava para que os seus estudos tivessem algum proveito académico, era perturbada, de vez em quando, em noites aparentemente inocentes, pelos pesadelos mais drásticos que inundavam meu corpo num suor filtrado pelos milhões de poros que passajavam a minha pele. Mas não era de agora. Desde que chegara a Paris era acometido por estas irrupções claudicantes, o acordar súbito no meio da noite acompanhado de um salto que colocava o meu corpo num ângulo recto, arfando como se tivesse ascendido das profundezas de um espaço talvez aquático, procurando a todo o custo respirar o oxigénio da atmosfera que transporta em si a possibilidade de vida. Ficava interdito, espantado, olhando quase esgazeado para o tecto lacunar da lucarna, e agora, para o pequeno candelabro que raramente cerceava de luz o quarto em que dormia com a minha mulher. Pesadelos impossíveis de ser descritos ou revividos, porque deles não sobravam uma cena ou uma imagem, um acontecimento disparatado, uma breve suspeição do que fora. Pesadelos sem fundo, negríssimos, estáticos, mudos, de um sem sentido que nem se poderia chamar de irreal. Ela dormia ao meu lado e não dava por nada. Eu sentia florescendo na minha consciência esse nada, essa impressão ignóbil, esse delírio concutido por uma ausência, ou melhor, pela mais icástica e absurda inexistência.

Acordava com a sensação de que era perseguido pelas forças da ordem, pela justiça dos homens, pela lei, com a impressão deplorável de que algures tinha cometido um crime hediondo, um crime de sangue, de morte. Eu era um assassino. Procuravam-me. Reclinado sobre a cama, aturdido, meditava, tentava elaborar teorias que explicassem o fenómeno. Que significado dar a esses intempestivos pesadelos? Pensava, será que existe a transmigração das almas e eu cometi numa outra vida, num outro mundo, um crime terrível? Um assassinato? E era agora sobressaltado pelo fantasma dessa acção trágica? Era uma hipótese que me deixava céptico, pois não acreditava em outros mundos e muito menos em transmi-

grações, para não dizer já em almas. Um grande silêncio cintilava diante de mim como se algo quisesse ser sentido, vir à tona, mas o quê?

Procurava, procurava, perdido na injunção da memória jussiva, entre lençóis que não acalentavam nenhuma resposta para as perguntas formuladas, incapaz de compreender o que me sucedia. Porém, qualquer coisa sem um horizonte definido esbracejava para aparecer, qualquer coisa que tinha que ver com a ideia um pouco abstrusa de fronteira, mas que fronteira? Será que os pesadelos tinham que ver com a minha vinda para Paris, com a minha fuga, com o abandono da pátria, da terra dos meus pais? Como se, e era sempre a conclusão a que chegava, ao atravessar uma linha simbólica que nenhum mapa era capaz de caucionar, por mais perfeito que fosse, eu me tivesse assassinado, despido da minha pele e do meu passado, despojado da minha origem, para poder, com um passo aparentemente libertador, atingir uma outra realidade mais propícia ao verdadeiro nascimento. Mas como, se eu nunca quisera nascer? Para quê viver as dores de mais um parto, se o desejo impoluto que me abraçava, que sempre me abraçou desde os quinze anos, ao ponto de acusar os meus pais de me terem trazido ao mundo, era o de nunca ter vindo a existir? Seria por ter pensado que numa outra terra, trilhada por outra gente, eu poderia ser mais viável? Fingir que havia uma humanidade nos meus passos e na minha experiência?

Teria pois ficado em mim, no que muitos chamam o recesso, outros acme, outros ainda imo, palavras que nunca soube compreender, o rasto e o resto de quem fora, como um pesadelo que não renunciava a deixar de ser elo, a subsistir como um ferrete, uma cadeia, a marca improfícua de um delito tolhando certas noites a inteligência do meu inconsciente? Seria para sempre mais do que um, como os dias nunca são os mesmos, sendo contudo tempo? Teria que trazer comigo, doravante, um morto?

Muitas vezes adormecia embalado pela prossecução de perguntas desavindas, outras vezes a insónia fazia-me ver a escuridão como uma tela onde monstruosidades do pensamento e da sensibilidade se entrelaçavam numa dança feroz, fatídica, insuportável. A ideia de destino, que me repugnava,

era então uma realidade. Mas a tragédia do sentimento pouco a pouco transformava-se num drama, e esse drama advinha uma comédia de risos e de remosques devastadores.

Nessa noite, embora banhado na escuridão do quarto, virado para a minha mulher, ouvia-a respirar com um ritmo certo, benfazejo, tranquilo. Pus-lhe uma mão imponderável e tremebunda sobre o ventre, senti-lhe o bojo, o calor. Invejei a criança que estava lá dentro, boiando. Tomara ser eu essa criança, e lá ficar para sempre.

## Capítulo 13

Em Abril nasceu-me um filho. Vi a minha mulher, no hospital em que veio dar à luz, reclinada na cama do seu quarto privado, oferecer ao nosso filho o seu peito inchado, regurgitando de leite. Vi um bebé franzino e ligeiramente roxo sugar nos mamilos com uma sofreguidão que me deixou perplexo. Era assim tão profundo o desejo, mesmo se meramente biológico, de viver? Saciado, os olhos fechados, borrifava-se, penso eu, para o mundo e para quem vivia nele. Quando fui instado a pegar no seu frágil corpo senti um temor repentino. E se me caísse dos braços? Não sejas tonto, incitava-me a minha mulher. Tem só cuidado com a cabeça. Tive cuidado, peguei nele, nesses dois quilos e tal adormecidos, e não senti nada. Nem alegria nem tristeza. O mal estava feito. Que fazer com o mal?, era a pergunta que sempre me obcecou desde muito novo. Senti apenas o odor esquisito de uma carne recente, nova, ainda tumultuando do sigilo de um ventre protector. Mas sorri, tentando não denunciar pelo meu rosto qualquer verdade que pudesse ferir minha mulher. Desejei de todo o meu coração, como se costuma dizer, que o meu filho não fosse nunca carne para o canhão, mesmo que o pensamento desse putativo privilégio fosse uma injustiça gritante perante a sorte dos outros. Que não tivesse que sofrer os desígnios da crueldade dos homens e das nações. Da insânia que varria e solejava as sociedades apoiadas em hierarquias e escalas, em interesses tantas vezes fictícios justificando simplesmente a arbitrariedade da natureza dita humana. Das guerras e das pestes, do sofrimento trazido pela doença. Nada mais poderia desejar. Sabia, como um agulhão torturando a minha carne, que uma vez nascido teria que viver, muitos ou poucos anos, e depois, como todos os da sua espécie, animais fadados para um fim, morrer.

Dois meses depois já a minha mulher retomava os estudos, deixando ao meu cuidado a criança. O leite teria de ser do biberão, em doses precisas. Dado a horas certas, noite e dia. Era eu que me levantava durante a noite, de três em três horas, atordoado de sono, para saciar uma fome assinalada pelos choros que me soavam como avisos indefectíveis e angustian-

tes. Resolvi dormir na cama de solteiro do quarto onde ficava o berço. Mesmo ao seu lado. O choro seria muitos mais fácil de ser detectado.

Alimentar o bebé, mudar-lhe as fraldas e dar-lhe banho todos os dias seria pois as tarefas fundamentais que me ocupariam os meses seguintes. Não quero gabar-me, mas eu devo ter sido um dos primeiros pais a usar num filho fraldas descartáveis. A última moda. Tinha-as às dúzias, trazidas pelo zelo da minha sogra. Ao princípio limitava-me a limpar-lhe com uma toalha húmida e levemente aquecida o seu escroto enrugado, o seu ânus por vezes flatulento, regiões eminentemente conspurcadas pelo cocó e pelo chichi, depois as pregas de uma pele tão sensível que me obrigava a polvilhá-la de um pó de talco cheiroso.

Habituei-me, com a ajuda maternal da minha sogra, a dar-lhe banho numa banheira de plástico, a água tépida, passando-lhe com a mão direita um sabonete pelo corpo que se enchia de refegos, com a esquerda sustentando a sua cabeça sombreada de um cabelo incoativo. Era um prazer. A pele do seu corpo perdera o avermelhado com que viera ao mundo, todos os dias assumia uma brancura indelével.

Andava nestas andanças da paternidade responsável quando um dia a minha sogra, então visita quase quotidiana, a pedido da filha, me informara de que houvera um «push» militar no meu país, segundo as notícias que a televisão transmitira nessa manhã. Não saía do apartamento, ou quase, desde que o bebé nascera. Ele tomava todo do meu tempo. Dias depois telefona-me um amigo, dos poucos a quem dera o número de telefone, sabendo que minha mulher sempre evitara, desde que nos conhecêramos, o contacto com os meus conterrâneos, instando-me a ver a televisão. Não tínhamos televisão. A sua voz exultava de uma excitação patética, a felicidade andava muito perto dali, quase berrava:

– É pá, um espectáculo. O primeiro de Maio, milhares de pessoas nas ruas, estou a ver os desfiles, é impressionante. Veio toda a gente para a rua. Só bandeiras, só cravos, só risos estampados nos rostos das pessoas. Um acontecimento histórico. O povo é quem mais ordena. O povo é quem mais ordena, vociferava, transbordante de entusiasmo.

– Ordena o quê?, quis saber, deveras curioso.

– Ordena o quê? Ó pá, é a revolução. A revolução. O fim da ditadura. Dá um salto cá por casa. É um espectáculo! Um espectáculo, é o que te digo.

– Não posso. Tenho a criança para cuidar. Mas depois contas-me.

Era a minha vez de telefonar. A um amigo anarquista ou situacionista, não me lembro muito bem.

– Revolução? Mas tu estás maluco, estás parvo? Quem te disse tal desconchavo? É apenas uma mudança de regime. A velha democracia, como aqui. Como aqui, no melhor dos casos. Lá na terrinha tudo é possível, até não saberem o que é ser-se democrata. Com tantos esfomeados, vai ser um faltar vilanagem. É tudo o que o capital tem para nos oferecer. Negociatas e corrupção. Ou melhor, para utilizar a linguagem em que ele prospera, liberdade e justiça. Deixa-me rir!

Depois daquela informação, entre uma revolução que não era e uma mudança de regime que poderia não ser, pesaroso dirigi-me ao quarto do meu filho. Ele dormia. Vi a sua carita indiferente ao que fosse mundo, as pálpebras cerradas, penugentas, entregue ao acaso. Cheirei-o com a antecipação de sentir um prazer naquele odor a novo. Não ousara, há mais de vinte dias, pôr alguma música na aparelhagem. Mas o sacrifício era bom. Restavam-me os livros. Não lia jornais. Nunca li, que me recorde, mas posso estar enganado, jornais. Via-os nos quiosques, expostos aos olhares curiosos das gentes que passavam, vendidos a quem pensava que havia notícias, factos a serem relatados. Tudo o que sabia do tumulto dos dias e da sua intraduzível história ouvira-o a viva voz. Dos amigos, dos conhecidos, e até de alguns desconhecidos. A imprensa nunca me impressionara. Sempre desconfiei, talvez estupidamente, que nela houvesse alguma verdade.

Havia verdade nos livros que lia? Claro que não. Mas gente que se responsabilizava pelo que escrevia. Havia um autor, no melhor dos casos, porque as excepções eram legião, que não estava acorrentado à necessidade de transmitir uma verdade, fosse num tratado filosófico, num ensaio, num romance, num livro de poemas. Não se estava diante de meras ou avisadas opiniões ou de pareceres. Lendo-os, a esses livros,

podíamos, se quiséssemos, dialogar, travar uma conversa, entabular uma discussão. Concordar ou discordar. Nos livros que lia não se perscrutavam ostensivamente ilusões ou ideias de factos, de acontecimentos, de história. Os livros eram eles mesmos os acontecimentos e a sua história. Não davam a conhecer nada, antes procuravam conhecer-se a si próprios.

Quatro meses depois, mais coisa menos coisa, o calor apertando dentro do apartamento, passeava com o meu filho instalado no seu carrinho de bebé. Julho era uma constatação que não se podia evitar. Nunca me atrevi a levá-lo ao café encharcado em fumo. Não senti a necessidade de o apresentar aos meus amigos. Enfiava-me pelo Jardim do Luxemburgo, onde as árvores tentavam talvez testemunhar, solitárias embora naquele recinto, a realidade de bosques e de florestas noutros lugares da paisagem campestre. Sentava-me em bancos protegidos do sol pela folhagem farfalhuda, atraindo os olhares de muitas das mulheres que passavam em diminutos périclos do lazer. Mas nunca me afastava muito do nosso apartamento. A higiene do bebé, se não era um imperativo completamente categórico, tornara-se para mim quase uma obsessão. A limpeza, depois de todos aqueles meses entregues às tarefas domésticas, transformara-se quase numa segunda natureza, no caso, ainda por provar, de que existe uma primeira. O cheiro de um cocó ultrapassava de todo os meus sentidos para coincidir com as batidas de um relógio imaginário. Partia para casa quase em corrida, como se fosse perigoso deixar as fezes e a urina incomodar as partes mais sensíveis do indefeso corpo do meu filho. A preocupação instalara-se em mim como um dever.

Mas entretanto gozava a paternidade com um alívio da consciência. Outras crianças, um pouco mais velhas, passado o estágio da infantilidade mais primitiva, vasculhavam em brincadeiras ou em explorações tateantes os arredores do seu mundo, sempre protegidas pelos olhares cuidadosamente maternos. Algumas vezes, algumas dessas crianças, curiosas, vinham até mim com um sorriso de dentes de leite, muitas vezes ainda cambaleando nas suas perninhas frágeis, procurando um contacto ou uma conversa. Limitava-me a sorrir, ou, às vezes, sentindo-me quase obrigado, a mostrar-lhes o rosto do

meu filho. Olhos de mãe inculcavam em mim o sentimento de que também eu era, em certo sentido, uma mãe, embora não fosse uma mulher. Se me lembro bem, Nietzsche não dissera outra coisa sobre o que ele pensava que eram os criadores, os artistas. Algumas vezes, o que me consternava um pouco, eram as próprias mães que se dirigiam a mim perguntando-me se o que levava ou trazia no carrinho era um menino ou uma menina. Lá tinha que lhes responder, educado, elucidando-as do sexo que calhara ao meu descendente.

Depressa se chegou à conclusão, no seio da família, que seria bom eu deixar a criança na casa dos meus sogros, de manhã ou de tarde, consoante as possibilidades e as necessidades. Não só para a minha sogra gozar da presença do neto, como também para eu repousar de todos os cuidados que tinha que prodigalizar no contacto diário e permanente com a criança. Não foi má a ideia. Acabados os trabalhos domésticos, que se resumiam quase a nada, pois três pessoas não fazem uma multidão, como muita gente pensa, entregue o miúdo à minha sogra, depois de uma viagem de meia-hora, o dia era meu. Isto é, eu era livre de ir ao café, eu já podia, como tantas vezes o fiz, pôr os pés nesse lugar de encontros e de convívio com amigos e conhecidos. E fui. Constatando, para minha surpresa, que tudo mudara. A maioria dos portugueses tinha debandado. Regressado ao país. O povo é quem mais ordena, sem dúvida. Aquela hora do dia não vi vivalma. Sentei-me cabisbaixo e pedi um café. A fauna, sem a presença dos emigrados e dos exilados, sofrera uma transformação nítida. Primeiro que tudo, já não havia aquele barulho marulhando como um pano de fundo sonoro, a calmaria tinha-se instalado. Via-se ainda os «pés negros» que abundavam também nesse café que até me apetece apodar de mítico, se não fosse o ridículo dessa pretensão, e alguns jugoslavos. Descoçoado virei-me para o balcão, lá ao fundo, tentando divisar uma silhueta familiar. Nada. O empregado percebeu a minha confusão. Só mais à noite, depois do trabalho, disse-me, como se lesse o meu pensamento. E poucos. Compreendi. Ficaram os que se tinham casado. Ou aqueles que, sopesando friamente os prós e os contras, acharam por bem permanecerem no país que os acolhera, pois possuíam bons empregos que

difícilmente encontrariam ou lhes estariam disponíveis na mediocridade pátria. Ou também aqueles que estudavam e estariam no meio de um curso que lhes permitiria, mais tarde, regressar ao país, se quisessem, usufruindo de uma, como dizer, mais-valia baseada no prestígio das universidades francesas. Bebido o café, não saí. A ausência de alguns meses exigia-me uma lealdade, uma fidelidade aos lugares da peregrinação onde, dado o convívio e o calor da amizade, evitei o horror ingente da queda e a negatividade da perdição. Não estava completamente sozinho. Imagens de um tempo revoluto tartamudeavam ainda experiências.

## Capítulo 14

Aproximava-se Agosto e eu desconhecia de todo quais os planos para as férias. Se iríamos ou não para a Bretanha, como era costume da família. Minha mulher, devido aos estudos do último ano do curso, parecia não estar muito disposta a abandonar Paris. O facto de ter tido a criança obrigara-a a deixar uma ou duas disciplinas para Setembro, ou a completar projectos que teria de apresentar, e não seria junto ao mar, gozando de banhos de sol, que resolveria o problema. Quanto a mim, era-me indiferente partir ou ficar. O que queria era estar com ela. Minha permanente inspiração. Meu oásis de uma beatitude que há muito não experimentava. Sempre bem disposta, sempre sorridente, sempre aprazível, incapaz de uma discussão sobre qualquer pormenor que a pudesse levar a um reparo ou a um assomo de irritação. Feliz por me ter a mim tratando do filho, segura de que eu estava a fazer um bom trabalho. O filho, quando ela chegava a casa, umas vezes cedo, outras vezes tarde, quase que me substituíra nos seus afagos e nos seus carinhos. Naquele clima de paz e de concórdia havia um pequeno senão. Desde que nascera a criança a nossa vida sexual tinha terminado. Compreendi, ou tentei compreender, as suas possíveis razões. Ainda não estava refeita do parto, o seu corpo modificara-se com a gravidez, ficando, pensava ela, um pouco deformado. Só desejava que tudo regressasse ao normal, dizia-me. Que eu lhe desse um tempo. E ainda por cima havia a considerar o cansaço com que chegava a casa, depois de um dia de aulas ou de estudo com os colegas do curso.

– Meu pobre rapaz, como vão as coisas lá por casa?

De tantas vezes repetida a mesma pergunta, já não ligava muito à curiosidade da minha sogra. Tomava-a como a exteriorização de uma polidez ou de uma gentileza, tão próprias dos franceses e da sua apregoada civilidade decorrente, pensavam muitos deles, da civilização que também lhes era própria. Mas desta vez, talvez demasiado preocupado com o que estava a suceder em nossa casa, entre mim e a sua filha, entre mim e a minha mulher, perante aquela pergunta em si gratuita, não consegui deixar de lhe transmitir um desabafo claudi-

cante, temeroso até:

– Bom, algo me inquieta. Nem sei se lhe deva dizer o que me aflige, pois é do foro da nossa intimidade. É um assunto, como dizer, um pouco delicado.

– Eu sou a mãe da sua mulher. Vejamos, conheço-a como mais ninguém. A quem poderá desabafar o que lhe vai na alma, senão a mim? A um amigo? A uma amiga? Intimidades não são acontecimentos ou assuntos para serem divulgados fora da família, tem que concordar.

Senti que havia nessas palavras um raciocínio sólido, uma argumentação susceptível de me fazer falar. Falei.

– Desde que teve o filho, já lá vão quatro meses, que não temos, como dizer, nenhum tipo de relação sexual. Confesso que não sei se isso é normal ou não, passado já tanto tempo do parto. Não me queixo por mim, como se estivesse a denunciar uma privação, mas temo por ela. Ela dá-me razões plausíveis, congruentes, para o facto, mas mesmo assim não estou completamente seguro do que se está a passar.

– Quer a verdade?

Olhei-a nos olhos e vi no seu rosto uma tábua de salvação. Ouvi a sua voz e percebi uma quase tremura, não a confirmação serena de uma ninharia que me seria revelada.

– Por favor.

– Em Maio de 68 a minha filha foi violada por dois ou três polícias da guarda de choque. Ficou de tal maneira ferida que teve de ir ao hospital. Os médicos examinaram-na e chegaram à conclusão de que seria possível, dada a brutalidade com que fora agredida, que não pudesse ter filhos, de tal maneira os seus órgãos genitais ficaram danificados com a agressão. Do ponto de vista físico, com o tempo, sarou-se. Deixou de sentir dores, a recuperação fez-se. Do ponto de vista psíquico a sua vida mudou radicalmente. Minha filha transformou-se numa mulher errática, imprevisível, procurando não sei o quê, perdida em depressões seguidas de exuberâncias extrovertidas. Um desequilíbrio que nos devastou, devo dizê-lo, a mim e ao seu pai. Era fácil adivinhar o porquê desse desequilíbrio, dessas atitudes tão atípicas. A ideia de não poder engravidar estigmatizou-a de uma maneira que nos era compreensível. Fizemos tudo para a resguardar dessas apreensões. Sem grande

sucesso, confesso. Medicou-se junto dos vários psiquiatras que consultámos, mas os efeitos dos tratamentos não eram detectáveis ou visíveis. Pensámos, perdemos a nossa filha. Não se tinha transformado numa louca, mas havia actos por ela praticados que mereciam quase justificar um julgamento desse género. Efeito mais gravoso: Ela, que tinha sido sempre uma boa menina, mimada, é certo, por nós, abandonou-se a namoros precários e duvidosos, a aventuras que nós não censurávamos para não a ferir, mas que lamentávamos. A sua vida sexual era uma autêntica obsessão. De três em três meses, ou coisa parecida, mudava de namorado como se não ousasse mais possuir uma vida afectiva, como acontece a uma qualquer pessoa que deseja estabilidade nos seus sentimentos. Como disse, não a julgávamos. Para nós, com todo o pesar que implica dizê-lo, era uma doente. Não sabíamos o que fazer. Consultámos, sem o seu conhecimento, um psiquiatra amigo do meu marido. Contámos-lhe a história, as suas etapas e as suas evoluções. A atitude que parecia ter-se apoderado dela, o seu comportamento. O seu prognóstico, para dizer a verdade, deixou-nos perplexos. Ou ela procurava nos seus diversos parceiros reconstituir a brutalidade a que fora sujeita, caso que não é tão raro como isso, ou nada mais fazia do que pôr à prova a impossibilidade remota, mas plausível, de engravidar, engravidando, isto é, curando-se do mal.

Uma humidade tinha-se infiltrado nos meus olhos, as lágrimas fluíam com uma demora inexplicável, muito lentamente. Levantou-se e foi buscar, apressadamente, um lenço. Parecia chocada, ou abalada, com a minha reacção. É-me difícil, passado tanto tempo desta conversa que tivemos, poder dizer em que estaria eu a reflectir, ou se mesmo reflectia em alguma coisa. Lembro-me apenas que uma certa intimação da morte, ou uma coisa muito parecida, enclausurou meu corpo e a minha consciência num estado, não comatoso, mas de inanição, como se por interposta pessoa eu tivesse morrido, ou estivesse morto. Notei nos olhos da minha sogra, para não dizer na sua expressão, qualquer coisa como uma similitude ao que eu estava a sentir. Aquela verdade fez-me mal.

— Mas ela teve a felicidade de o encontrar. Engravidou. Está muito melhor, comparando com o seu comportamento dos

anos transactos. Amainou, se posso dizer assim. Retomou a alegria que lhe era tão peculiar antes do acidente. Daí também a nossa felicidade quando ela nos contou que conhecera um rapaz, que namorava esse rapaz há já alguns meses, e que lhe parecia que estava grávida. Fomos a um ginecologista, a sua suspeita confirmou-se. Ia ser mãe. Quando a interpelámos sobre esse rapaz que conhecera, foi directa ao assunto. Era um estrangeiro, não tinha nenhuns estudos, ou poucos, nenhum diploma, enfim, tratava-se de alguém que por razões políticas se tinha exilado. Mas não era um imbecil ou um ignorante, frisou. Antes um autodidacta. Não nos importámos com isso. Só queríamos o seu bem. Que o seu passado, tão traumático, com sequelas tão graves, desaparecesse definitivamente. Mas, como vê, o seu comportamento de agora só demonstra que nada se esquece completamente, há sempre uma cicatriz, boa ou má, que fica escondida no nosso inconsciente. Mas a gravidez, como viu, decorreu de uma maneira que até a mim me surpreendeu. Nunca pensei ser possível que o seu corpo reagisse tão bem. Melhor do que o meu, quando engravidei dela. Verá que tudo vai regressar ao normal, seja paciente, dê-lhe algum tempo. Sabe-se lá o que vai naquela cabeça. E depois, você tem sido um marido extraordinário, dedicadíssimo. Comentamos isso muitas vezes, eu e o meu marido. No fim de contas, ela teve muita sorte de o encontrar. E o vosso miúdo é saudável, vai crescendo, aparentemente sem mazelas. Um pouco de paciência, é o que lhe peço. É o que lhe peço.

Saí do apartamento dos meus sogros imbuído de uma tal paciência que nela encontrei um pouco de paz. Dirigi os meus passos para algum lado, em alguma direcção, impossível hoje de me lembrar. Hoje, a memória falível que retenho dessa conversa e dos momentos que se lhe seguiram não possui nem um espaço nem um tempo. Ficou-me desses instantes uma sensação dispersa, difusa, de um isolamento que nada tinha a ver com a solidão humana, como se em mim se perfilasse alguém vivendo, ou parecendo viver, o que não é a mesma coisa, sem um redor minimamente real. Não era o mundo o que me rodeava, ou as coisas de todos os dias que nos cercam, eram as palavras que ouvira que quase me substituíam numa dimensão que talvez até então me fosse desco-

nhecida.

Senti uma pena intransponível, uma outra face da piedade. Tentei conceptualizar fisicamente o que deveria ter sido aquele episódio na vida da minha mulher, tentei sentir a dor na sua manifestação mais absoluta, não o consegui, é claro, mas um choro brando fez tremer todo o meu corpo, não havia lágrimas que conseguissem limpar ou apagar o sentimento de culpa que me rasgou. O mundo, ou viver, não nos poupava. Estupidamente, pelo inesperado da visão, vieram-me aos olhos algumas imagens de reportagens que vira na televisão dos meus sogros, dessa África dizimada pela fome, dessas mulheres caídas por terra, esventradas nos filhos que se perdiam, moribundos, nos seus braços impotentes, desses seios achata-dos e destituídos de qualquer leite, desses olhos percorridos de moscas e, muito possivelmente, de infecções que ultrapassavam ou destruíam qualquer ideia que se possa ou se pudes-se fazer do humano. Da ilusão triste de que há humanidade na humanidade. Só há guerras, conflitos, estupros, violências inqualificáveis, misérias desprovidas de uma razão ou de uma justificação. Verdade que se pode sugerir, como contraponto importante, a existência do amor, mas o amor não é um privilégio, uma injustiça quase obscena face ao sofrimento que pervaga nas sociedades e no mundo? Um egoísmo, uma preservação egoísta? Verdade que os homens são capazes de tudo. Do bem como do mal. Espartilhados em contradições complexas, em inexplicáveis impulsos, não passam de vítimas das circunstâncias e do acaso. Meu sofrimento tão pessoal, perante o que ouvi sobre o que sucedeu à minha mulher, perante o que testemunhei de populações inteiras espalhadas pelo planeta, não era nada, por mais que o meu corpo e sua consciência se insurgissem contra o mal.

Daí em diante, quando, com os amigos que permaneceram em Paris, se falava do mundo, senti sempre que o meu mundo tinha mudado, não era mais o Ocidente capitalista, as sociedades capitalistas, que púnhamos em questão criticando severamente as suas práticas, as suas estratégias e as suas táticas, mas outros territórios da natureza humana. Mundos capitalizados, para oferecerem um mínimo de conforto aos seus escravos, mantendo-os distraídos e alienados, destruíam com-

pletamente, invariavelmente, a condição humana daqueles que pareciam nossos semelhantes. Não havia pois só senhores e escravos. Havia também fantasmas. Estranhas sombras, aparências de uma humanidade que não existia. Que, muito possivelmente, no recesso mais íntimo que nos inundava de vozes e de ecos, nunca existira.

Esse dia, sinto-o agora, fora uma perda ou uma perdição. Não sei de quê, ou de quem. Uma distância afastando-me cada vez mais da ilusão, do sonho de um outro mundo capaz de conter a variedade e a diversidade, a beleza de contrastes na experiência de uma vivência compartilhada e na disponibilidade da aceitação. Seres da terra, nada mais éramos do que terra. Tudo o mais era pretensão ou engano. Ficções.

Os interesses imperavam.

## Capítulo 15

O olhar que lançava agora sobre a minha mulher não era o mesmo. A duplicidade instalara-se inevitável como um epifenómeno de um acontecimento que nunca fora real, a relação amorosa desdobrava-se em alegria e em dor, havia agora uma antecâmara dentro de mim, uma dupla percepção que eu procurava esquecer, rasurar e esconder dela, mas que, infelizmente, permanecia dentro de mim como uma ferida aberta, incicatrizável. Não lhe dizer que sabia o que sabia era visto por mim como um crime imperdoável. Mas dizer-lhe que tomara conhecimento do que ela não me dissera, não me quisesse dizer, parecia-me ainda mais imperdoável. Abominável. Era a voz, agora, que substituíra, até certo ponto, o meu olhar. Nonadas eram proferidas como se houvesse nelas uma importância capital, o que fizera durante o dia, com e sem a criança, o que ela fizera na universidade, com quem e porquê. Banalidades que traziam nelas um enriquecimento extraordinário, a comunicação fazia-se, mesmo quando nada havia a comunicar. Mas havia sempre qualquer coisa a comunicar. Uma ideia, um pensamento, uma experiência, um evento. É essa a salvação dos casais, ou de quase todos os casais. O tempo tem que ser preenchido, a vida é uma efabulação sem mistério.

Não posso dizer, por medo de mentir, que estava ainda apaixonado por ela. Nem nunca poderei saber, já agora, e depois das revelações da minha sogra, se ela se apaixonou verdadeiramente por mim. O seu interesse era, ou fora, engravidar, não apaixonar-se por um qualquer desconhecido vivendo num pequeno quarto amansardado de um prédio. Não me importava, mas de maneira nenhuma, com isso. Eu apaixonara-me, isso é que era importante. Vivera uma experiência involvidável, daquelas que, por mais que digam o contrário, e muita gente o diz, não se repete mais. Não se nasce duas vezes, não se morre duas vezes. Mudamos como muda a direcção do vento, mas não encontramos duas vezes, como diria o filósofo que me inebriava de companhia por essa altura, agora transformando a imagem do ar na imagem da água, o mesmo rio para nele nos podermos banhar quando nos apetece. Isso é que era bom. A segunda oportunidade é sempre segunda, se-

cundária, a réplica de uma primeira vez. Essa vez, era a minha convicção, se ainda se pode falar de convicções hoje em dia, foge de todo às vicissitudes do tempo como é vivido pelos seres humanos. Era o que então pensava, quando pensava que ainda possuía a faculdade de pensar.

Mas o meu amor continuava inquebrantável, indelével, uma presença que só me fazia bem. Passara tantos anos a odiar a minha condição humana, os acontecimentos em que me vira envolvido, o sofrimento que me feria com uma intensidade sem limites. A dor tinha-me sido tão familiar que eu pude conviver com ela como um hábito, ou um vício. Agora, naquele apartamento, entre duas criaturas, eu sentia-me protegido, num casulo tecido possivelmente de nada, mas de nada que me eram preciosos e vitais. Estava vivo, gozava de uma saúde invejável, tinha que comer e que beber, agasalhos onde me escudar das intempéries citadinas, e não tinha, essa era a primazia e a condição da minha mais íntima felicidade, que trabalhar. Que mais podia eu querer?

Desejaria nunca ter encontrado, num dos seus sacos esquecidos ou trocados por outro, ao acaso, quando procurava arrumar o apartamento, uma caixa de pílulas contraceptivas já encetada, quase na sua metade. Minha mulher enganava-me, foi a única coisa que me veio à cabeça, que pude pensar. Para quê as pílulas se não tínhamos relações sexuais? Minha mulher enganava-me. Fui ao quarto do meu filho, um pouco automaticamente, e vi-o a gozar a manhã perdido numa sonolência sadia, quase insonora. Minha missão tinha acabado, pensei. Graças a mim a minha mulher soube que não era estéril. E que podia novamente engravidar. Por que não engravidou em todos esses anos, se a sua vida, segundo a mãe, fora errática?

Senti, no fogo da descoberta, inopinadamente, que fora explorado. Que mais uma vez tinha sido explorado. Fiquei confuso, não o nego. Tentei rever todos esses meses do verão do ano precedente, mas o estupor em que caí foi de tal grau que não consegui arquivar um período, uma época, um caminho. Balançava em imagens deliquescentes, ouvia vozes que talvez não tivessem existido, conversas adjacentes retiniam aos meus ouvidos como se a realidade não fosse susceptí-

vel de alcançar uma existência. Não compreendia. Não compreendi o que se passava comigo, nem o que se passara na minha vida. Verdade, ela era livre. Podia fazer o que lhe apetecesse. Quem era eu para lhe impor um domínio, uma dominação?

Se casámos foi porque ela o quis. Ou os seus pais. Mas por quê, ou para quê? A ideia ou a necessidade não partiu de mim. Casar ou não casar era-me de todo indiferente. Procriar nunca esteve nos meus planos, pelo menos desde que tinha descoberto a armadilha do que se chamava vida. Sentado na borda da cama meditava em tudo isso, e muito mais, que agora esqueço ou já se me escapou há muito. O que havia de mim instilado pelo mundo, pela sociedade onde nascera, ciciava-me quase apocalipticamente, como uma vergonha infanda: És um cornudo. Levantei-me e fui resoluto ao quarto de banho. Abri a luz e olhei-me ao espelho. Não vi nenhuns cornos na minha testa, só vi que o cabelo me começava a ficar ralo. Não era nenhum cornudo. O que era então? A resposta foi evidente: Um homem. Apenas um homem.

Nessa noite, o miúdo já em casa, que o fora buscar ao apartamento dos meus sogros, ao dar um beijo conciso à minha mulher, ao sentir a humidade cálida dos seus lábios, soube dolorosamente que ainda a amava. Que não podia viver sem ela. Que uma bóia de salvação não pode ser dispensada de ânimo leve. Ao afastar-me, para atender a outras ocupações, como deitar um olho sobre o arroz de chorizo de que ela tanto gostava, e o único prato que me consentia cozinhar, para lá de umas omeletes muito simples, sorria. Ela apercebeu-se desse sorriso, e enquanto se desfazia da parafernália que sempre a acompanhava, colocando toda aquela carga sobre uma cadeira providencial, sorriu também, dizendo-me com uma voz cediça, estás contente. Que se passa? Nada, nada, foi a menos que resposta. Já te conheço. O que se passa? Menti. Falei-lhe de um encontro com uma das mães que costumava frequentar o Jardim do Luxemburgo, da conversa que tivemos, do facto, um pouco bizarro, de ela me tratar, não como um homem, mas como uma mulher, uma sua amiga, sei lá, uma parente, uma irmã. Como se eu, vê lá, tivesse mudado de sexo. O que pode acontecer às pessoas, rematei esse ata-

que de falsidade com um sorriso sincero. Ou, se ainda me recordo, com a verdade de uma outra ocasião num outro dia, recentemente passado. Não confio muito nessas mães, replicou-me um tudo nada pensativa. Talvez, quem sabe, ciumentata. Nunca se sabe!

Amesendados, saboreando o arroz que me fizera célebre entre os amigos que comungavam comigo a miséria estrangeira, em apartamentos diminutos ou em quartos mais ou menos arejados, acompanhando o picante do chorizo que se disseminara pelo arroz com um vinho francês e uma ou duas azeitonas gregas, ouvi-a dizer:

– Importas-te se os meus pais levarem o nosso filho de férias? Foi uma sugestão deles. Ficaríamos mais libertos. Eu com os meus afazeres, tu mais disponível para conversares com os teus amigos, mas não com as tuas amiguinhas, meu malandro! E para ouvires música quando te apetecesse. Que dizes? Paris em Agosto é insuportável de calor. Faria bem à criança, não achas? Pensa nisso para que eu possa dizer alguma coisa à minha mãe.

Não me importava. A ideia era boa. Pensei até falar-lhe da intenção que me passara pela cabeça de ir visitar os meus pais. Mas calei-me. Depois do que descobri, se descobri alguma coisa, era preferível não levar comigo uma suspeita ao lar dos meus pais. O futuro não é de ninguém, e não me agradava ter que os acabrunhar com tristezas ou falsas esperanças.

A criança foi de férias. Agosto impunha-se como um mês indisfarçável, mas não se assemelhava em nada aos Agostos precedentes. Quero dizer, a percepção que dele recolhi não foi a mesma. Em muitos desses meses trabalhei como se nada estivesse a acontecer na mecânica das convenções e dos direitos sociais. Férias de verão não tinham sido a minha fortuna ou a minha especialidade. Apercebia-me do gozo dos outros, da sua existência privilegiadamente irresponsável, quando regressava, certamente invejoso, ao quarto, depois de uma dia de cansaço. Mas aos domingos a oportunidade de sentir a presença alegre das férias dos outros era um facto indesmentível. Lá andavam os turistas, possivelmente de todas as sociedades abastadas, fiéis a si mesmos, impregnados de lazer, com as suas máquinas fotográficas procurando memorizar em cada

clique um recanto do mundo, a singularidade de uma cidade particularmente fascinante, de um instante de realidade. Fotografando e fotografando-se, para que pudessem dizer: Eu estive lá. Mas o que é estar?

Esse Agosto não me deu nem decepção nem desânimo. Inopinadamente, minha mulher entregou-se-me pela segunda vez, abrindo-me os braços, indo buscar-me à cama de solteiro atinente ao berço do nosso filho. Confuso, deixei-me ir na enxurrada do seu súbito ardor, como um menino que mal sabe nadar. Nadávamos nessas noites quentes entre águas e suores apetecíveis, afrodisíacos, entregues a fascinações da fantasia e aos impulsos mais ingênuos que a animalidade pode oferecer aos seres humanos. Não lhe detectei nenhuma fadiga assinalável nesses dias entregues a estudos e a projectos, mal tive tempo para compreender o porquê daquela inesperada vitalidade. Eu era feliz por reavê-la, por comunicar com ela sem necessidade de usar os apetrechos da língua, por me afundar mais uma vez na luz talvez cega de um desvaio.

Não, Paris, nesse mês de Agosto, não emitia odores vizinhos de uma sexualidade fantasmagórica, cósmica, mesmo se à escala da condição terrestre. Esse indeterminado odor pairava no nosso apartamento como um facto adquirindo-se, apenas uma constatação que não pode ser negada em nenhum tribunal das sensações ou da sensibilidade. Não era a posse que me inebriava, ou a satisfação honesta de um desejo culminando no prazer. Era muito mais a intuição de ser possuído por um estranho fascínio, como se de repente eu fosse visitado por um vazio que destroçava o medo da solidão. Um vazio, ou um nada, que emergia como uma oportunidade. De quê, ou para quê, nunca o descobri. Mas sentir, sentir isso, era tão bom que algumas vezes não pude evitar que uma lágrima mais atrevida não viesse cair no sorriso desprendido dos meus lábios. Não se tratava de ser feliz, de estar contente, de viver a alegria. O que pressentia não se tratava, não era susceptível de tratamento. Havia uma incógnita, um desconhecimento, uma ignorância, e eu era tudo isso sem poder prová-lo.

Passeava por Paris, durante o dia, como um turista que não precisava de máquinas fotográficas para reter o momento de cada instante. O tempourgia,urgia o quê? Ou para quê? Pa-

lavras de uma língua inexistente, que nunca tivera um povo ou uma população que as proferisse ou as tivesse inventado, abeiravam-se de mim e preenchiam-me os olhos com coisas que nunca vira na minha estadia de alguns anos nessa cidade. Recantos sossegados onde me sentei em bancos públicos, mas não publicitados pelas agências de viagens, favorizavam o meu estado de único. Estava só, estava acompanhado. Uma companhia talvez um pouco desumana ou inumana, se os dois adjectivos não significarem a mesma coisa, transfigurava-me numa presença consciente de que a ausência que sentia era percebida pela disponibilidade do meu corpo e da consciência que me abrasavam de configurações ilegíveis, acenos intransponíveis, gestos de uma ousadia semântica que nunca foram por mim decifrados. Não levitava como um santo predisposto a ascender ao azul do céu místico. Não mistificava nem mitificava, fazia apenas o que é tão raro fazer-se. Fazia o nada. O nada a que nenhuma religião tinha ou tivera acesso, essa impressão infelizmente delével de que o inefável podia, senão ser dito, pelo menos ser sentido na eclosão da sua inutilidade. Não fazendo sentido. Como a vida. Como, finalmente, a existência humana. Sentir o insentido de tudo sabia-me a um privilégio. Estivesse eu à altura de o manter integral.

Aproveitava o Sena para o atravessar, ponte a ponte, da margem esquerda para a margem direita, vendo casais expostos aos mais diversos malabarismos do amor, a posições que me faziam sorrir e pensar que os corpos procuram sempre ajeitar-se ao desejo de um prazer. Abraços e beijos, ou até intimidades mais concludentes, decorriam indiferentes à prossecução do meu périplo, eu deixava os meus passos passarem, infatigável na percepção de que assistia ou fazia mesmo parte de um jogo cujas regras não eram pautadas por uma justeza ou uma sólida manifestação da ordem. As coisas aconteciam à minha volta. Debaixo daquelas árvores que se escalonavam bruxuleantes ao longo do rio, ou debaixo de um sol sedutor quando atravessava uma ponte. Paris era imenso de coisas, alguns diriam mesmo, Paris era intenso como uma percepção que nunca fora experimentada.

Regressava ao apartamento livremente cansado depois daqueles quilómetros de passeio, deitava-me na cama e ouvia os

últimos discos que tinha comprado. Sobretudo um, de um músico desconhecido, que aparecera em Paris vindo do mercado dos Estados Unidos, como uma pechincha na loja onde agora os comprava, já que alguns amigos peritos no gamanço tinham retornado ao país, não podendo, por isso mesmo, oferecerem-me, prestimosos como sempre foram, a música que mais me interessava. Chamava-se o músico David Blue e o disco, se não me engano, *Nice Baby And The Angel*, um pouco heterogêneo na atmosfera que emanava. A canção que me empolgava, e que me obrigou muitas vezes a levantar-me do conforto do colchão para a ouvir até à náusea, como se estivesse diante de uma obra-prima, colocando com um cuidado extremo a agulha do gira-discos nessa faixa, tinha por nome *Troubadour Song*. Não sei porquê, identificava-me com essa balada. Ouvia-me como se a letra da canção fosse um testemunho irreversível da minha história, não da minha história pessoal, mas da minha história como tinha sido vivida por mim, algures numa dimensão entre a realidade e o sonho, algures numa verosimilhança que não atendia às exigências da verdade. Mas eu sabia que tinha passado por aqueles acontecimentos que a balada narrava, que eu vivera qualquer coisa do que aí se exprimia. Reconhecendo-me na miséria, na solidão, na destituição transportadas pela canção onde sobressaía uma guitarra acústica em primeiro plano, culminando a sua mestria num pequeníssimo final que sempre me pareceu, sinestesticamente, como uma onda do mar devolvendo-se a si mesma, isto é, dobrando-se numa estranha espiral de difícil descrição, acompanhado, esse brevíssimo arremesso acústico, de um som de fundo veiculado por um instrumento que nunca fui capaz de reconhecer. Eu chorava, chorava, sem vergonha nem nenhuma necessidade de me justificar. Ainda hoje, não a sabendo trautear, como se o icástico, numa comparação aflita que agora intento, não pudesse ser icónico, me lembro de alguns dos seus versos, como “I am the future you crave secretly, so many have loved me so perfectly”. Este “perfectly” soava-me a um paroxismo da voz, como se a língua em certas vozes comunicasse um «a mais» de difícil explicação. Nunca mais ouvi falar deste músico.

Em dois ou três sábados ou domingos desse mês, não pos-

so precisar, aproveitando a ausência da minha mulher por motivos relacionados com os seus estudos, lá fui eu colmatar uma ausência que me parecia monstruosa. A Cinemateca ainda se encontrava no mesmo edifício, um palácio que parecia não desvelar nenhuma ideia da ancestralidade que a palavra palácio parece impingir-nos, disposta, como sempre, a oferecer-me a brevidade consecutiva das imagens a que normalmente chamamos filmes, e mais genericamente, cinema. De tal maneira quis retomar o convívio com essa arte que num desses sábados ou domingos acabei por assistir às cinco sessões, duas no começo da tarde, três a partir das seis horas. O último filme ultrapassou os limites das convenções horárias. Quando, apressado, tentei apanhar o metro, era tarde demais. Fui obrigado a calcorrear, atravessado o Sena, mais de seis ou sete quilómetros para chegar ao apartamento. Numa escuridão quase total, no passeio ao longo do rio, roçando as caixas fechadas dos buquinistas ribeirinhos, vendo passar esporádicos automóveis com as suas luzes interruptas, e depois, metendo-me pelos iluminados bares de Odéon acima, ainda frequentados por alguma gente mais noctívaga, junto a Saint-Germain-Des-Prés, procurando alcançar o boulevard que me levaria a casa. Como estará a minha mulher?, era a pergunta que repetia numa lengalenga íntima, obsidiantemente, convencido da preocupação que lhe estaria a causar. Cheguei ao apartamento estourado, transpirando as camarinhas da fadiga, sentindo um odor corporal que não incentivava o sentido estético que pensava, sinceramente, possuir. Abri a porta, e nada. Nenhum alvoroço, nenhuma espera, nenhuma apreensão. No nosso quarto de dormir, sobre a cama, sob um lençol quase imponderável, dormia sossegadamente a mulher que eu amava e tanto queria. Fiquei triste e contente ao mesmo tempo. Fui à cozinha e comi qualquer coisa, a fome explodia no meu estômago vazio. Despi-me e deitei-me. Em silêncio apaguei a luz do candeeiro da mesinha de cabeceira. Pensei, preocupado: a minha presença, ou ausência, era-lhe indiferente. Adormecei sem grande demora acompanhado de uma metafísica tão original que era completamente desconhecida do ocidente.

Mas Agosto acabou. A exteriorização carnal, a dois, assim num repente, acabou. O paroxismo atingira possivelmente o

seu apogeu, e nem sequer houve, como seria de esperar nas relações humanas, um decréscimo derivado de um fastio ou de um hábito a precisar de inovação ou de renovação. Caí novamente num abismo, sem saber como reagir. Houve sem dúvida explicações, minha mulher foi sempre de uma lisura meiga e terna, eu teria que compreender, eu teria que ter paciência, dizia-me ela olhando-me bem nos olhos, como se a verdade fosse visível, evidente e comunicável, eu deveria doravante contar com interregnos e explosões de sensualidade, enfim, se a amava, teria de a aceitar como ela era. E ela era assim. E eu, como era eu nesses idos dos anos setenta? Eu, como sempre fui, salvo nas raras exceções em que a minha vida esteve em perigo, era o elemento passivo. Poder-se-á dizer, era um fraco. Não decidia, não tomava resoluções, não tomava uma atitude. Apenas reagia. Mas seria fácil e falso admitir essa conclusão. Era uma estratégia, direi eu aos meus avisados. Não vou explicar as razões da minha passividade. Seria fastidioso e obrigar-me-ia a fazer um excursus desnecessário, introduzindo explicações não só psicológicas como também sociais. Era uma estratégia, ou uma tática.

Dizia-me ela, quase condescendente, como se compreendesse o que me queria fazer compreender, não precisas de ir dormir no quarto do pequeno, fica aqui comigo, na nossa cama. Fazes-me companhia. Preciso da presença do teu corpo, do calor do teu corpo, agora que vem o outono. E o fim do curso traz-me nuns nervos que me arrasam. Ando ansiosa. A responsabilidade é muita, e não quero deixar ficar mal o meu pai, que espera pelo meu diploma para finalmente o ajudar no atelier. Verás que tudo se arranjará. Temos muitos anos à nossa frente. Durante quatro longos meses, não desejo ser cínico, nem irónico, nada se arranjou.

Mas o pequeno voltara. Para quem não desejara ter filhos, nem trazer ao mundo desgraçados sujeitos, de uma maneira ou de outra, ao sofrimento, foi uma revolução o que se operou dentro de mim. Ganhei uma verdadeira amizade com o meu filho. Éramos quase íntimos, se faz sentido explicitar assim o que acontecia entre nós. O prazer que não encontrava na mãe irrompia entre nós com um acervo de festas e de festejos. Deitados na cama pegava nele e fazia-o voar sobre mim em

voos acolhidos com um riso que dava gosto de ver, todo o seu rosto resplandecia numa alegria que me deixava fascinado, e os ruídos vindo das suas cordas vocais soavam-me a canções de um cultura que desconhecia. Deitava-o sobre os cobertores felpudos e com a mão direita fazia-o estremecer numa carícia em que todo ele vibrava de satisfação, abrindo a sua boquinha desdentada onde as gengivas sobressaíam na glória do que é ainda recente ou novo. Tínhamos longas conversas em que a minha voz se soltava do meu corpo como se nela fosse transportada a consciência que possuía das coisas, não esperava da sua parte contributos para respostas que me elucidassem os problemas que lhe propunha. Muito casualmente, brindava-me com um som de lábios eivado de abundante saliva que eu, pressuroso, ia limpar. Mas as suas mãozinhas papudas mexiam-se e pareciam quase estar a bater palmas pelo êxito das minhas perorações. Pergunto-me agora, não estaria a ler mal o que realmente acontecia? Todos aqueles movimentos um pouco atabalhoados e imprecisos não seriam a manifestação de uma linguagem gestual que me era inacessível? Não saber o que se passa na cabeça dos bebés!

Nossos passeios pelo Jardim do Luxemburgo, nesses meses de Setembro e Outubro, deixaram-me uma impressão difícil de descrever. As mãos lá estavam, faces que já me eram conhecidas e me davam a sensação de que a vida retornava à sua normalidade peremptória seguindo, apesar de tudo, um esquema compreensível na caótica manifestação do real, outras faces ainda toldadas pela novidade de um aparecimento inesperado e aleatório irrompiam como se fossem possíveis. Mas eram as folhas das árvores, desprendendo-se em quedas livres dessas ramagens talvez seculares, que sei eu!, que me introduziam numa atmosfera habitável da tristeza, uma tristeza quase bem-vinda ou vinda por bem, catalisando o meu estado de espírito e inundando o calor que sentia no peito pela presença do corpo do meu filho, quando lhe dava colo ou o fazia cavalgar uma das minhas coxas. Sentava-me num banco perto de um coreto, e baixava-me para apanhar uma dessas folhas amarelecidas que fazia chegar, com um cuidado maternal, ao olfacto do meu filho, como se pretendesse iniciá-lo no reconhecimento da terra, ou da natureza enclausurada na-

quele jardim enclausurado naquela cidade onde deviam viver milhares de homens e de mulheres perdidos nos seus trabalhos e nos seus dias. O seu narizito removia-se apreensivo, inacostumado sem dúvida a odores tão longínquos do seu convívio diário, mas não lhe causava nenhum transtorno o contacto com essas folhas decadentes. De uma maneira geral, com uma mãozita mais afoita afastava repetidamente aquele objecto que eu tentara apresentar, tolo que era, como um testemunho da condição terrestre a que obedecíamos. O mundo não se fez num dia.

Muitas vezes o coreto enchia-se de uma fauna espectacular, isto é, resolvida a dar-se como espectáculo musical, embora os instrumentos se reduzissem a percussões mais ou menos africanas ou latinas. Ouvia esses grupos de amigos com a sensação um pouco esdrúxula de não estar a ouvir música, mas outras manifestações, sem dúvida sonoras, da comunicação humana. Como se fosse possível haver ritmos sem que houvesse música, o que então não me parecia um pensamento duvidoso ou mesmo especioso. A verdade é que o meu filho rejubilava com aquelas sonoridades onde parecia imperar a lei da repetição. Mãos abertas sobre peles esticadas em congas bojudas subiam e desciam dando à atmosfera em volta uma encantação misteriosa, um primitivismo ondulado e quase infundável, pois essas sessões do aparentemente o mesmo duravam sem que o tempo tivesse alguma importância ou limite. Só o cansaço, presumo, punha fim à actuação. Penso que não era por dinheiro que essas alucinações ritmadas se faziam, pois nunca vi ninguém atirar uma qualquer moeda para um pequeno cesto que não existia. Havia talvez ali o prazer, o prazer e a fruição de corpos entregues à sedução do ritmo, à duração de um tempo impregnado de motivações desconhecidas, ou dificilmente detectáveis. Como se um pequeno exemplo da humanidade, esses jovens cabeludos, rapazes e raparigas, ousassem revisitar o humano antes do aparecimento das cidades, perdidas tribos numa civilização onde a máquina e a maquinaria subjugavam os corpos, tendo já destruído as almas.

Regressar a casa com o miúdo protegido no seu carrinho de bebé era uma viagem sonhadoramente ziguezagueante, es-

tonteante de vibrações causadas pelo fascínio dessas músicas desmedidas, dispostas simplesmente a dar vazão ao que resta do animal no ser humano. Regressar era quase percorrer os caminhos em sentido inverso ao do tempo. Era uma aventura concedida apenas àqueles que sabem gozar a perda de tempo. A perda do e no tempo. Havia nessas viagens ao lar, empurrando eu o carrinho com a responsabilidade que me incumbia, uma alegria disponível, fraterna, comungável. O bebê parecia exultar com a minha disposição tão propícia à eclosão da felicidade. O mundo não nos desertara, pensava eu, sem saber ao certo o que pretendia dizer. Mas isso importava? Há travessias que não instauram nem um começo nem um fim, que não necessitam de um ponto de partida nem de um ponto de chegada, como há margens que se tocam sem por isso deixarem de ser fronteiras. O mundo, mais tarde ou mais cedo, se não quisesse desaparecer, ser aniquilado pela sua ambição infrene, teria que se reconciliar com a terra.

## Capítulo 16

Os meses passavam, e nada. O frio chegara e agora era mais raro sair com o meu filho por essas ruas povoadas, mesmo assim, de transeuntes agasalhados em vestes hiemais, ocupados com suas vidas e seus destinos, sempre percorridos de um frenesi que me fazia estontear. Que havia assim de importante a fazer? Que missão? O que significava toda aquela actividade? O que é que os fazia correr? Seria, no fundo, apenas o frio, e nada mais? Não quero ser cínico. Talvez houvesse imponderáveis tarefas que me escapavam pelo seu sigilo, quem sabe, problemas a resolver de alta importância universal, como evitar guerras, implementar planos para se debelar de uma vez por todas a fome que desfigurava o mundo com uma fealdade que não nos permitia sequer o devaneio de se possuir uma estética que pudesse oferecer um sentido ao facto de se sermos vivos e de habitar-mos um planeta.

Por vezes, ao deixar o pequeno na casa dos meus sogros, em horários aprazados, encontrava no patamar a minha antiga senhoria, senhora muito simpática, que me convidava a entrar no seu apartamento para me perguntar como ia a minha vida, o meu casamento, mas sobretudo para ver e afagar com truísmos de uma maternidade sempre presente nas mulheres, o pequeno que se pendurava ao meu peito com os seus oito meses de vida airada. Gordito, ou eu não lhe desse papas substanciais e sopas que cozinhava com um zelo inaudito, como se preparasse refeições para uma pessoa especial, um convidado no reino perpétuo da nossa convivência. Era uma pessoa, sem dúvida, especial. A cabeça encimada de cabelos loiros movendo-se de um cá para lá curioso, os olhos possivelmente tentando descobrir o que se estava a passar. Nada. Ou apenas conversas de adultos que ele não percebia nem, com certeza, estaria disposto a compreender. Mas as coisas e os objectos começavam a falar-lhe, a chamar-lhe a atenção, como se, primeiro do que um esboçado diálogo com os pais em particular, e depois com a família em geral, se estabelecesse entre ele e a materialidade das coisas encontros que eu, conhecedor de duas ou três línguas naturais, não conseguia discernir nem adivinhar. Por lá tinha passado, também eu, e nada

me ficara dessas experiências perceptivas ou sensoriais. A memória não se tingia de tempos tão primitivos, tão inaugurais, o inconsciente poderia muito bem ser só uma invenção propícia a configurações psicológicas.

Minha mulher trabalhava já no atelier do pai. Não conhecia a rua, o lugar, o prédio desse local. Algures em Paris, mas que me lembre nunca fiz um esforço ou tive a intenção de saber onde se situava esse inimigo do lazer. O trabalho não era assunto que me interessasse. Não invocava em mim nenhuma especial vocação para que pudesse aderir ao seu embuste. Mas ouvir música sim, era uma vocação indesmentível. E ler. Lia então os pré-socráticos com o entusiasmo de uma descoberta arqueológica, generoso com as suas ideias, mesmo se um pouco arcaicas. Mas algumas, digo-o desinibidamente, até que me diziam alguma coisa de muito contemporâneo. Parménides era de uma tautologia grandiosa, o que é, é, só existe o que existe. Era o princípio de identidade, em todo o seu fulgor, que me fazia deambular em pensamentos esdrúxulos que nunca pensara escrutinar ou mesmo desfibrar com exímios exames próprios de uma análise crítica. Muitos dos seus disparates soavam-me a ingenuidades fundamentais que eu fazia de conta que acatava, não só por ser bondoso mas porque me parecia estúpido confrontar-me com passados historicamente argivos. Heráclito, esse, confesso, inebriava-me de concisões ajuizadas, evidentes, dava aos meus sentidos tantas vezes anquilosados pelo ramerrão quotidiano a ilusão de que eu próprio possuía também uma filosofia, onde o tudo muda, tudo muda, seria a expressão de uma verdade incomensurável e irrefutável. O tempo flui e na sua passagem nem deixa o Ser ser Ser. Brilhante.

Mas um outro opúsculo, que nunca deveria ter comprado, tratando da importância de Pirro, o céptico, destruidor metódico de todas essas fantasias pré-socráticas, trouxe-me as maiores das dúvidas, ainda por cima aporéticas, assim de supetão. Não teria havido, como ele afirmava, nem sempre convincentemente, um pouco de verdade ou de senso comum nesses homens que tentaram, afinal de contas, compreender o mundo em que viveram? Mas como refutar os seus argumentos contundentes, às vezes de uma limpidez quase doentia,

mesmo até asfíxiante? Como não acreditar num homem que estivera, com Alexandre, o Grande, na Índia? Este não era, só por si, um argumento de peso? Afinal de contas teria corrido perigos inexcusáveis, enfrentado batalhas e doenças, feridas que estigmatizaram sem dúvida o seu corpo. E eu acreditava, nesses anos de Paris, que havia um pensamento, ou uma maneira de pensar, não só apanágio da razão, como também, ou sobretudo, da carne sofrida. Do sofrimento em carne viva.

A música que então ouvia não me animava muito, embora me fascinasse pela sua implícita dor e me empolgasse pela sua virtuosidade num engulho comovente onde um silêncio difícil de se instalar nos limites da minha consciência humana ecoava quase com a obscenidade do que não pode ser testemunhado. Era uma espécie de íman que atraía todo o tipo de corpúsculos em sucções inadiáveis, por mais díspares que fossem. Foi influenciado por uns amigos que estiveram em Londres em Setembro desse ano para ouvir ao vivo a música do álbum *Rock Bottom*, de Robert Wyatt, antigo baterista dos *Soft Machine*, que comprei esse disco. O evento teve lugar no famoso Theatre Royal Drury Lane, que me descreveram, os sacanas, procurando excretar em mim uma inveja plausível, como uma pérola incomparável construída, na sua versão final, nos começos do século XIX. Sim, porque outras versões, diziam eles, remontando ao século XVII, já tinham sido levantadas no mesmo local para depois virem a ser lambidas pelo fogo. A versão a que assistiram desse *Rock Bottom* fora monumental, não só pelos extraordinários músicos que compunham o grupo, como também pela presença de Mike Oldfield, reputado guitarrista dessa altura, o que deu à prestação o cunho de um momento memorável, talvez mesmo mítico.

E, realmente, tive que admitir, sem preconceitos extemporâneos, que aquelas seis canções eram de um pungimento que nos fazia, ao mesmo tempo, querer esquecê-las pelo sofrimento que nelas se detectava, como nos atraíam pelo prazer com que se apresentavam às fibras mais indestrutíveis da natureza, se possível, já agora, humana. Penso que muito desse estranho carisma se deveu, talvez, ao facto de Robert Wyatt ter ficado paraplégico, pois muita gente dizia que a música já estava escrita antes do acidente que sofrera. Mas aquela voz e

aqueles sons não enganavam ninguém. Ali, por um acaso inexplicável, como todos o são, tinha havido uma consonância qualquer com o que se presume que é a genialidade.

Estendido na cama muitas vezes chorei dentro de um mim flutuante e fosco, desfocado não sei porquê, sempre engravidado pela emoção mais infrene que me adensava numa concisão do sofrimento indesejável, presa de uma estupefacção que, em vez de me reduzir a um simples percalço, me alçava a domínios da sensibilidade dificilmente habitáveis por muito tempo. Aquelas seis faixas transformavam-me num vaivém esquisito, delicado, como se no preciso instante em que me desfazia em pó uma força incógnita me moldasse para parecer ou aparecer novamente como um homem. Um homem de todos os dias, comum a si mesmo, em si mesmo inteiriço, mas revestido de uma fina película, uma indisfarçável memória onde o caos não estaria, ou não teria estado, muito longe. Não será da minha parte uma ironia dizer que nunca acreditei em caos ou em ordem. Mas as palavras existem, e por vezes temos que as empregar, movidos por exceções que logram alcançarem o que não é alcançável: a vida. A vida que se consoma em nós e em nós se consome. Sempre imprevisível, mas nunca, verdadeiramente, inefável.

## Capítulo 17

Agora que a minha mulher trabalhava só nos encontrávamos com os seus amigos ou aos sábados ou aos domingos, à noite, conforme as circunstâncias e a ocasião, pois para cada jantarada era preciso deixar o bebé em casa dos meus sogros. Eram refeições ruidosas, sempre animadas de conversas, de gracejos, de gentilezas, expressões de uma amizade que os entretinha, com certeza, desde há alguns ou muitos anos. Eu misturava-me no meio deles já com um certo à-vontade, entrando nas suas tropelias e nas suas convenções, confrontando-os com as minhas perguntas ou as minhas respostas, enfim, convivendo. Mas sem grande alarde. Minha mulher, para eles, mas pode ser uma suposição abusiva e injusta da minha parte, tinha adquirido um apêndice. Eu.

Mas, não sei porquê, acontecia-me muitas vezes, depois de satisfeito pelos repastos opíparos, que descobri, por acaso, advirem da partilha dos seus custos por todos eles e elas, encontrar-me a falar com um rapaz muito delicado, com um sorriso sempre nos lábios, um olhar franco e discreto. Minha mulher tinha-me prevenido, também não sei porquê, de que esse seu amigo era um homossexual. Os livros, a leitura, era o que nos aproximava. Tecíamos conversas sobre este ou aquele autor, sobre temas literários, sobre estilos que nos tinham sobressaltado, sobre escolas estéticas passadas e presentes, enfim, sobre um mundo que deixava indiferente o resto dos convivas. Autores que eu desconhecia eram-me assim desvelados, com uma acuidade que me fazia inveja, com uma superioridade que eu nunca atingiria. Era um rapaz não só inteligente como sensível, isto é, preparado para compreender a existência, mesmo se só literária, dos outros. Fiquei a saber, pela minha mulher, que ele abraçava a ambição de se tornar um escritor. Trabalhava já para uma famosa editora como leitor, aconselhando o editor a publicar ou não os livros que se apresentavam a um escrutínio na esperança de uma publicação. Tinha a amizade de vários intelectuais, pertencentes a grupos diversos, pois o país fervilhava de ideias e de projectos. Entre esses intelectuais figurava o primeiro tradutor francês de Fernando Pessoa. Que lhe contara a história da primei-

ra invasão pessoana travestido de francês. Era nessa altura director de uma colecção, na editora onde trabalhava, Albert Camus. Que aceitou a sugestão do seu amigo, ainda vivo, felizmente, mesmo se naturalmente envelhecido, para darem a público alguns textos desse ainda desconhecido da cultura francesa. Estimei-o por ver que me contava tudo aquilo por eu pertencer, pensava ele, à pátria de Pessoa, alheio de todo, muito compreensivelmente, que a pátria de Pessoa, segundo o mesmo, era só a língua portuguesa. Não sei como ele reagiria se eu lhe dissesse que, da minha parte, nem isso poderia dizer, tantas coisas tendo acontecido depois da minha chegada a Paris. Como, por exemplo, conviver, agora, com os amigos da minha mulher. Obrigado a utilizar uma língua que deixara de me ser estrangeira, irremediavelmente atada a experiências por mim vividas e que me afectaram de uma maneira ou de outra, isto é, positivamente ou negativamente. Com uma fluência que era comprovada pela minha actual família. E, por esse facto, ter perdido, se alguma vez possuí, uma identidade alicerçada no conforto preguiçoso de uma língua materna.

Sábado ou domingo, o almoço, salvo se algum percalço inabitual ocorresse, e às vezes ocorria, era em casa dos meus sogros. Afeiçoara-me, talvez estupidamente, ao pai da minha mulher. Era um actor, um folgazão, ouvi-lo enchia-me de uma alegria difícil de esconder, ao ponto da minha sogra fazer certos reparos a minha mulher sobre a nossa, pensava ela, talvez um pouco precipitadamente, amigável cumplicidade. Nunca descobri o motivo de tal apreensão. Minha sogra era boa cozinheira, o que me admirava, pois estava convencido que tal deusa não se daria bem entre apetrechos de cozinha ou ocupada em funções meramente culinárias. Não a via com um avental. E nunca a vi, disso tenho a certeza. Mas os seus pratos tornaram-se para mim lendários, quase divinos. Eu, que nunca imaginara na minha vida o que poderia ser um gourmet, atrevia-me agora a exprimir, como um conhecedor dotado de um palato fino, o requinte de um sabor. Muito sinceramente, sem a intenção de a bajular, dizia à criadora de tão faustosos e sensuais prazeres quanto apreciava aquela comida. Ela olhava-me como se não acreditasse numa só palavra por mim proferida. Mas sorria com uma condescendência que

já não me deixava desconcertado, tendo-me eu habituado, com o decorrer do tempo e a convivência, ao seu feitio deveras misterioso.

Também eles possuíam um grupo de casais amigos, quatro ou cinco, que, de vez em quando, se reuniam para jantar, ou num restaurante chique da cidade ou mesmo nos seus respectivos apartamentos. Meus sogros começaram também a convidar-nos para esses encontros quando eles tinham lugar no apartamento deles, o que, para dizer a verdade, era uma chatice, porque o miúdo poderia ser importunado no seu sono, mesmo que estivesse, e estava, devidamente protegido e aconchegado no antigo quarto da minha mulher, albergando agora, para lá da sua cama, também um berço. Mas os casais amigos do meu sogro, talvez por sincera amizade, talvez porque ainda não tivessem netos, faziam sempre questão em ver o seu descendente.

Eu gostava também dessas noites que terminavam geralmente pelas onze horas. Meu sogro levava-nos depois, no seu automóvel, até casa, uma viagem rápida de uns dez minutos. Tinha sorte, porque construíram um ou dois anos antes um parque de estacionamento subterrâneo, com dois ou três pisos, na rua em frente, caso contrário teria de estacioná-lo a milhas de distância, que é uma maneira de se dizer um pouco mais longe do edifício onde viviam. Fazia bastante frio, o inverno instalado, o Natal aproximando-se a passos rápidos, imperturbável, seguindo muito simplesmente a ordem incontroversa do tempo. Gostei em especial de uma dessas noites porque, chegados a casa, a criança instalada no seu berço tépido, depois de um biberão sofregamente esvaziado e de uma mudança de fraldas, fui saudado com uma relação sexual inesperada, como se houvesse um prémio merecido por algum feito que eu tivesse perpetrado ao longo do dia. Como se a presença daqueles casais tivesse sido um afrodisíaco esporádico ao qual a minha mulher não pôde resistir. Pena que me sentisse um pouco cansado com a efervescência de todo aquele frenesi, preocupado por o meu corpo tresandar a um suor que pareceu não apoquentar o olfacto do meu amor. Para mim esse breve encontro foi como um regresso a uma terra prometida. Entrei nela com os passos quase selvagens de quem pre-

tende recomeçar uma estadia, sibilina que pudesse ser. Saciar a nostalgia não era para todos os dias. Mas houve alguma dor nesse prazer.

No dia de Natal trocámos presentes com os meus sogros. Com esses presentes trocámos abraços. Ao abraçar a minha sogra, estupefacto, senti uma erecção despropositada, meu sexo perdido num abandono indomesticável, distante de mim, florescendo como uma flor do mal, distendendo-se num inchaço que me mortificou, envergonhou, me deixou num estado de perplexidade, como se eu não fosse meu corpo, mas outra coisa presa indelevelmente à minha carcaça de homem perecível. Percebi, petrificado, que ela notou. Sussurrando, pedi-lhe desculpa.

– Não seja tonto, foi a resposta.

Dois ou três dias depois, as festas passadas, manhã cedo, por volta das dez horas, minha mulher saída para a lida diária, trabalhar em projectos, produzir maquetes, rever inspirações arquitectónicas que a técnica ou a engenharia civil prudentemente não permitiria realizar, ouço alguém batendo à porta do nosso apartamento. Levantei-me da cama, ensonado, de pijama, a remela nos olhos, dirigi-me à porta, perguntando quem era. Era a minha sogra. Abro a porta, admirado, porque não estava acordado que seria ela a vir buscar o pequeno. Não tive tempo de lhe dar os bons dias. Fechada a porta, atira-se a mim num abraço impetuoso que quase me lançou no soalho do minúsculo corredor, procurando a minha boca com beijos insistentes, erráticos, céleres, fecundos, falhando algumas vezes no alvo para se despedaçarem no meu pescoço aturdido com tanta pressa e tanta urgência, como se o seu corpo tomado de estremecimentos e de tremuras quisesse transmitir alguma coisa ao meu corpo, alguma coisa de essencial, qualquer coisa muito profunda, vinda sabe-se lá de onde, se há ondes que expliquem acções extremas e excepcionais. Como se ela corresse um perigo, e esse perigo fosse de morte. Quase com violência, passo a passo, numa dança arrítmica, leva-me para o quarto de dormir, o aquecimento central dando-lhe um ar ameno. Sempre atrás de uma qualquer quimera, e junto à cama desfeita, lançando as duas mãos abertas ao meu peito, empurra-me decididamente, segura de si, para o colchão e o

enredado dos lençóis, ofuscando-me assim na incerteza minha de saber se se tratou de um carinho ou de uma injunção aquele gesto. Caio em queda livre, atordoado com a azáfama que se ia desenvolvendo, não querendo acreditar no que estava a acontecer, como se um sonho inapelável me toldasse o sono. Toma-me os pés, arranca-me as calças do pijama sem titubear, sem pestanejar, sacerdotisa de uma religião que me era completamente desconhecida. Vejo-a desfazer-se do pesado casaco que a bafejava, da saia que a envolvia, das cuecas que lhe resguardavam as partes mais íntimas. Ao ver aquele tosão hirsuto, não resisto. Chamo-a a mim como se me fosse devida aquela entrega tão inesperada. Sou eu agora que a abraço e beijo, sendo correspondido com abraços e beijos, sempre num desequilíbrio de corpos convulsos, procurando esconderijos ou recessos, como se a animalidade realmente existisse. Existe. Ei-la. Não tenho sequer tempo para a preparar com acertos de carícias capazes de aceitarem a evidência da minha excitação. Mas ela está mais do que acessível, algo se excedera num trabalho hormonal levado a cabo no interior do seu corpo seminu, um resquício talvez de uma juventude inconclusa deixa-me deslizar num vaivém em certo sentido tenebroso. Tenho a minha testa chafurdando a almofada, respiro tenazmente, perdida a percepção do que é o real. Mas o desequilíbrio, o movimento irreversível dos nossos corpos irmanados numa concussão de gestos imperfeitos, não apon-tam para nenhuma harmonia. De repente, naquela confusão, dá-se uma viravolta inexplicável dos corpos e sou eu que a tenho por cima, seus olhos fechados, as pestanas contíguas, cavalgando-me num galope transpirado, a toda a brida, sua boca entreaberta arfando, resfolegando, suas narinas respirando a um ritmo tão desmedido que me galvanizou num silêncio inviolável.

Quem era aquela mulher? Uma valquíria desgovernada indo contra o vento, de tal maneira a sua face denotava, em pequenas contorções desfigurantes, alguém desafiando a velocidade e o tempo? Galopava, galopava, galopava com uma intensidade imensa, não sei se fugindo se tentando alcançar um ponto longínquo, invisível, no horizonte. Era a guerra que desencadeava tal furor? Eu estava petrificado numa estupefac-

ção exorbitante, incapaz de coordenar um pensamento que estivesse à altura do acontecimento. Em plena acção, e, no entanto, sem saber ou poder agir. Resumia-me a uma sela, das americanas, já agora, com um cepilho vertical onde ela exauria as suas forças em fricções inconcessas. Mas esse pensamento, naquela manifestação de um imponderável poder a que assistia, passivo e inactivo, veio até mim e fez-se consciência. Eu, que tinha lido sobrejamente sobre o tema, compreendi. Estava ali, diante de mim, sobre mim, transfigurado, o sublime. Sem me ter exigido, para o experimentar, a subida a montanhas altaneiras albergando superfícies escarpadas de rocha onde a neve é permanente. Ou a ir, na procura de uma sensação minimamente estética, muitas vezes até espiritual, outras vezes puramente turística, contemplar paisagens de uma beleza sempre um pouco factícia. A origem do sublime, essa mistura explosiva de beleza e de temor, de maravilhamento e de medo, resfolegava sobre os meus olhos a alguns centímetros de distância. Não precisei de ter vivido no século dezoito ou dezanove do ocidente. De me disfarçar na ilusão de que um tempo volvido poderá ser contemporâneo de um presente. O galope não durou muito mais tempo. Um gemido mais forte, ferido de compulsões derrelictas, intervaladas, decrescentes, fez-se ouvir nos meus ouvidos, ela abatia-se sobre o meu corpo como uma catástrofe sedenta de vítimas. Senti, na redondeza do meu ser, se se pode expressar assim tal evento, que uma explosão ocorrera, um vulcão expelindo essa lava fatídica descendo até ao sopé da sua existência. Também eu tinha saído de mim, e não fora propriamente na experiência de um êxtase. Seu rosto perlado de uma transpiração sedosa colara-se ao meu rosto, um calor, uma impossível carícia, um contacto sem que tivesse havido, verdadeiramente, um encontro. Encontrávamo-nos assim quando vejo que ela se levanta, se dirige ao quarto de banho depois de recolher a sua roupa espalhada pelo chão. Eu permaneci no cúmulo do meu trauma, indeciso, sem saber o que fazer, pior ainda, desconhecendo o que estava a sentir. Teria sido violado?, foi o disparate que me veio à cabeça. O tecto lá estava na sua brancura não sei se imaculada se corrompida pelo tempo que passa, o pequeno não acordou nem acordava, será que experimentei, pe-

la primeira vez, e é sempre uma vez, mesmo quando não é a primeira, uma estase? Mas alguns minutos depois ela saiu do quarto de banho cuja porta, felizmente, não estava no ângulo da minha visão. Ouvi seus pés dirigirem-se à porta de entrada, ouvi um abrir e um fechar, nem suaves nem violentos, como se não necessitassem de adjectivos para serem reais. Entrou e saiu, a minha sogra, sem proferir uma só palavra. Simplesmente agindo, como lhe era, afinal de contas, tão habitual.

## Capítulo 18

Nesse dia não levei o bebé ao apartamento dos meus sogros. Tirei-o do berço enfeitado de tudo quanto era uma possibilidade de jogo ou de brincadeira, mudei-lhe as fraldas com as minhas mãos habituadas já a uma rotina que não deixava de ser saudável, dei-lhe de comer a horas mais ou menos certas, ouvindo a música que me açambarcava nessa época de uma solidão caseira, e deixei-o todo o dia, ou quase, porque a sesta tinha que ser respeitada para o aglutinar num sono ablutador, gatinhar por todas as dependências do apartamento como se visse nele a personificação de uma ousadia que muitas vezes me faltava. Penso que para ele tudo lhe era, apesar da rotina que ia alicerçando, uma aventura nos confins da percepção humana, ou que vai sendo humana com o decorrer do tempo e da convivência com a família mais próxima. Daí que me obrigasse a despendar, com uma afabilidade quase amorosa, desinteressada, um olhar sóbrio sobre as andanças que meu filho acalentava naquele soalho encerado de vez em quando. Seguiu-o muitas vezes para observar as suas acções, suas hesitações estáticas de quem procura talvez uma senda no labirinto do real, sempre avançando nas suas quatro patas, a que nós, os adultos, chamamos muito comumente de braços e de pernas. Não posso dizer que corria muitos perigos naquele espaço caseiro, mas era sempre bom saber onde ele se encontrava. Claro que não saía de casa. Não senti a falta de um passeio, de tal maneira pressentia o frio que devia fazer lá fora. Um frio seco, que não me desagradava, ou desagradaria, se não fosse tão frio. As janelas davam para a rua onde uma fila de carros diminuía insofismavelmente a sua largueza. Não havia muitas pessoas passando. Automóveis ainda menos. Era uma rua funcional que nascia num boulevard e desembocava numa avenida, de sentido único.

Minha mulher telefonou. Não tinha levado o miúdo à mãe, disse-me, talvez um pouco preocupada. Ignoro de todo se foi uma pergunta ou uma resposta. Verdade, respondi. Apeteceu-me ficar com ele todo o dia, para pormos a conversa em dia. Havia muito a discutir sobre os ensaios de Montaigne que eu começara apenas a ler. Minha mulher riu, ria, senão perdida,

pelo menos gozada. Desligou. Pensei. Ou ela telefonou antes à minha sogra, ou a sua mãe lhe deu conta da estranheza do facto. Tudo bem, tudo bem. Estaria tudo bem? O andarilho não se ralava, que eu desse conta, com a sonoridade que a música expandia à volta. Tinha o cuidado de não o assaltar com grandes gritarias rockandrolianas, nem com solos frenéticos de guitarra que pudessem perturbar a sua sensibilidade sem dúvida ainda frágil. Mas não escapou à genialidade de Bob Dylan, devo dizê-lo. Nem eu. Lia pois, com um olho febril, o conteúdo um pouco chato das divagações do autor renascentista, enquanto o outro olho velava pelo meu filhote que brincava mesmo ao lado da cama com os brinquedos que lhe foram oferecendo aos longos dos seus escassos meses. De vez em quando afastava-me do livro e puxava-o para mim, os dois na cama, ele soltando risos e risadas de quem ignora de todo o que é a vida, eu fazendo-me de palhaço para obter o efeito desejado, a sua alegria. Não era mau, confesso, ser pai de um bebé. Ignoro de todo o que é ser pai de um adolescente. Perdi, como tantas coisas na vida, essa oportunidade. Não se pode ter tudo, diz a sagesa tantas vezes popular. Claro que não, concordo. E mesmo que não concordasse, de que me serviria?

Nessa noite, já o menino dormia depois de um banho levado a efeito pelas mãos da sua mãe, que fez questão, assim, de contribuir para o seu bem-estar, jantados na mesa que se concentrava no meio da cozinha, estreita mas alongada, decidimos que era tempo de irmos para a cama. Fomos. De braço dado, como dois verdadeiros amantes. Os lençóis imaculados, frescos na fragrância que emanavam, uma agradável surpresa para a minha mulher. Que sorriu, significativamente. Não haja dúvidas, eu era um esposo extraordinário, um pai extremo. Que mais poderá desejar uma mulher? Vem, disse-me ela ao ouvido, já deitados. Fui. Sempre fui quando ela me exortava com um malicioso «vem». Depois do trauma da manhã, da tempestade que ensombrara e assombrara a minha mais íntima intuição de que eu era alguém, isto é, um homem, veio a sinfonia e os seus andamentos. Melodias e harmonias esparsas de corpos dispostos a não sucumbirem ao logro da bestialidade, balouçando em ritmos ora lentos ora mais enérgicos,

gemidos concomitantes eivados de uma certeza aprazível, que sabe de onde vem, desse inominável a que chamamos carne, e até onde vai, essa saída física, psicológica e glotal, que galvaniza, com uma ilusão contente e feliz, a percepção de uma paragem do tempo, de um acesso a um recesso da própria vida, como se a vida quisesse exprimir-se falando, mas sem poder dizer nada. O vazio de uma inexpressão e de um inacontecimento sobrevém sempre como uma transcendência defraudada, embora desfraldada apocalipticamente tanto como uma necessidade, tanto como uma possibilidade.

Os dias seguintes foram vividos num misto de castigo e de recompensa. Recompensa porque minha mulher saíra de uma abstinência que eu não compreendia ou não podia compreender, e por isso inquestionada e inquestionável, castigo porque nos dias seguintes tive que conviver com a minha sogra no simples acto de lhe entregar o meu filho ao seu cuidado, não passando da porta do apartamento. A noite da passagem do ano, assim como o primeiro dia de Janeiro, foram uma tormenta e uma tortura. Não sabia onde me meter, não bispava nenhum lugar onde me pudesse recolher. Tudo era descampado, um deserto incapaz de uma simples miragem onde pudesse subsistir um oásis benfazejo. Não sabia o que dizer ou fazer. Sentindo, e isso considerei-o como uma tortura, o olhar da minha sogra sobre mim, como se alguma coisa se tivesse passado, e eu fosse obrigado a conceder essa realidade. Não tive coragem de a olhar de frente, covarde que era. E se, de viés, ousava prospectar a sua face envolta numa luminescência quase incorruptível, seus olhos, de uma beleza insusceptível de qualquer dúvida, dardejavam sobre mim um não sei o quê que me afligia, como se eu tivesse perdido a medida do mundo, desconhecesse o cálculo de uma dimensão, ignorasse a vitalidade de uma experiência humana. Meus pés, definitivamente, sentiam um chão. Eu não era um homem, era um informe amontoado de chumbo. Vozes e risos alistridentes revolteavam pela sala em estado de sítio, conversas de ocasião ao jantar e ao almoço, festejos, sons de piano tentando alcançar a desenvoltura de uma canção de Natal, enfim, um tumulto. E depois, entre esses estados compulsivos, os silêncios arquejantes, algumas vezes pós-prandiais, de quem dá descanso

ao corpo e ao espírito para que tudo recomeçasse de novo num vórtice que me parecia um inescapável pesadelo. Um mau sonho incapaz de conviver com o sono, incapaz de se instituir como um acontecimento desagradável ou indesejável. Uma estranheza que nenhum inconsciente teria a coragem de ser ou de subsumir por um lapso ou um brevíssimo instante de um qualquer tempo, real ou virtual.

A criança dormia, quando dormia, no antigo quarto da sua mãe. Daria conta de toda aquela vozeria, do fervor metálico dos talheres, das perguntas e respostas que convivem com a naturalidade fiável de uma conversa em família? Acordada ou adormecida? Duvidei. Duas vezes, pelo menos, entrei nesse quarto cuja intimidade me era ainda alheia, apesar de pisar o seu soalho desde que o meu filho nascera, para o deitar solitamente no seu berço doirado. Minha sogra, ignoro porquê, seguiu-me. Muito casualmente, a meu ver desnecessariamente, nossos corpos tocaram-se como se estivessem comprimidos ou entalados no meio de uma multidão imaterial, numa carruagem, por exemplo, do metro que eu tanto detestava, não fosse eu filho e adorador do sol, inimigo público de uma qualquer insinuação de caverna ou de túnel. Que queria aquela mulher? Foi a pergunta que me dilacerou nesses dois dias. O meu fim, como o do ano findo, ou o começo, como o do ano apenas encetado? Que queria aquela mulher? O meu bem ou o meu mal? Destronar-me daquele casamento que se me tornara tão conveniente, tão fundamental, pela oportunidade que me deu de não ter que trabalhar, pelo ensejo de não fazer nada? Que queria aquela mulher? Destruir-me? Não podia acreditar que eu lhe tivesse inspirado um desejo ou uma paixão. Muito menos o ódio. Mas aquele seu olhar, quase mítico, quase mitridático, parecia dizer-me: Tem coragem! Assume-te! Mais: Conhece-te a ti próprio! Mas eu nunca desejara, nem sentira a necessidade, de me conhecer. Eu passava, envelhecia, intraduzível a qualquer conhecimento. Nem nunca sentira a necessidade de conhecer as outras pessoas, de inundá-las ou apreendê-las com interpretações abstrusas, teimando em achar-lhes uma razão, uma fonte, um eco, ou uma origem que as definisse. Nem achava, já agora, que tal empreendimento fosse possível. Eu só queria, muito simplesmente,

que me tratassem bem. Que não me fizessem mal. Que me deixassem ser.

Minha mulher, que eu nunca pretendi conhecer, não por descaso, mas por amor, tentando descobrir-lhe o passado ou inaugurando-lhe um futuro, nunca me fizera mal. Portara-se sempre comigo como uma verdadeira amiga, transformara a minha existência numa serenidade alegre, sem raivas nem discussões. As razões ou as decisões que a faziam ser o que era, em cada dia que passava, não me diziam respeito. Ela, em relação a mim, era livre. Não tinha que me dar satisfações. Já lhe bastava viver no seio de uma sociedade cruel, predisposta a prepotências, para que eu lhe infligisse perguntas desprovidas de qualquer direito ou de qualquer autoridade. Verdade que aquelas abstenções intervaladas de irrupções eróticas me davam que pensar, faziam-se por vezes dados da minha consciência, mas não me atormentavam ao ponto de acalentar suspeitas, e muito menos raiva ou ódio. Eu sofria, ao pensar no que estava a acontecer, ao pensar no que estaria a passar-se longe do horizonte da nossa intimidade diária, não por mim, mas por ela. Gostaria de ajudá-la, se fosse caso disso, mas ela nunca me pediu ajuda. Chegava ao apartamento e o apartamento transformava-se, só pela sua presença, numa casa, numa pausada convivência tecida dos rumores do dia que ela e eu experimentáramos e que desvelávamos um ao outro, dando relevo a factos em si banais, triviais. Eu só temia, devo confessá-lo muito honestamente, e talvez fosse da minha parte um sinal de egoísmo, não discordo, que fosse expulso daquele paraíso. O que seria da minha sobrevivência? Era a minha vida que estava em jogo. Um suicídio perfilava-se à minha frente como uma escuridão longínqua, infinda, e vozes desconhecidas exortavam-me com palavras doces demais para não dever temê-las: «Vem, vem, esse não é o teu mundo, a tua casa, o teu lar. A tua vida só poderá ser vivida na calmaria da inexistência. Para quê esperares pelo que será inevitável? No nada não há nada que te possa fazer mal. Vem, vem, não tenhas medo.» Eu não tinha medo desse nada. Só não tinha coragem para franquear, de moto próprio, essa porta ínvia. Nunca me perdoo essa covardia.

## Capítulo 19

Dias depois, a rotina estabelecida, os trabalhos mais ou menos distribuídos pelos trabalhadores da família, as tarefas mais ou menos ordenadas na inevitável, infelizmente, nomenclatura do real, os horários mais ou menos oriundos de um plano que nunca poderá ser tomado a sério, ou o mundo com toda a gente que nele vive nada mais seria do que uma máquina eterna, ouço novamente, manhã alta, toques espaçados na porta. Meu coração, estupidamente, em sobressaltos incontrolláveis, parecia tentar escapulir-se do meu corpo, como se não tivesse nada a ver com o que estava a acontecer. Sons explícitos, de uns nós de dedos de uma ou duas mãos, na matéria de que a madeira é feita, ressoavam pelo corredor. Que fazer? Fazer de conta que não são ouvidos? Que não está ninguém no apartamento? Eu sabia, alertado por uma suspeita que nada tinha de excepcional, de onde vinham esses sons. Levantei-me, perdi algum tempo a espreguiçar-me tomado de uma urgência em fazê-la um pouco, ou muito, fictícia, e caminhei para a porta, o pijama enrugado e ainda tépido, os chinelos providenciais protegendo-me de qualquer frialdade que pudesse existir no soalho. Abro a porta. Era ela, a minha sogra. Que fecha a porta com um leve estrondo que não consegue evitar e se lança, outra vez, sobre mim, os braços enlaçados no meu pescoço como um garrote da imaginação que agora me invade num jeito, a todos os títulos, metafórico. Mas o que é a escrita? Cambaleio, titubeio, tento desenvencilhar-me daquele aperto contundente, procuro distanciar-me daquela respiração ofegante, agónica, temerosa, e concutido pelo esforço que faço em desembaraçar-me de toda aquela desenfreada concupiscência, de toda aquela urgência, consigo, mesmo assim, empurrá-la contra a parede, gentilmente, quase com afecto, segurando-lhe contudo os braços tenazes, possuídos de uma força inaudita.

– Por favor, eu amo a sua filha.

Não sei se foi uma asserção convicta ou um gemido estertorado o que disse. Mas disse. Não balbuciei com uma voz embargada, apanágio de um homem irresoluto ou educado, o que tinha a dizer. Ela olhou-me aparvalhada, indecisa, como

se não fosse possível o que acabava de ouvir, ou como se não tivesse batido na porta certa, tendo-se enganado talvez no prédio de uma rua em que todos os edifícios se igualavam na racionalidade monótona de uma arquitetura talvez finissecular. Teria pensado, este não é o meu genro? O esposo da minha filha? O estrangeiro aceite de braços abertos na nossa família? O meu amante da semana passada? O homem que, ao abraçar-me num anódino gesto de amizade, se me fez sentir, inequivocamente, atraído por uma decisão conspícua da sua carne, do seu corpo? Quem é, na realidade, este homem? De onde vem? Para onde pensa que vai? Não faço a mínima ideia do que lhe atravessou a consciência talvez ferida pelo meu gesto possivelmente demasiado irreflectido, um pouco categórico e até definitivo. O dito estava dito. O silêncio inexpressivo e embaraçoso que se seguiu não foi vivido por mim, repeli-o como se estivesse diante de um inimigo incomensurável. Mas ela, teria ela experimentado, por acaso, essa estrondosa aflição, esse caos de sensações e de sentimentos que por vezes nos anavalham onde mais nos dói, isto é, na nossa imperdoável ausência? Vi-a recompor-se, ativa e segura, senhora de si, como sempre a tinha conhecido até então, vi-a abeirar-se da porta e ciciar com uma voz firme:

– Francamente, meu caro, não sei se você é um tolo ou se é demasiado inteligente.

Fechou-se a porta como por encanto. Não vi mãos que a fechassem. Nem ouvi o deslize ríspido da porta entreaberta contra a porta encerrada. Ouvia apenas aquela frase um pouco abrasiva que me acompanhou até à cozinha iluminada por um sol de inverno e cuja luz caía de esquelha. Reparei, sobre a mesa, no desleixo de um pequeno almoço apressado, a passagem óbvia da minha mulher. Que é que ela quis dizer? Não compreendi. Tolo, inteligente, que significado assacar a tais palavras, sobretudo naquele contexto? O que é que passa pela cabeça das pessoas? Que pensamentos, que dimensões da fantasia ou da realidade? Enfim, que desmedida? Tolo? Inteligente? Demasiado inteligente? Quem, eu? Não compreendi. Não compreendia. Assaltou-me, contudo, uma ideia um pouco especiosa, direi mesmo, capciosa: seria uma ameaça aquela proferição um tudo nada escatológica? Vá-se lá saber!

Sabia que Janeiro entrava no ano como um mês se faz tempo para merecer, talvez um dia, de alguém, uma memória. Infelizmente só posso afirmar que a vida continuou certamente cheia de percalços, mas que todos esses eventos se perderam como grãos de areia incapazes de descobrirem o conforto de uma praia ou a solidão de um deserto. Vento. Como o frio apertava, o Jardim não era um alvo para o meu apetite de passeios pela cidade. Muito menos com o meu filho. Ia algumas vezes ao café, pouca gente conhecida se sentava a uma dessas mesas outrora abarrotadas de ruidosos exilados. De vez em quando, por acaso, via um sobrevivente que escapara, ileso, a esse abandono e a essa catástrofe, e sentava-me à sua mesa para falarmos do que ia acontecendo no país. Confesso, não me lembro de nada. E ignoro de todo, sem malícia nem arrogância, a política que foi vivida pelos conterrâneos. A terrinha, segundo me diziam, ia sofrendo sucessos e retrocessos, não sei se alguma data foi ou deva ser assinalada. Fez-se história? Talvez. Mas em que livro, em que anais?

Um ou dois casais, dos que restaram da debandada, muito casualmente, um dia, disseram-me que possivelmente também iriam regressar a casa. Estavam fartos de tanta cidade, e da existência cansativa que nela levavam. Dos trabalhos mais ou menos miseráveis que os franceses tinham para oferecer aos imigrantes. Muitos dos meus amigos, anarquistas confesos, já tinham partido para a aventura ingente, mudar o mundo, lutar por um ideal e por um futuro mais justo e humano que cobrisse, um dia, toda a humanidade. Sentia-me só, às vezes, nesse café rodeado de uma esplanada protegida do frio por enormes vidraças fixas em caixilhos metálicos. A noite, pontuda de luzes citadinas que a transfiguravam num pressentimento de beleza, não demorava a aparecer. Gente descia e subia o boulevard, meus contemporâneos? Duvidava. Chegava sempre a hora, impreterivelmente, de ir buscar o meu filho. Sentia um frio mais frio que o da noite dentro de mim, seria medo? De que qualquer coisa, fora da normalidade das coisas, acontecesse? Nada, porém, acontecia. Minha sogra apenas me devolvia a criança dando-me sempre uns conselhos atinentes à sua segurança e à sua saúde. Nada ocorrera entre nós. Um descanso. Não sei se da consciência.

Minha mulher, agora, amava-me algumas vezes em alguns fins de semana. Não me queixava. Os ritmos não se discutem. Fazem parte da música. Notei contudo que alguma coisa se introduzira nesses requebros da sexualidade familiar, um comportamento inusitado, incoativo, esboçando-se. A maneira como os amplexos se perfaziam não era a mesma. Havia ali qualquer coisa de novo, uma pequeníssima insinuação de violência, de uma violência que a minha mulher me exigia, talvez saturada das sinfonias habituais. Prefigurava-se uma espécie de fuga no seu periclitante começo, como se o que era devesse ser um pouco mais. Ou diferente. Mas como os nossos contactos físicos eram irregulares e não obedeciam a nenhuma lógica, a nenhum calendário, essa sensação demorou bastante tempo a fazer-se consciência para adquirir uma tonalidade que significasse um facto ou uma verdade, se é que se pode empregar este último termo.

Novo era o que acontecia nos jantares oferecidos pelos meus sogros aos seus amigos de longa data, esses quatro ou cinco casais da mesma geração. Eu tornara-me fluente na língua. O treino recebido pelo contacto com a família e a leitura das centenas de livros que me balouçavam ao longo dos dias permitiam-me agora uma pirotecnia verbal que não só abria a boca de espanto aos convivas, como me inebriava a mim próprio. As mulheres deliravam. Os homens, mais cordatos, congratulavam o meu sogro. O teu genro excele na sua expressão, diziam-lhe com um sorriso nos lábios. Qualquer dia domina a língua melhor do que nós, esse malandro, rejubilavam com gargalhadas sadias. Minha mulher, contudo, olhava-me como se eu fosse um intruso, sobretudo quando me via rodeado de todas aquelas mulheres sempre à espera de uma palavra espirituosa, de uma insinuação mais rebuscada. Havia ciúme no seu olhar? Um dia, experiente na linguagem de Montaigne, um osso duro de roer, século dezasseis ao longe, ousei mesmo proferir, num tão casual, uma banalidade portuguesa perfeitamente contemporânea, mas que, arcaísmo que era na língua indígena, desaparecera provavelmente desde há muito. Disse, como se nada fosse: Consta que... e continuei a frase até vê-la finda. Consta que? Exclamaram as senhoras, aturridas e confusas, talvez um pouco decepcionadas. Uma delas, a

mais afoita, atreveu-se a comunicar-me, com uma mão gentil estendida ao meu braço, que tal aberração não existia na língua. Não seria um deslize, uma remanescência lexical alheia ao francês? Meu sogro, que me emprestara os Ensaíos, sorriu, prazenteiro: Este pobre rapaz anda a ler Montaigne. E o que quer dizer tal expressão?, perguntou ela um tanto embaraçada, arrependida talvez por ter-se manifestado antes do tempo. Meu sogro, solícito e chocarreiro, lá lhe disse o que significara esse verbo caído em desuso ao longo de séculos. Mas você tornou-se mais francês do que nós, os franceses! replicou ela, tentando disfarçar uma ignorância completamente compreensível. É verdade, não brinco! assegurava-me ela. Mas brincávamos. Minha mulher, a oportunidade advinda, uma ou duas vezes, sussurrando dizia-me, irônica: Tem cuidado com essas mulheres na menopausa! São terríveis! Não te deixes levar pela vaidade, pensando que as estás a conquistar. Serás tu a vítima, meu amor.

Os maridos, pelo contrário, pareciam ver nos nossos conciliábulos, às vezes picantes, a oportunidade de se isolarem da fadiga que seria talvez a prática de muitos anos de contubérnio, pensando talvez que assim poderiam evitar os seus deveres demasiado conjugais. Não mostravam o menor sinal de ciúme ou de rancor, satisfeitos como estavam por descobrirem que as suas esposas tinham encontrado um alvo onde despejar as suas idiossincrasias. Talvez vissem no que se passava à volta deles, é uma suposição minha, o ensejo de se lançarem nas suas próprias aventuras com mulheres mais jovens, ou, pelo menos, diferentes, portadoras de uma qualquer novidade. O que era uma traição? Apenas uma fantasia realizada. Até o meu sogro, geralmente bonacheirão, me advertiu: Tem cuidado, essas mulheres são um perigo. Verdadeiras sugadoras. Eu sorria, perdido de estupefação e de bonomia. A burguesia francesa, ou parisiense, já agora, era lúcida. Seus súbditos sabiam, aparentemente, o que faziam e por que o faziam, sem precisarem da mentira nem de subterfúgios para se desculpabilizarem. Eu nada mais seria, se fosse, que um pitéu temporário.

Um dia, no sossego da tarde finda, enquanto esperava pela minha mulher, que tivera um assunto a resolver e demorava,

meu sogro, instalado no seu sofá preferido, olhando-me com carinho, acariciando a sua barba grisalha, explicava-me:

– Ainda bem que deixei de ser eu o palhaço. Já estava farto de uma pose, de uma prisão. De uma maneira de ser que todos pensavam e pensam que é a minha. Foi um alívio, meu rapaz, ter aparecido para me substituir. Não preciso mais de utilizar uma máscara. Com a sua idade ainda se tem forças para a brincadeira e a folia. Com a minha até as brincadeiras são fastidiosas, e cansam. A minha filha não poderia ter tido mais sorte. Nem eu, para dizer a verdade. Imagine se você fosse um carrancudo, um chato, não tivesse o mínimo de espírito, nem uma pitada de cultura. Estava perdido. Minha filha fez uma boa escolha. Deixo-lhe agora a missão de entreter os nossos convivas. Mas não as deixe abusar, a essas mulheres. Eu sei do que falo, e tenho alguma experiência dessas exuberâncias em estado de menopausa. Também já fui jovem, isto é, também já fui estúpido.

Eu gostava verdadeiramente do meu sogro. Não posso dizer que nutria por ele uma admiração excepcional, não posso afirmar que ele fosse para mim como que um mestre ou um exemplo, mas eu gostava dele. Havia ali um homem avançando para a velhice, vivendo meticulosamente cada dia que o tempo lhe ofertava. Se a sua alegria era uma máscara ou não, isso não me importava. Importava-me sentir que o espaço onde ele evoluía se transformava numa outra dimensão difícil de explicar, ou mesmo de conceber. Enfim, era como se o espaço adviesse tempo, um tempo agradável, prazenteiro, onde a carne que nos concede o vulto de um corpo não fosse somente o oráculo abissal de um futuro votado ao declínio, ao apagamento e à morte. Como se esse espaço temporal, ou esse tempo espacial denunciasse a presença insofismável de uma eternidade pouco plausível. A realidade era adversa ao real. A companhia era uma realidade sensível, que podia ser sentida por todos os sentidos que nos transmitem a natureza das coisas.

E quando ele me falava de arquitectura, era uma delícia para os meus ouvidos captar essas palavras que proferia, esses argumentos atulhados de uma plenitude indisfarçável, visões de habitáculos onde possivelmente o homem nunca teria

a ocasião de habitar. Trabalhar nessas formas, com essas formas fugidias e inalcançáveis tantas vezes, deveria ser um prazer. Mais até. Deveria ser como a formulação humildemente humana de um destino fadado à criatividade, ao sonho de um impossível que se introduz dentro de nós exigindo a nossa permanente acuidade, o nosso mais precioso desvelo. Eu adivinhava, graças a ele, edifícios de que nunca suspeitara, prédios que nunca se insinuaram, por um minuto que fosse, na disponibilidade intelectual e artística facultada pela ociosidade onde habitava, eu via diante de mim essas casas, esses telhados, essas dependências, uma cozinha assim, um salão assim, um quarto de dormir assim, um quarto de banho assim, uma janela assim, um espaço capaz de conter um corpo, corpos, populações inteiras de uma terra perdida na sofreguidão da miséria e da fome e do desperdício. Eu sonhava como os meus amigos anarquistas deveriam sonhar quando pensavam poder mudar o mundo. O mundo. O homem. As relações sociais. Eu pensava, nesses momentos, ouvindo-o, que também eu pertencia à terra. Não sabia que terra, mas que brotara da terra para nela, mais dia menos dia, me abrigar da crueldade da vida.

Mesmo se, na convulsão dos compromissos sociais, ele tivesse sido obrigado a se ficar pelos edifícios banais da contemporaneidade democrática, levantando prédios, torres, nos arredores da capital, para abrigar os proletários e os imigrantes de várias origens. Casas, arquitetou talvez umas dez, fora de Paris, em todos esses anos de trabalho. Sempre sonhando, nas horas vagas ou nos raros minutos de lazer, com outra coisa. Ganhar a vida era a pior das prisões, meditou. Sobreviver, o maior dos crimes. Eu não sabia como chorar nesses momentos em que a confissão assumia uma língua tão nítida. Esperava apenas que qualquer coisa acontecesse para que a atmosfera desanuviasse. Arrependido, porque a minha mais secreta ambição era poder falar sempre assim com os homens e as mulheres que povoam este planeta. Olhava-o como se eu vislumbrasse nele um outro eu, uma sombra que nada tinha de obscura, pelo contrário, uma sombra tingida de um clarão solar capaz de transformar a cegueira que nos é própria em vidas e destinos. Via-o quando se levantava e se dirigia a uma

prateleira, pegava num livro de arquitectura mais ou menos recente, a capa dura protegida por um papel lúcido, e com um sorriso nos lábios estendia-me a utopia prometida onde as páginas faziam emergir edifícios que ele reputava de geniais, por isto ou por aquilo. Ele sabia reconhecer o que me escapava do novo que aí figurava. Mostrava-me com um dedo diligente este ou aquele aspecto que não me dizia nada, pois não conhecia a linguagem das formas nem dos volumes, nem das superfícies nem das arestas. Uma casa para mim não tinha pormenores. Nada que a fizesse sobressair das outras casas, a não ser o facto de ser um edifício diferente. Casas. Casas. Casas. Tudo o que não fizera durante a sua vida e os seus trabalhos, para se tornar um marido capaz de arrecadar um pecúlio que pudesse largamente alimentar a família, assegurar-lhe um futuro abastado, mantendo-a no conforto e na decência de um país preso a obsessões obsoletas de civilização e de cultura.

– Meu pobre rapaz, nada mais há. Sonhos e realidade. Não se poder viver dos e nos sonhos! Sermos joguetes da realidade, quando não há a coragem de se tentar uma outra coisa, enfrentando o mundo como ele é. Meu pobre rapaz.

– Mas você é feliz!, afirmei como se fosse da minha parte uma convicção profunda, uma confirmação e comprovação absolutas.

– Sou feliz, confiou-me, por pensar que com a minha filha poderei ainda realizar alguma coisa que me dê um especial prazer. Sei lá, uma obra de arte. Talvez seja uma esperança despropositada, sem razão de ser, ou inexequível. Mas, por favor, conceda-lhe todo o tempo que ela precise para me poder ajudar, com a sua juventude, numa empreitada a sério. Sei que é pedir demais, mas o acaso quis que ela não se juntasse a um parvalhão, sei lá, a um médico, um advogado, um engenheiro, um homem de negócios, um industrial, um bancário, sei lá, talvez mesmo a um banqueiro qualquer que a obrigasse a ser, para lá da arquitecta que ela é, uma dona de casa. Que a destruísse, se me faço compreender. Sinto que ainda há tempo. O dinheiro está amealhado, chegou a altura, meu velho, de viver a libertinagem. De inventar. De conceber.

Quase implorando: Emprésteme a sua mulher durante alguns anos, dê-me a oportunidade de ter uma filha que possa

finalmente descobrir-me como um outro homem, o homem que nunca fui, que nunca pude ser.

Não sabia o que dizer. Não disse nada. Folheava ainda o livro quase sem curiosidade maior do que a de fingir que me interessava pela arquitectura. Ouvi-o regressar à poltrona, ouvi o barulho que o assento fez ao receber as suas nádegas, ouvi, mas sem a coragem para ver o que não sabia que iria ver. Até que a coragem se avizinhou de mim e eu pude assim levantar a cabeça do livro que tinha nos joelhos. Encarei-o. Não havia silêncio onde há difusos automóveis que passavam pela rua, mas o silêncio que adivinhava não era a simples ausência do ruído exterior, mesmo se camuflado pelas janelas. Era um silêncio impregnado de insinuações insignificantes, de mutismos anímicos, do que ficara por dizer porque não se pode dizer tudo. Há sempre um resto que se arrasta ao longo do tempo pretendendo não desaparecer nem esvaír-se para sempre. Um rasto do que nunca teve existência ou lugar. Um silêncio posterior, mas posterior a quê? Ignorava de todo. Encarei-o e vi-o quase como se fosse pela primeira vez, mas uma vez distante do passado ou do futuro, como se o presente quisesse ultrapassar a sua condição de um agora. Como se um presente demorasse na sua oferta, oferecido para sempre ao acaso do inolvidável. Ganhei uma memória, estava agradecido.

Não encontrei os seus olhos. Estava virado para o piano como se pairasse num transe, numa realidade indiscernível. Estaria a ouvir alguma música? A lembrar-se de alguma coisa? Por exemplo, da sua juventude? Das suas ambições mais ou menos artísticas? Da vida que levava até àquele preciso instante? Estaria a pensar na mulher e na filha? Nos seus pais, possivelmente já falecidos? Numa bela rapariga por quem se apaixonara na adolescência? Ou estaria muito simplesmente absorto, voando num vazio de nada, só, indetectável pela consciência? Ouvi os passos feéricos da esposa que entrava no salão. Uma mulher inefável. Virada também para o marido. Senti-me possuído por um sentimento de paz, insequente, incapaz de ser o que quer que seja. Ele virou-se para a mulher que o fitava com um sorriso tão amável que desejei guardar esse sorriso bem dentro de mim. Ao vê-la viu-me,

desceu à terra, lá estava eu sentado com o livro de arquitectura no meu colo, entre um e o outro, uma presença talvez inoportuna. Disse apenas:

– Pode contar comigo.

## Capítulo 20

Conhecia o apartamento onde vivíamos como conhecia as minhas mãos, ou até melhor. Tudo, mesmo os recantos menos insuspeitos, fazia agora parte da minha geografia caseira. A limpeza nunca fora, para ser sincero, um dos meus fortes, mas agora era. Tinha a casa num brinco. Sem grandes custos. Tratava de uma dependência todos os dias da semana, esse era o meu método. Cozinha e quarto de banho, brilhavam de saúde. Era um prazer sentir no chão da cozinha o sol desenvolver floreios que possivelmente só eu detectaria, mas por sensibilidades estéticas nem todos os mortais podem responder. Não podendo quase ver o fora, uma rua estreita diante da fachada, traseiras de outros prédios na traseira, todo o sol, em ambos os lados, transportava a sua luz numa obliquidade irrepreensível, a determinadas horas do dia, consoante as estações do ano e as meteorologias.

O miúdo, ora dormindo, ora brincando, não me importunava. Depois da sua sesta, como costume, às vezes excepcionalmente corrompido por uma decisão tomada com a minha mulher, uma ida ao médico, uma vacina a ser administrada, levava-o até aos braços da sua avó. As manhãs de um mês de Março mais ou menos conseguido não se confundiam apenas com as tarefas domésticas. E mesmo o aborrecido passar a ferro, com aquele calor que nos insufla de um suor a despropósito, ou outra qualquer coisa a levar a cabo, era sempre acompanhado de música, desde que a criança estivesse desperta. Não posso dizer que o pequeno delirava com aqueles sons às vezes atrevidos, mas com certeza, é um palpite, os seus ouvidos ter-se-iam habituado a esse pano de fundo, a essas carícias auditivas, às vezes um pouco obsessivas ou angustiantes. Nunca se queixou, nem nunca o vi chorar perante uma guitarra de Hendrix, o virtuoso.

Era, se não for tão drástica a observação, um preguiçoso. Filhos de outros casais, segundo me diziam, levantavam-se a horas tão matutinas que nem aos sábados nem aos domingos lhes permitiam um momento de seráfico prazer, ficar na cama por mais uma ou duas horas, dormitando ou recuperando de uma semana de trabalho. Acordavam cheios de fome. Acon-

tecia o mesmo com o meu filho, mas uma vez mudada a fralda, saciado do alimento que carecia, ficava ainda umas horas ou no seu berço, ou na cama já abandonada por mim e pela mãe que se preparava para mais um dia. Saída a mãe com um beijo efervescente nos meus lábios, quais promessas para uma volúpia sempre incerta, com umas beijocas tumultuosas nas bochechas da criança aturdida, mas alegremente feliz, saboreando aquele carinho, trocadas algumas palavras mais ou menos soltas sobre alguns problemas a resolver, ou então de circunstância, também eu me deitava novamente na cama para saborear mais uma ou duas horas de sono. Éramos, pois, uns preguiçosos. Sem complexos.

E foi com um espanto enorme que um dia o vejo a levantar-se, a fixar o seu corpo numa compostura erecta, mesmo se bracejando na tentativa de achar o melhor equilíbrio para o que pretendia fazer, que era caminhar como um homem. As suas perninhas claudicantes tentavam os dois ou três passos que dava para vir a cair no soalho. Gatinhava mais um pouco, e pouco depois, apoiando-se em qualquer coisa, o bordo da cama, a cadeira da cozinha, um móvel mais desgarnecido, lá ousava ele posicionar-se para se erigir, seu corpo talvez tremebundo mas cheio de uma certeza: ele iria caminhar. Perguntei aos amigos, excitado com o que estava a acontecer, é normal? Ainda não tem doze meses. Depende, respondiam-me. Acontece a uns, não acontece a outros. Enfim, meu filho, antes do tempo, pensava eu todo orgulhoso, aprendia a dar os primeiros passos. Desejava andar. E eu ajudava-o. Segurava-o pelas mãozitas carnudas, à frente ou atrás dele, e deixava-o pôr pé ante pé no chão da nossa virtualidade hominídea. Um passo, dois passos, três passos, e ele ia ou vinha por onde eu o arrastava com uma benevolência paternal. Minha mulher, ao vê-lo, abraçou-o como se tivesse, mesmo à sua frente, ocorrido um feito digno de constar numa história da civilização. Constou, pelo menos, na história da família.

Estava eu um dia deitado na água quente da banheira, facto notável, pois era raro fazê-lo, preferindo mil vezes a limpeza de um duche com águas corridas e não estagnadas, quando dou com a porta da casa de banho a abrir-se, aparecendo com a sua fragilidade tacteante meu filho, sorrindo-me

sem que eu pudesse saber porquê, mas é preciso conhecer-se a razão de um sorriso? Sem sair da banheira, puxando-o, retiro-lhe o pijama que vestia, as fraldas apenas húmidas, e levanto-o com toda a força dos meus braços para o introduzir na água já ensaboada que me cingia. Foi deveras uma alegria vê-lo chapinhar na água com as mãozitas quase maquinais, seu corpo encostado ao meu corpo nu como se fosse possível uma comunicação, mesmo se intraduzível, ao nível da pele. Senti uma estúpida sensação, não poderei dizer agora, ou mesmo nesse momento, de quê. Mas senti, e foi bom senti-la. Passava minhas mãos sobre a sua pele, como, aliás, todos os dias o fazia quando lhe dava banho, mas não era a mesma coisa. Havia agora uma espécie de união, um pacto, uma intimidade mais natural, éramos homens e estava tudo dito. Éramos homens! Saímos da banheira, limpei-o, limpei-me, vesti-o, vesti-me. Pai e filho.

Falei com a minha mulher. Era preciso comprar uma máquina fotográfica. Mas se o meu pai já tem uma, mas se já estamos cheios de fotografias da criança. Não é a mesma coisa, não é a mesma coisa. Gostaria de o apanhar na surpresa de viver, gostaria de poder escolher o momento e o lugar. O teu pai não pode fazer isso. Tira fotografias para a memória do passado, eu gostaria de ficar com imagens do que foi. Mas não é a mesma coisa?, replicou ela. Com certeza até era. Mas senti que não soubera exprimir-me, que havia qualquer coisa a dizer que não fui capaz de transmitir. Era uma coisa, como dizer, sem coisa, se faz sentido o que acabo de escrever. Vou falar com o meu pai. Ele empresta-te a máquina. Não te preocupes. Não me preocupei, mas também nunca tive azo de trazer até à imagem o mais pessoal, o meus íntimo sopro do meu filho. Minha mulher esquecera-se de falar com o pai sobre o assunto. Que podia fazer? O pedido estava feito, não lhe faria um segundo. Mas não compreendi que a minha mulher não quisesse ver por mim o seu filho, ou melhor, que o meu filho não pudesse ser completamente meu. Afinal, com o dinheiro que tinham, o que significava a ninharia de uma máquina fotográfica oferecida a um genro? Dava a entender, foi como percebi o problema, que certos momentos apanhados em flagrante, na confluência do tempo com o lugar, para a minha

mulher, pois não acreditei que o meu sogro fosse insensível à criatividade, não poderiam catalisar e absorver toda uma força, toda uma presença invisíveis que efectivamente existem, era a minha mais profunda convicção, mas em estado de ocultação ou em potência. Uma imagem onde o meu filho filtrasse o tempo ou o devolvesse ao mistério de onde vem e para onde vai. Meu sogro, e não é uma crítica que lhe faço, transformava o seu neto num mero objecto, um vão de uma escada, um contorno exterior de uma parede seduzido pela luz ou pelo contraponto da sombra tendendo para a obscuridade. Eu desejava que do meu filho não sobrasse um objecto, um corpo, um riso, mas que permanecesse, vindo ao de cima, um sujeito, uma pessoa capaz de, pelo facto de não ter sido simplesmente fotografado, mas apenas apanhado na irrecusável surpresa de ser, pudesse contribuir para a fluidez do tempo, sendo.

Alguns dias depois, por acaso, encontro em pleno boulevard de St. Michel, descendo, um dos nossos amigos, o intelectual, o que tinha ambições literárias. Fizemos uma grande festa, como se não nos víssemos há muito. Perto que estávamos do café que eu frequentava, sugeri-lhe irmos beber uma cerveja, ou qualquer outra bebida. Um café, por exemplo. Ficou encantado. Vamos a isso. Fomos e sentámo-nos numa das mesas do interior guarnecido de espelhos monumentais. O empregado, calças pretas e casaco branco, veio à nossa mesa e imediatamente o jovem literato percebeu, pela maneira como nos tratávamos, eu e o empregado, que aquele era o meu café. Não me lembro o que pedimos. Também não tem muita importância. Sei que falámos, como sempre fazíamos cada vez que nos reuníamos para as jantaradas, de livros. Perguntei-lhe se o romance em que trabalhava já estava concluído. Disse-me que sim, com um sorriso nos lábios. Ou quase. Andava agora a cortar parágrafos e a emendar frases, enfim, retocando, retocando, absorvido na tarefa de quem pretende atingir a perfeição ou, pelo menos, o máximo de aperfeiçoamento que uma língua permite a um escritor. Já tinha editor, o livro, mas nada de ser publicado na casa de edições onde trabalhava. Não, não quis. Para evitar confusões e futuros mal-entendidos. E o título?, revolteei numa voz curiosa. Oh, vai chamar-se As Três Idades. As três idades? interroguei surpre-

so. Como quê, as idades do ferro, do bronze, do ...? Riu-se, quase gargalhou, divertido com a minha surpresa e o absurdo da minha pergunta. Não, não. As três idades porque o romance, na realidade, está dividido em três partes, podendo-se até considerar cada uma dessas partes, dada uma certa heterogeneidade de escrita, de estilo, como uma novela, pois também elas estão intituladas. E os títulos? inquiri. O Ódio, A Solidão, e A Loucura, respondeu-me com uma calma desconcertante que me deixou desamparado. Mas isso, gaguejei, é um romance negro, sombrio, quero dizer, um pouco disfórico. Onde foste buscar esse ódio, essa solidão, e, sobretudo, essa loucura? De que trata o romance? Um silêncio fez-se à nossa volta, ou antes, entre nós. Não o via assenhoreando-se desses temas, tratando de assuntos para os quais esses títulos aparentemente remetiam. O silêncio evaporou-se quando, levantando a voz até a um ponto de verdade, me perguntou: Não me digas que não sabes que sou um homossexual, ou, em termos mais populares, um paneleiro? Este paneleiro soou-me quase a uma acusação. Disseram-me, sim, foi a resposta. Pois é disso que trata o meu romance. Da minha experiência como homossexual. De como foi a minha infância, a minha adolescência, de como é a minha idade adulta. Do ódio que senti por mim ao perceber que não era como os demais amigos, da solidão que me inundou de vergonha por não me interessar pelas miúdas que faziam sonhar os colegas da escola, da loucura que é pretender-se, apesar de tudo, e mesmo assim, viver o amor, como qualquer outra pessoa. Do que sofri, do que ainda sofro. Para lá do sofrimento, é claro, que avilta, ou consome, a humanidade em geral. Todos nós. Desse complemento, desse extra. Da minha surpresa por ver nos outros, na família, nos amigos, na sociedade, a surpresa de eu ser uma outra coisa que não um rapaz normal.

– Mas aqui, quero dizer, neste país, não há discriminações ou preconceitos, penso eu. Ou há? Foi a resposta, um pouco esfarrapada, a pergunta nenhuma. Nunca vi, nos teus amigos, nada que pudesse dar a entender esse preconceito, sei lá, uma graçola de mau gosto, ou cochichos fora de propósito. Certo, minha mulher, não o nego, avisou-me, se se pode dizer assim, das tuas inclinações amorosas. Mas sem maldade. Como se

referiu, aliás, à nossa amiga comum, esqueço-me do seu nome. Que, aparentemente, ou então estou muito enganado, se está borrifando para o que possam pensar dela. Nunca a vi atormentada pelo facto de ser lésbica.

Outro sinuoso silêncio, desta vez exaurindo a consciência do que se passava à minha volta, como se o mundo tivesse perdido as suas populações e as gentes fossem engolidas em abismos de fogo. Ali estava eu, frente àquele homem simpático, jovem, sempre sorrindo, sempre escutando o que se lhe dizia como se, no que se ia dizendo, emergisse algum interesse, qualquer coisa de excepcional. Estás enganado, retorquiu. Concorde, as pessoas com quem convivo nada mais vêm em mim que esse nada, essa não importância em se ser isto ou aquilo, em se preferir isto ou aquilo. Mas a população, em geral, ainda nos estigmatiza, e de que maneira. Quantos e quantos amigos, e amigas, não foram viver para Londres? Não é por opção, é para não sentirem a opressão no seu próprio país. Lá vão eles, coitados, em busca da felicidade. Tu, melhor do que ninguém, pois que te exilaste, saberás do que falo. À tua maneira, mesmo que o disfarces, também és um proscrito.

– Sou apenas um homem, e chega-me, disse-lhe como se ao dizer pudesse culminar numa verdade.

Mas ele não estava errado. O facto de a minha mulher me ter «avisado» das suas tendências sexuais era já uma discriminação. Do ponto de vista do leitor insaciável que eu era então havia qualquer coisa que me escapava, que sempre me escapou. Às vezes pensava, a sorte que estes escritores têm, de poder ver o mundo de maneira diferente, de poderem sentir outras sensações, de pensarem outros pensamentos. Mas, no fim de contas, só se encontra, como em todos os outros autores, experiências, vivências, memórias ou profecias, ideologias, não uma sensibilidade especial, própria de uma condição. A diferença literária entre Proust e Gide era abismal. O que há neles de comum não é mais do que pertencerem a uma comunidade. A uma minoria. E depois? Não sabia o que estava a pensar. Depois, há homens e mulheres. Uns desejam uns, outros desejam outros, indiferentemente dos seus sexos. A homossexualidade era um facto muito complicado para poder compreendê-la. Conheci homens, amigos, que tiveram rela-

ções com outros homens e estavam honestamente convencidos de que isso nada significara, porque o que significava era o desejo, o desejo que sentiam pelas mulheres. O desejo, e não propriamente a casualidade de actos sexuais com pessoas do mesmo sexo.

Tinha-me embrenhado, nas minha cogitações extemporâneas, num pântano em que perdi os pés. Compreendi, mais uma vez, que a minha inteligência era não só limitadíssima como também obtusa. Nunca, mas mesmo nunca, como ele, ousaria escrever um livro sobre fosse o que fosse. Não se pode saltar de uma aporia para outra aporia como quem salta de uma pedra para outra pedra quando deseja atravessar um ribeiro ou um rio. Não havendo pedras nada mais nos resta que nos molharmos, algumas vezes até ao pescoço, nadando, nadando. Este nada do nadar afligia-me como um conceito acabado de vir ao mundo. Acrescentei, ao propagar esta sentença imbecil, alguma coisa ao universo? Ao raciocínio humano? À argumentação especulativa? A verdade é que, não sabendo como, estávamos a falar novamente de livros, deixando eu em suspenso essa emersão no vazio.

— Tens que te atirar aos contemporâneos, dizia-me ele, chega de tanto romance, de tanta poesia. Sartre foi um bom intelectual da sua geração, Camus também, Beckett, esse teu enleio, até poderá ser um génio, mas apercebeste-te, nos seus romances, da crítica cómica que ele fez e vem fazendo aos filósofos, sobretudo aos ingleses? E não só. Tens que ler filosofia de outras paragens, mergulhares na teoria literária que se está a escrever agora. Ler com um pano de fundo, com instrumentos teórico que te façam aceder ao que está em causa. Aos problemas que gravitam como astros perdidos ou buracos negros nos romances que lêes. Um enredo, tu sabes tão bem como eu, não é só uma história, é toda uma ideologia. E uma ideologia é uma visão ou concepção do mundo, das coisas, de tudo. Uma ideologia estética é toda uma concepção do que foi ou deverá ser uma obra de arte, seja ela de que tipo for. Se quiseses, não te sintas pressionado, posso-te emprestar alguns livros mais ou menos recentes. Conheces os tipos do grupo *Tel Quel*? Não, pois não? Vou emprestar-te, de Foucault, *Les Mots et Les Choses*, de Barthes, *Le Plaisir du*

Texte, de Kristeva, *La Révolution du Langage Poétique*. Tem um capítulo muito interessante sobre Artaud, o único poeta francês, como tu dizes, que vale alguma coisa neste século. E um outro sobre Mallarmé, que tu detestas. Sabes, às vezes pode-se não se gostar de um autor. É perfeitamente natural. Mas tem-se a obrigação, mesmo assim, quando se é inteligente e se deseja ser um verdadeiro leitor, de se compreender e de se aceitar que, por vezes, a sua obra encerra ou pode conter nela problemas estéticos que coincidem ou coincidiram com problemas ou acontecimentos do foro da política, da história, do pensamento, da vida das gentes, que sei lá eu! E essas estéticas, mesmo se já ultrapassadas, mesmo que não se coadunem ao nosso gosto, podem ainda ser de uma importância fundamental para uma certa cultura, como a nossa, a ocidental. O que é uma civilização? E podem ser estranhamente contemporâneos, em certas facetas, sem nós darmos por isso.

Toma lá que já comeste, constatei eu, ao ouvi-lo, concordando com as minhas limitações de leitor. Apeteceu-me contudo perguntar-lhe, perverso, o que era uma civilização ou uma cultura, mas preferi ficar calado. Para quê ferir susceptibilidades? Pensei, nada como estes malandros para alinhavarem argumentos e pareceres e opiniões sobre qualquer coisa, escrita ou experienciada. Porém, politicamente, socialmente, a França tinha sido, para mim, uma grande decepção. A democracia, de que se gabavam, um desastre. A condição operária, mesmo se diferente da do país onde nascera, ainda era uma condição, o que é terrível. Os salários mínimos onde escabujei, a exploração como a conheci, a falta de civilidade na recepção dos imigrantes. A França nada mais era, nessa altura, apesar de todas as diferenças que não me atrevo a negar, como o facto de ser uma república democrática, que o meu país em ponto grande, embora mais rico e mais vasto. Mas quando se tratava de pensar, isto é, de ligar argumento após argumento numa ladainha aparentemente lógica, como se toda a realidade fosse argumentável ou pudesse mesmo sujeitar-se ao domínio e à dominação da razão, estes malandros, treinados na composição francesa desde cedo, ontem como hoje, eram exímios. Eu nunca fora capaz de pensar. Instigado ou estimulado pelo que acontece na experiência do real nada

mais projectava que impulsos, derivados intelectuais de pulsões, enfim, intuições que não levavam a nada, nem a uma premonição mais ou menos verosímil. Agradei-lhe, como se estivesse muito interessado em conhecer essas luminárias. E conheci-as, com um grande prazer e um grande proveito, desde já o afirmo. Porque o meu mais secreto prazer era aceitar, comovidamente, as ilusões dos outros.

— E vocês? Como vão as coisas lá por casa? E a criança? Nunca vi um casamento tão fulgurante. A tua mulher, como sabes, antes de te conhecer, apresentava-nos os seus namorados de mês a mês, era uma loucura. Ninguém, do grupo, de tão esquentado, tomava aquilo a sério. Tantos foram os rapazes que nos apresentou que nos era impossível acreditar que essas paixonetas fossem ou pudessem ser duradoiras. A tua mulher, como, aliás, muitas francesas, gostava de se apaixonar. Apaixonar-se facilmente era o seu fraco. A sua, como dizer, mania, ou doença. Acabada a paixão nada mais restava, muito menos o desejo de se investir no amor. E de repente, ei-la, casada contigo, já com um filho, instalada na vida, trabalhando. Como se tudo fosse possível. Tudo é possível, não é? Gosto muito dela. É uma mulher de uma gentileza a toda a prova. Vai ser uma grande arquitecta, tenho a certeza.

Esperei, transpirando aceleradamente, tomado de uma vertigem, que me falasse do episódio de Maio de sessenta e oito, e da tragédia. Mas nada. Nem uma palavra sobre o assunto. E no entanto ele conhecia-a desde o Liceu. Como explicar essa omissão? O sucedido, de tão grave, teria sido transformado num tabu? Ou a sua sensibilidade não lhe permitia referir-se a tal acontecimento? Por delicadeza? Por, como dizer, lealdade? Não faço a mínima ideia. Enquanto ele falava sobre isto e sobre aquilo revii-a, subitamente, no quarto amansardado onde a conheci. Tê-la-ia conhecido? E a dúvida persiste, poder-se-á conhecer as pessoas? Mesmo aquelas que connosco lidam diariamente? Ignorava de todo, nesse momento preciso, sentado à mesa do café, diante de um amigo, sem dúvida mais dela do que meu, o que sentia pela minha mulher. Não é que os sentimentos tivessem desaparecido esvaídos em nada, eles existiam, mas seria capaz de os formular, de os desenhencilhar do novelo para melhor os poder referir? Amava? Estava apaixo-

nado como já estivera? Loucamente? Não sabia responder, e essa ignorância, paradoxalmente, não me feria nem me causava transtorno. A ignorância era, até certo ponto, a prova de que já não me fazia essas perguntas. Teria perdido alguma coisa? Teria achado um outro sentido para a vida? Para o amor? Oh, a minha felicidade era não trabalhar, não ter que sair de casa para fingir que ia fazer alguma coisa, sabendo de antemão que não há nada, mas mesmo nada, a fazer. Vive-se, e pronto.

Despedimo-nos com um abraço, senti o seu corpo contra o meu como se fosse possível sentir as pessoas, e disse-lhe um adeus que foi reciprocado amavelmente. Saídos já do café via-o que descia o boulevard, vi-o virar-se, mais de uma vez, curvando-se ligeiramente, para me acenar com uma mão aberta e disposta a significar qualquer coisa. A amizade, mesmo se momentânea ou esporádica, existe. Na idade, segundo ele, da loucura em que vivíamos, já não era mau encontrarmos, de vez em quando, uma mão acenando, dançando ao sabor de sentimentos incógnitos ou inauditos. De sentimentos talvez incapazes já de não serem sentidos pela percepção humana. Virei-me e fui buscar o meu filho. O meu filho, ressoava na cabeça essa palavra tão familiar que até me pareceu estúpido ouvi-la, uma vez, duas vezes, tantas quanto o tempo que levei para chegar ao apartamento dos meus sogros.

## Capítulo 21

Os avós exigiram que a festa do aniversário do neto teria que ser no dia dos seus anos, no apartamento deles, e não no fim-de-semana seguinte, como foi sugerido pela minha mulher. Um ano de vida é um ano de vida, não é mais um ano que se comemora em qualquer dia, resmungou o meu sogro. Concordámos. A minha mulher, que apenas tinha sugerido o fim-de-semana para não lhes dar demasiado trabalho, encolheu os ombros como quem diz, vocês é que sabem. O atelier não era um problema? Que se lixe o atelier, foi a resposta do pai dela. Trabalha-se, e às quatro ou às cinco fecha-se a boutique. Ficou combinado. Às cinco da tarde já eu estava no apartamento, com o meu filho andando de cá para lá, batendo as mãos como se soubesse que iria haver uma festa, e a festa seria em sua honra. Pouco depois chegava o avô. Minha sogra ocupava-se das coisas da cozinha. A luz entrava mais que primavera no salão. Os dias tinham crescido desmedidamente, seguros de que cumpriam o seu dever na rotina das estações, e eu gozava aquela luz nada apressada em desaparecer na escuridão da noite, enternecido com todo aquele movimento preludiando muito lentamente um crepúsculo que poderia ser, ou não, espectacular ou mesmo sublime. Não chovia há mais de uma semana.

– A tua filha ainda não chegou?

– Não. Ainda não.

– Onde anda aquela rapariga?, desabafou o meu sogro, pegando no catraio que se deixou levantar como uma pena. O cabelo perdia a sua cor loira. Um castanho descia-lhe do crânio em caracóis que nunca foram cortados, algumas pessoas diziam, sai ao pai, outras diziam, contrariando, sai à mãe. Outras ainda não concordavam nem com uma coisa nem com outra, afirmando peremptoriamente que o pequeno tinha muitos traços do avô.

– Não me admirava nada, refulgia este de contentamento, não sei se verdadeiro se fingido, pois a sua imprevisibilidade era manifesta e consentida, os meus genes estão aqui para durar. Para que quis eu um neto? Para se parecer com os pais? Era o que mais faltava.

Quanto a mim o meu filho parecia-se cada vez mais com ele mesmo, mas é uma opinião. Sentado no seu colo, ou melhor, numa das suas coxas, encavalitado, o miúdo subia e descia ao ritmo que o avô imprimia nessa nova experiência, rindo, rindo com um prazer que dava gosto ver. Eu só temia que ele pudesse cair. Mas depois do frenesi de um galope infrene, as coisas acalmaram-se e um trote mais compassado parecia levá-lo num passeio onde não se vislumbrava um pedaço que fosse da natureza. Sei lá, imaginei eu, um caminho no meio de campos, sombreado por árvores vetustas, agora despontando do inverno através de cada folha que emergia em cada ramo. Há quanto tempo não via eu uma vaca? Uma galinha? Um animal que não fosse um gato ou um cão, que não fosse doméstico? E o mar? O mar que me viu nascer? Há quanto tempo?

Vejo, repentinamente saído das minhas deploráveis cogitações, das minhas recalcitrantes recordações, o miúdo dirigir-se à cozinha, o seu rabo protuberante, acolchoado pelo uso da fralda. Levanto-me com medo que caia, deixa-o, deixa-o, disse o meu sogro, não lhe faz mal cair de vez em quando. Cai, levanta-se. Não estava sentado na sua poltrona favorita. Desta vez escolhera o sofá. Eu, para sentir a luz, que tanta falta me fazia, mesmo que fosse a do entardecer, atrevi-me a colocar o meu corpo no sofá quase sempre escolhido pela minha sogra. Ela viu-me, mas não disse nada. Que poderia dizer? Eu sentia-me em casa. Não estava preocupado com a ausência da minha mulher. O seu pai estava, via-se pelos seus gestos, pelo movimento que imprimia à cabeça, mas sobretudo pela maneira como procurava o relógio para ver as horas. Com certeza foi comprar, à última hora, um presente para o pequeno, não me admirava nada, aventou. É bem possível, assentei. Via a luz que se metamorfoseava em cada instante, um delírio de sensações, o real às vezes ultrapassava a realidade, foi o pensamento abstruso que me irrompeu na consciência. Meu filho, marinheiro de água doce, apareceu, vindo da cozinha. Sentou-se no chão sob o peso da gravidade. Não me lembro do brinquedo que trouxe do seu quarto. Brincava, olhava para mim, virava-se para o avô, e continuava a brincar como se tudo fosse mundo, como se tudo em torno estivesse

nos seus devidos lugares. Meu sogro discorria sobre qualquer coisa que tinha acontecido naquele dia, no atelier, eu não o ouvia porque todos os meus sentidos estavam ocupados com aquela luz, não já a da rua, submersa em sombra, mas a que transformava o salão de um quarto andar numa visível passagem do tempo questionando a noção de ápice. Não acreditava na eternidade. Acreditava que a minha mulher ainda não tinha chegado e todos, de uma maneira ou de outra, a esperavam para o jantar. Num impulso um pouco desgovernado apoderei-me do pequeno e com ele contra o peito, esticando-lhe razoavelmente um dos seus bracitos, fazendo-o comparsa de uma louca alegria, comecei a dançar sobre o tapete quase ancestral, um pouco puído nos seus bordos e demasiado pisado pelos pés dos homens e das mulheres que frequentavam habitualmente aquele apartamento. Meu sogro, desperto, abriu os olhos numa estupefacção que nem configurava nem poderia assemelhar-se a um espanto, a boca quase aberta, vendo-nos rodopiar, ouvindo o riso da criança, o riso do seu neto, as suas risadas inocentes, querida, querida, vem ver, vem ver, foi o grito que lançou para a cozinha, vem ver estes dois malandros. E enquanto se dirigia ao piano para deixar alguns dedos nas teclas brancas e pretas que o esperavam, inscrevendo-se nas notas não sei se fáceis se difíceis de uma valsa, a sua esposa veio até ao salão, encostou-se na ombreira, curiosa e sonhadora, sorrindo. Não mostrou nenhuma admiração. Sorria, como se o que presenciasse lhe fosse de tal maneira habitual que se limitava apenas a reconhecer um facto banal, corriqueiro, com a importância de se estar a repetir uma vez mais. Parei, exausto. Deixei escorregar o meu filho, numa fricção de roupas, pelas minhas pernas. Sentei-me, um pouco afogado, consciente finalmente de que tinha ganho uns quilos a mais, quase transpirando, o que eu detestava. Respirei fundo, o mais fundo possível dentro de mim.

– Isso é que é dançar!

– Não sei dançar. Brincava apenas com o miúdo, fingindo que dançava. Nunca dancei na minha vida.

– Não sabe dançar? Como? Foi sublime, sublime! Querida, vem cá dentro, por favor, deixa a cozinha Toma esse rapaz nos braços enquanto eu toco qualquer coisa que vos possa

acompanhar. Não sabe dançar! O meu genro não sabe dançar! Não faltava mais nada. Tens que o conduzir, ensinar-lhe alguns passos, fazer dele um homem. Vem.

Não se fez rogada. Afastou o neto do centro da sala de estar, e pegou-me nas mãos. Colocou uma, espalmada, nas suas costas, a outra segurou-a firmemente, esticando-me o braço, como eu fizera há pouco com o meu filho. Ouvem-se os primeiros acordes do piano, e eu sinto, embaraçado, todo o seu corpo contra o meu. O seu calor, a sua maciez palpitante. Iludi-me, ou tentei iludir-me, durante um ou dois minutos, com os conselhos que ela me deu para não lhe pisar os pés. A lição começava. Comecei a sentir, como na outra vez, estupidamente, o meu corpo a concentrar-se, terrivelmente erecto, contra a materialidade quase febril do seu corpo, incapaz, mais uma vez, de me controlar, reduzido a uma carne tumefacta e túrgida que me denunciava sem que eu tivesse qualquer possibilidade de remissão. Não quis olhar para ela, mas pressenti, mais do que vi, espesso numa covardia que me desconjuntava, seus olhos procurando os meus. Seu bafo roçava os meus sentidos, detentor de um apelo vindo de muito longe, como se não houvesse um perto onde eu pudesse esconder-me e passar despercebido. Tinha sido apanhado, mais uma vez, em flagrante delito. Irrevogavelmente. Inocente, verdade, desejando não sentir nada, não ser nada, o crime, porém, cometido. E um certo prazer, incompreensível, apoderou-se de mim, não já do meu corpo, esse inimigo, não da minha carne, mas da consciência plena que se apossou de mim. Eu estava a gozar esse prazer. Eu estava atado irremediavelmente a esse prazer. A sua voz, quase sibilina, trágica, sussurrou-me:

– Você deseja-me! Você deseja-me!

Era verdade. Não podia desmentir o que ela percebera, intuitivamente ou não. Que sei eu das mulheres? Eu desejava-a. Senti, numa precipitação louca, no branco fulminante de uma vertigem, a vontade de a desnudar ali mesmo, de entrar nela como quem pretende fugir de um desconhecido eu em que me transformara, da nostalgia por coisa nenhuma que me alcançava sem um aviso. Fi-la sentir ainda mais essa expansão carnal, agarrei-a sem cuidar de passos ou de danças, sujeito ao mesmo tempo a uma alegria indiscutível e ao temor de ser

descoberto pelo meu sogro. Não o via, estando de costas para o som que surdia do piano. Virado que estava para a parede oposta, com a sua mulher nos meus braços, pensava, e agora, quando tiver que o encarar? Dar-se-á conta da modificação inoportuna ocorrida no meu corpo? Dessa inexaurível excrescência? E depois, e depois? E depois abre-se a porta do apartamento com um certo espalhafato, surge a minha mulher esbaforida, vê-nos naquele preparo, o pai a tocar piano, eu a fazer de conta que dançava com a sua mãe, o filho junto a uma das pernas retorcidas do piano, e diz:

- Com que então já se festeja a ocasião!
- Ó filha, então o teu marido não sabe dançar?
- E muitas mais coisas.

Despegámo-nos. Uma mão distraída ocultou o sucedido, ninguém deu por nada. A entrada da minha mulher fora um turbilhão que eclipsou qualquer suspeita do que quer que fosse. Um bálsamo. Beijou-me, beijou os pais, pegou no filho, então, vamos festejar um ano de vida, meu querido? A criança não lhe respondeu. Não sabia falar.

- Então esses presentes?, indagou o pai.
  - Quais presentes? Estão lá dentro, já os comprámos.
- Virando-se para a mãe: Compraste-os, não é verdade?

- Claro!
- Mas então, toda essa demora?..., teimava o pai.

– Não, não. Encontrei uma amiga, enfim, uma colega do tempo do liceu, casada, e ficamos na conversa. Vocês não a conhecem, não era das mais chegadas. Estava com o marido, um rapaz simpático. Sentámo-nos num café, e perdemos todo este tempo. Quando me apercebi das horas, foi um lufa-lufa. Vamos a esse jantar? Precisas de ajuda, mamã? Estou com uma fome pantagruélica.

Quando chegámos a casa, transportados pelo meu sogro, que se despediu de nós fazendo com uma mão impetuosa o gesto de que devíamos afastar-nos o mais depressa possível para que o bater da porta do automóvel não acordasse a criança, estávamos estafados, como se o dia tivesse tido mais do que as vinte e quatro horas da praxe. Mesmo assim minha mulher fez menção de tomar um duche.

- A estas horas? Por que não amanhã de manhã?

– Estou muito suja, respondeu-me abreviadamente.

Ouvi a água do chuveiro correr. Um som estranho, pareceu-me. Enquanto deitava o meu filho no seu berço, despin-do-o de maneira a que ele não acordasse, uma apreensão sem uma consciência definida apoderou-se de mim. Sentia muito tenuemente que algo estava mal. Não só o que acontecera com a minha sogra. Vimo-la passar a noite tagarelando sobre isto e aquilo, sem esconder a alegria que toda ela exalava, sem dúvida devida ao aniversário do neto, pensávamos nós, confundidos com tanta loquacidade.

Esse mal não tinha origem nem fim, era uma coisa que me escapava. Uma intuição. Um pressentimento. Mas de quê? Ignorava. Tinha a ver com a minha mulher. Tudo estava certo, e nada batia certo. Nada mudara entre nós, e no entanto eu sentia uma certa dor algures. Não sei porquê comecei, como já tantas vezes me tinha acontecido, a ter piedade dela, um sentimento que não tinha justificação, completamente inadequado à nossa relação tão amistosa, tão amorosa, mesmo se alvoroçada e atormentada pelos seus humores mais íntimos, ou melhor, pelo descabro da nossa intimidade. Mas eu amava-a. Repetia de mim para mim, amo-a, amo-a. E quanto mais repetia esse verbo tão banal mais me parecia falso o sentimento genuíno que ele encerrava. Meu corpo, que não eu, estava talvez na origem do mal que se avolumava diante de mim como uma ameaça. A abstinência a que estava sujeito já me obrigara, algumas vezes, a debelá-la com a prática apaziguante da masturbação. Não me interessava traí-la com uma das mamãs que levavam as suas crianças ao Jardim. Não posso dizer que não tivesse ouvido de algumas delas o convite frontal para ir conhecer as suas residências, afinal tão perto do Jardim que lá se chegaria em dez minutos. Diziam-me, olhos nos olhos, não somos amigos? Mas eu tinha sempre muito que fazer, era a desculpa. Fazer o nada, pensava eu sem no mencionar, o que seria completamente descabido nessas situações, é um trabalho como os outros, ou até mais difícil. Não entendia. Fazia de conta que era estúpido, que não compreendia o que se adumbrava por detrás daquelas propostas. Mas afinal, veja, os nossos filhos dão-se tão bem! As vozes delas não me eram suficientemente provocadoras para dar um

passo, ou deixar-me levar no encalço de uma quimera. Talvez se me tocassem, talvez se as tocassem, as coisas fossem diferentes. Sempre poderia dizer, não fui eu, foi o meu corpo. Não era, no fundo, o que estava a acontecer com a minha sogra? Não me compreendia. Mas sentia a silhueta do mal como quem percebe que tudo muda, que inseridos no tempo nada mais somos que irrisórios acasos da existência e do real.

Fui ao quarto de banho. Minha mulher limpava-se. Seu corpo esbelto, de uma brancura resplandecente, acetinada, desafiando qualquer noção de palidez, não me impediu de a informar:

– Hoje vou dormir no quarto do miúdo. Acho-o, como dizer, um pouco irrequieto. Foi festa demais para ele.

Penso, é uma suposição, que nem sequer ouviu. Ou, com toda aquela poalha esvoaçante, perdida em gestos que me pareceram demasiado bruscos para moldarem eficazmente a toalha felpuda ao seu corpo, nem deu por mim.

## Capítulo 22

Recebia agora a minha sogra como um dado adquirido. Ela telefonava-me avisando-me de que estava livre. Eu estava sempre livre. Gozava Maio como o mês mais alegre de Paris, a temperatura amena, os dias enormes, o cheiro a campo e a vegetal emergindo das folhas das árvores que brotavam em verdes luzidios, como se o começo, do que quer que seja, tivesse sido assim. Recebia-a pelas nove ou dez horas da manhã, a criança muitas vezes já acordada, brincando ou cirandando pelo apartamento, acostumada à sua rotina e aos preceitos infantis em que se envolvia. Íamos sempre para o quarto do miúdo, para a cama adjacente ao seu berço. Ele não se importava absolutamente nada com a invasão dos seus domínios nem ficava admirado com os abraços apaixonados, os beijos ardentes, as festas quase involuntárias com que nos despíamos. Nem lhe era motivo de preocupação ver a sua avó e o seu pai nus, deitando-se com um carinho dissoluto e urgente na cama estreita que nos acolhia com um soluço, ou melhor, com um suspiro precoce. A saciedade era a palavra de ordem. Afagávamo-nos com a sensação indispensável de que havia entre nós um fogo, mas agora não havia precipitações nem violência, agora os corpos gozavam sem precisarem de mimetismos de felicidade ou de amor.

Aquilo que eu perdia, quando perdia, que as ocasiões eram raras e espaçadas, aleatórias as mais das vezes, com a minha mulher, a tal sinfonia orquestrada pelos gestos de uma demora, de um tempo alongado, indefinindo-se no prazer icástico de dar e de receber, ganhava-a agora, ritmando gestos e ondulações e urdiduras, soçobrando nossas bocas a respirações impensáveis, tantas vezes soldadas pela mestria de beijos sabiamente desprendidos na sua sonoridade concupiscente. Não importava se os andamentos daquela música carnal macaqueavam os das velhas sinfonias, ora lentos, ora apressados, seguindo mais ou menos os formatos e as fórmulas que os séculos passados nos tinham legado. Improvisávamos segundo as circunstâncias e as vicissitudes do desejo. Eu sentia, obscuramente, mas muito timidamente, para que não houvesse nenhuma imodéstia na minha sensibilidade, que ela desejava

que eu a desejasse, e eu desejava-a como se sucumbisse a uma imprescindível inauguração. De quê, ignoro. Muitas vezes, depois dos amplexos a que nos entregávamos, eu era jovem e estava cheio de força, para não dizer outra coisa que possa deturpar o encanto desta descrição, levantávamo-nos e íamos buscar o meu filho e o seu neto, a mesma pessoa, trazendo-o para a exiguidade da cama, brincando com ele como dois comparsas desprovidos de corpo. Efusões e risos e cócegas, voos e quedas onde ele se desfazia em puro gozo, sempre rindo com os seus dentinhos que irrompiam das gengivas maldedicadas. Outras vezes, o que sucedia quase sempre, quando a criança teimava em brincar por conta própria, ficávamos um ao lado do outro, eu sempre ensimesmado na beleza daquele corpo que poderia ter a idade de minha mãe. Muitas vezes, perdido de uma curiosidade sadia, fascinado pelo que iria encontrar, lhe levantei o lençol onde ela, regressando da casa de banho, se abrigava depois de cada interacção. Há corpos que transcendem a ideia de uma qualquer estética, corpos cujas proporções desafiam a arte de um qualquer artista tomado pelo desejo de um realismo na sua obra. Dizia-me, parece uma criança. Eu era uma criança. Passava-lhe mãos por esses peitos perfeitos, por essa barriga que não sofrera ainda, aparentemente, a crueldade do tempo, pelas pernas que ascendiam para as macias coxas onde, entre elas, culminava um triângulo púbico que eu adorava, sôfrego de um retorno inimaginável, de um regresso impossível. Muitas vezes o beijei, sentindo o cheiro de folhas secas, terrestres, outros diriam, telúricas. Outras vezes, o odor que exalava esse promontório, esse monte aplainado, coberto de uma vegetação em tudo condizente com a visão que se tem da savana depois de uma tempestade tropical, parecia a maresia do mar envolto numa excedência de escamas brilhantes que se desfaziam no areal de uma praia. Que está a fazer, que está a fazer? Nada, nada, respondia.

Nesses intervalos entre exuberâncias físicas e gemidos larvares, argutos, vindos de um onde indeterminado, por mais que não se queira dizer que a alma também é carne, ela contava-me histórias da sua infância na Bretanha, nessa casa para onde iam todos os anos veraneiar, testemunho material de uma

família que aos poucos foi desaparecendo. Histórias da guerra, do seu pai que nela morreu, da família onde pensava que tinha sido feliz, apesar de tudo. Falava-me dos seus estudos, das suas primeiras paixões por adolescentes, seus colegas, na maioria, dos seus estudos no liceu em cidades que lhe eram desconhecidas. Às vezes eu ouvia-a atentamente, outras vezes não. Todo eu me deixava penetrar por aquela presença, a língua e a sua história não me interessavam. Com uma meiguice quase maternal afagava-lhe aquele rosto de mulher madura, bronzeado como todo o seu corpo, e muitas vezes senti nos meus dedos e nas palmas das minhas mãos a mesma sensação, o mesmo sentimento que costumava usufruir quando afagava a face muitas vezes rosada do meu filho. Talvez seja estúpido revelar o que me apetece dizer, terei a coragem de enunciar o dislate, a estultice? Eu sentia-me, por vezes, maravilhado. Ignoro de todo o que isso significa, nem me interessa agora estar a deslindar sentidos e significados. Ou a aprofundar sentimentos talvez inefáveis. Mas não era nenhum enleio de uma felicidade sempre provisória, de uma alegria sempre transitória, era como se eu estivesse fora de onde estava e nada mais houvesse do que o que há. Não era um êxtase, nem sequer um ínstase. Era.

Encontrávamo-nos por vezes no seu apartamento. O menino acordado depois da sesta, três horas da tarde, levava-o como era costume ao ninho da avó. Já não usava, de há muito, o carrinho. Tinha comprado um porta-bebé para o levar pela cidade, sentindo no contacto físico que nos unia uma aproximação ainda mais iniludível. O sol de Maio incendiava em revérberos caprichosos as artérias de Paris, as pessoas pareciam mais leves nas suas roupas primaveris, ou mesmo na desenvoltura ligeira com que caminhavam. Levava-o ora no porta-bebé, ora ao meu lado, as mãos unidas, os seus passos procurando não serem tão lentos nem demasiado abrasivos no pavimento dos passeios largos por onde passávamos. Mas cansava-se depressa. Ora ao colo, ora a pé, com um fim em vista, calcorreávamos aquele quilómetro numa decisiva meia-hora, indo pelo passeio oposto ao do Jardim que frequentávamos, agora assombrado pelas copas largas de árvores cujos nomes me eram desconhecidos. E quando chegávamos,

depois de discutidas as possibilidades de eu ficar, dependendo sempre da hora da chegada do seu marido, felizmente sempre atarefado na construção de HLM nos arredores de Paris, essas torres para abrigar os operários do capitalismo social, se a ocasião se proporcionava, entregues ao sigilo da sorte, num devaneio intermitente, desembaraçados das nossas roupas, posto à vontade o pequeno já munido dos seus brinquedos preferidos, lá caíamos na antiga cama da minha mulher como dois iniciados preparados para um rito. Fazíamos, no fundo, como o meu filho. Brincávamos. Ele tinha os seus brinquedos, nós tínhamos os nossos corpos. Joguetes de um destino imprevisível jogávamos as nossas vidas como se elas pudessem ainda aspirar a consumarem-se em anacrônicas tragédias. Numa dessas vezes, depois do afã em que nos entrelaçamos, concluída a cena que nem fora primitiva, falando da vida como se fosse possível um discurso para a desvenenar do que acontece no silêncio da desverbalização e da sua consciência, ou vice versa, olhando para mim com a fixidez de uma inspirada pitonisa, dispensando um sorriso salutar, disse-me, mais do que me murmurou:

– Meu querido, você não ama a minha filha. Está apaixonado por ela. A mulher que você ama sou eu.

Isto de mulheres tem muito que se lhe diga. Não abri a boca, não contestei o vaticínio, não quis saber dos fundamentos daquela proferição. Pensei, como se pode dizer tal coisa? Quem sabe do que não se pode saber? Olhei fixamente o tecto daquele quarto e nada mais vi que uma superfície esbranquiçada, um pouco desmaiada pelo tempo, enfim, só deparei com uma exterioridade sem história, uma presença mutável, sem dúvida, mas incapaz de exprimir um qualquer conhecimento, uma qualquer memória. E depois, o que era a paixão, o amor? E, já agora, o que era o ódio? Sentimentos fiáveis, ou apenas palavras para experiências existenciais, para tentativas de aclaração das intimidades que todos somos, ou que todos contemos? Verdade que a relação com a minha mulher mudara, mas se mudara seria no sentido inverso às palavras exímias proferidas pela sua mãe. Talvez a paixão como a tinha vivido tivesse cessado, não digo que não, mas o que era o afecto que se instalara em mim, senão o amor? Haveria, no

amor, uma multidão de modos de amar? Uma diversidade detectável?

– Não me diz nada?

– Que há para dizer? Não saberia o que dizer.

Mas o silêncio em que fiquei, depois de ela se ausentar da cama, vestindo uma peça de vestuário cujo nome não me vem à cabeça, para dar alguma coisa a comer ao neto, pois era a hora do lanche, levou-me a reflectir sobre a relação que entre-tinha com a minha mulher. Tudo estava bem, excepto o que parecia estar mal. E o que parecia estar mal, de tão esperado e consentido, não deixava, à sua maneira, de ser um bem. Sobretudo agora, com esta relação tão insólita com a minha sogra. Acontecia mesmo, às vezes, coincidir no mesmo dia, à tarde e à noite, o derrame do meu corpo. E já algumas vezes, para surpresa da minha mulher, que pensaria talvez estar a fazer-me prazer, como dizem os franceses usando da semântica libidinosa da sua língua, tive que lhe dizer, mentindo, que estava demasiado cansado para flostrias, sem dúvida devido aos deveres caseiros que me destinara para esse dia, agregados à presença do calor que infestava o apartamento. Via-a descoroçoada, mas a vida é assim. Amanhã, ciciava-me ela aos ouvidos, amanhã. Nada de trabalhos forçados. Poupa-te. Quero-te vivo. Ser vivo, ou estar vivo, equivalia a ter que telefonar à sua mãe, se algum encontro já estava marcado, para lhe dar conta da impossibilidade. Compreendo, compreendo, não faz mal, respondia-me com uma voz onde se podia perceber a sageza. Mas não se pense que os nossos conciliábulos tinham lugar todos os dias. Uma ou duas vezes por semana satisfiziam-nos plenamente.

O que me preocupava era aquele vivo do quero-te vivo. Ou por cansaço, ou por desejo de novidade e de experimentação, ou por qualquer outra coisa que não vou inventar, minha mulher tornava-se mais exigente, mais caprichosa, nas suas incursões sexuais. Não é que eu desgostasse de inovações, o interdito há muito deixara de o ser na intimidade dos casais, mas a intensidade com que praticávamos esses actos raiava pela violência. E eu sempre detestei a violência. A precipitação, a velocidade. Era demasiado preguiçoso para transpirar em assaltos que não levavam a nada. Sempre procurei sendas

onde pudesse envolver-me na translucidez da paz, caminhos que me dessem a sensação de que pisava um chão desprovido de armadilhas ou de perigos nefastos. Não digo, para ser honesto, que não houvesse agora entre nós nenhuma música, mas não se tratava já de gozar harmonias ou melodias. Os movimentos eram demasiado bruscos, sincopados, as passagens de um ritmo a outro não possuíam nem regras nem leis, corria-se em plena algazarra que muitos, artistas e críticos, têm o atrevimento de denominá-la de moderna ou modernista ou mesmo contemporânea. O humano advinha uma máquina, e a máquina carecia de sensibilidade. Não há máquinas amorosas, amáveis, afectuosas. Quanto muito, apenas úteis, prestativas e convenientes para a nossa insaciável fome de um inexorável mais. De um mais que não poderia esconder, a meus olhos de homem que frequentava anarquistas, um menos. Era, se me for permitida uma observação social, um safate como puderes, que eu estou demasiado ocupado com os ganhos e os benefícios, com o valor. Com o poder. A violência das sociedades contemporâneas introduzia-se assim, subrepticiamente, como uma doença capital, capciosa, nas camas dos amantes. Quando afinal, a satisfação que se procura, mental e física, pode ser atingida, pensava eu, das mais diversas maneiras.

## Capítulo 23

E depois, depois foi o encontro com aquele que seria seu marido, o seu homem. Vivia já em Paris, estudava na universidade biologia, cadeira que sempre lhe atraía. O que era a vida, quais os seus mecanismos, o que eram essas células, esses organismos, esses tecidos. A biologia vivia-a como se fosse um livro tão ou mais importante do que teria sido a bíblia para os antigos cristãos. Ao começo era o princípio, e o princípio ninguém sabia como surgira no esplendor inumano da terra. Sapos e rãs eram-lhe criaturas que havia dissecado ainda na adolescência. Minhocas. Pombos. E tantos mais bichos, excepto, é claro, homens. Ah, esses animais por excelência, pensando-se movidos pela inteligência e pela razão, concedendo à sexualidade a mistificação do sentimento, dominando línguas autónomas dos seus corpos e das suas peles, depois, segundo algumas teorias estabelecidas como leis, de uma inapreensível e contingente evolução ao longo de milhares de anos.

Depois foi a paixão. O jovem estudante de arquitectura, aquele que construiria edifícios onde a vida fosse amena e plausível, aureolada de alegria e de história, a história da família, dos pais, dos filhos, das gerações. Em casas acessíveis à injunção da beleza, da beleza que não existe nas coisas, mas dentro de nós. Da beleza que deseja a todo o custo fazer-se mundo, uma espécie de clareira onde a terra pudesse sobreviver como uma memória incomensurável. A terra que possuímos dentro de nós, os humanos. A paixão. O homem da sua vida. As suas palavras, mais até do que os seus gestos, os seus gestos, mais até do que o seu corpo, a sua paixão. Eram jovens e a vida que ela tanto amava e pretendia conhecer corria-lhes pelas veias e pelas artérias como um suco vital, um corupio propício ao encontro, ao amor. Não tiveram que estudar, apalpar, como tantos o fazem, os seus gostos e as suas ideias, as suas visões do mundo, as suas mais íntimas convicções. O que era, esse amor, aparecia com a premência de um absoluto resistindo à civilização e ao domínio da humanidade. Amar. Abrir-se ao desconhecido sem compreenderem muito bem se há um caminho, se há uma ida, se há uma chegada.

Havia apenas essa miragem, uma água cristalina agitando-se serenamente em ondulações estriadas, uma transparência quase imperceptível, uma pele acariciada pelo vento tórrido do silêncio que se fizera à volta deles. Viverem juntos, para sempre, ousando serem felizes, como todos os demais. Esse foi o sonho, essa foi a realidade indesmentível, testemunhada pelas respectivas famílias na irreprimível e irremeável decisão que tomaram.

E casaram-se. E como é quase natural, fazendo desse amor um amor mais concreto, mais físico, mais imponderável, tiveram um filho. Uma menina. Uma jóia de criança, um bebé adorável. Perfeito. Sem maleitas, que são o alvo dos pesadelos daqueles que vão ser progenitores. Uma outra presença no espaço precário onde então habitavam. Sem grandes recursos para se darem ao luxo de terem um apartamento ou coisa que o valha. Mas quem cuidaria daquela criança, se a família estava longe, indisponível, pelas suas próprias obrigações e afazeres, para criarem o que eles tinham gerado. Tiveram que tomar uma decisão. Ela estava de antemão tomada, segundo as leis e os costumes da época. Caberia pois a ela abandonar os seus estudos, da vida, da vida, porque engendrara uma vida que a exigia agora em casa. Nunca teve remorsos da decisão tomada. A biologia não lhes levaria muito longe. As pessoas não precisam de saber o que é a vida para viverem, mas as pessoas necessitam de casas para viverem. Era a lógica, mais do que eles, que falava, que se pronunciava, que lhes fornecia as razões da atitude que tiveram que tomar. Era assim, foi assim. É sempre assim, não é verdade?

E depois? Depois, porque a vida não pára, seu marido começa a trabalhar, a trazer dinheiro para casa, a prover a família. A guerra que os antecederia fornecia-lhe agora muitas ocasiões para projectos, havia muito que fazer, não só casas, mas bairros inteiros capazes de conter a população que se aglomerava na capital e nos seus arredores. A arquitectura fora uma boa opção. A firma onde o seu marido começara a trabalhar tinha um grande renome em todo o país, uma estu-penda reputação, os seus arquitectos, nesse período, eram apreciados pelos políticos, mesmo se houvesse, como sempre há, influências e amizades nas decisões que se soldam e sal-

dam em compromissos. A república, quem o ignora, nem sempre fora pública, às vezes fora e é privada. Não o era agora? Não o será sempre? É natural. É normal. É assim mesmo, para quê ilusões? As sociedades, pelo menos as ocidentais, nunca serão verdadeiramente sociais, modernas. Com ou sem revoluções. Com ou sem reformas. Há sempre um feudalismo subjacente a qualquer ideia de democracia, a civilização é a história parca de uma mentira, que uns aceitam, que outros ignoram. O progresso não progride. Esfarela-se em simulacros, em ciências, em tecnologias. E isso parece bastar à maioria da humanidade. Mas nada disto tem importância.

O importante é que a menina iria ter o privilégio de receber, com dois anos apenas, a visita, um pouco inesperada, de um irmão, menino ou menina, não sabiam, nem poderiam saber. Tudo, mas mesmo tudo, estava envolvido numa aura de ignorância, na compulsão do acaso, enfim, na sorte. Só o ventre, dilatando-se numa esfericidade imperfeita, falava. Anunciava mais alegria e felicidade a esse casal que eles foram, que eles eram, tão unidos, tão cúmplices, tão amantes. Até que esse dia, o dia do advento, chegou. As águas abriram-se para darem passagem a um povo, que povo era aquele? Ficaram atônitos com o que testemunharam. Suspeitas inauditas surdiram nos interstícios da felicidade, perplexidades que não são compreensíveis a uma primeira leitura. O menino, porque era um menino, trazia na sua pele e no formato do sua cabeça a inscrição de uma outra origem, de um outro apelo, talvez ancestral, talvez oriundo de uma mutação arbitrária no seio da própria vida, da vida que ela tanto amava. O menino era suavemente miscigenado, não coincidia com os padrões das raças europeias. Passavam os dias e não havia engano, o bebé não lhes pertencia, ou, se pertencia, seria simplesmente à mãe que o pariu na dor álaque de quem sofre um parto, uma partida do destino. O marido, o seu amor, o homem por quem se apaixonara, olhou-a bem nos olhos, e teve que lhe fazer a pergunta. Ela compreendia, compreendeu. Quem é o pai desta criança? Não, ela não ficou ofendida. O pai só poderia ser o seu marido, não conhecera nunca nenhum homem, antes ou depois, até me conhecer. Cartas oprimidas às respectivas famílias, mas como lhes dizer o indizível? Não tinham coragem. E

a dúvida, essa megera, essa sombra, instalara-se como uma doença naquele amor. A dúvida começou a corroer o seu marido, uma crueldade com que ele não contava, que lhe era de todo impensável. Como, como ousara ela fazer-lhe o que lhe fez? O que era o amor, as juras, as palavras de lealdade que se dizem? Desesperada, ela escreveu para casa, para os seus, e contou-lhes a verdade. O menino não era branco. Não sabia explicar tal fenómeno, pois não enganara o marido. Amava-o.

A resposta chegou-lhes por carta, da Bretanha. Havia no sangue da família, de um antepassado que vivera nas Américas do século dezassete, esse tempo das descobertas e dos encontros, uma cópula com uma indígena, e dessa cópula nasceu uma filha. E essa filha engravidara, no seu devido tempo, graças à semente de um europeu. Engendrando mais filhos. Filhos e filhas que se casaram com mais europeus. E assim de seguida, de geração em geração, até que um dos antepassados regressou ao país dos seus antepassados, a Bretanha. A família regressara, como se nada fosse, à pele primeva, aos traços dos vizinhos, embranquecera novamente. Mas. De vez em quando havia uma tez que emergia no corpo de um deles, uma tez considerada, pelos demais, de uma beleza exótica, como uma graça divina. Mas nunca tiveram notícia do que lhe acabava, a ela, de acontecer. Só a biologia, talvez, pudessem explicar o fenómeno. Falaram com os médicos, ambos, siderados pelas revelações tardias. Para quê haver segredos na família? Não havia segredo nenhum, respondeu-lhe a mãe, amargurada com o que sucedera, isso era o que constava na família como explicação um pouco fantasiosa para a origem aleatória daquela tez. Era uma brincadeira, nada mais. Não, não era uma brincadeira, disse-lhes soturnamente o médico, é bem possível que na família permanecesse o estigma de uma antiga junção. Não seria a primeira vez. Os genes, os genes perduram durante milhares de anos na carne de que somos feitos, são a verdadeira alma, a única que existe. Por educação e formação sou ateu e nunca acreditei em Aristóteles. Faço parte da ciência. É bem possível, é mais do que provável, que seja essa a verdade. Disse o médico, confiante do seu saber. Ninguém, afinal, é culpado pelos acasos, nem pela história de uma estirpe. E acrescentou, quase moralista, condes-

cendente, há que aceitar a realidade. O menino é uma beleza de bebê. Vejam essas cores, esse corpito pronto a desenvolver-se na identidade de um homem. Sejam felizes, não há mal nenhum no que aconteceu. O que é preciso é dar-lhe muito carinho e muito amor. Vocês são pais, sabem perfeitamente do que falo.

Ela sabia. Ela já amava aquele ser que lhe parecia ainda tão frágil, esse menino que iria fazer companhia à sua filha. Só não compreendia que o seu amor, o seu marido, sem no dizer, tivesse ficado tão abalado. Não com a história da família. Mas com as repercussões que tal ser, o seu filho, poderia causar entre as pessoas com que lidava todos os dias, com os seus amigos do peito, enfim, com a sociedade que o rodeava. Teria, doravante, que explicar a toda a gente, aos com quem convivesse, aquela, não ousaria dizer, disformidade, excentricidade, anormalidade, mas teria que contar vezes sem conta a história de um coito acontecido na família da sua mulher? Ou então, indiferente ao mundo, não explicar nada, não ligar nada a ninguém, e passar alegremente por um cornudo? Ela sentia, ou melhor, pressentia o que ele sentia, o que o acabrunhava, e estava ou ficara dividida entre esses dois amores. O amor ao marido e o amor ao filho que lhe nascera. Aquela divisão, aquela fenda, aquela clivagem feria-a como se a consciência não fosse a consciência de alguma coisa, mas apenas a consciência de nada. De um nada. Ela sentiu, de uma maneira terrível, e pela primeira vez, o que deveria ser a morte, se a morte pudesse ser vivida ou testemunhado por quem morre. Ela trazia, é o menos que se pode dizer, a morte na alma. Que fazer? Que fazer? Mas que fazer? Era o ramerrão que não lhe dava descanso enquanto cuidava das duas crianças, em casa, na solidão a que se habituara.

E um dia, ao acercar-se, manhã cedo, do berço do bebê para o alimentar com o seu seio farto, apercebe-se de um silêncio inusitado, incompatível com a rotina a que se acostumara, aquele choro esfomeado, urgente e ligeiramente angustiante, de quem deseja sobreviver a todo o custo. Tinham já passado seis meses do seu nascimento, mas o leite afluía incansável e premente nos seus mamilos dilatados, era um prazer dar vazão a tanta abundância. O bebê não chorara, estranho, não

berrara, tolhido talvez na preguiça de um sono. Permanecia imóvel no seu berço. Gozando ainda o calor dos cobertores que impediam a frialdade daquele apartamento de o aflorar. Virou-o, descobriu-lhe gentilmente o rosto que um cobertor obstruía com o seu peso de quase nada. Mas a criança não dormia, não respirava, não dava sinais de vida. Gritou, seu grito foi ouvido pelo seu marido e alertou a sua filha. A filha começou a chorar, no seu berço, mesmo ao lado do berço do irmãozinho. O marido aproximou-se correndo, os pés descalços, estremunhado, que se passa, que se passa? O menino parecia estar morto. Frio, lúrido, imóvel. Levantaram-no e sacolejaram-no, mas nada. Nem um gemido, nem nada. Chamaram o médico da família. Esperaram, ela com os olhos em lágrimas tão quentes como o leite que trazia nos seios, ao colo a filha, novamente adormecida, embora o seu sono nada tivesse de sereno, pois era sacudido por movimentos do corpo em irrupções de nervos, ou de qualquer outra coisa. O marido, sentado, as mãos dispersas pelos seus dedos enclavinados, nada dizia, esperava.

O médico considerou cadáver o bebé. Mas como, mas como, se fora tão saudável até àquele dia? Não sei explicar, foi a resposta. Estas coisas acontecem. E continuou, assertivo no seu céptico predicamento: Acontecem sem como nem porquê. Simplesmente acontecem. A medicina não sabe porquê. Mas estes casos, fiquem certos, não são assim tão raros como se pensa. Desconhece-se contudo as causas.

Ela nunca mais se perdoou do que aconteceu, apesar de não ter tido nenhuma culpa. Mas a culpa instalara-se dentro dela como uma ferrete obsidiante, um espinho que lhe devorava a carne. Enterraram a criança sem dar a conhecer o episódio ocorrido a ninguém. A família tomou conhecimento. A vida continuava. Ela soube, desde logo, que nunca mais teria um outro filho. Não teriam coragem, ela e o marido, para enfrentarem mais surpresas. A filha bastar-lhes-ia. Ao trabalho, disse o marido, o seu amor, inconsciente do despropósito proferido. Mas ela perdoava-lhe tudo, não fora por mal. O trabalho seria para ele o refúgio. E a fonte de rendimento apreciável que ia acumulando ano após ano. A filha seria para ela a plena dedicação. Com a morte dos pais do marido, com a he-

ança que lhe coube, pois era filho único, compraram aquele apartamento num bairro que não era chique, mas que traduzia muita história, não só da cidade como do país. A vida traz e leva, ou leva e traz, depende do olhar de quem a julga. Nunca mais se falou daquele filho, daquele acontecimento. Não havia vestígios de nada, nem sequer ficou exposto ao tempo aquele berço que venderam. Nunca houve fotografias. Nem sequer uma peça de vestuário, que as havia, mas eram consideradas como tendo pertencido à filha. Nunca a filha soube que teve um irmão. Ele teria, se estivesse vivo, apenas alguns anos menos do que eu, disse-me ela, enquanto eu a ouvia atentamente. Para ser mais preciso, enquanto eu ouvia o silêncio que se seguiu ao relato que me acabara de fazer.

## Capítulo 24

E eu? Eu não tinha história, nunca seria mais do que uma personagem de um romance investido de nada. Ela sorriu e fez-me um carinho que me dilacerou a consciência. De repente senti, não como a experiência de um êxtase ou a intensidade de um ínstase, mas como uma premonição casual, arbitrária, inconsequente, absurda, que tinha a sua idade, nesse preciso instante, um homem de quarenta e cinco anos, talvez perto dos cinquenta. Foi um momento emoldurado de uma revelação caligante, foi um conhecimento intransponível, que não se traduziu em nada, em nenhum sentimento digno de confiança. Mas senti-me-la, ou senti-la-me, tanto faz a expressão, pois não passa de uma expressão, com um misto de amor e de pesar, de alegria e de medo, como se o tempo permitisse ao mistério do que não é desnudar-se em intuições inúteis, estéreis, incapazes de lidarem com o real. Eu era um homem. O meu passado não era uma história, não tivera um enredo, não fora sequer uma narrativa, porque nenhuma causa ficara obcecada com a necessidade de uma consequência ou de um efeito. O acaso não pode ser narrado. Apenas pode ser vivido. Eu vivi. Quanto ao futuro, que furo poderia ser aberto nesse muro que não me facilitava nem me concedia a visão de um horizonte? Poderia ser aberto esse furo? E valeria a pena sofrer por antecipação? Melhor permanecer no momento, não dando oportunidade ao tempo de me mortificar com ideias ou ideais ou ideologias. A vida era bela, era o que me dizia, num dentro tão envaginado que até parecia reflectir o exterior, o mundo como superfície imbecil onde a humanidade ignorava o que fazia. O mundo como parte perdida da terra, daquela que sobrevivia apesar da insânia dos homens e das mulheres que desejavam conquistar uma quimera, empresas de uma civilização. E não era um autoconvencimento nem uma débil consolação essa blasfémia proferida tão levianamente: A vida era bela. Era antes o atrevimento de uma alegria desmedida, a brejeirice do sol que roda à volta da terra indiferente ao enfatuado conhecimento adquirido pela ciência, à sua comprovada refutação. O importante era levar o meu filho ao Jardim, Junho a transitar paulatinamente para Julho. O que dava gosto

era vê-lo conviver com os outros putos, sem qualquer necessidade de língua, a não ser, talvez, a gestual, ou aquela que um adulto já não pode adivinhar por ter perdido, com a idade, esse dom de uma mais primitiva e irreversível comunicação. Essas tardes debaixo das frondes majestosas, gozando a sombra em cadeiras ou em bancos de madeira, o edifício do Senado não muito longe, sempre com os olhos fixos nas evoluções do pequeno. De vez em quando olhava para mim, como se me perguntasse, estou a portar-me bem? Outras vezes, o seu olhar quase que me suplicava, deixa-me fazer uma asneira. Eu sorria diante daquele olhar interrogativo, não sei se conscientemente matreiro ou malicioso. Às vezes denunciava com a minha atitude séria um não categórico, fingindo que estava ou ficaria zangado, outras vezes, sem lhe dirigir uma palavra, com a simples expressão do meu rosto, apoiava-o com um vai em frente que o deixava radiante. E quando lhe dava para deambular por aqueles espaços abertos, vibrando sob um sol maiúsculo, seguia-o a alguns metros de distância, não fosse tropeçar ou embater no corpo de um desconhecido, homem ou mulher. Sempre curioso de saber o que ele faria, quais as suas decisões, se eram movidos por decisões os seus passos.

Não é que os meus olhos subtilmente laivados por uma miopia larvar não observassem mais do que a movimentação do miúdo. Havia sempre umas saias de mulheres esvoaçando, flutuando pelo simples facto de o corpo se deslocar com uma certa determinação, corpos aparentando sempre uma adolescência impoluta, incorruptível, pernas que não se esqueciam de mostrar que também possuíam as suas coxas, essas formas inatingíveis, essas peles de seios despidos de preconceitos e de sutiãs galvanizados pela graciosidade de vaivéns irreprováveis, enfim, poder-se-á talvez dizer que se adivinhava, só pela roupa que não era vestida, que algures no espaço daquele Jardim irrompia uma sexualidade irreprimível e substancial. Não posso esquecer, neste passo, as mães. As mães das outras crianças, saudando-me prazenteiramente, vindo falar comigo, ou vice versa, indo eu trocar com elas algumas palavras exigidas pela gentileza e pela amizade. Então esse miúdo ainda usa fraldas? Já é tempo de as pôr de lado. Veja a minha filha,

vem cá, vem cá, e mostravam-me as cuecas já desprovidas de qualquer protecção. O miúdo só tem quinze meses, deixamo-lo à vontade. Há-de haver um momento em que ele mesmo se chateará de andar com aquele volume atrás do rabo. Para já as fraldas contrabalançam o peso do seu escroto. Olhavam-me, algumas, de esguelha e admiradas, talvez, penso eu, porque não conheciam o termo, outras, mais afoitas e sorridentes, dadas à brincadeira, sempre retorquiam, não pode ser assim tão pesado, o escroto do seu filho. Sai ao pai, sai ao pai... Era o que eu retorquia, divertido. Batiam com as costas da mão no meu braço, sussurrando quase: Mentiroso. Está a gozar comigo? Só digo a verdade. Só digo a verdade.

Quem sabe o que é a verdade? Muitas vezes, vendo o pequeno resolvido a descer as escadarias para ir até ao lago, pegava-o como se ele fosse um avião, levava-o debaixo do braço e fazia-o aterrar na gravilha poeirenta. Já emitia alguns sons, mas nada que eu compreendesse. Eu falava com ele, sempre em francês, porque lera algures que os putos confrontados com o bilinguismo tinham mais dificuldade em começar a falar qualquer uma das línguas. Depois a coisa vinha, quero dizer, o domínio de duas línguas. Mas para quê introduzi-lo à minha língua quando, eu próprio, tendo acesso a um idioma estrangeiro, perdera a noção de posse em relação a qualquer uma das línguas? Usava-as conforme a necessidade. Em casa, com a família que me recebera, dissolvia-me na beleza do francês, na sua implícita teatralidade, com os conterrâneos imigrantes, pois que, felizmente, já ninguém era exilado, devolvia-lhes a beleza da língua materna.

Dezenas de pessoas à volta do lago, sentadas em cadeiras, umas lendo os jornais efémeros do dia, outras tentando captar do sol a sua vitalidade. Mas não era difícil levar o meu filho à borda do lago. Ele delirava com os barquitos à vela que navegavam aquelas águas que me pareceram sempre mais ou menos límpidas. Apontava para esses objectos que se moviam consoante o capricho do vento, batia palmas como se desejasse que os barcos tomassem a direcção do sítio onde nos encontrávamos. Eu, agachado, falando-lhe quase ao ouvido, só por falar, e ele, rindo por vezes às gargalhadas, como se fosse uma festa e um privilégio só o facto de observar. Fazia por

vezes menção de tocar a água do lago com uma mãozita inquisidora, mas eu não lhe permitia acrobacias. Não, não, dizia-lhe eu, e ele insistia, como se aquele não lhe fosse impermeável. Levantava-me, pegava nele e dirigia-o para outro canto do Jardim. Vamos ver a fonte. Uma fonte maravilhosamente esculpida em mármore, penso eu, e que se abandonava ou alastrava depois na extensão de um rectângulo bastante longo. À volta daquele rectângulo a sombra era um refrigerio, já que a vegetação não deixava o sol passar com a sua luz proverbial, mas lúcida. Não lhe dizia grande coisa, a fonte, nem a beleza onde se incrustava. De mãos dadas, parcimoniosamente evoluindo entre as gentes que consumiam o Jardim, parando aqui, por isto ou por aquilo que às vezes eu não conseguia discernir, seguindo por ali, em ziguezagues claudicantes de que o meu filho não se dava conta, pois tudo lhe seria uma linha recta para lado nenhum, lá conseguia eu arrebatá-lo do Jardim, prometendo-lhe, com um arrazoado que pressupunha que ele já fosse mais velho e soubesse o que eu estava a dizer, novas aventuras que possivelmente, para minha consternação, nunca foram ou seriam cumpridas.

Nessa tarde, por acaso, deu-me para ir ao café que frequentava, mesmo em frente, atravessando com cuidado uma rua estreita. Encontrei uns três ou quatro amigos a uma mesa, conversando e fumando numa poeirada convoluta e intoxicante. Saudaram-me, então esse é que é o teu filho? Está um rapagão. Deixa-o vir ao meu colo. Mas o pequeno não me largava o pescoço. Não queria nada com aquela gente. Ah, és tímido, meu malandro? Senta aí, convidou-me um outro amigo, ou conhecido. Há tempos que não nos vemos. Pá, não posso, está muito fumo aqui dentro, fica para outra vez. Mas que vez? Há quanto tempo não nos vemos? Calma, já sei o que vou fazer. Levo-o a casa da minha sogra, aqui perto, e venho já. Uns dez minutos. Aguentem. Larguei-o no apartamento. Que vinha já, disse-lhe, à minha amante, dando-lhe um beijo na boca sem uma grande paixão. Estava com pressa. Desci o prédio no ascensor, calcorreei a rua atulhada de gente, movimentos apressados de corpos em sentidos inversos, atravessei a passadeira do boulevard junto ao quiosque de jornais na mudança dos semáforos, e entrei finalmente no ca-

fé como tantas vezes o fiz durante aqueles anos. Lá estavam, os amigos, discutindo acontecimentos, factos, notícias, problemas relacionados com a família ou tendo como fulcro as suas pessoas. Alguns eram especialistas do desemprego. Do trabalho temporário. Não sei como conseguiam tanta bondade ou tanto descuido da parte da segurança social. Eu nunca me metera com a agência do emprego e do desemprego, estupidamente, disseram-me eles muitas vezes, mas tudo o que estivesse ligado ao trabalho me dava calafrios pela espinha abaixo. Mandeí vir uma cerveja bem fresquinha, sempre servido pelo mesmo empregado, que se tornara, ao longo dos anos, um amigo só pela sua presença altivamente simpática. Era uma personagem, um maestro de uma bizarra orquestra em que não existiam músicos nem um repertório.

– Então, como vão as coisas?

As coisas, saúde e adjacências, este ou aquele percalço, eram quase sempre as mesmas. Mas ultimamente, incompressivelmente, pois que tinham decidido ficar em Paris, a conversa incidia sobre o país que ficara lá nos extremos do continente, virado para o Atlântico de boca aberta, numa pasmação e num marasmo que durara quase cinquenta anos. É que lá em baixo aconteciam coisas. Estavam a acontecer coisas. Realmente, para quem, até aos vinte anos, não estivera habituado a coisas acontecidas ou acontecendo na sua terrinha, era normal que a conversa descambasse para as bordas do Atlântico. Ah, a nostalgia é um facto, não é só uma doença infecciosa. Eu ouvia pelo gosto de estar acompanhado, ouvia e nem sequer me dava ao trabalho de reflectir no que diziam. Até que chega um momento, e um deles, abanando-me daquele entressonho em que me afundara, um toque, sob a mesa, da sua perna na minha perna, em voz baixa, como se conspirando, me atira:

– Vês aquele gajo, lá ao fundo, junto ao balcão, a beber a sua cerveja?

– Sim, conheço-o vagamente. Isto é, falei com ele uma ou duas vezes. Vem aqui há muitos anos, já cá andava antes mesmo de eu chegar. Qual é o problema?

– Foi dos que partiu. Dois ou três dias depois do golpe militar. Para ajudar a revolução, dizia, para participar na cons-

trução de um novo país. Livre, democrático, civilizado.

– Sim, e depois?, continuava eu sem saber onde ele queria chegar. O que é que isso tem de anormal? Quase todos o fizeram. A pátria sempre é a pátria, rematei eu, tendo perfeita consciência da estultice proferida.

– Pois já regressou. E segundo um amigo, que o conhece bem, já comprou, em Saint-Germain-Des-Prés, dois apartamentos, um para ele, o outro para alugar.

– Sorte dele, foi a única observação que me veio à cabeça. Que mais poderia dizer?

– Sorte dele?... É um faltar vilanagem. Meteu-se num partido, dos que partilham o poder, e aqui está ele, gozando a vida. Regressado um ano depois. Em Saint-Germain-Des-Prés! Dás-te conta? Mas tu dás-te conta?, dramatizava ele com uma ênfase quase obscena, histérica, pasmosa.

Eu, para ser sincero, não dava nem dei conta de nada. Não achava nada de especial em encontrar aquele gajo onde sempre o vira ao longo dos anos. De pé, junto ao balcão, a bebericar a sua cerveja. Até que compreendi, um pouco escandalizado, o que o meu amigo queria que eu compreendesse.

– Calma aí. Calma aí. Nada de precipitações. Que estás a insinuar? Que queres dizer? Que houve corrupção, que há corrupção lá em baixo? Pá, qualquer um pode receber uma herança. Sabes lá se isso dos apartamentos é verdade? Não se pode andar a acusar as pessoas por dá cá aquela palha.

– Estás a gozar comigo? Um gajo que mal tinha dinheiro para a sua cerveja, que nunca soube que trabalhasse, que não tinha onde cair morto, sem cheta, sempre a cravar um cigarrito, que regressa ao país, que se filia num dos partidos, e passado um ano, um ano, vê tu, chega com o dinheiro suficiente para comprar dois apartamentos. Em Saint-Germain-Des-Prés? És burro ou quê?

Voltei a pôr os meus olhos naquela silhueta um pouco desfocada junto ao balcão, como se com esse virar da cabeça, com essa observação, procurasse descobrir se era efectivamente burro. Não cheguei a nenhuma conclusão. Era bem possível que fosse burro. Mas tinha dificuldade em conceber que em tão pouco tempo, alguém, mesmo se favorecido pela corrupção, conseguisse acumular o dinheiro suficiente para

comprar dois apartamentos justamente naquele bairro. Não me parecia verosímil. Ou então o país estava a saque. Verdade que havia lá muita fome, acumulada durante muitos anos, a precisar de alimento. Não há pobre que resista ao dinheiro. Nem rico, já agora. Mas, mesmo assim, fiquei céptico. Este diz-se que se diz nunca foi do meu agrado. Não estava na minha maneira de ser julgar as pessoas, sobretudo as que mal conhecia.

– Talvez tenhas razão, e isso seja possível. Vê-se tantas coisas por esse mundo fora. Seria mais uma. Que queres?

Não me lembro do resto da conversa, nem se houve resto. Só este bocado do diálogo ficou, obtuso e escabrosos, na minha memória. Passei pelo apartamento dos meus sogros, o pequeno já tinha sido levado pela mãe. Cansada como deveria estar, com certeza chamou um táxi. Muito dinheiro gastava a minha mulher em táxis. Mas era ela que o ganhava. Nada a dizer. Pus-me a caminho. Cheguei a casa e vi-a, ao contrário do habitual, um pouco sorumbática, calada, preparando o jantar. Aconteceu alguma coisa? Nada, nada, foi a resposta. Queres que te ajude? Não, não é preciso, estou a acabar. Sei que foste com o menino para o Jardim. A minha mãe contou-me. Aproveitei a boleia do meu pai e trouxe o pequeno. Insisti: Não estás nos teus dias, pois não? Aconteceu alguma coisa no atelier? Qualquer coisa correu mal? Algum percalço? Diz-me. Nunca te vi assim! Diz-me.

Não me respondeu. Jantámos, falando apenas o necessário para que fosse considerada uma conversa as poucas palavras que trocámos. Movidos talvez pelo mesmo sentimento, preferimos, quase de comum acordo, observar o nosso filho. Sempre era um espectáculo, um passatempo. O pequeno comia ainda com as mãos, o prato de plástico pontificando sobre a mesinha afixada à sua cadeira. Não, não era parco em porcaria, o nosso querido filho. Mas não dávamos, às suas prestidigitacões falhadas, uma grande importância. Tinha muito tempo para aprender a portar-se com alguma civilidade, consolidando a noção de higiene que lhe era inacessível nessa altura. Levantámo-nos da mesa. Minha mulher levou o miúdo, não para a sala de estar, mas para o nosso quarto. Eu, como de costume, encarreguei-me da limpeza. Primeiro levantei a me-

sa, depois lavei com a habitual determinação a cadeira do puto completamente conspurcada por indícios e restos de comida, depois dirigi-me para a cozinha pronto a lavar a loiça. Inclinado sobre o lava-louças, as mangas arregaçadas, a água a correr, tépida e lacunar, despendia o mínimo esforço possível na prossecução da tarefa. Não havia, como nunca houve, muita coisa para lavar. Estava preocupado com a minha mulher. Raramente a vi assim. E o facto de se meter com o pequeno no quarto era uma novidade, um coisa inédita, nunca tal tinha sucedido. Ouvi-a:

– É este o disco que andas a ouvir? Quando é que o compraste? Quem é este John Lee Hooker? Vou ouvi-lo, meu querido.

Efectivamente, tinha-me iniciado no blues. Um amigo, especialista no género, dissera-me que um dos gajos mais interessantes do blues era esse John Lee Hooker. Não fiquei desiludido com a compra. Muito pelo contrário. E havia uma canção nesse álbum que me deixava num estado de surpresa quase ontológica, se faz sentido fazer sentido com o emprego obsoleto de tal adjectivo. Inscrevera-se mesmo na filigrana dolorosa de uma emoção que às vezes me dilacerava sem que houvesse, aparentemente, razão para isso. Ia ouvindo os blues distorcidos um pouco pelas paredes labirínticas do apartamento, ecos de ecos à procura de uma sonoridade, sabendo que a faixa que mais me seduzira não iria demorar a chegar. E chegou. *It Serves You Right To Suffer*, era o título do blues, e aquela voz parecia impingir ou despertar dentro de mim um mal inocente, uma caterva de sinais inexplorados ou esquecidos ou inventados, como se a memória do que nunca aconteceu fizesse coincidir o princípio com o fim. Comecei a chorar quase convulsivamente, sem fazer qualquer barulho, as lágrimas salgadas descendo-me pela cara abaixo até se confundirem com a água suja do lava-louças. “It serve you right to suffer, it serve you right to be alone, because you’re still livin’ in days done past and gone”. Não compreendia aquela emoção, mas o “It serve you right to suffer, it serve you right to be alone”, naquela voz inalcançável, inconcebível, deixava-me num estupor holístico que desafiava as convenções de uma qualquer psicologia. Como se houvesse dentro de mim,

que não acredito em dentro e muito menos num mim, uma vacância, um trauma, um abismo de sombras e de vozes imperdoáveis, uma ferida incicatrizável: um destino. Minha mulher também deveria ter sido sensível àquela faixa onde a realidade da emoção ultrapassava a emoção de uma realidade que nos açambarcava numa confusão de sentidos e de sentimentos. Talvez por isso me perguntou de muito longe, a voz ligeiramente embargada e pouco nítida:

– O que é que ele está a dizer?

Recomposto, ou quase, mas com uma voz firme, traduzi-lhe os primeiros versos do blues, a ela, que não percebia nada de inglês apesar dos oito anos de aprendizagem que fizera dessa língua no Liceu: «Bem feito por sofreres, bem feito por estares sozinho, porque estás ainda a viver num tempo há muito volvido».

De repente, um choro vindo do nosso quarto explode. Vou imediatamente ver o que se passa, o coração aos sobressaltos, com medo de que algo tivesse acontecido ao pequeno, uma queda, qualquer coisa, e quando chego à porta vejo minha mulher desfeita em lágrimas, num estado muito pior do que o meu de ainda há poucos minutos. O pequeno, boquiaberto, não sabia se também deveria chorar, ou se deveria ficar estarecido com a cena. Então, então? Abracei-a fortemente com a intenção de aplacar o seu corpo que tremia sacudido em espasmos delirantes, sua voz desfeita em soluços convulsos, num choro agonizante. Tentei limpar-lhe aquelas lágrimas que nunca lhe vira antes nem suspeitara alguma vez ver. Só me disse, a voz gaguejante: Leva a criança, deixa-me sozinha. Por favor, deixa-me sozinha.

Peguei ao colo o meu filho, confuso com toda aquela quebra da rotina, e coloquei-o, sentando-o, na sala de estar, cercando-o de brinquedos, pois ainda era um pouco cedo para lhe dar o banho e pô-lo a dormir. Meus olhos aquosos quase que não o distinguiam do soalho. Fiz-lhe uma festa passando-lhe os dedos pelo cabelo, não é nada, a mamã está triste, e fui acabar de lavar a loiça. Ficou lavada. Dei uma vista de olhos à cozinha. Ao comedor adjacente. Tudo perfeito. Vamos ao banho, meu maroto? Lavei-o na sua banheira que, cada dia que passava, minguava a olhos vistos. Pus-lhe a fralda, vesti-

-lhe o pijama, deposei-o no berço e deixei-me ficar, estendido, na cama de solteiro. Olhos nos olhos, eu sorrindo, ele perdido na impossibilidade dos seus pensamentos. Um miúdo da sua idade já pensaria? Em quê? Ou viveria só dos sentidos? Ignorava de todo. Custou-lhe adormecer. Levou, se me recordo bem, e às vezes não me recordo, mais de uma meia hora a fechar os olhos, ele que, geralmente, passados cinco minutos já dormia a sono solto. Levantei-me da cama, fui até à porta do quarto de dormir onde ficara a minha mulher. Tentei abrir a porta do quarto. Estava fechada.

O sol, exausto talvez pela energia que despendera para nos saudar com a luminosidade leve que proporcionara ao dia, abandonava por algumas horas a cidade incrustada agora num crepúsculo silencioso. Não deixou mesmo assim de me causar ainda uma estupefacção no olhar que lhe lancei. Tanta beleza perdida na desatenção, tanto fulgor desperdiçado! Não havia árvores na nossa rua. Só automóveis estacionados. Fragmentos vaidosos da história do século. Máquinas ocupando imperativamente o espaço da natureza, das árvores que deveriam respirar ao diapasão dos pulmões humanos. E o humano, essa ideia esdrúxula? Era um passado volvido, ou era um futuro? E o sofrimento? E as paixões, no seu duplo sentido, tantas vezes ignorado ou esquecido? E eu? E ela? Não, não era masoquista. Não concordava com os versos que traduzi do blues. Não concordava com aquele «bem feito». Mal feito quando temos que sofrer, era o que repetia até deixar de compreender o que estava a dizer mentalmente. Ouvia a voz de John Lee Hooker como uma memória recente, ignorava porém de onde irrompia, todas as vezes que ouvia aquele blues, toda aquela emoção. Se da música, do ritmo nela imprimido, se da voz que dificilmente poderia descrever, mas me fora quase visceral. Um esfacelamento de uma máscara que com certeza até existia algures, dentro ou fora de mim. E dela, pelos vistos. Poderia ser, talvez, que essa emoção amordaçada se soltara inexoravelmente das palavras cantadas, do sentido dessas palavras. O mal e o bem do feito esvaziavam-se no que difundiam de presença, ou de possibilidade de presença. O mal e o bem precipitavam-se num estrondoso abismo que já não existia, perdido há muito, porque os tempos eram outros, outra a

medida da civilização. E a história, mesmo se mal contada, pois não era mais do que relatos de gente passada ou passando, a história existia. E existindo, reconhecida ou irreconhecível, fazia parte do que éramos como uma maldição.

Adormeci no quarto do meu filho, ou tentei adormecer, o sono confundindo-se com a consciência. O apartamento não arfava nem se movia sincopadamente, oscilando, em contracções ou extensões. Pleno de silêncio silenciava os seus habitantes na escuridão que fazia. Não ouvi os habituais ruídos que a matéria por vezes instiga. A matéria que nos cerca com o à-vontade do que não sofre. Adormeci enlevado no desespero em que me encontrava, ignorante e ignorado, incapaz de prever um minuto que fosse o minuto seguinte. Acordei. Acordaram-me. Minha mulher saíra do nosso quarto e deitara-se ao meu lado, sua cabeça pousada no meu vasto peito. Ouvia a sua respiração, sentia o bafo que saía da sua boca possivelmente ligeiramente aberta, o mundo estabelecia as suas coordenadas e os seus princípios, isto é o real, parecia dizer, di-lo-ia se pudesse falar? Às vezes duvido. Ouço um choro brando, ora contínuo ora interrupto, algumas lágrimas atrevem-se a molhar os pêlos do meu peito. Espero. Não sei o quê, mas espero. Não é a ansiedade o sentimento que me alaga de despeito, o que será? O que foi?, pergunto-me eu agora.

– Tu sabes, tu sabes tudo.

A noite não responde à noite. Sinto o seu corpo quente sobre o meu corpo aquecido, mas a sensação é um pouco estranha, como se de repente tivesse descoberto, quase por acaso, que era um corpo, quando eu sabia muito bem que era e tinha um corpo. Ser e ter, um corpo, é uma mistura explosiva. Ter a consciência dessa mistura que, na realidade, é uma disjunção lancinante, é um perigo. Penso agora que não estaria a pensar em nada disso, mas que todos os meus sentidos estavam alerta, presos num dilema, numa contradição, esperando, esperando, como se o assalto final não demorasse mais do que um instante. Fosse agora. Agora mesmo.

– Tu sabes. Tu sabes.

– Não chores. Olha como estás? Vale a pena, isso?

– Não te mereço. Não te mereço.

– Não digas tolices. Dorme, que te faz bem.

Agarrou-se a mim como se eu fosse uma bóia de salvação, mas eu não era nem uma bóia, nem a salvação. Era apenas um homem. Agarrou-se ainda mais a mim, e eu deixei-me agarrar consciente de que não era eu quem ela cingia de uma maneira tão premente, tão desesperada, quase infantil. Não há mistério no mistério. A vida é o simulacro mais perfeito do mistério, mas dela não há nada que se possa dizer ou saber. Aparece e desaparece. Vem e vai. Minha mulher, pouco a pouco, como se fosse minha filha, foi adormecendo nos meus braços entre os soluços molhados e os suspiros repentinos que a desfiguravam. Eu continuei, inconfortável com o peso dela sobre o meu peito, os braços dela aticando-me o pescoço, de vigília. Vi a escuridão, como nunca a tinha visto. Lucubrações inóspitas e confrangedoras desceram sobre mim tentando desvirtuar a pouca lucidez que mantinha, derrelicto deixei-me levar pelo rio inviolável do pensamento, urdindo realidades vividas ou imaginadas, abandonando-me ao tempo e à sua frivolidade inútil. E à discrepância da noite.

Lembrei-me, subitamente, da minha sogra, com um fascínio fantasmático. E da enigmática frase que me dissera, agora acusmática. Segundo ela, talvez intuitivamente, talvez com uma percepção própria da sensibilidade feminina, talvez gratuitamente, porque eu não descortinava nenhuma razão para que houvesse verdade no que me dissera, eu amava-a, a ela, e não a sua filha, a mulher que tinha nesse momento nos braços um pouco doridos. Senti que depois desse dia, e dessa frase, qualquer coisa tinha acontecido, uma mudança na nossa relação, um não sei quê que balançava, vibrante de nada, ou de mudez, entre nós. Fiquei com a vaga impressão de que ela esperara de mim, como evidente consequência do que me dissera, que eu lhe perguntasse se ela me amava. Como se isso fosse importante. Mas eu não perguntei. Como se eu tivesse começado finalmente a viver no mundo dos factos, não dos afectos. Que me importava a mim saber se era amado? Eu estava ali, nu, ao lado dela, nua. Deitados numa cama. E de vez em quando, entre conversas e confissões, tomado de um desejo real, eu inseria-lhe, com muitos beijos e muitas carícias de permeio, o meu pénis na sua vagina, e durante alguns minutos, para mim sempre breves, era a sensação, deslizávamos

num vaivém húmido que nos satisfazia, nos dava prazer, como se tentássemos recuperar o tempo perdido, esquecer o sofrimento, alguma dor avulsa que possivelmente trazíamos em qualquer parte de nós como um agulhão monstruoso. Que ganhava eu em saber se era amado por ela? Qual a importância? Um volátil contentamento, uma vaidosa pretensão? Que ganhava eu em saber se era amado pela sua filha? Nada. Eu estava ali, umas vezes com a mãe, outras vezes com a filha, era tudo o que sabia, e isso, que nem sequer era um saber e menos ainda um conhecimento, bastava-me. Alguma vez fui amado? Pelos meus queridos pais, não tinha dúvidas. E pelos outros? Pelas mulheres, por exemplo? Não faço a mínima ideia. Algumas disseram que me amavam. Algumas. E depois? E depois, felizmente ou infelizmente, o tempo passa, e com o tempo passa o que foi dito e o que foi feito. É assim, para quê se fazer ilusões? Nada resta do que resta. A memória é a maior das contrafacções. Recordar é não se estar a viver.

## Capítulo 25

Depois do que se passou, do que eu chamo impropriamente a crise, incapaz de prover uma palavra mais adequada, tudo voltou, mais ou menos, ao mesmo. Não fazia tenção de contar à minha sogra o que acontecera. Mas ela percebeu que algo tinha sucedido, e perguntou-me. Disse-lhe a verdade. Ela ficou um pouco apreensiva, podia-se ver no seu rosto, mas não comentou. A tarde, contudo, não se moldou nos gestos e nas falas do costume. Fizemos amor, mas esse fazer foi diferente. Senti nela, no seu corpo entregue ao enleio de uma perda de si, à antecipação de um frémito, de um estertor vital, a presença pungente de uma, como dizer, perdição. O seu rosto, por um motivo qualquer, não pertencia ao seu corpo. O sorriso esfíngico que tanto me seduzia desaparecera sem uma plausível, pelo menos para mim, explicação. Mesmo o modo como me continha nos seus braços era diferente. Como se eu fosse uma bóia, mas não de salvação. Para se salvar do mergulho em que estava envolvida ela teria de respirar o oxigénio contido no ar, mas ela encontrava-se debaixo da bóia, incapaz de atingir a tona da água. Aquele mar, para quem não desconhece a língua francesa, era uma mãe. Ou vice versa. Daí, não a sofreguidão, mas um presságio de tragédia, consentida e assumida, tão profunda como uma decisão a tomar, lhe atravessasse todo o corpo gemebundo, onde, mais do que o prazer, ou a procura do prazer, se fundiam um sim e um não. Emocionei-me contagiado por aquela emoção. Queres que eu pare?, sussurrei-lhe ao ouvido. Não, não. Continua, peço-te por tudo. Continuei. Não tardou que os gemidos ascendentes culminassem num quase grito, não sei se de dor ou de prazer.

Vesti as minhas cuecas e fui ver o que o meu filho andava a engendrar. Brincava. Sentado no chão, brincava. Acerquei-me dele e dei-lhe um abraço incomensurável, também ele servia agora de bóia. Não para me salvar, mas para que continuasse a flutuar, ele, ele, mesmo que eu tivesse de me afundar na frieza das águas abissais. Gargalhou, um pouco aflito com a pressão que senti no seu corpo, e ouvi-lhe, pela primeira vez, qualquer coisa como um papá, embora distorcido e confuso. Lágrimas abundantes toldaram-me os olhos, e um mar

salgado afluiu nas minhas narinas como se fosse possível sentir o impossível. Era possível. A vida, descomunal e irrazoável, surgia numa deiscência incontroversa, indiferente a perspectivas ou a acontecimentos, certa de que iria durar para sempre. Ri com uma alegria imponderável, eu fui, eu era, eu estava a ser reconhecido. Outrora fora pelos meus pais, agora pelo meu filho. As lágrimas evaporaram-se. As coisas eximiam-se da sua presença, mas eu sentia o mundo, a sala onde nos encontrávamos, tudo o que me rodeava. Não estava possuído por uma alucinação inoportuna, a alegria exige a realidade, e a realidade, como eu, era, confundia-se mesmo com a ideia de real. Eu reconhecia-a sem muito bem compreendê-la ou absorvê-la numa razão. O mundo existia e eu fazia parte do mundo.

Reparei que a minha sogra não se tinha levantado para fazer a sua higiene, prostrada foi como a encontrei quando fui dar uma espreitadela ao quarto. Disse-lhe: O que é que a preocupa? Divisou-me, e com uma nitidez acerada, serena, ouvi a sua voz: Amo-o. Não neste preciso momento, mas num passado que não pode imaginar. Não percebo, retorqui. Você para mim não é um homem. Desculpe. Não era isso o que queria dizer. Quis dizer, veja se me compreende, que eu própria não sei bem se é verdade ou faz sentido o que vou dizer, mas para mim não é só um homem. Em si eu descubro, eu sinto mais dois homens. O meu marido, quando era jovem, e o meu filho, que não sobreviveu. Abeirei-me dela, pus meus joelhos no chão, segurei-a na face inesperadamente desprotegida de um sigilo ou de uma arrogância, mas nada lhe disse. Quis que ela me visse os olhos, quis ver os seus olhos. Vimo-nos na ficção em que éramos ou estávamos, mas as palavras que deveriam ser proferidas não emergiam nas nossas bocas, eu porque não sabia o que dizer, ela, ela era-me impenetrável. Que segredos segregava aquela consciência, aquele pensamento, aquela sensibilidade agora que possuía, pelo menos para mim, uma pele? Abraçámo-nos silenciosamente, como se fôssemos dois seres humanos, um homem e uma mulher. Ela sorriu, eu sorri, teria havido alguma comunicação na comissura dos nossos lábios? Definitivamente vestidos, despedi-me dela. Deu um beijo afectuoso ao seu neto. Eu meti-me

com a criança no ascensor e entrei na rua despida, enleada com o sol que não esmorecia nem parecia querer despedir-se da terra. O sol. Descemos a rua, lentamente, não tínhamos pressa. Depressa se cansou, o meu filho, dei-lhe colo instalando-o no porta-bebé, ainda não pesava muito. Virámos à esquerda e fomos ao longo do boulevard, ao longe a torre herética que tinha criado tanta polémica aos palermas dos urbanistas, uns, puristas, outros, videirinhos. Paris poderia ter as suas festas, mas só o sol me ciciava encantos e maravilhas. O sol de nenhuma cidade e de nenhum país.

Chegámos a casa a tempo de esperar pela minha mulher. Ela chegava, transpirada do desafio que fizera em ter que tomar o metro. Então, esses meus dois queridos? Muita brincadeira? Muito Jardim? O menino nem sabia dizer a verdade nem a mentira. Era uma sorte e um alívio. Tomou-o nos seus braços, muitos beijos, muitas festas, muitos risos do petiz. Vem aqui, querido, quero dar-te uma notícia. Temos as duas semanas do fim do mês por nossa conta. Férias, férias. Já combinei com o meu pai, quinze dias para nós agora, depois os primeiros quinze dias de Agosto para eles, na Bretanha. E tu, meu amor, terás finalmente a oportunidade de conhecer a casa dos meus pais nas duas últimas semanas de Agosto. Vais ver, vais gostar. Estás sempre a falar-me do mar, do mar. Pois irás ter o mar por tua conta, à tua disposição.

Aquelas duas semanas de Julho foram para mim um regresso ao tempo da mansarda. O pequeno ficava no apartamento dos meus sogros, nós tínhamos todo o dia para gozar. Lá tinha que tomar o estupor do metro para irmos ver uns filmes à Cinemateca, frequentada tão pouco depois que casara. Como dois namorados passeávamos ao longo do Sena perdidos em conversas que não ficaram na história, é verdade, mas isso é importante? Turistas, muitos turistas, gente de todas as partes do mundo, de todas as raças, passando, sem verdadeiramente passear, de monumento em monumento, como se as catedrais ou os jardins ou os museus fossem presas fáceis da cultura a caminho da democratização mundial. Máquinas fotográficas tentavam provar e comprovar que estar também é ficar no instantâneo de uma imagem. E talvez fosse. Nas esplanadas das cervejarias visitadas pela sombra de

alguma árvore prestimosa procurávamos, afogados em transpiração, uma mesa onde pudéssemos descansar do passeio, uma cerveja fria pode ser um prazer divinal. Tudo depende da ocasião. Eu sentia-me em casa. Aquela cidade, possuindo sem dúvida os seus segredos e os seus escaninhos, escancarara-se à curiosidade quase metódica que pusera em conhecê-la. A vida era feliz. Eu era feliz. A minha mulher dizia-me que era feliz.

As noites despertavam-nos apetites ancestrais, tinham o condão de nos fazer aceder à sensualidade natural dos animais que se diziam mamíferos, primatas. Falas interrompidas ou intermitentemente encetadas eram agora postas em dia, nossos corpos percorriam toda a tessitura do desejo, todo o arrebate do prazer. Noites que qualquer um poeta menor teria considerado como inolvidáveis. A poesia é o privilégio do esquecimento. Ou vice versa. Nus, expostos ao calor abafado que sobrevivera ao dia, o sol intempestivo temperando as estações como lhe era costume, enclavinávamos os nossos dedos ao alcance das nossas mãos, ríamos, sempre com o cuidado fléxil de não acordar o nosso filho. Levantávamo-nos da cama eleita e íamos espreitar o sono cordato do miúdo, havia ali, nesse rosto exposto ao sortilégio do inconsciente, uma beleza iniludível. Não se parecia comigo, o pequeno. Vislumbra-se, ainda que precocemente, incoativamente, alguns traços da mãe, os genes eram geniais na reformulação das gerações. De mim, nada. Sim, sim, ciciava a minha mulher ao meu ouvido um pouco céptico, olha aquele queixinho, olha as sobancelhas. Eu olhava. Nada. Ainda bem, pensava eu, ao menos não terá que suportar o peso da fealdade do pai. Regressávamos à cama e iludíamos-nos com mais carícias, às vezes a violência dos seus arroubos e dos seus requebros deixava-me num estado dubitativo, perplexo por vê-la necessitando de maquinar tais comportamentos. Onde a pressa? Em mim o desejo desejava durar o mais demoradamente possível, nela parecia que uma mecânica inflexível, déspota, incapaz de ser humana, não podia mais reprimir a execução de uma urgência inexaurível. Concedo, por vezes ficava ferido com tanta exultação dos sentidos, e então pedia-lhe para moderar a sua impaciência, como se quisesse transformar a falta de tempo

num tempo humano, capaz de ser habitado minimamente pela sensibilidade.

Pensava então, aturdido e insatisfeito, na minha sogra, da saudade que sentia por não ter a oportunidade de a visitar como fizera durante aqueles tantos meses, da solenidade quase mitridática em que nos entretínhamos. Adormecida a minha mulher, sozinho com o meu corpo e a minha consciência silenciosa, meditava, meditava, medindo talvez a precariedade indistinta das minhas emoções e dos meus sentimentos. Para ela, aparentemente, eu era mais do que eu, era uma espécie de trindade, mesmo que não fosse santíssima. Albergava em mim, sem no saber, realidades que só poderiam ser desvendadas pela acuidade de outros olhos, pelo testemunho de outras experiências e de outras memórias. O que uma pessoa, inocentemente envolvida nos afazeres da existência, pode significar? Meditava nisso e na falta. Na falta que sentia. Nunca soube, nem nunca poderia saber, penso eu, quais das duas mulheres, nessa época revoluta, amava mais. Talvez amasse as duas, talvez estivesse apaixonado pelas duas, mas faz algum sentido desenvolver o raciocínio desta maneira tão imbecil? Alastrado pela noite em pensamentos destros, seguindo pistas inacessíveis à penúria dos meus juízos e da minha concentração, deixava o tempo passar seguro que algumas horas depois faria dia, e com o dia teria a oportunidade infalível de ver o sol soltando-se na esperteza azul do céu. Tudo passaria na realidade do seu sonho, até a falta de sono e a falta da minha sogra.

Partiram, os meus sogros, para a sua infalível Bretanha. Levavam, mais uma vez, a criança. Sempre faria, era o propósito, um mês de praia, duas semanas com eles, duas semanas connosco. Senti um pressentimento quando me despedi, com um beijo casto, com um olhar liberto, da minha sogra, entregando-lhe o neto. Disse, palerma de todo, aproveitem a ida à praia para que ele se desembarace definitivamente das fraldas. Riram-se com a minha sugestão. Não se preocupe, não se preocupe. As festas que ela fazia no rostinho do meu filho foram carícias, por procuração, no meu corpo. O seu olhar cruzou-se várias vezes com o meu e eu não soube ler esse olhar. Abraçou a filha dizendo-lhe qualquer coisa ao ou-

vidro. Vi-lhe o sorriso que tanto me fascinava. Meu sogro, sempre tumultuoso, sempre espalhafatoso, bateu-me nas costas com a sua mão espalmada, uma, duas vezes. Todo eu estremeci, tal a força que imprimira a esse gesto amigável. Vi o meu filho dentro do automóvel e coloquei uma mão sobre o vidro. Não fez caso.

Partiram. Minha mulher dedicou-se ao trabalho a que estava subjugada, sem grandes problemas, sem grandes queixas. Claro, era um pouco chato ficar sozinha no atelier. A ausência do pai, das suas tiradas mirabolantes e dos seus conselhos, fazia-lhe falta, e mesmo que ele não tivesse despedido o outro arquitecto, um incompetente, as coisas não seriam diferentes, pois em pleno Agosto também ele estaria de férias. Frisei a testa. Sim, querido, o meu pai durante uns meses empregou um rapaz que só lhe deu trabalhos e consumições. Pensei que fossem só vocês os dois no atelier, atalhei, muito naturalmente. O meu pai não te disse nada a propósito do estagiário? Nem tu, respondi-lhe. Fiz de conta que estava admirado. Mas não estava. Daquela família esperava tudo. Sobretudo, faltas de memória e surpresas. Não as rejeitava nem me incomodavam. Surgiam no horizonte sem expectativas em que confusamente, inexplicavelmente, começara a viver. Goza o dia, dizia um velho filósofo, em Grécias antigas. Era o que eu procurava fazer. Menos até do que o dia, menos até do que a hora, bastava-me o momento.

De manhã tratava da casa e lia, ouvindo a música que me acompanhava em cada gesto que perpetrava, em cada virar de página. À tarde, por hábito, e porque ficava perto do apartamento, ia para o Jardim do Luxemburgo. Apanhar sol numa sombra esplenética. No meio de toda aquela fauna estival, passando e fluindo, cruzando-se, perseguindo sendas desconhecidas, ninguém. Ficaram na cidade não mais do que duas ou três mães. Que eu conhecesse, obviamente. Os maridos trabalhavam, tinham as suas obrigações. Compreendia. Ficámos mais íntimos. Elas não tinham receio de contar as suas vidas, as suas rotinas, as peripécias de uma vida em comum, as suas experiências amorosas antes e depois dos seus casamentos. As suas vidas, de uma maneira geral, eram autênticos romances que nenhum autor tivera coragem, até então, de es-

crever. É assim, nem todos os assuntos se transformam em modas ou tendências literárias. Mas eu ouvia-as com um prazer intemerato, deliciado com o som das suas vozes e os pormenores que punham nas descrições que faziam, nas narrativas que teciam, nas expressões icásticas dos seus corpos. Intercalavam-se ou interrompiam-se, consoante os pormenores que deveriam ser mais precisos ou bem compreendidos. Era como se entrasse num mundo proibido, num casulo que nunca me fora acessível, as mulheres. Os seus mundos, as suas faculdades, as suas visões, as suas fantasias, as suas linguagens, realistas como imaginárias. Não era a mesma coisa que conhecer uma a uma as mulheres enquanto indivíduos ou singularidades e estabelecer com cada uma delas uma relação amorosa ou de amizade. Era eu fazer parte daquele caldeirão de intimidades, daquele gineceu contemporâneo e sentir, embora com certas precauções da minha virilidade irrefutável, que mimeticamente, como se nada fosse, eu ia transformando-me numa mulher, numa mãe, num cuidado ou numa preocupação. Numa outra sensibilidade. Curiosamente, ao fazê-lo, perdia todo o desejo, por exemplo, de as possuir, como se fosse um sacrilégio ou uma obscenidade, ou mesmo um incesto, tocá-las. Mais do que minhas amigas, ou conhecidas, essas mulheres, nesses momentos de afectuoso convívio, tornavam-se minhas irmãs, minhas filhas, minhas mães. Estou convencido, hoje, que tudo isso, toda essa percepção inaudita, não passou de uma ideologia inconfessável, ou de um paternalismo arrependido, mas bacoco, disfarçado em feminismo. Delírios de quem faz face à solidão e não sabe como a conduzir a uma saída ou a uma solução comungável. Tolices. Mas o prazer de estar inserido nesses acontecimentos era inegável. Outras vezes, ao ver todas aquelas crianças brincando, alheias ao mal e ao bem, ora chorando ora rindo, ora caindo no chão duro ora levantando-se com ou sem a ajuda das mães, sentia, vivamente, que todas elas eram minhas, não distinguindo, em amor e responsabilidade, o meu filho dos filhos e das filhas dos outros, dos demais. Crescia em mim uma ideia de comunidade, o sentimento talvez ingénuo de que eu era responsável por toda aquela geração que acabara de sair das minhas, ou das nossas, entranhas. Uma vez era um pai, outras ve-

zes uma mãe. Outras vezes, se isso for possível, o que duvido, as duas coisas.

No café, num desses dias de verão, encontrei um casal conhecido. Regressavam ao país. Não era possível, disse-lhes eu deveras espantado. Fazer o quê? O que havia lá para os seduzir dessa maneira? Miséria, meus caros. Ou vocês pensam que por ter havido uma mudança de regime as coisas iam melhorar, a economia florescer, o bem-estar das pessoas concretizar-se em modernidade? Replicavam-me, nos últimos anos, enquanto cá estávamos, a economia cresceu. Só não havia liberdade. Hoje há liberdade. Como aqui, como aqui, argumentava eu. Sim, mas sempre é o nosso país, é lá que está a nossa família, foi a frase final. Aqueles dois sons, o nosso e a nossa, ressoaram aos meus ouvidos como uma estranheza louca. Como era possível, pensei eu, empregar-se ainda tais possessivos em relação a um país? Vá lá, quanto à família, ainda percebia, mas em relação a um país?

Despedimo-nos. Para sempre. Saí do café, o sol albergava ainda muita luz, os passeios juncados de gente resfolegavam de calor. Paris, uma cidade europeia, mas minha? Nem minha nem de ninguém. Subi muito lentamente o boulevard ao longo do Jardim, dirigindo-me, sorumbático, para o apartamento. Ninguém. Minha mulher não chegaria tão cedo. Ou talvez, o pai ausente e a sua ausência um fardo que, sem no dizer abertamente, carregava nas suas costas. Seria bom tê-la perto. Deitei-me na cama depois de colocar no gira-discos um dos meus últimos achados, vindo dessa América que, muito provavelmente, nunca teria a ocasião de conhecer. Peguei num livro de Deleuze cujo título esqueci, parece-me que falava de intensidades ou coisa que o valha. Tanta tolice que passa por filosofia, era a resposta que dava perante a incompreensão do que lia. Havia uma certa beleza, uma certa profundidade, uma certa sageza em ser-se estúpido. A estupidez não é a face antagónica da inteligência. É um suplemento, um complemento da inteligência. A inteligência tem limites, a estupidez não tem limites nem fronteiras. É um universo inexplorado. Desafiava a inteligência, chamando-a dos confins da possibilidade, não para a refutar ou fazer troça dela, mas para, bondosamente, deixar-se penetrar pela sua pressuposta acuidade. Pensei,

aborrecido pela conclusão drástica a que chegara, a inteligência é estúpida. Sobrevivi ao dislate. A música era a única inteligência, porque nada dizia, não tinha voz nem proferia verdades nem disparates, não apresentava hipóteses, contentava-se com a sua presença irrompida do silêncio, com a sua absurda existência, servindo de companhia à solidão irreparável da humanidade, sem pedir nada em troca. E quando, como nas canções que estava a ouvir, se fazia acompanhar da voz, então a música era mais do que inteligente, a música transformava-se em mudança, em experiência, em passagem do tempo, absorvendo-o e transfigurando-o na nossa própria existência. A única coisa que era nossa enquanto estivéssemos vivos, fazendo de nós, homens e mulheres, companhia de nós mesmos.

Mas a minha mulher chegou bastante cedo, e diante de mim e ao lado da música que eu ouvia, aventou a hipótese de se ir a um restaurante qualquer. Não era má ideia. Não valia a pena telefonar aos nossos amigos. Não estariam, de qualquer modo, em Paris. Tanto melhor. Saímos para a rua, descemos o boulevard em direcção ao Sena, passamos pelo café que frequentava, no passeio em face, falando disto e daquilo, das férias na Bretanha, na casa dos seus pais, da praia onde eu poderia contemplar um Atlântico diferente do que conhecera, onde poderia banhar-me nas suas águas salgadas, sentindo talvez o que do passado não passara, essa memória tauxiada para sempre na sensação de uma primitiva percepção, ou vice versa, do pequeno que nos fazia falta, pois em França, de maneira diversa, averbada pela língua, também há saudades, enfim, descíamos de mãos dadas, parando aqui e ali, uma vitrina onde livros com as suas capas sedutoras albergavam talvez alguma ciência, alguma literatura, alguma filosofia, alguma coisa que pudesse ser lida, estudada, analisada, apreciada e criticada, se fosse razão disso. Vendo as pessoas que passavam, cada vez mais impessoais no meu juízo valorativo cujo valor deve ser questionado, silhuetas e vultos aproximando-se e afastando-se como se uma comunidade nada mais fosse do que movimento e dispersão, o sol debitando uma luz que resistia à intromissão dos prédios castradores, obrigando alguns passeios a respirarem na sombra. Junto à arruinada abadia,

encostado às suas grades, um trovador barbudo, contemporâneo da nossa contemporaneidade, dedilhava uma guitarra. A sua voz, não sei se de tenor ou de barítono, o que é imperdoável para um melómano, expelia algumas palavras em inglês. A tentativa da junção da música com a letra, a meu ver, era reproduzir, mesmo se de uma maneira talvez tosca, uma canção de um grupo inglês, muito em voga na década precedente, esses famosos anos sessenta que popularizaram a música anglo-americana. O homem, magro e famélico, nos seus trinta e poucos, quarenta anos, a barba indefinia-o, até que possuía esse inexplicável feeling que muitas vezes anula e faz esquecer a precariedade um pouco deficiente de uma exibição. Ficámos alguns minutos a ouvi-lo, e minha mulher, sempre generosa, sabendo que me faria prazer, e fez, atirou-lhe uma moeda que acertou em cheio no seu chapéu de couro, mesmo à nossa frente. Havia mais público para assistir ao espectáculo do artista.

Continuámos o passeio. Deu-nos para atravessar o rio pela ponte mesmo em frente. Jovens parados, africanos a maioria deles, uns brancos, outros negros, imóveis e silenciosos, observavam as gentes. Estávamos diante da catedral. Nunca lá entrara, admito. Não quis, nesse momento, mesmo convidado pela minha mulher, a entrar no interior dessas pedras. Mas ela desenvolveu, quase ciciando aos meus ouvidos atentos, toda uma acumulação de cultura arquitectónica que aprendera enquanto estudante. Fiquei contente com a explicação que me facultava, mostrando-me, com os seus dedos teleológicos, detalhes que sempre me passariam despercebidos, mesmo que passasse horas diante daquela fachada monumental. Verdade que o sagrado, quando petrificado, ou mesmo liberto da pedra histórica, nunca me dissera grande coisa. Insistiu para que entrássemos. Fiz uma cara aborrecida. Não sabes o que perdes, a frescura lá dentro é um frigorífico. Apertado pela fome, aliviarei, e se fossemos comer? Escolhe o restaurante. Vamos a um desses pequenos restaurantes, disse eu, há tanto tempo que não como um couscous. Fomos. Tivemos que voltar atrás, passando novamente pela ponte que unia a margem direita à margem esquerda do rio. O ambiente, num primeiro andar acolhedor mas um pouco apertado, caracterizava-se por

uma confusão de línguas onde Babel, com a sua torre mítica, não estaria muito longe. Sentimo-nos, dada a atmosfera reinante, também turistas. Comemos. Gostámos. Saímos do restaurante. A luz do sol tinha-se transformado num crepúsculo irisado de antecipação. A noite talvez demorasse a chegar mais uma hora, talvez menos. Demos ainda um passeio por aquelas ruas apinhadas de gente, turistas linguajando idiomas estrangeiros, a fome era quase universal. O cheiro que vinha de um restaurante grego, mesmo ao lado, ou a pouca distância, trazia consigo a imaginação de uma festa dionisíaca. Tarde demais, foi o que nos dissemos. No outro lado de uma rua um pouco mais larga, menos frequentada, sentada na berma do passeio em frente, uma vagabunda, bêbada, o gargalo da garrafa espetado na sua boca virada para o céu, as pernas abertas e desprovida a sua saia de muito tecido, mostrava, a quem quisesse testemunhar, o triângulo obscuro e despuddorado de pentelhos que não atiçavam, penso eu, a sexualidade de ninguém. Era até deprimente aquele quadro expressionista, dando do corpo humano e da sua virtual beleza a imagem de um aviltamento que não fazia sentido. Não olhes, disse-me, desgostosa, minha mulher. Desrespeitados por tanta pobreza, por tanta podridão, talvez moral, talvez doentia, subimos o boulevard. O silêncio que emergiu entre nós não conseguia eclipsar o ruído das pessoas que passavam. De mãos dadas, eu perscrutava de viés o rosto da minha mulher como se nele uma felicidade me pudesse ser viável, tinha que ser o amor o que sentia, esse desprendimento, esse abandono de nós próprios em nós mesmos, essa disponibilidade para a elucidação da alegria, do contentamento, da liberdade. Ao passarmos pelo café, sempre no outro lado do boulevard, a minha mulher, que conhecia o local que eu frequentava, perguntou: Queres ver se encontras alguns dos teus amigos? Disse-lhe que não. Enlevado numa elação despropositada eu continuava a querer sentir aquela sensação, aquele afluxo de bem-estar, um homem com a barriga cheia, consciente do que vai de miséria e de fome pelo mundo, não pode queixar-se da vida. Seria um ingrato. O que era a vida, era todo um outro problema. Século vinte no seu último quartel, e eu com a minha mulher, esperando que o fim das férias dos meus sogros me trouxesse o

meu filho para podermos levá-lo novamente até à praia. A gentileza do meu sogro, emprestando-nos o automóvel para a viagem. Minha mulher conduzi-lo-ia, tinha carta. O oceano. Como seria o Atlântico na Bretanha? Que me revelaria a mim, a mim que nasci talvez a um quilómetro, quilómetro e meio, das suas águas e da sua rebentação? A expectativa.

Chegámos ao apartamento cansadíssimos. Quase em porfia, atirámo-nos sobre a cama, nada havia a dizer. Soçobrámos ao sono inocente, as portadas da janela como estiveram todo o dia assim permaneceram. Dormimos. Ela acordou-me por volta da meia-noite, que horas são? Fechei as portadas, fui à cozinha beber um copo de água e regressei ao quarto de dormir. Minha mulher tinha-se levantado para ir à casa de banho. As luzes no apartamento pareciam balançar nos seus candeeiros, induzindo impressões e sensações, folguedos que a razão não conseguia alcançar e muito menos compreender. A realidade traz no seu silêncio uma voz, o que diz essa voz não tem uma materialidade física, muito menos verbal. Ouço a voz meiga da minha mulher. Onde estás, querido? Na cama, onde queres tu que eu esteja? Este pobre rapaz, sorriu ela, sempre na cama, sempre na cama, meu preguiçoso. Mas hoje tens que fazer. Não te deixo incólume. Então, as tuas obrigações conjugais? Queres furtar-te aos teus deveres? Confesso, não compreendi. Não compreendi as alusões que fazia, as frases que me admoestavam por um não cumprimento. De uma promessa, por exemplo. Deitou-se ao meu lado, nua, e foi um prazer vê-la despida. O seu corpo eliminava completamente o encanto que a luz do candeeiro na mesinha de cabeceira oferecia. Também eu me despi. Abraçámo-nos e beijámo-nos como se fosse possível cada gesto, cada mordidela em partes decisivas das nossas peles, dos nossos corpos. Abri-a como se descasca um fruto cheio de gomos e senti no meu sexo um aperto, não de mãos socializadas, mas de uma intransmissível humidade. Senti o calor oleoso como o sinal para uma partida. O espaço ia fazer-se tempo. Tempo. Viajámos numa estranha máquina do tempo, em cada solavanco havia um misto de dor e de prazer, mas não era o perigo o que esperávamos. Era o gozo. Ouvi a sua voz, melada e imperativa, sussurrar, mesmo junto a um dos meus ouvidos, enquanto o seu ventre

se esfregava no meu, tentacular e urgente:

– Faz-me mal!

Aquele mal, mais do que um som, mais do que uma palavra, ressoou dentro de mim como um flagelo, um espanto, uma vertigem inaudita. Meu corpo perdeu qualquer consistência, exangue começou a encolher, a encolher, até que se despegou, se soltou daquele calor tacitífero que até há pouco me inflamara. Meu peso, sobre ela, deixara de fazer qualquer sentido. Silencioso, desembaracei-me dos seus braços. Caí ao lado dela, virado de costas, ainda ofegante, varado pelo pedido que me fora feito. Eu era incapaz de praticar o mal, pelo menos conscientemente. Não disse nada. Não me disse nada. Ouvia apenas a passagem dos minutos, envergonhado, destituído, o mundo acabara de desabar sobre mim. Ela levantou-se e saiu do quarto, eu não me levantei. Esperei. Em vão. Deitou-se na cama do quarto do pequeno, deduzi. Talvez fosse verdade, mas não fui ver. Adormeci provavelmente e acordei provavelmente ao longo da noite. Possivelmente várias vezes. O candeeiro continuava aceso, eu, estático, na mais cósmica das solidões.

Na manhã seguinte, sem ter dado conta da sua saída para o trabalho, levantei-me resoluto e fui buscar uma mala. Nesse mesmo dia, partindo de comboio da gare de Austerlitz, regressava à terrinha, minha anacrónica pátria, onde um verão quente me esperava.

## Capítulo 26

Lia Proust, desenganado, mas condescendente com a sua ilusão, a da procura de um tempo perdido, como se houvesse um tempo perdido, ou como se o tempo não estivesse, para nós, sempre perdido. Se faz sentido pensar-se assim, pois perdido não me parece um adjetivo capaz de se sustentar ao lado da palavra e do conceito de tempo. Mas enfim. Toleraria muito mais se Proust tivesse escolhido para título do seu romance monstruoso qualquer coisa como uma «Memória do Tempo Passado». E mesmo assim. Pois estava convencido que não há memória capaz de trazer o tempo, seja ele perdido ou passado, para depois vir a ser achado. O tempo apenas passa. Poderá haver memória para acontecimentos e factos passados. Porque o tempo, se não for um grande disparate o que aqui assumo como uma opinião meramente pessoal, é apenas acontecimento, e nele se dissolve num fingimento que a língua não é capaz de deslindar. Mas todos sabemos o que há de fantasia e de imaginação nos artistas, daí possivelmente a explicação para o título literário que o escritor escolheu.

De tal maneira o tempo é imprevisível e intangível na sua passagem que, com o livro caído no meu colo, ou no meu peito, eu que estava na espreguiçadeira, adormeci tocado pelo calor quase uterino que a combinação do sol com a ausência de vento propiciava. Mas não só. Aquelas linhas percorridas de palavras, aquelas palavras constituídas de letras, hipnotizaram-me ao ponto de me fazerem perder a consciência e de entabular uma conversa com o mundo do nada. Não me lembro que houvesse sonho ou sonhos nesse sono. Não sei por quanto tempo fiquei naquela posição de astronauta, viajei, não me custa conceder a licença poética, mas por onde viajei é uma incógnita. Até que acordei com o ruído sistemático e rítmico de uns sapatos que se aproximavam. Era ela, sabia-o mesmo antes de a ver. A sua vinda quase que se transformava numa evidência.

– Acordei-o, não o acordei?, disse-me com uma voz repleta de culpa ou de arrependimento. Só faço asneiras.

– Não há problema nenhum, sorri-lhe num abandono que há muito não me visitava. Vá lá dentro buscar uma espregui-

cadeira e sente-se.

O sono deixara-me num estado de preguiça divinatória, não enxergava muito bem o que via e o que dizia, estava numa espécie de fronteira, num desconhecimento do lugar que se expandia em convulsões extáticas pela paisagem e de mim, que me retraía até à imponderabilidade invisível de um ponto, incapaz de descortinar para o mim que se me impusera a junção de um mesmo ou um próprio. Mim mesmo, ou mim próprio, era a questão indecível. Estava no reino da confusão temporária. Perante a sua hesitação, fiz tenção de me levantar para ir buscar uma das espreguiçadeiras que se encontravam junto à porta de casa. Não, não, deixe-se ficar, eu vou. Foi e veio. É pesada? Perguntei-lhe, sem saber o que mais poderia dizer naquele entrementes. Não, eu cá me arranjo. Colocou a espreguiçadeira ao lado da minha, e nada disse. Não digas, foi o que pensei. Se pensas que sou eu que vou interromper o silêncio, estás muito enganada. Mas aquele silêncio, passados alguns dois ou três minutos começou a enervar-me. A corrente da minha consciência não tinha uma corrente, repetia apenas, escangalhada: o que quer esta gaja, o que quer esta gaja? Abriu a boca:

– Não sei como lhe dizer.

Virei-me. Não lhe vi os olhos. Tinha a cabeça bispando o azul do céu, tentando talvez perscrutar o mistério do universo, se é que acreditava em mistérios e em universos. Não havia viva alma naquele céu inexplicavelmente sem nuvens. Nem vi o milhafre percorrendo o azul em círculos irregulares, emitindo os seus pios que por vezes faziam medo. Nada.

– Diga.

– Seria demasiado importuno eu aparecer por aqui de vez em quando, para ter um sítio sossegado onde pudesse espaiar-me? Não me interessa frequentar cafés, ou conversar com as amigas, que as tenho. Aborrece-me também ficar dentro do jipe encostada a uma falésia durante horas. Ou num outro lugar qualquer. Aqui, está a ver, teria espaço para respirar. Seria o meu sítio, o meu segredo, o meu refúgio, se quisesse. Trazia uma cadeira de lona, um livro, e punha-me a ler, sei lá! Ou a passear, descendo e subindo o terreno, com o mar ao fundo, que é uma maravilha. Ou cuidando das suas rosas. Não

seria obrigado a vir para que o portão estivesse aberto. Eu não roubo, mas já sei como entrar aqui dentro. Por portas traves-sas, se posso dizer assim. O que é uma propriedade se não está confinada por muros? Por uma simples cerca? Uma terra de ninguém. Eu sou esse ninguém. Não consigo encontrar nada. Desisti. Nunca terei uma casa que seja minha. Para mim.

Um desânimo que me apunhalou onde deveria haver, se fosse possível, um coração, foi o que senti. Deixei o silêncio que deveria ser interrompido pela minha resposta passar por uma reflexão. Mas não reflectia. Estupidamente, como tantas vezes aconteceu na minha vida, sentia. Sentia apenas, não o quê ou alguma coisa, mas o sentir, o sentir sentindo-se, sem alvo nem direcção, uma roda rodando na ambiguidade desta revelação um pouco duvidosa por ser verbal, e nada mais. Deveria, ao longo dos anos, desconfiar desse mais? Talvez. Quem é livre, porém, de decidir? E não deveria ficar mais atento a esse nada? Virei a minha cara, vi-a que me olhava, os olhos quase em lágrimas. Não era uma súplica o que revelavam, não era o temor de ouvirem um não como resposta. Sei o que não era, mas ignoro o que era. Eu não sabia ler pessoas nem compreender rostos ou atitudes, eu ficara sempre reduzido ao entendimento da expressão verbalizada. Ela disse o que tinha a dizer. Mas o seu corpo, o seu rosto, os seus olhos, como se isso não bastasse, juntaram esse mais ao que foi dito, como se não bastasse a comunicação verbal. Ou porque não se pudesse impedir de o corpo se manifestar em concordância com a língua. Disse-lhe muito simplesmente:

– Está bem! Sempre me protegerá a quinta dos ladrões ou dos curiosos.

Soltou um riso que não atingiu a espontaneidade livre da gargalhada, foi mais como um espasmo das suas cordas vocais, um movimento suspenso entre o sorriso e o entusiasmo de quem pensa ter atingido a liberdade. Nesse som, porém, talvez se pudesse detectar um pequeno grito transmutado em alegria, como se o receio, o temor, o medo ousassem possuir várias modalidades ou máscaras. Ou não houvesse verdadeiramente fronteiras bem delimitadas, não entre os sentimentos, mas na sua expressão. Lamento, no entanto, não ter deixado de pensar, esta gaja anda a fazer-se a mim, esta gaja anda a

fazer-se a mim. O que me parecia incompreensível. Quanto mais olhava para o espelho mais me dava conta da fealdade que me definia; oitenta e quatro quilos para um metro e sessenta e oito, careca da testa à descida do occipício, míope, um rosto que nada tinha de uma beleza masculina então quase padrão, o angular e o esguio. E no entanto a minha experiência no relacionamento com o mundo feminino obrigava-me a concordar que, com algumas mulheres, eu lhes fizera despertar um interesse e até mesmo um inexplicável fascínio. Porquê, nunca percebi.

Disse-me o seu nome, disse-lhe o meu, disse-me que era francesa, disse-lhe que era português, disse-me que viera para Portugal ainda pequena, porque o seu pai era diplomata, tendo depois passado para o ramo dos negócios quando se apaixonou pelo país, disse-lhe que, porque detestava o país, e por causa da guerra colonial, me tinha exilado em Paris, onde fiquei durante cinco anos, disse-me que era casada, disse-lhe que era divorciado, duas vezes, disse-me que tinha dois filhos, disse-lhe que não tinha nenhum, disse-me que quase todos os anos se deslocava a França para visitar muita da sua família, disse-lhe que todos os meses de Agosto ia ao norte ver os meus pais e restante família, disse-me que gostaria de saber o enredo do romance que tinha na minha cabeça, disse-lhe que ficaria para outro dia, ou para outras próximas visitas, conforme os pormenores que ela desejasse saber. Talvez, é bem possível, me tivesse dito outras coisas, talvez lhe tivesse dito outras coisas. Mas a memória não é uma máquina fotográfica nem um documentário cinematográfico.

Fiquei contudo a perceber, finalmente, o seu comportamento. Sempre me pareceu estranho que uma mulher portuguesa tivesse agido como ela agiu. Não acreditava que tivesse essa coragem ou essa candura sem malícia nem preconceitos. Agora compreendia o à-vontade com que visitava o meu terreno. Culturas são culturas. Numas podem-se fazer certas coisas, noutras permanece-se interdito em relação a muitas coisas. As educações determinam as acções humanas. Ficámos, estirados nas espreguiçadeiras, sobre o passeio limpo, a gozar aquela tarde de Abril como se fossemos um casal exemplar, deixando ao silêncio a oportunidade de falar e de confirmar o

que não havia mais nada a dizer. O sol declinava sem a tentação de ser sentido como uma grande beleza, a temperatura começava lentamente a mudar, uma pequena brisa, um pouco desavinda, obrigou-nos a levantar e a despedirmo-nos. A noite aproximava-se, e as noites ainda eram relativamente frias. Então adeus, então adeus, foram as nossas últimas palavras nesse dia. Ela partiu no seu jipe esverdeado, eu partia, pouco depois, guardadas as espreguiçadeiras e fechada a porta da casa, no meu Micra branco. Fechei o portão tendo plena consciência da inutilidade do que estava a fazer. Nada protegia nada. Meti-me no carro e dirigi-me directamente à escola onde me esperavam algumas horas de trabalho. Fui sempre pontual. Chegava sempre com uma boa meia-hora antes da primeira aula. Detestava a transpiração nervosa de quem vive na pressa e na lufa-lufa, de quem nada mais conhece que o atraso, ou nele se precipita.

## Capítulo 27

A partir de Maio, e depois do interregno do mês anterior, dado à contemplação e ao descanso, as coisas complicavam-se. Duas semanas de sol e era sempre a mesma coisa. A terra transformava-se numa pedra, depois de passar o inverno encharcada numa lama barrenta, pois não havia profundidade arável para que as águas da chuva descessem até a um ou dois metros das suas entranhas. A linha de água deixava escapar, ingloriamente, aquela riqueza, as águas da chuva, que iria desembocar num ribeiro que se esgotaria no mar dividindo em duas parcelas a praia que algumas vezes eu frequentava. A maresia fazia parte das minhas irónicas devoções. Tinha pois que pegar na mangueira, agora acrescida de mais cinquenta metros, para regar as árvores de fruto, as canas circundantes, as mulatas que serviam de periferia ao terreno, ou à quinta, como se quisesse. É-me de todo indiferente usar um vocábulo ou outro. O importante era que a coisa existia. Logo, quando chegava ao término da tarefa, já estava cansado de tanta água diluída naquela terra impenetrável e de tanto sol derramado sobre o meu corpo. Caía na espreguiçadeira com um fragor rotundo, todo o corpo sentindo um conforto mais do que merecido depois do afã que pusera no trabalho.

– Então, esse romance?

– Bom, o seu título será, para não variar, Utopia. Sei, sei, um pouco estafado, mas não me importo, não faz mal. Toda a acção se passa no futuro, depois daquilo a que a população da terra chamava a Catástrofe. Pelo decorrer da história aperceber-nos-emos que se tratou de uma guerra nuclear que dizimou grande parte do planeta, deixando apenas alguns espaços habitáveis entre as cidades maiores. Mas o que fora a Europa, por exemplo, ficou completamente dizimado. Em cacos. Não havia ninguém que habitasse esse continente. Não sei bem se explicitarei o tempo dessa ocorrência, ou se darei muito simplesmente a entender que se passou, à-vontade, dois ou três séculos antes. Mais ou menos. Ao leitor de decidir em função da narrativa. Grande parte dos Estados Unidos também foi devastada, com excepção das regiões que permaneciam entre os grandes centros populacionais. Vou aproveitar a minha ex-

periência da estadia que fiz, durante quatro anos, na Califórnia, em Santa Bárbara, para colocar aí o espaço da acção. Para dizer a verdade, se escrevo este romance, pode parecer estúpido dizê-lo, é para descrever a sensação que várias vezes senti ao atravessar um pequeno desfiladeiro, o Gaviota Pass, quando vinha do interior do estado pela auto-estrada cento e um que ligava San Francisco a Los Angeles, e deparava, em plena subida, antes de se virar para a esquerda, com o aparecimento do Pacífico, de uma epifania.

O começo do romance, como num filme, mostrará um autocarro vindo desse desfiladeiro minúsculo, daí o chamarem Pass, mas não sei como traduzi-lo para português, talvez passagem, verei. Dentro, entre muitas pessoas, de ambos os sexos, vem um homem, dos seus trinta anos, nem gordo nem magro, nem alto nem baixo, que será o protagonista. Traz consigo apenas uma mala. Quando chega ao destino, à última paragem do autocarro, em plena Goleta, a parte norte de Santa Bárbara, dirige-se ao edifício principal. Os demais passageiros deveriam ser do local, porque se espalharam em várias direcções. Está já a ver, este futuro não tem nada de futurístico, nem de imaginário, como o apresentam nos filmes contemporâneos. Pelo contrário, em relação ao leitor de hoje, e vai perceber porquê, dir-se-ia que o tempo regrediu. As pessoas são escassas, não se trata, o local onde se encontra o edifício, de uma cidade, com ruas e avenidas, e habitações delimitando as diversas ruas que formam tais conglomerados. Há muita vegetação, sobretudo eucaliptos. Dirige-se para o edifício e pergunta, a um homem que se encontra à entrada, onde fica o gabinete do Director. Logo ali, ao lado. Vê-o através da vidraça, sentado a uma secretária. Bate com os nós da mão para se fazer visível. O senhor manda-o entrar. Apertam as mãos, sentam-se, e o Director pergunta afavelmente, com um sorriso, à personagem principal, de onde vem. John, é o nome dele, diz-lhe que de uma cidade do interior do continente, ainda não sei qual, mas quando estiver a escrever o romance vou ao mapa e procuro algures uma povoação que fique a duas ou três horas dos grandes centros urbanos que foram eliminados. Uma hora representa cem quilómetros. É professor de português nessa cidade, e aproveitando as férias de seis

meses sabáticos de que dispunha, pensou vir a Santa Bárbara para visitar a biblioteca da antiga universidade. Ah, dir-lhe-á o Director, que se chama Frank, é um desses. Não sabe já quantos estudiosos estiveram aqui com o mesmo propósito. Mas não acharam nada do que procuravam. O tal livro, não é? Sorriu. John pergunta-lhe se existe no edifício um lugar onde ele possa ficar. E apresta-se logo a dizer que teria todo o prazer de contribuir com o seu trabalho nas lides diárias do centro, fossem elas quais fossem, precisando apenas de algumas horas livres para levar a cabo a sua investigação. Claro, olhe, seria um grande favor, mas mesmo grande, substituir-me. Há quinze anos que sou eleito, ano após ano, para este cargo. Não me dão paz nem a oportunidade de fazer qualquer coisa de diferente. Como ir à pesca, como fazem os homens ainda válidos. As pessoas da região, descendentes dos descendentes da Catástrofe, viviam sobretudo de peixe, que felizmente, sabe-se lá porquê, não ficara contaminado com as radiações. Como se as águas do Pacífico tivessem servido de filtro. Não sei se isso é possível, mas trata-se de uma ficção que se pretende apenas verosímil. E, já agora, de alguma agricultura, legumes de vária ordem. John declinou a proposta, dizendo que não tinha aptidões para planificar o que quer que fosse, e muito menos para governar. Bom, disse-lhe Frank, precisamos de alguém na cozinha, para a limpeza, que tal? Muito bem. Sempre terá algumas horas, entre as refeições, para subir a um dos andares da biblioteca, tarefa que não vai ser fácil, porque os elevadores não funcionam. Não faz mal. Está bom assim. Suba ao quarto, deixe ver, setenta e sete ou setenta e oito, tanto faz, estão livres, e instale-se. Aproveite para descansar. Há quanto tempo viaja? Há uma semana. Não me admirava nada. Depois de descansar, vá ao armazém escolher alguma roupa, caso necessite. Agradecido. É claro que estou a deixar passar muitos pormenores, para que isto não fique chato, tive que lhe dizer. Não, não, tudo bem. Se percebo bem, o futuro é, na realidade, uma espécie de Cuba dos dias de hoje. Bem apanhado, respondi-lhe. Mais ou menos. É preciso ver uma coisa. Depois da Catástrofe, os sobreviventes em vários pontos do globo, concertando-se, decidiram acabar com tudo o que dissesse respeito à ciência e à tecnologia. A

desconfiança instalou-se nas populações e foi total. O que havia então, e como lhe disse, a data da Catástrofe é indeterminada, é o que continuará a haver. Ou muito menos. Ou mais, em certos aspectos. Porque os recursos energéticos diminuíram drasticamente, havia em todo o continente, isto é, do norte do Canadá ao sul do México, apenas umas duas ou três fábricas onde ainda se construía, por exemplo, automóveis, que, distribuídos pelos vários centros, eram sempre escassos. Aliás privilegiava-se mais a construção de autocarros e de carrinhas do que os veículos individuais. Os transportes eram, na sua generalidade, colectivos. John, por exemplo, ao entrar viu apenas dois ou três automóveis estacionados, todos da mesma marca, possivelmente de anos diferentes. E aquele era um dos quatro ou cinco centros mais importantes da região. Um centro especial, como direi depois. Bom, onde íamos? Ah, o protagonista sobe ao primeiro andar, vai ao longo do corredor que leva as pessoas aos quartos, enfia-se num dos dois quartos disponíveis, coloca a mala no chão e atira-se sobre a cama, exausto. É aqui que terei que descrever o edifício. Uma chatice, para dizer a verdade. Mas enfim, quando se escreve romances só se passa por chatices, como as descrições. Vou descrever o imóvel em algumas palavras. É um rectângulo bastante grande, com quartos no rés-do-chão e no primeiro andar, dando as janelas para o exterior onde, como já disse, preponderam os eucaliptos. Aliás, todo o odor em redor advém das folhas caídas no chão dessas árvores. Mas há muita mais vegetação. Ao fundo do rectângulo, no rés-do-chão, encontra-se a cozinha, aparentemente calma àquela hora do dia. Estamos no meio da tarde. É verão, os dias são longos. Tudo o mais é uma espécie de restaurante, pois só se vêem mesas e cadeiras. Mas no primeiro andar, sobre o espaço da cozinha continuam os quartos, que, com excepção das escadas dos dois lados, formam uma espécie de U. O tecto, depois compreender-se-á melhor, ou posso dizê-lo imediatamente, não tem telhado, ou melhor, o telhado é feito de uma vidraça, ou peças de vidraças bem fortes, quero dizer, o seu diâmetro, a sua espessura, ligadas por uma estrutura metálica, levemente inclinado, como ainda se vê em alguns mercados. É preciso compreender. Tudo o que possa ser poupado em energia é um

bem. Vive-se pois da luz do dia, consoante as estações. Os residentes deste centro, com excepção dos trabalhadores que se ocupam da cozinha e da limpeza, são essencialmente velhos, digamos, reformados, mas velhos para esta idade da humanidade. Na realidade não têm mais do que cinquenta e cinco a sessenta anos. Mas as expectativas de vida não ultrapassam os sessenta e cinco anos. Logo, como se diria hoje, estão fora do activo. Há excepções, é claro, de gente que sobrevive até aos setenta, mas é coisa rara.

– Quer dizer, não se trata de uma Utopia, afinal.

– Depende do que se pensa que é uma Utopia. Está já cansada?, pergunto-lhe, sorridente.

– Continue, continue.

Bom, o protagonista descansa, e depois, refeito da viagem, tem todo o tempo para observar o seu quarto. Não é nada mau. Tem uns vinte metros quadrados, uma cama de casal, duas mezinhas de cabeceira, uma mesa, um guarda-roupa embutido, e um lavatório. Servido por uma ampla janela, sem cortinas. Aliás isto para ele não tem nada de extraordinário, ou de novo. É assim em toda a parte. Os banhos são colectivos, isto é, há um espaço reservado para os duches, o balneário, que deve corresponder à parede oposta à da cozinha, no primeiro andar e no rés-do-chão. O mesmo para os w.c., como hoje, nos restaurantes ou nos hospitais, com várias sanitas privadas. Um poeta americano, Charles Olson, não sei se conhece, dizia que o futuro é o nosso mais remoto passado, mas não temos que regressar à época romana. Quero dizer, e é um aparte, as pessoas, ou talvez só os populares, pelos vistos, e segundo os achados arqueológicos, faziam as suas necessidades uns à frente dos outros, e ao ar livre, como se nada fosse. Enfim. Dizia. Ah, levanta-se e abre a mala. Alguns livros e roupa. Realmente precisa de duas ou três cuecas. As calças, de ganga azul, aguentam-se, tem um par semelhante ainda por estrear, e as camisas, tudo dependerá da maneira como a lavanderia der vazão à roupa, essa sim, lavada em máquinas individuais. A menos que se esteja em presença de algum casal. Casal, bem, depois falarei deste assunto. Talvez mais uma camisa não fosse má ideia, pensará, pois vai transpirar na cozinha, tem a certeza. A jaqueta, do mesmo tipo de fazenda

das calças, e da mesma cor, embora um pouco deslavada com o uso, é mais do que suficiente. As noites não serão frias. A Califórnia tem um clima temperado, nem a Catástrofe foi capaz de mudar essa realidade. Ou quase. Claro que há um edifício para a lavandaria, dispondo ao longo das suas paredes as máquinas que, escusado será dizer, são um irremediável sorvedouro de energia.

Sai do quarto, vê alguns homens e mulheres sentados a uma mesa, a jogar, passando o tempo. Desce e pergunta onde poderá encontrar o armazém ao mesmo senhor de há pouco, agora sentado num banco de madeira, magrinho, que lhe diz o caminho, ou melhor, lhe aponta a senda que o levará ao armazém. Ninguém. Só tem que escolher. Vai à secção das cuecas e retira da prateleira três, das escuras, para que a sujidade não lhe estrague os dias e o obrigue a ter que usar mais do que uma de dois em dois dias. Na secção das camisas escolhe uma, azul, depois de verificado o seu número. Está servido. Nessa noite janta e, o que seria previsível, não começa logo a trabalhar. Ainda nem sequer são seis horas da tarde. Sentado a uma mesa com mais cinco ou seis pessoas, entabula conversa. Homens e mulheres. Se são dali, o que fizeram, se ainda fazem alguma coisa, e o quê. E quem é ele, de onde veio, porque veio, etc. Paleio de chacha. O protagonista não é muito falador, mas como a sua profissão o exige, o facto de dar aulas obrigou-o ou incentivou-o a cultivar a fala. Foi tímido na juventude, talvez ainda seja tímido, mas essa timidez não é facilmente detectada, ou será apenas pelas suas acções. E pronto. Depois contarei mais ou menos qual será a rotina de John. Levantar-se quando o sol nasce, dirigir-se aos balneários, despir-se com os demais, homens e mulheres, colocando-se debaixo do chuveiro. A nudez não é um tabu. Quero dizer, o corpo humano é apenas humano, e não existe qualquer ideia de intimidade ou de privacidade. Cercado de homens ou de mulheres é a mesma coisa, cercado de corpos com sessenta anos ou com vinte, é a mesma coisa. A vergonha não faz parte do vocabulário. Não há malícia nem risos nem risotas, nem este é assim, nem aquela é assado, há sorrisos de uma cortesia incentivada pela educação. As pessoas reconhecem-se. Não têm necessidade de se distinguir. São todas partes de um to-

do. O estado de ameaça, ou de sobrevivência, em que vivem e viveram durante toda a vida, não lhes permite folguedos. O que não impede que às noites, depois de jantados, com uma orquestra de alguns amadores de música, não se desfaçam em danças, em risos e picardias. Há também noites dedicadas a uma nostalgia do passado que nunca viveram, uma nostalgia, como dizer, da história, do antes da Catástrofe, onde ouvem música popular do século vinte e vinte e um, motivos para danças ou para atenções no que respeita às letras, ou clássica, de cantos gregorianos a vários compositores dos séculos subsequentes. Como não poderia deixar de ser, o preferido desses músicos será Mozart. Tudo depende das noites. Os fins-de-semana, ao domingo, são galardoados com um filme que se projecta numa grande pantalha. A camioneta vai trazendo e levando cópias desses filmes dos séculos vinte e vinte e um que sobreviveram ao desastre. Evitam-se, contudo, não por censura, porque não a há, mas por mera sensibilidade, todos os filmes que transmitiam a violência gratuita que tanto obcecava a humanidade nos dois séculos anteriores à Catástrofe. Ficavam, e agora sou eu que estou a divagar, e não sei onde pôr ainda estes comentários do narrador, deveras encantados com o interior das casas onde as pessoas viviam, dando às vezes mais atenção aos cenários ou a essas particularidades do que às histórias. Os enredos dos filmes pareciam-lhes ou desprovidos de inteligência ou desinteressantes. Aqueles filmes de amor, aqueles sentimentalismos, aquelas juras e aquelas peripécias eram-lhes de todo incompreensíveis. Os problemas que as pessoas de então se criavam para complicar as suas vidas, que estupidez! Percebiam pois, como se adivinhassem, por que o que aconteceu, aconteceu. Gente assim, os seus antepassados, não poderia ir muito longe. A ganância, a inveja, o ciúme, enfim, características que não lhes diziam nada. O amor não os deixava insensíveis, mas não esse tipo de amor com que eram confrontados. Amavam, isso sim, as comédias, mesmo quando não compreendiam muito bem as suas motivações, os seus desenlaces. Era bom rir. Como se o presente das suas vidas se ligasse a esse passado pelo riso. Tudo o mais do passado que se lhes apresentava nada mais merecia que um suave sorriso, um encolher dos ombros, um

abano da cabeça, quase sempre negativo. A loucura, pensavam, de todas essas épocas da humanidade transacta e anterior à Catástrofe, em que os homens se dividiam em senhores e em escravos, implícita ou explicitamente. Até que o capital, finalmente, perdeu a cabeça e explodiu em destruição e morte. Que mais se poderia esperar? Era-lhes uma evidência.

– Continuo?

– Ainda temos uma boa hora. Não sei. Está cansado?

– Não.

– Continue.

Pois bem. A rotina de John. A cozinha, e vou aproveitar a minha experiência de lavador de pratos num restaurante famoso de Paris, era enorme. Dividia-se na parte onde se fazia a comida, com os seus cozinheiros, e na parte onde se tratava de lavar a louça. Era aí que ele se encontrava. Havia uma máquina que lavava os pratos, mais três ou quatro pias, uma bem grande, não só para o trem de cozinha, todas aquelas painéis e painéis, enfim, não vou perder tempo com ninharias, como também para os pratos e talheres habituais quando acontecia a máquina avariar-se. E acontecia muitas vezes. E como tinham que chamar de uma cidade ainda um pouco longe o mecânico, às vezes eram obrigados a lavar tudo à mão durante dois ou três dias. Eram os cozinheiros que preparavam o bufete. As pessoas vinham e serviam-se, regressando às mesas. Logo, de manhã, por volta das seis, dependendo, como disse, da estação do ano, tomavam o pequeno almoço. Não vou dizer o quê, sei lá, leite, pois o café não seria muito fácil de chegar àquelas regiões e os habitantes tinham que viver com o que estava à mão, neste caso, o leite. Ou chá, isto é, tisanas ou infusões. E um ou dois pães, com alguma manteiga. Estou a perder tempo. John e os colegas tinham que lavar essa louça ou loiça, tanto faz a variante da palavra. Depois do almoço era o mesmo ritual. Depois do jantar, idem, idem. Tudo dito. Um bocado cansativo, nos dias em que lhe cabia a ele passar a esfregona por toda a sala. Era uma tarefa rotativa. Mas fazia-se. Todo o tempo que sobrava iria dedicá-lo à investigação que o levava àquele centro. A universidade não ficava longe. Calma. Não sei ainda como será a sucessão dos capítulos ou dos acontecimentos, porque estou convencido

que isso virá com a escrita. O que interessa agora é delinear a história que trago na cabeça. E apetece-me dizer, já agora, neste momento, que na cozinha, entre os colegas, homens e mulheres da idade dele, sobressaía uma rapariga, isto é, uma mulher dos seus trinta e cinco anos, quer dizer, de meia idade, tendo em conta o tempo de vida dessas pessoas, espampanante, loira, bonita, um corpo escultural, que vou chamar de Marilyn, uma espécie de homenagem que faço à actriz. Sempre de bom humor, sorrindo, rindo, metendo-se com os homens, cozinheiros e colegas. John, tímido que era, observava, sorria, e fazia o que tinha que fazer. Até agora, até este momento, digamos, nos dois primeiros dias, nunca se falaram.

Os reformados, para se chamar assim, muitos deles e delas, não esquecer as mulheres, tinham, na realidade, porque queriam, actividades que conduziam entre as refeições. Eram livres de fazer o que quisessem. A maioria tinha o seu emprego do tempo. Um deles, apresentado pelo Director ao protagonista, um tal Bob, ocupava-se, com mais cinco ou seis camaradas, da enorme biblioteca da universidade que escapara à Catástrofe, aliás como todos os outros edifícios. Digo isto porque a destruição atómica não atingiu esta parte da costa oeste do continente, e os prédios subsistiram como ainda hoje subsistem edifícios do século dezasseis ou dezassete. Ou muito mais antigos. Era a mesma coisa. O problema consistia no abandono, ou não, a que poderiam estar sujeitos. Os pescadores de Santa Bárbara iam à pesca, vivendo no seu próprio centro, sempre homens e mulheres, não havia diferença de tarefas ou de ocupações, os agricultores, mais para o interior, possuíam também o seu centro, as crianças, vivendo com as suas mães, umas já frequentando a escola, também, etc. Temos que ver que nessa altura as mulheres começavam a parir desde o momento em que praticavam a sua sexualidade, logo, a partir dos catorze ou quinze anos, quando, digamos assim, como diziam, se apaixonavam, e uso o termo que elas e eles, raparigas e rapazes, empregavam para explicar a primeira atracção. Depois, que podia ser logo no mês seguinte, já não existia mais o mito da paixão ou da paixoneta. Era comum uma rapariga não saber ao certo quem era o pai do seu filho ou da sua filha. Também não tinha importância, porque a fili-

ação era pura e simplesmente por via materna. Procurava-se evitar nascimentos em idades muito precoces porque se exigia, isso sim, uma educação geral capaz de fazer dos jovens gente activa nos vários sectores da comunidade. A partir dos quinze anos, a não ser que quisessem fazer estudos mais avançados, como aconteceu com John, os rapazes começavam a trabalhar. As moças que tivessem filhos ficariam a tomar conta deles, não se esperando que fossem trabalhar antes dos vinte anos. A idade ideal para dar à luz era entre os dezasseis e os vinte e cinco anos. A partir dessa idade já era difícil, não se sabia porquê, as mulheres engravidarem. Toda a gente estava convencida que era ou seria um dos efeitos inexplicáveis da Catástrofe nuclear, embora nem sequer os médicos soubessem, verdadeiramente, por que razão isso sucedia. Poder-se-á dizer, mas então aquelas jovens mulheres, férteis como eram, dando à luz, digamos, uma criança por ano durante quatro ou cinco anos, fariam crescer a população desmedidamente. O problema é que a medicina, sem a ajuda da ciência, e sobretudo da tecnologia, tinha regredido quase para os idos do século dezanove. Havia muita mortalidade infantil, e não era raro as próprias parturientes morrerem devido a um parto mal sucedido. Mas não era isto que eu queria abordar. Que chatice! Tinha qualquer coisa para dizer e não me lembro do que é.

– Por hoje chega, não acha! A sua imaginação!

## Capítulo 28

Dois ou três dias depois, ainda na mesma semana, no mesmo local do passeio, sentados nas mesmas espreguiçadeiras, depois de um aperto de mão um pouco canhestro que ia descambando para um irreflectido beijo nos nossos rostos, um gesto automático e involuntário, perguntei:

– Onde estávamos?

– Estava a explicar, mais ou menos, a organização daquela sociedade futura.

– Por conseguinte, e resumindo muito rapidamente. John, o nosso protagonista, veio de muito longe, não do outro lado do continente, isto é, da costa leste, que ficou devastada pelo conflito na sua quase totalidade, pois as cidades importantes aí sucediam-se umas às outras, mas, como disse, ou talvez não, do «midwest», de uma universidade onde ele trabalhava como professor de língua e literatura portuguesas. Veio viver, temporariamente, aproveitando as férias, para o centro que ficava o mais próximo possível da antiga universidade. O seu propósito era ver se encontrava um livro mencionado num dos artigos que faziam parte de uma revista académica americana... Não, estou a precipitar-me.

Logo no segundo ou terceiro dia depois da chegada, com Bob e os demais colegas que todos os dias se deslocavam numa carrinha para a biblioteca, John descobriu, admirado, que o edifício se encontrava em bom estado, talvez precisando de uma pintura, mas aqueles quatro ou cinco andares desafiavam, com certeza, as possibilidades do centro para materializar um exterior próximo do que teria sido o original. Bob leu-lhe o pensamento e asseverou-lhe que desde o tempo decorrido da Catástrofe o imóvel já fora pintado duas ou três vezes. Mas o tempo não perdoa. Os outros reformados, alheios à conversa, espalharam-se dentro da biblioteca, com certeza cada um para a prossecução da tarefa que se tinha proposto, ficando apenas John e Bob na recepção. Bom, disse-lhe Bob, tem todo o terceiro andar por sua conta. Não só livros portugueses. Estão divididos por secções e prateleiras, a maior parte deles são franceses, italianos, espanhóis e portugueses. Segundo os registos, antigamente nem sequer havia li-

vros portugueses na biblioteca. Estavam no edifício onde ficava o departamento. Era um andar onde se misturavam o departamento de português e de espanhol, formando um todo, mais o departamento de filosofia. Se não estou, e posso estar, enganado. No terceiro andar. Mas essas salas, logo depois da Catástrofe, foram despejadas do seu espólio para receberem gente que vinha do sul. Tem que imaginar, os sobreviventes fugiram aos milhares de Los Angeles, onde a coisa foi radical, embora os efeitos da explosão se tivessem feito sentir também em Santa Bárbara. Mas não com tanta violência. O problema sobretudo foi dos ventos radioactivos que se espalharam por toda a parte, a norte e a sul, não escapando, por isso mesmo, esta região. Os quartos serviram para receber os sobreviventes que foram evacuados de Los Angeles e arredores. Não lhes valeu de nada. Quero dizer, colocaram camas e serviços médicos nesses edifícios, transformando-os quase em hospitais, mas as pessoas não duravam muito. Queimadas, contaminadas, enfim, sabe tão bem como eu o que aconteceu. Nesses prédios, avistam-se daqui alguns, impecáveis ainda por fora e firmes na sua estrutura de betão, salvo no que respeita à vegetação circundante que se vai apoderando dos seus acessos, ainda viveu gente durante mais de cinquenta anos. Já lá estive várias vezes. Ainda pensaram, não é do meu tempo, dizia Bob ao John, refazer ou recomeçar com a universidade, mas o plano nunca se concretizou. E mesmo para se viver lá, enfim, preferiram construir tudo de novo, estes centros, mais modernos e adequados à população. Muita gente, com medo da proximidade de Los Angeles e dos condados em redor, embora as autoridades afirmassem que Santa Bárbara estaria fora de perigo, foram-se para outros destinos. Nunca houve, nem possivelmente haverá alguma vez, população para uma universidade. De qualquer maneira, aqui ou lá onde se encontram, essas pessoas que se deslocaram, os estigmas estão dentro de nós, e vão durar gerações e gerações, senão para sempre. Já lá estive. As salas estão vazias, algumas ainda possuem camas de metal, mas os colchões e toda essa porcaria foi deitada ao lixo. Lá, tenho a certeza, só encontrará pó e desolação. Não temos gente para tratar desses edifícios, e para quê, se não servem para nada. Com a biblioteca já é diferente.

Isto é um monumento. Possui livros de todas as línguas e de todo o mundo. É por isso que este centro é muito visitado por pessoas como o John. Há sempre algo a investigar. Alguns têm sorte, outros não. Posso já dizer-lhe que o livro que procura não se encontra nesta biblioteca. Não o quero desanimar, mas temos que ser realistas. Dois ou três colegas seus já cá estiveram, e nada. Mas não há nada como rever tudo de novo. Terceiro ou quarto andar, não me recordo. E sem elevador. Eu vou tratar de conservar o melhor possível essa livralhada toda. Não se canse a subir as escadas. Se eu tivesse a sua idade, acabou por dizer Bob, suspirando.

– Na realidade não estou a contar, pois não? É como se já estivesse a escrever. Mas percebe-se deste esporádico diálogo, assim ao acaso, que um dos problemas que afecta a população é a falta de memória. Depois dos cinquenta e cinco anos, muitos deles, realmente, parecem, pelo menos psicologicamente, uns velhos. E são. Que diz? Acha que vale a pena continuar?

– Sim, sim, estou a gostar, estou a gostar.

John sobe ao terceiro andar. Uma sala enorme, enormíssima. Sobre uma mesa descobre um calhamaço. Uma espécie de mapa das secções e das prateleiras que se estendem até ao fundo, como vértebras de um animal desconhecido. Mas ele sabe que não se pode fiar no espaço consignado à literatura portuguesa. Quem lhe diz a ele que, numa das outras secções referentes às outras línguas latinas, não se encontra, por acaso, o livro em questão. Bom, aqui tenho que fazer uma pausa. Trata-se do seguinte, para que fique com uma ideia. Não sei ainda onde esta explicação aparecerá no livro, se neste ponto, se mais tarde, quando John estiver com Marilyn. Estou a ver que vai haver romance no romance, sorriu ela. Talvez, talvez. Embora nessa cultura utópica não haja muito lugar para romances. Mas é uma possibilidade. Há muitas coisas que não sei ainda como resolver, ou que decisões tomar perante este ou aquele facto ou episódio. Como lhe disse, só na escrita é que poderei ser arrastado para esta ou aquela solução. Como vê, eu tenho mais ou menos um plano na cabeça, mas aquando da escrita esse plano pode, como dizer, esboroar-se completamente. Ou não servir de nada. Vamos ao tal livro. O li-

vro poderá até, e John sabe disso, não se encontrar na biblioteca. O que ele ensina aos seus alunos, que os há, e que os tem, muitos deles descendentes ainda dos luso-americanos que viviam por estas paragens, pela Califórnia, é, entre outros, um autor português muito enigmático, cuja relevância consiste em ter sido um dos primeiros a profetizar, ele não gosta de utilizar este verbo, mas lá terá que ser, a morte da poesia e o desaparecimento da figura do poeta na cultura ocidental em pleno século vinte, ou fins do século vinte. Para lá, já agora, e fica resolvido este problema, da sua tentativa em inventar um outro tipo de linguagem, a linguagem porética, como ele a começa a chamar a partir de uma certa altura da sua obra. Como se se tratasse, em certo sentido, do último abencerragem da poesia e do primeiro cultor de um outro tipo de escrita.

– O que é um abencerragem? Não se ria, eu tenho um curso superior mas confesso que nunca encontrei essa palavra. Palavra, o que é um abencerragem? Vá lá, diga, não faça pouco de mim.

– O abencerragem, segundo os dicionários, e fazia eu todo um esforço para não desatar a rir, não pela ignorância, que me parecia normal, mas pela curiosidade que concitei subitamente na minha ouvinte. Uma estupidez, enfim. Mas lá a informei: O último abencerragem é um último representante de qualquer coisa. Vem do árabe, não se preocupe. Haveria mais coisas a dizer, mas acho que esta explicação chega.

O que ficou desse autor, que se saiba, e uma vez que a Europa ficou dizimada, e que, da América do Sul nada se sabe, embora a língua portuguesa fosse falada por uma grande parte da sua população, é o que se estuda nas três ou quatro universidades situadas neste ou nesse pedaço de mundo que corresponde à velha América, a América do Norte. Dizia, o livro chama-se *Mediocridade*, o seu autor, Silva Carvalho. Escolhi Silva porque deve ser um dos nomes mais comuns em português, se não for o mais comum, e Carvalho para dar uma tonalidade, suspeita ou não, falsa ou não, de que se tratava de um descendente longínquo, dos cristãos novos da península. Que, como sabe, mudaram os seus nomes...

– Sei, não precisa de explicar. Embora, para dizer a verda-

de..., nada, nada. Exacto.

Não lhe posso dizer se serão esses os nomes definitivos. Talvez, por que não? O título, escolhi-o para ver se tiro partido dele, elaborando qualquer coisa que tenha a ver com o sentido original da palavra mediocridade, escolhida pelo autor para contrapô-la, como mediania, à maneira de viver da nossa época. Porque esse autor, está a ver, é nosso contemporâneo. Isto é, a mediocridade, a mediania, seria um contraponto ao caminho que estava a tomar a civilização, não só ocidental, mas também global, dos nossos dias. Tenho ainda que explorar esta possibilidade. Há, desse livro, três exemplares, encontrados nas bibliotecas de três das poucas universidades que, ou subsistiram, ou foram criadas para preencher o vazio que foi deixado com a Catástrofe. Como lá chegaram é uma incógnita. Ou talvez não. Por acaso, esses três exemplares nem sequer correspondem à mesma edição, porque um, aquele que John usa no seu curso, é de dois mil e quinze, outro de dois mil e trinta e cinco, e o primeiro é de dois mil e três. Engraçado, porque a primeira edição só tinha duzentos exemplares, mas depois, a segunda, já tinha quinhentos, e a terceira, traduzida em inglês, mil exemplares.

O livro que John procura ganhou toda a sua popularidade, sempre relativa, e nos meios universitários, graças a um número, publicado vinte ou trinta anos antes da Catástrofe, de uma revista académica muito conceituada, cujo nome ainda não escolhi, nem o da universidade que o editou, com o título *The Agonising Death Of Poetry*, que, obviamente, chamou a atenção dos professores de literatura em geral, e portuguesa em particular, concitando uma certa perplexidade dos especialistas. Digo especialistas porque, no mundo pós-Catástrofe, a poesia é coisa que não existe, não é uma actividade cultural nem artística, e mesmo o romance, com a mentalidade das gentes, não tem grande, ou quase nenhum, sucesso. No espaço e no tempo da Utopia não há peripécias. As pessoas interessam-se mais, do período anterior ao desastre, por biografias e autobiografias. Sobretudo de figuras históricas. É preciso compreender que vai ser a história, muito compreensivelmente, dado o cataclismo, que vai assumir o interesse das pessoas que gostam de ler e uma relevância fundamental nas acade-

mias, nas universidades. Era uma nova mentalidade. E daí a importância do nosso autor. Mas já estou a fugir ao que agora interessa. O desejo de evasão veiculado pelos romances deixou de ser desejo, e muito menos evasão. E o lírico, ou mesmo o épico, da poesia, nem sequer era concebido. Excepto, é claro, pelos poucos que iam à universidade fazer estudos, que já não se diziam humanísticos, pois o adjectivo perdera qualquer significado depois do que acontecera algumas gerações antes. Aqui vou introduzir a profecia de Adorno, aliás desmentida, como se viu, de que depois do Holocausto já não se podia escrever poesia. Esses poucos, dizia eu, interessavam-se, com uma curiosidade um pouco anacrónica, pelas literaturas dos povos passados, como se constituíssem uma minoria de arqueólogos do verbo. O autor desse livro, americano, não havia dúvidas sobre a sua nacionalidade, tinha sido muito famoso no seu tempo, e o seu nome perdurara nos meios académicos mesmo depois da Catástrofe. Chamava-se, e agora estou mesmo a inventar, a improvisar, pois nem sequer pensei ainda num nome para o sujeito, George, isso mesmo, George Morteiro. Chamava-se ou chama-se George Morteiro. De certeza um luso-descendente. A Morte Excruciante da Poesia. Ora nesse livro, escrito obviamente em inglês, dedicado à problemática do desaparecimento da poesia já em pleno século vinte e um, aparecia um ensaio sobre o nosso poeta, de vinte e tal páginas, intitulado A Perda de uma Tradição/Silva Carvalho, A Porética e as Estéticas da Imperfeição, da Estupidez e do Problema. Estava tudo dito e explicado. Esse título nada mais era do que uma glosa do título encabeçando o ensaio que aparece no fim do livro *Mediocridade*. Vou dar como título a esse ensaio, o que acha da ideia?, para que o leitor possa perceber do que se fala no romance, *À Procura de uma Tradição*/Alberto Caeiro, A Linguagem Porética e a Estética da Imperfeição. Aquele «À Procura» será uma homenagem a Proust, já agora. As coisas começavam a fazer sentido. E para John já havia matéria para o curso que dava, não só sobre o livro *Mediocridade*, mas também sobre a importância do autor. Ao observar o seu rosto, desconfiei de que qualquer coisa estava a correr mal. Perguntei-lhe, para ter a certeza do que se passava:

- Um pouco confuso, não está?
- Muita informação ao mesmo tempo, talvez!
- É. Talvez devesse espalhar todos estes títulos e nomes e problemáticas ao longo do romance, quero dizer, em presença de outras personagens, noutros contextos.
- A verdade é que me está a contar o assunto do romance, é coisa diferente escrevê-lo. Para mim, e até agora, não está mal. Para o leitor poderá ser um pouco, ou muito, maçador. É difícil prognosticar.
- É melhor ficarmos por aqui.
- Por mim pode continuar. Como tem essas coisas todas na cabeça, é que me espanta. Il faut le faire!
- Il faut le faire!, repeti, sorrindo. É, por hoje chega de histórias. Aproveito e ainda vou regar as árvores e as rosas. Fique-se. A tarde pôs-se bonita. Espero não a ter deixado muito cansada. Foi a vez dela sorrir, algo enigmaticamente.

## Capítulo 29

Senti a falta daquela mulher. Uma semana e tal sem na ver. Fui três vezes ao terreno e nada. Desencontro? Três dias, dizia-me muito interiormente. Três dias. E nada. Aquele par de ouvidos fazia-me falta. Que interessa contar qualquer coisa quando não há ninguém para ouvir? Um tempo assim assim, verdade, Maio ora dissolvía-se abertamente num sol sedutor ora se camuflava numa neblina, ou então, não se sabe porquê, mesmo em chuviscos, ou mesmo em aguaceiros. Essa neblina, vinda do mar sem aviso nem previsão, esfriava desagradavelmente os dias, dando-lhes uma atmosfera e uma fisionomia que não podiam reclamar da natureza de nenhum mês, mas que me fazia a mim desesperar por não ser o que deveria ser. A história ainda por contar, reflectia eu, a história ainda para contar, e nada. Amuei. Que se lixe a história! Até que um dia, descendo a vereda, vejo o jipe, sempre esverdeado e com um tejadilho alto, frente ao portão. A gaja tinha vindo, estava lá dentro. Uma alegria intempestiva acercou-se de mim e desdobrou-me numa impressão um pouco turva, ela estava lá, lá onde havia tanto a dizer, tanto a ouvir. Um leitor, mesmo quando o livro não é efectivo nem obedece à ideia de um objecto, é coisa muito preciosa. Deixei o meu automóvel atrás do seu jipe, abri o portão com delicadeza, entrei quase como-vindo naquela divagação de terra, olhei em volta, vi uma cadeira de lona, dita de realizador, sobre o passeio frente à porta da casa, e mais nada. Nada? Ao longe, do fim do terreno, uma silhueta envia-me uma voz como se desejando comunicar. Era ela. Vem, quase corre, pelo meio da vegetação, essas ervas altas, esse capim, ou lá o que era, coexistindo com algumas flores amarelas cujo nome nunca fez parte do meu vocabulário, e ela vem subindo o terreno, passando, de braços abertos e com as palmas das mãos roçando sobre a superfície ondulante desse mar, acariciando a sua espuma com um regozijo que não pude censurar. Também eu, nos anos transactos, tinha feito a mesma coisa. Este desejo, geral, mas não mimético, não de alguém vendo alguém a cometer um gesto, imitando-o, mas antes perpetrado, ao invés, na solidão irrefragável da sua presença, sem testemunho nem testemunhas, fa-

zendo o que toda a gente faz, ou sente o desejo de fazer, é o que eu chamo essência. Humana. Não sei se com algum fundamento ou não. Importo-me com isso? Absolutamente nada.

Chegou ao passeio, onde eu me encontrava, arfando, talvez feliz, porque o que trazia no rosto era um riso que poderia muito bem introduzir um mundo na imensidão muda da terra. Que bom!, que bom! Dizia, tentando ganhar folgo, o rosto afogueado, transfigurado pela experiência que tinha levado a cabo. Uma maravilha! Uma maravilha! Veja-me todas estas cores, estes matizes, selvagens, selvagens. E as carraças?, reprovou, ou tentou reprovar, a minha voz, depois daquele feito. As carraças? O que é isso? São uns bichinhos, atrevi-me eu a informá-la, tipo caranguejo, mas muito mais pequenos, que, nesta altura do ano, com a conjugação do calor e da humidade, porque tem caído alguma chuva, não é verdade?, proliferam pelo terreno à procura de corpos, de ovelhas ou de cães, e de gente desprevenida, como você, para encontrarem um pouco de carne onde possam alojar-se e reproduzir-se. Olhou-me estarelecida. E agora, e agora? Agora convém ver o que traz na sua roupa. Sente alguma comichão? Não. Vire-se, por favor. Passei-lhe uma mão profissional sobre as suas calças de ganga, do rabo ao fim das duas pernas. Nada. E à frente? Inclinou-se, passou as mãos pelas calças, abanou-as, e nada. Muito bem. Veja agora a camisa. Como, não me diga que tenho que tirá-la? Claro, e sacudi-la, não vá alguma carraça ter ficado por dentro. Por fora não vejo nada. Mas fico de sútiã, e corou, os olhos esbugalhados, indecisos entre o temor e o risível da situação. Quer que me vire? Por favor, disse. Lá tive que me virar. Sente alguma comichão nas costas? Não, não. É preciso ter cuidado. Há dois anos fui para o centro, não me lembro do nome que lhe dão, com um buraco do tamanho da ponta de um dedo. A sangrar. E com febre. Disse-me a enfermeira que essa febre pode matar uma criança. Lá me fez um curativo. A vida está cheia de perigos, concluí, como se pudesse ser um sábio. Eu não digo que não vá lá abaixo, só estou a dizer que tem que ter cuidado. E não se admire, e não me pergunte porquê, que também eu ignoro, se vir, a partir deste mês, no baixo ventre, uma pontinhas vermelhas, uma borbulhas, pouco agradáveis sobretudo quando começam a

supurar.

– Que horror!, desatou ela. Já se pode virar.

Apeteceu-me dizer-lhe, perante tanto pudor, você, de francesa, não tem nada, mas preferi refrear a inconveniência. Acontece-me a mim quase todos os anos, prossegui a lição. Não morro, mas é o preço que se tem que pagar. Tudo tem um preço. Encarou-me. Percebo, respondeu. Percebo, repetiu, como se interiorizando um conselho. Ainda não notou nada? É porque não lhe chegou ainda a praga. Ou só acontecerá a certas pessoas. Se isso acontecer, tenha paciência, não comece a esfregar, abrindo as borbulhas até fazer sangue. Fala a experiência. Deixa de ser, por tudo isso, uma maravilha fender essas ervas, abri-las como quem abre um caminho? Não. Mas não há prazer que não comporte a outra face, mesmo se escondida ou despercebida. É a lei, é a realidade.

– Você hoje está muito filosófico. Passe-me a mão pelas costas, por dentro da camisa, se faz favor. Passei, não senti nada. Senti aquele pedaço de corpo como quem sente a maravilha, uma outra maravilha. A pele não deixa de ser um pergaminho, decifrá-lo é que é o problema. Perorei, chato:

– Quem me avisa meu amigo é. Diz o povo. Embora seja preciso ter cuidado com o uso de amigo, ou de amiga. Lá no norte, de onde sou, o termo tem vários significados. Até o de amante, veja lá!

– Como nas canções de amigo?

Foi a vez de eu rir, deixando para trás o sentimento que ficara no ar de um pessimismo deslocado. Ela desdobrou como um eco o meu riso, saboreando a inteligência ou a oportunidade da observação que fizera. Foi buscar o jipe para que eu pudesse introduzir o meu carro na quinta. Fi-lo. Saídos dos veículos, virando-se para mim, então esse romance? Deitados nas espreguiçadeiras, à sombra, o silêncio propício a desbordamentos de palavras, encetei o discurso interrompido durante todos esses dias de uma semana de ausência.

– Não sei onde estava, nem interessa. Até eu me esqueci do que estava a contar. Ah, vou falar da relação que vai estabelecer-se entre John e Marilyn. Não sei se já contei? Em frente. John trabalha na cozinha do centro. Mas o trabalho não é como se configura nos dias de hoje. Temos que com-

preender, já não existe o Capital. Vou colocá-lo em letra maiúscula. Já não existe o rendimento, a competitividade. O menor número de gente a produzir o máximo de coisas. O lucro. Não. Na cozinha havia bastantes pessoas para o trabalho a executar, ninguém era explorado. Todos contribuíam para o bem da comunidade, isto é, para o seu bem. Não havia a lufalufa contemporânea. Que alguma dessas pessoas faltasse, e enfatizo o pessoas, um ou dois dias, ou mais, isso não complicava as coisas nem trazia problemas de maior. John, na realidade, estava até bastante contente. Todo aquele espaço em redor, de uma brancura que os azulejos faziam repercutir, dispunha-o bem. E depois era quase um privilégio, para quem dava aulas, poder fazer algum exercício físico. Umas boas férias, pensava enquanto colocava os pratos na máquina, ou ajudava um companheiro. O corpo suava, e o suor era amistoso, uma exsudação quase desportiva que fazia da pele um corolário da carne, e da carne a consciência imanente de um corpo vivo.

Frank já lhe perguntara, coçando a cabeça, se necessitava de alguma coisa. E adunara à pergunta o sentido da responsabilidade, mesmo se sorridente. Cuidado, o verbo necessitar, nessa sociedade, também tem muito que se lhe diga. Não é sinónimo de «precisar», como acontece hoje. E mesmo assim. Estamos numa sociedade com uma visão das coisas e do mundo diferente. Não havia aquilo que nos anos setenta, dada a solidão das pessoas nas grandes metrópoles, era considerado como uma miséria sexual. Fazer sexo, porque dizer amor levar-nos-ia a toda uma outra problemática, que espero tratar, estava ao mesmo nível da necessidade de comer, de beber, de ter um abrigo, de fazer, já que se trata do corpo, as suas necessidades. As pessoas, homens e mulheres, só não tinham uma vida sexual, em qualquer parte do que sobrou da terra, se não quisessem. John, talvez por timidez, vai dizer que não, não necessita de nada. A verdade porém é que um ou dois dias depois Marilyn aproxima-se dele nas horas de trabalho, nessa tal cozinha, sempre espampanante, um sorriso nos lábios maliciosos, e vai perguntar-lhe se ele não necessita de nada. Diz que não, como disse a Frank, mas ela, como se nada fosse, responde-lhe, pois eu necessito. A que horas pode-

remos encontrar-nos? John diz-lhe a hora e o número do seu quarto. Mas John soube imediatamente que ali houvera a mão de Frank. Afinal ele era o forasteiro, não conhecia ninguém. Estaria necessitado. E é assim. Encontram-se, satisfazem as suas necessidades sexuais, e porque são humanos, falam, conversam, trocam impressões, de onde vens, para onde vais, o que fazes quando fazes, enfim, o habitual. O facto de Marilyn trabalhar na cozinha não significa que não poderia estar a exercer uma outra actividade, ser, por exemplo, a assistente do Director do centro, esse sim, escolhido democraticamente pela pequena comunidade. Logo, não é sinónimo de ignorância ela trabalhar na cozinha. É bem possível que fosse uma escolha sua, já que se tratava, de toda aquela gente, de uma mulher muito mais jovem e capaz de dar conta do recado. Ela teve a sua escolaridade obrigatória, como todos os outros. Hoje, o convívio e uma conversa entre uma empregada de um hotel ou de um restaurante com um professor universitário, seria impossível. Nesse mundo não será. E John conta-lhe, para saciar a curiosidade normal de Marilyn, que dá aulas de literatura, ou talvez melhor, de história da literatura em língua portuguesa numa universidade algures no interior do continente. Já lhe disse, não disse? Ainda não sei qual a cidade que vou escolher, ou se invento uma, tanto faz. Afinal tudo mudou, ou muita coisa mudou, para que esse futuro seja minimamente utópico. Se o for. Às vezes os títulos enganam. Não são ilustrações prévias do que um livro contém. Enfim.

John diz-lhe que não tem muita esperança em encontrar um livro na biblioteca, intitulado *A Experiência Americana Ao Vivo*, de um escritor português, mas que nunca se sabe, talvez os outros investigadores tenham falhado na pesquisa por um motivo qualquer. De qualquer maneira, ter vindo a esta parte do continente sabe-lhe a uma aventura. John continua: Segundo um ensaio muito famoso do professor George Morteiro, ainda do tempo anterior à Catástrofe, o autor desse livro teria vivido alguns anos nesta cidade, como professor, também ele. O livro, segundo Morteiro, é, na realidade, um volume constituído por dois livros, *A Experiência Americana*, e *Ao Vivo*. Desapareceu completamente da Europa destruída, devastada, e na América, que se saiba, esse volume não exis-

te. Mas todos acham, sorrirá John para Marilyn, que deveria existir, já que aqui trabalhou. O que existe é este. Levanta-se e mostra-lhe o livro, isto é, uma cópia do livro que possui do tal Silva Carvalho, *Mediocridade*. Para os cursos fizeram-se pequenas edições utilizadas pelos estudantes e por ele próprio. O exemplar original permanece na biblioteca da universidade onde lecciona. E mostra-lhe, ao mesmo tempo, uma cópia dactilografada do tal ensaio de George Morteiro. É com esses poucos materiais que trabalha.

O problema está em que no livro em que trata do fim do poeta como o último herói ocidental, um herói sobrevivente aos heróis míticos da antiguidade greco-latina, e que perdurou até ao século vinte e um, um herói, digamos, espiritual, ou melhor, um herói cujo poder é sobretudo espiritual, rivalizando com os grandes sacerdotes das várias religiões que grassavam pelo mundo, falece. São muitas as explicações. Civilizacionais, tecnológicas, culturais, etc. A verdade é que quando se deu a Catástrofe, já ninguém lia poesia, e o poeta era apenas um fóssil do passado. Ora nesse tal livro, segundo o professor, muito antes do cataclismo, em pleno, ou melhor, no último quartel do século vinte, já Silva Carvalho, no livro *Ao Vivo*, anunciava a morte do poeta. O ensaio, cheio de citações, continuará John a desenvolver perante uma Marilyn interessada, diz que a encenação da morte do poeta aparece, pela primeira vez no ocidente, nesse livro, *Ao Vivo*, um poema narrativo, anacrónico, à imitação de um outro poeta português, mas muito anterior, Camões, que viveu no século dezanove. E de cuja vida nada se sabia, ou quase nada. Não é interessante? Dois poetas, enfim, tenho que precisar, um poeta do século dezanove perdido graças à incúria do povo português, que não fez dele memória, ele que tinha pretendido memorizar os feitos dos portugueses num livro muito famoso, e um outro, e agora tenho que ter mais cuidado e ser mais preciso, um poeta que, ao aperceber-se da falência da poesia, vai propor, tudo isto segundo o ensaio, uma outra maneira de se fazer poesia, tendo esta, contudo, de sofrer uma mutação. O poeta advirá apenas um escrevedor, e a poesia passará a porética. E brandindo o livro que mantém na mão, acrescenta, este mesmo livro, num ensaio sem data, quando os seus tex-

tos são datados, precisamente do ano dois mil, confirma o estudo do professor Morteiro. Um livro, para dizer a verdade, este *Mediocridade*, atípico para a época, pois na realidade é constituído por três partes, o *Mediocridade* propriamente dito, escrito em dois mil, logo, na passagem do século vinte para o século vinte e um, mais um grupo de sonetos de mil novecentos e oitenta e quatro, cujo título nos deixa perplexos, *Sonetos Imbecis*, é o seu título, e depois o tal ensaio. Mas há mais. Por exemplo...

Marilyn, comovida sem saber porquê, pois não estava no seu feitio emocionar-se por pouca coisa, embora suspeitasse muito levemente, ligeiramente, distantemente, da razão daquele estado de alma, vai interrompê-lo. Estado de alma é uma maneira de me expressar, digo eu, porque nessa altura não se acredita muito em almas. A emoção, ou a comoção, pensava ela, insegura da sua sensibilidade, deveu-se ao facto de ter assistido a todo aquele entusiasmo da parte de John, coisa nunca vista. Ainda por cima, por um livro. Perguntou: Posso dormir contigo? Partilhar a tua cama? Temos muito tempo para viver essa aventura, para me contares mais coisas. Pelo que dizes, não te será fácil descobrir esse livro, se outros já o tentaram sem nenhum sucesso. É bem possível que fiques por aqui algum tempo.

Interrompi por um segundo a narrativa oral em que me envolvera tão afincadamente. Virei-me para ela, silenciosa e indescritível, e quase sussurrei: E vou pô-los a dormir. Que acha? Talvez assim as coisas que tenho a dizer sobre esta investigação sejam mais palatáveis. Não sei como há ainda pessoas que escrevem romances. A pachorra que será preciso para que um livro faça algum sentido. *It is not my cup of tea!* É um modo de vida, foi a sua resposta. Temos que fazer alguma coisa na vida. Uns escrevem, outros lêem. Continue. Não posso dizer que esteja comovida, como Marilyn, mas estou curiosa. Quer dizer, o livro que vai escrever será um romance policial. Adverti-a: “romance” em inglês também tem muito que se lhe diga. Abanou a cabeça, concordando: exacto.

Escusado será dizer que as noites seguintes verão este par a partilhar, e rima e tudo, a mesma cama. Vou passar agora para o policial, já que o romance está mais ou menos resolvi-

do. Passa uma semana e John, depois de percorrer todas as secções, de prateleira em prateleira, de língua em língua, de andar em andar, não descobre nada. Nem sinal do livro, nem de qualquer outro do mesmo autor. E no entanto, pela leitura dos porismas, como ele chamava aos seus textos na fase porética, contidos no livro *Mediocridade*, ele vivera e trabalhara algures em New England, completamente devastada, do norte ao sul, ainda hoje inacessível. Em que universidade teria trabalhado? Morteiro, no seu artigo, fala da sua vinda para a América em meados dos anos oitenta do século vinte, dos catorze livros escritos aqui, na Califórnia. É um exagero, eu sei, tive que dizer perante o olhar espantado da minha paciente auditora, mas por que não? Afinal é só um romance, uma fantasia. Não procuro a verosimilhança. Nem a congruência. Trata-se de uma história, em certo sentido, impossível. Não fique assim, acrescente, que não vale a pena. E sorri. Está a pensar que vai ser um romance de caca? Não me admirava nada. Não sou um profissional. Invento, o que já não é nada mau. Posso prosseguir?, mas o sorriso afixado tinha-se convertido num riso apenas bonacheirão. Peço-lhe desculpa, mas ao ver a sua cara não pude resistir. Catorze livros, realmente, vou ter que mudar esta parte. Felizmente que não estou a escrever. Mas era muito capaz de me sair essa enormidade. Obrigado, já agora, pela sua reacção. Não está mal, aliás. Por que não se colocar, já que me ouve, na pele de um crítico? Já não sei onde ia. Saberei alguma vez? Foi a vez de ela sorrir, e depois, muito naturalmente, de chasquear. Gostei.

## Capítulo 30

Vendo-o um pouco abatido, Marilyn vai sugerir a John, que tal a praia? A frialdade das águas do Pacífico refrescam as ideias e dão vigor ao corpo. Vamos à praia? Uma semana e tal metido nessa biblioteca poeirenta, sol, é do que precisas, lá na tua terra não há oceanos nem maresias. Amanhã à tarde, está bem? Nada de biblioteca. Concordou. Nem percebia por que estava um pouco triste. Mas estava. Há sentimentos, pensava ele, que não fazem nenhum sentido, há esperanças que não têm razão de ser. Mas gostaria tanto de encontrar esse estupor de livro, não para ficar na história da investigação literária, mas pela curiosidade de saber como Silva Carvalho, esse autor do caraças, encenara a tal cena da morte do poeta. No ensaio do professor Morteiro vem apenas citada a estância que ele analisou de uma maneira ímpar, magistral, fazendo, bem certo, referência ao contexto, a montanha e tudo o mais, mas John gostaria de ver, escrita, toda essa cena, no seu original, não parafraseada pelo estudioso. Ele sabia essa estrofe de cor.

Quer conhecê-la?, perguntei dois dias depois à minha, por que não dizê-lo, amiga, predisposta a continuar a ouvir-me contando o romance que trazia na cabeça. Eu trouxe, de propósito, do apartamento, esse bocado de poesia. Não diga nada a ninguém, mas tive que pedir ao meu amigo do peito, que vive no norte, para me ajudar nesta façanha. Não estava a mentir, desta vez. Ainda que tivesse muita porcaria nas minhas gavetas abissais, aquilo a que normalmente se chama poesia, tive que pedir ajuda ao meu amigo. Eu não seria capaz de produzir esse pequeno texto. Vou buscá-lo lá dentro? Ou não tem importância nenhuma o conteúdo dessa estância? Vá, vá, incentivou-me ela. Era boa pessoa, não haja dúvidas. Fui num átimo dentro de casa e trouxe uma folha com a preciosa pérola que John sabia de cor. Ei-la:

Suspiros de alívio, os corpos dando de si, ouve  
com redobrado interesse o zumbido acariciante  
do motor, descem quase mecanicamente, se houve  
alma é como se nada tivesse acontecido, hiante

contudo o silêncio permanece como grito, ouve a filha falar com a mulher, nonadas, mas diante de si só a estrada, um pequeno remorso contudo, estar perto e não ter ido ao *lá* sem conteúdo.

– E o que é que isso vai significar? Pode-me ler, já agora, uma segunda vez? Não compreendi nada.

Reli, transpirando um pouco, o papel balbuciante nas minhas mãos, a estrofe que tinha concoctado com o meu amigo. Não me admirei que não tivesse compreendido nada. Precisava de mais informação. Adiantei, como se estivesse agora, estranhamente, a desempenhar o papel do próprio John:

– Segundo o tal professor, toda esta odisseia se passa num dia. Ele pensa, ou está convencido, mas só coloca este seu parecer como uma hipótese, que se trata de uma influência de Joyce, do seu livro *Ulisses*. Cujas peripécias, como sabe, decorrem num só dia. Bom, mas isso não é importante. Não me pergunte o quanto me custou inventar, ou imaginar, tudo isto. Que nem sei, a falar verdade, se vai aparecer no romance. Muito terá que ser abandonado. Conhece a expressão francesa: *La part du feu*? Ignoro completamente, e abanou a cabeça. Bem, o que ela significa é que, quando uma casa se incendeia e é tomada pelo fogo, os seus habitantes, para salvarem alguma coisa, têm que conceder ao fogo a sua parte, isto é, não podem salvar tudo. É o que acontece ou poderá acontecer comigo. A estância que reproduzi coloca as personagens e a acção à tarde desse tal dia, durante um passeio que o pressuposto poeta faz com a família. Está a ver, a estância, fala de uma filha e de uma mulher. Vou iludir o leitor dando a entender que a subida à montanha que esta família faz é a versão contemporânea do sublime que tanto despertou os românticos, quando o alvo, geralmente, era os Alpes. Quem o diz, ou melhor, quem o escreverá no seu estudo, é o professor Morteiro. O problema aqui é que não me apetece desvelar-lhe já o fim da história. Terá que esperar. Senão deixa de ter graça. Mas John, que leu o artigo, sabe disso. E sabe que a estrofe em questão, citada, é a conclusão da cena, a tal cena da morte do poeta. Agora, peço desculpa, vou ser um pouco didáctico, ou não fosse também professor. Repare, e juntei, levantando-

-me, ainda mais as espreguiçadeiras para que os dois pudessemos ter acesso àquele pedaço de escrita. É que eu não sei ainda se vou ficar pela paráfrase, ou se me darei ao trabalho de inserir as estrofes precedentes, o que será, já lhe digo, uma verdadeira tortura. Mas enfim. O que é que o leitor, que é você, poderá retirar desta estrofe? Eu agora não sou nem o narrador nem o autor. Sou um professor. Interpreto, como realmente faço todas as noites com os meus alunos, um texto. Esta estrofe. Primeiro, a atmosfera em que se encontram ou encontravam estas três personagens, pai, mãe e filha, deveria ter sido um pouco tensa, pois fala-se de suspiros de alívio. Devem estar num automóvel, pois refere-se a um motor. Descem, é aqui a palavra chave, pois o sublime, como sabe, é caracterizado pela coexistência da beleza e do terror. De qualquer coisa que atrai e repele ao mesmo tempo. E percebe-se, porque na paráfrase é mencionada a subida a uma montanha no passeio que a família fez. Estou a chateá-la, não estou? Realmente não é necessário nada disto. Deixo-me empolgar, deixo-me empolar, e depois é uma chatice. Mas já agora vou dizer-lhe o que John pensa dos dois últimos versos, ou melhor, do que o professor leu nesses dois versos. O poeta, como se poderá ver, conduz o automóvel. Diante de si a estrada. A estrada que está a ser percorrida em sentido inverso, pois houve uma subida, haverá... Não, hoje não me está a sair nada bem a narração provisória do romance. Não estou inspirado. Uma grande confusão. Não sei para que lado me virar.

— Tenha calma, eu espero. Tente pôr as suas ideias em ordem. Não há problema. Alguém vem à procura de um livro. Esse livro é considerado importante, antes e depois da Catástrofe. Porquê? Porque nele se anuncia o fim da poesia, metonimicamente, se percebi, pelo fim da figura do poeta. Quem o diz é um professor, americano, num dos muitos artigos que aparecem no seu livro sobre o desaparecimento da poesia, género literário que sobrevivera até ao século vinte e um. Isto é, até ao século que vem aí. Exacto? Nesse artigo afirma-se que esse acontecimento fora previsto, pela primeira vez, num livro escrito por um português, professor de profissão, escritor, sem dúvida, e que a acção desse poema épico se passa justamente na Califórnia, na região onde John, o investigador,

veio parar. Sempre com a esperança de encontrar um exemplar desse livro. Já que desse poeta só se conhece um livro intitulado *Mediocridade*. Exacto? Que nada tem a ver com a morte do poeta, pois, se percebi bem, já faz parte de um outro género, por ele denominado *Porética*. Daí o título do artigo. E tudo o mais é o que, penso eu, e desculpe-me dizê-lo abertamente, vai interessar os leitores, que é a história entre John e Marilyn. Posso estar enganada, mas é assim que vejo as coisas. Você quis introduzir num romance, como dizer, romance mesmo, a pitada, o picante, o suspense do romance policial. Até, que sei eu, poderá ser a parte mais interessante desse seu livro. Depende.

Fez-se um silêncio. Sem qualquer resquício de um constrangimento. Pelo menos da minha parte. Ela falou, e eu ouvi. E cheguei mesmo a pensar, é verdade, por que não é ela a escrever esse livro? Eu dava-lhe as ideias, os acontecimentos, e ela punha-os em ordem, muito metodicamente, para que a história fosse compreensível. E pensei também, sem qualquer amargura, quase feliz e aliviado, nunca escreverei este livro. Demasiado utópico para mim. Ela bateu-me no braço, despertando-me: Continue.

– Continuo? Tem a certeza?

O seu nuto não me deixou dúvidas. Continuei. Eu só queria, no fundo, há pouco, tentar mostrar o conteúdo da análise que o professor Morteiro fez dessa malfadada estrofe. Mas com certeza nem sequer mencionarei essa parte. Posso regressar aos dois últimos versos? John achava, da parte do comentador, que a análise era um bocado especiosa, rebuscada. Vou dizer porquê. Mas só a leitura de toda a cena, e não a sua paráfrase, poderia dar consistência à impressão com que John ficara. Vou expor, já agora, a paráfrase. O poeta, com a mulher e a filha, mete-se por um caminho que, sem que ele o soubesse, vai levá-los ao cimo da montanha. O problema é que, quanto mais avançam, mais a natureza se insinua na sua solidão indisfarçável. Sentem-se, habituados que estão à cidade e ao convívio com as pessoas, um pouco temerosos. Pelo menos a mulher e a filha. Ninguém à vista. E sobem, e quanto mais sobem mais a realidade que os cerca os devolve, por assim dizer, à presença do nada. Ninguém. Nada. Até que

chega uma altura em que se torna insustentável aquela situação. Mulher e filha queixam-se, volta para trás, pai. Mas ele, o poeta, vê o caminho à sua frente, e vê a terra de cima, do alto, e vê todas aquelas convulsões de montanhas, umas atrás das outras, sem vegetação, sem árvores, sem, realmente, nada. Uma montanha californiana junto à costa, junto à cidade de Santa Bárbara, mas a montanha é um deserto, sem vegetação assinalável, apenas alguns menos que arbustos, nem sequer sarças ardentes, uma desolação. Ele sente uma curiosidade enorme, onde o levará aquela estrada? Terá fim, num cimo deiscente, ou continuará sempre em frente até se fundir numa outra estrada? Elas, a mulher e a filha, dizendo, suplicando mesmo, vamos embora. Perante aquela cena, arrependido do que infligira à família, o pavor e a apreensão, sem que o visível lhes fosse de alguma beleza, decide-se, sacrifica-se, renuncia: não pode continuar em frente, a sua aventura não é solitária, tem gente que o prende pelo amor. Ao não avançar, ao renunciar à sua missão de poeta, deixa de o ser e transforma-se apenas, pela primeira vez na história da poesia, num chefe de família, com obrigações e responsabilidades. É apenas um homem. Um homem vivendo no século vinte. Orfeu está morto. O seu amor, o seu desejo, a sua impaciência, matou Eurídice, sua esposa. Ele não fará isso com a família. E volta atrás. O que estava em frente, nesse caminho, o que quer que fosse, não lhe foi desvendado. E esta estrofe dá-nos pois conta desse regresso. Não, é verdade, sem que o ex-poeta não sinta, mesmo assim, «um pequeno remorso», um resquício ou um traço ou um estigma do que fora, ou pensara ser, um poeta. O seu remorso, mesmo assim, segundo a análise do professor Morteiro, revela que esse homem, morto o poeta, ficou dividido, clivado, espartilhado entre uma memória e um futuro. Perdeu, ao ganhar o seu estatuto de não-herói, a sua identidade. «Estar perto e não ter ido ao *lá* sem conteúdo.» John concorda com a beleza desse verso, com o seu assombro enigmático, sobretudo com a expressão, que ele acha comovente e paradoxal, verdadeiramente incompreensível e indecifrável, «ao *lá* sem conteúdo». Mas sempre foi bastante céptico quanto à interpretação que o comentador fez desse verso. O professor Morteiro perde alguns parágrafos do seu estudo

com a explicação do verbo «estar» no seu infinitivo, no modo infinito, e o que isso significa do ponto de vista hermenêutico e semântico, avançando teorias que deveriam estar em voga durante a sua vida, de origem filosófica. E John ainda fica mais céptico quando o *lá* que aparece no último verso, seguido de «sem conteúdo», vai ser conotado e lido como uma aproximação do conceito heideggeriano de *dasein*, o estar lá, em que ao «lá» corresponderia o «da» alemão, e, ao «sem conteúdo», o «sein», isto é, o ser. Desenvolvendo toda uma erudição mais ou menos filosófica sobre o que era o Ser para Heidegger, concebido ora como encobrimento ora como desvelamento. Isto é, o poeta, ao abdicar da procura do Ser, ou do seu encontro com o Ser, tornava-se meramente um homem inautêntico, ôntico. O ex-poeta escolhera, em vez do acesso ao Ser, a humanidade do *mit-sein*, de um ser com. Com a família. John não percebia o que era isso de inautêntico ou autêntico, e muito menos de ôntico. Mas ficara fascinado, e daí a razão do seu curso sobre Silva Carvalho, com a ideia de um «escrevedor», um homem qualquer que escreve ou gosta de escrever, sobre tudo e sobre nada, vindo substituir o mítico poeta, o último dos heróis, essa perniciosa ilusão: haver deuses entre os homens.

Disse-me ela: Estou de boca aberta. O seu livro, assim como o descreve e me narra, vai ser um caleidoscópio.

A praia não ficava muito longe do centro, apenas a uns meros quinhentos metros, o máximo, um quilómetro. Descem uma pequena escarpa e pisam a areia daquela praia imensa. É preciso compreender, o mar, o oceano, a luz do sol a bater naquelas águas pacíficas, a John, o homem do interior do continente esfarrapado em bolsas habitáveis, estrias do que ficou impoluto depois da Catástrofe, dão-lhe uma sensação extática, mirífica. Avistam aqui e ali, sentados, a apanhar sol, muitos dos homens e das mulheres, uns sozinhos, outros em grupos, outros a dois, homem e mulher, que vivem no centro. Dizem adeus, saudando-os. John compreende então o emprego do tempo dos reformados. Algum trabalho para os que gostam de uma certa actividade, muito prazer para os esperam serenamente a vinda da morte. Todos nus, é claro. John e Marilyn despem-se, colocam-se sobre as toalhas que trouxe-

ram, e gozam aquele benefício do sol como se houvesse entre os seus corpos e o astro um parentesco, até mesmo uma afinidade. Ela levanta-se e dirige-se para a imperceptível ressaca. Avança decidida e quando a água lhe chega à cintura dá um salto de golfinho que a faz desaparecer na água por alguns segundos. Nada. Paralela à linha da costa. Cinco minutos, se tanto. E regressa, o seu corpo molhado refulgindo de gotas salgadas, tacitífluas, pé ante pé, uma deusa, uma Vénus. Um corpo magnífico que lhe escapa, que a transborda, há nela qualquer coisa que não só as proporções de uma beleza insofismável mas inefável, há uma solidez irrefreável, uma força, uma vivacidade inconfundíveis.

Desculpe por todos estes adjectivos, mas sabe bem, às vezes, ser prolixo. Gostaria agora tanto, pelo menos neste ponto, porque realmente se passou assim esta cena, ou uma cena semelhante, para não ser tão pessoal, numa praia de nudistas que frequentava aquando da minha estadia na Califórnia, de escrever este livro, ou este passo, em inglês. Para poder reproduzir, textualmente, esta troca de palavras. *How's the water?* *A little crisp, I guess.* Como está a água, perguntou John. Um pouco fria, respondeu Marilyn. Não é a mesma coisa, pois não? Ela concordou, não era. Que se fazer? Cada língua tem o seu génio, dizia-se outrora. Marilyn deita-se ao lado, sobre a sua toalha. Pede-lhe para ele a ajudar a pôr algum óleo sobre o corpo. Mais velha do que ele cinco anos, e no entanto com um corpo de jovem. Um corpo de uma estátua grega. Aqueles seios, aquele ventre, aquelas coxas, o remoinho veloso da sua púbis, enfim, espero não estar a chocá-la? Quantos anos pensa que eu tenho?, desafiou-me ela. Não se deu conta que sou uma adulta? E leio romances. Vá, continue. Foi a vez de John se soerguer e dirigir-se para a água. Sentiu nos seus pés um frio líquido, pensou, é só o começo. Continuou até atingir o meio das coxas. Olhou para trás, viu-a, a fazer-lhe sinais para que ele avançasse e mergulhasse, sorrindo, mas a água estava mesmo, mesmo fria. Não ousou. Limitou-se a levar nas suas mãos em concha, repletas de mar, duas ou três vezes, a água com que afagou o seu torso, mais não podia fazer. Muito fria, muito fria, foi o que proferiu quando se acercou dela. Que vergonha, espicaçou-o ela, implicando

com ele. Sabe o que me está a acontecer? Estou a pensar em inglês, a traduzi-lo. Que aborrecido! Estou a traduzir. Quando nos baseamos em qualquer coisa que realmente aconteceu, logo, que não é verdadeiramente imaginária, salta-nos em frente a língua original, se é que posso empregar esse termo. Mas o que vem a seguir não aconteceu, pode ter a certeza. Deitados um ao lado do outro, depois de ela o ter oleado com a loção solar, ficaram longos minutos calados, respirando, mantendo um diálogo mudo com o calor que inebriava os seus corpos despidos. Viravam-se de cinco em cinco minutos, o diálogo poderia tornar-se fastidioso. Não se preocupavam com cancro da pele. O mal, ou, como se dizia naquele tempo, o Grande Mal, estava dentro deles, espreitando, como se a morte os vigiasse de perto. Este aparte está deslocado, porque anuncia demais o que vai acontecer. Vou ter que retirá-lo. Não quero um romance com indícios, como diria o seu amigo Barthes. Brincava com ela, ex-aluna de línguas e literaturas modernas. Logo, esqueça o que acabei de dizer. Não, estavam deitados um ao lado do outro e John, sentindo o desejo cândido de passar a mão pela cabeça dela, o cabelo ainda molhado dissipando-se na sua carícia, como se um sentimento, dentro dele, quisesse tomar forma, eclodir. E com aquele gesto tão amoroso, para nós, que vivemos ainda no século vinte, John detecta na ponta do seus dedos, ao princípio incrédulo, depois estupefacto, por detrás da orelha de Marilyn, uma espécie de impigem, um altinho abrasivo de quase um centímetro de largura. Soergue-se, afasta com a mão nuncia o cabelo. Marylin, que estava deitada de barriga para baixo, sussurra-lhe, sem sequer o olhar, a cabeça sobre os braços que se cruzavam em frente do seu rosto, virada para o lado oposto: Agora já sabes.

– O que é que ele sabia?

– Que aquele era o sinal. Que ela não duraria mais do que seis meses, talvez chegasse a um ano, se tivesse sorte. Mas sorte é um conceito que não existe na pós-Catástrofe. Acaso, é o termo que empregavam.

## Capítulo 31

John, pesaroso, triste, decide dar um passeio pelos arredores, pensando em Marilyn, de quem se tinha afeiçoado. A vida não valia nada. Não era de agora, cogitava John. Sempre foi assim, desde o começo da humanidade. Os animais nascem, os animais morrem. Entre o nascer e o morrer vive-se, e depois da Catástrofe as pessoas vivem muito menos anos. Sem dar por isso encontra-se junto à biblioteca, como se a sua estadia no centro tivesse já instaurado um hábito. Entra por entrar, mas não sobe a nenhum andar. Todos eles foram calcorreados, passados a limpo, em vão. Uma senhora, no hall, que ele reconhece, e lhe sorri como se fosse de uma saudação que se tratasse, e foi, sabe perfeitamente do insucesso da sua investigação, e por isso mesmo pergunta-lhe, quase carinhosa, então? Não fique desanimado. Então? Sempre ficou a conhecer estas paragens. Tinha alguma vez visto o mar? Não. Não perdeu nada em ter vindo aqui. Foram as suas férias. Ele observa-a e ouve-a, nunca a tinha vista num dos andares. Não sobe nunca lá acima? Custa-lhe? Não, mas há tanta coisa a fazer no rés-do-chão, não imagina. Esses calhamaços todos. E aponta-lhe o enorme móvel envidraçado onde volumes enormes, erectos, de várias medidas, se aconchegam para evitarem de cair e descambar ou para a direita ou para a esquerda. John aproxima-se das prateleiras protegidas pelo vidro, curioso. São livros de quê? A resposta foi simples. Ora, a história da universidade está aqui. Ano após ano, até ao ano da Catástrofe. Todos os anos, ou quase todos os anos, durante muito tempo, a universidade publicava estes anuários dando conta das actividades que tinham ou tiveram lugar nesse ano, enfim, as efemérides. John levou a mão ao bolso da camisa e retirou uma caderneta um pouco ensebada, repleta de apontamentos. Virou algumas páginas. Há aí qualquer coisa de mil novecentos e oitenta e oito do século vinte? Foi o ano, reparou no que tinha anotado, segundo Morteiro, da escrita do livro *A Experiência Americana Ao Vivo*. Esperou, febrilmente, pela resposta. Veja com os seus próprios olhos. Por onde começar? Simples, retorquiu a senhora, pelo meio. Esse ano ou fica à sua direita ou à sua esquerda. John, através das vidraças, pro-

curou. Não era fácil, porque aquele móvel possuía à vontade cinco ou seis prateleiras protegidas do pó, do tempo, das vicissitudes atmosféricas. Passou os olhos pelas lombadas, telas de um piano incapaz de soletrar um qualquer som. Mas ele soletrava os anos como um menino tentando aprender ou memorizar os números, não podendo tocar nos livros inacessíveis aos seus dedos. Baixava-se e levantava-se, um bom exercício para as pernas. De repente, seguindo os anos, descobre, mesmo diante dos seus olhos verdes, uma lombada com a largura de uns quatro centímetros, com a altura de uns trinta centímetros, contendo algumas palavras prateadas que sobressaíam, salientes, sobre um fundo cinzento escuro. No cimo da lombada, na horizontal, LaCumbre. Por baixo, 1988. Em baixo, também horizontalmente, Vol. 68. Na vertical, em duas linhas, podia-se ler em letras garrafais: The University of California – Santa Barbara. Dirigiu-se à senhora ocupada numa outra tarefa, talvez espanejando outros livros, outra papelada avulsa. Encontrei um livro referente ao ano de mil novecentos e oitenta e oito. Pode emprestar-me a chave? Tem-na consigo? Não precisa de chave, as portas parecem fechadas, mas não estão. Só precisa de dedos hábeis para as desemperrar. Quer este canivete? É o que eu uso. Imagine, dentro do móvel e mesmo assim os livros ganham pó. Tenho que arejá-los, para que não apodreçam. Para lhe dizer a verdade, e isso angustia-me, não sei se estou a fazer mal ou bem. Quem sabe de livros, aqui neste centro? John agradeceu-lhe o canivete emprestado e imediatamente se dirigiu ao móvel. Com jeitinho, para não danificar a madeira, não teve dificuldade em abrir a porta que dava acesso ao volume. Retirou-o. Era pesado. Olhou para todo os lados do hall e viu duas ou três mesas, ao fundo. Não havia cadeiras. Escolheu a primeira que estava ao seu alcance e colocou o livro sobre a tampa da mesa. Na capa, encadernada, novamente aquilo que lhe parecia ser o título: LaCumbre. Aparecendo só na sua parte inferior, deixando o cinzento escuro espalhar-se pela capa acima. Havia depois, como se sublinhando esse nome, uma faixa terminando na ponta de uma seta, convidando sem dúvida o leitor a penetrar naquele mundo. Por baixo, 1988. Abriu o calhamaço. Folheou-o. Rostos, rostos de rapazes e de raparigas, foto-

grafias a cores e a preto e branco, uma profusão icónica que o deixou atónito. A riqueza desses tempos, pensou. E logo acrescentou na sua cabeça atordoada, como foi possível, um século depois, terem destruído esse mundo, essa riqueza, numa precipitação apocalíptica que só trouxe morte e desolação e penúria e isolamento? Que ocorreu entretanto para que a humanidade se tivesse desumanizado? O avanço da tecnologia, como se aprende na escola? A ausência de comunicação entre os povos? Tentativas hegemónicas por parte de algumas nações? Deixou-se de lucubrações intempestivas, tinha mais que fazer. Olhar, ver aqueles corpos, aqueles sorrisos cheios de entusiasmo, aquelas cores, aquelas actividades, aquela juventude expressa de mil maneiras, umas galhofeiras e outras mais compostas, sobretudo daqueles que deveriam ter alguma responsabilidade na direcção da universidade, nos ramos em que ela se constituía. Concentrou-se, depois, no índice. Passou um dedo escrupuloso pelas matérias, pelas secções. Em último lugar, Departamentos. Página quinhentos e quarenta e dois. Vai folheando a sucessão de departamentos. Finalmente, o de espanhol e português. Três fotografias. A primeira reservada aos docentes. Professores sentados, outros atrás, de pé. Dessa fila, o quinto, Silva Carvalho. John sente o coração acelerar-se, bater descompassadamente, seus olhos libertando uma humidade excitada e comovida. Ei-la, a fotografia do poeta, completamente desconhecida pela comunidade académica. A única imagem do primeiro intelectual que previu o desaparecimento da poesia. Não haja dúvidas, o professor Morteiro sabia o que dizia. Não admirava. Aquando da escrita do seu ensaio, mesmo se levada a cabo nos meados do século vinte e um, a biografia deste «escrevedor» devia ser conhecida, estar à disposição de quem quisesse. Nem seria preciso ir tão longe, ou tão perto, Morteiro é peremptório quando afirma que o dia descrito no livro *Ao Vivo* ocorre em Santa Bárbara e arredores. John, que tinha deixado o exemplar do livro *Mediocridade* no seu quarto, mas conhecendo-o quase de cor, pois há cinco anos que o trabalha e estuda com os seus alunos, lembra-se que o volume fora publicado pela primeira vez na Europa em dois mil e três do século vinte e um. Quinze anos passaram entre a escrita e a publicação do livro. Muita

coisa fica por explicar. Teria sido convidado, depois da estadia na universidade da Califórnia, para ir leccionar em New England, que o livro *Mediocridade* confirma em vários textos, pois em dois mil vivia em New Bedford, ao ponto de ter publicado, logo em dois mil e dois, um volume com esse título? New Bedford ficava em Massachusetts. Teria que consultar, com tempo, na sua universidade, quando regressasse, as universidades vizinhas dessa cidade. Quase gritou:

– Encontrei. Descobri.

– O livro?, ressoou a voz da senhora, aproximando-se.

– Não, não, mas uma fotografia onde ele se encontra, do departamento onde leccionava nessa altura. É este, aqui. Veja. Silva Carvalho. Preciso de uma máquina fotográfica, preciso de fotografar esta foto. Há alguma no centro?

– Há várias. Basta falar com Frank. Mas muitos de nós andam com máquinas fotográficas. Sabe, para testemunhar algo de insólito, algo que seja importante fixar em imagem. Este volume não me é estranho. Dê-me só um minuto. Vou à reserva. Só um minuto.

John dar-lhe-ia todos os minutos que ela exigisse. Sente uma alegria em todo o seu corpo, ter descoberto alguma coisa, a história fazia-se com documentos, mesmo se deixasse muitas vezes na perplexidade os exploradores do que passou. Exultava. Gozava já a surpresa de todos aqueles professores que se interessavam pelo assunto. A morte da poesia, e o seu profeta. Demorava, a senhora. Meteu-se por uma porta ao fundo, que estaria a fazer? Procuraria alguma coisa? Seriam todas as pessoas, sem no saber, descobridores, não de terras, sobretudo depois da Catástrofe, em que o globo se reduzira a bolsas e a faixas de um estranho rendilhado, mas de factos, de mundos, de universos? Viu-a com um volume nos braços. Sorria, os dentes ainda imaculados, para uma pessoa da sua idade. As rugas pareciam ter desaparecido.

– Eu sabia, eu sabia. Só há dois anuários com esse feitiço, um de mil novecentos e oitenta e sete, e outro de oitenta e oito. Aqui está outro exemplar, de oitenta e oito.

– Não pode ser, murmurou John. Não pode ser.

– Pode, pode. Veja.

– Não haja dúvidas. Há mais?

– Só mais um. Fale com Frank. Peça-lhe este volume.

John não ouviu o conselho, de tal maneira empolgado. Era verdade. Igualzinho ao que permanecia no tampo da mesa. Talvez um pouco mais poeirento. Talvez um pouco mais envelhecido. Mas igualzinho. Deu um abraço profundo à senhora que mantinha ainda o volume nas suas mãos. O objecto fez pressão sobre os seus corpos, como se desejando impedir uma efusão, uma comunicação. Ela passou-lhe o volume para as mãos. Ouviu, como se de muito longe, a voz dela dizer: está a ver, é preciso não desistir. Passe da sobrevivência à verdadeira vida. Não se fique por aqui. Tente a universidade de Fresno. Não se vá embora sem explorá-la.

No centro toda a gente soube da descoberta. Embora John estivesse atarefado na cozinha, preparando os afazeres do jantar, todos vieram ao balcão e todos bateram palmas. Era o amor. Era a amizade. Não palavras proferidas para exprimir sentimentos que eclodiam dessas mesmo palavras, se não fossem até criados ou inventados, numa inversão complexa, por elas, mas acções, bater de palmas e sorrisos. John sentiu aquela atmosfera como um bafo de felicidade, agradecia, sentindo que as lágrimas iam saltar-se dos seus olhos como fogachos líquidos. Um tumulto de sensações e de emoções atravessou-o de par em par, a gente era boa. Nada como a morte, sempre iminente, para mudar a humanidade. A morte era a mãe da beleza. Marilyn aproxima-se também, fica ao seu lado, uma mão no seu ombro, contente, sorrindo como se não tivesse medo de morrer. Ele vira-se, vê-a como se uma verdade pudesse não ter importância, como se o mal só pudesse subsistir em quem tem medo. Diz com uma voz firme, alta, tentando irromper na barulheira congratulante:

– Eu nunca teria encontrado o calhamaço sem a ajuda..., não sabe o nome da senhora que o encaminhou, não a vê naquela pequena multidão ínsita na metade quase perfeita de uma forma oval. Marilyn grita, em seu socorro: Mãe, mãe! Os reformados, então, virando a cabeça, em escansão, uníssonos, ritmados, abrem alas, começam a cantar, as palmas soando naquele recinto rectangular transportando em si ecos milenares: Esmeralda, Esmeralda, Esmeralda. Ela aparece, singela e um tudo nada comovida, os seus olhos azuis no seu rosto le-

vemente largo, com uma expressão, não de euforia, mas sem pretensões, como não tivesse feito mais do que a sua obrigação, como se tivesse cumprido apenas um dever, ajudar aquele homem que dormia com a sua filha. E que, talvez por isso, ela o considerava como filho. Trazia nos seus lábios uma emoção quase resignada, portadora do fardo da humanidade, da humanidade dos homens e da humanidade dela, incerta de que alguma vez esse seu semblante pudesse ser minimamente expresso em palavras de uma qualquer língua. Diante daquela mulher, John não conseguiu resistir. O som que se fazia ouvir, Esmeralda, Esmeralda, Esmeralda, mais as palmas ritmadas, impediram que os olhares daquela gente unida numa festa improvisada dessem conta do abalo que sacudiu todo o seu corpo. As lágrimas soltaram-se dos seus olhos e ele lembrou-se da sua mãe já desaparecida. Marilyn, a que sabia do seu fim próximo, irrevogável, segurou-o com firmeza, não conseguindo, contudo, retê-lo quando o braço de John se estendeu sobre o balcão da cozinha, procurando o rosto da sua mãe. Um afago expôs todos aqueles seres humanos num súbito silêncio, o segundo afago levantou novamente um tumulto de palmas. Ela, a sua mãe, achada e viva, estendeu-se um pouco, inclinou-se para o tocar ao de leve no seu rosto, um polegar limpando uma lágrima. O reconhecimento tinha-se estabelecido. Os sentidos, dele e dela, não souberam muito bem o que tinha acontecido, mas houve ali sentido e contacto. Marilyn não podia ficar insensível àquela cena. Pensou na sua filha, vivendo no centro onde ficava a escola, e da conversa que teria que ter com ela. Há coisas que têm de ser ditas. Ela, corajosa, di-las-ia.

Frank, ao fundo do enorme refeitório, ouvindo aquelas palmas e vendo todo aquele frenesi, ficou contente. Há muito que não via os residentes, esses homens e mulheres gozando de uma pensão merecida, renasceram para o futuro, já que o passado não regressaria mais. Quantos anos viveriam ainda, cada um deles? Interessava saber? Deixou para o dia seguinte, manhã cedo, os telefonemas que teria que fazer aos outros Directores dos centros mais próximos. O município, em unanimidade, teria que considerar a proposta de John. Poderia, esse livro que ia apodrecendo paulatinamente na reserva de

uma universidade desactivada, partir com o forasteiro para se alojar nas estantes de uma outra universidade, mas uma universidade viva, em funções, acolhendo jovens interessados em conhecer a fundo o que se passou antes da Catástrofe? Não seria preferível o manejo entusiasta desse objecto, desse livro, ao castigo de uma solidão infame e obscura? Frank tinha quase a certeza que obteria um sim, um sim unânime, de todos os responsáveis pela zona. Um passado, se for acolhido com respeito e carinho, poderá, de forma diferente, permanecer no presente, sempre contemporâneo de si mesmo.

O jantar foi mais demorado, nesse dia. John teve que passar por todas as mesas para cumprimentar um a um os seus amigos de algumas semanas, e em cada mesa teve que explicar que não tinha vindo por causa daquele livro, mas por um outro, escrito pelo senhor que aparece na fotografia, e que esse não fora encontrado. O calhamaço nas mãos, aberto na página onde figurava a fotografia, dava-lhes a conhecer o poeta que renunciara, de moto próprio, num gesto incompreendido no seu tempo, a ser poeta. Com umas palmadas nas costas, mais dos homens do que das mulheres, que essas beijavam-no com afabilidade, diziam-lhe, vai encontrá-lo, vai encontrá-lo, vai ver. John, divertido, sorria de toda aquela confiança. Sabia, de antemão, que esse livro nunca seria encontrado. Resultado final: saiu da cozinha muito mais tarde do que nos outros dias. Mas exaltado ao ponto de atingir uma ingente exaustão, e um pouco cansado, não com as tarefas, mas com os acontecimentos do dia. Nessa noite, no quarto, deitados, ele e Marilyn não se iludiram com expansões do corpo. A mão de um braço direito apertada à mão de um braço esquerdo, apanhando-os desprevenidos, adormeceu-os.

Levantei os olhos dos papéis que acabara de ler. Quis saber a sua opinião. Que acha? Não pude fazer de outra maneira, escrevi este pedaço de prosa. Sobretudo por causa da descrição do calhamaço, pois possuo um parecido lá no apartamento, e nada mais fiz que basear-me nele. Nem sei se valerá a pena perder-me, concentrar-me em todos estes detalhes. E depois, há tanto tempo que não nos víamos. Quero dizer, há uma semana. Tive tempo. Confesso, o facto de estar a contar o enredo do romance deixa-me um pouco agitado, fervilhan-

do de novas ideias. Há noites que mal durmo. Acho-a um pouco murcha. Diga lá, gostou ou não gostou? Seja franca comigo. Não há problema, eu sei aceitar uma crítica. Achou-o enfadonho? Demasiado piegas na parte final, aqueles choros, aqueles abraços, sei lá, toda aquela sentimentalidade. Diga lá. Disse ela: Você é um escritor. Não me engana. Pode nunca ter escrito um livro, um romance, um poema, mas você é um escritor. Vamos lá, mas só para lhe agradar, um escrevedor, como esse Silva Carvalho. Não lhe posso dizer se gostei ou não, infelizmente não estou nos meus dias. Se fiquei comovida, e penso que fiquei, não saberia dizer se foi por causa da leitura desse trecho, se foi por causa da minha vida.

– Tem problemas?

– Quem não os tem?

Se eu estava sentado na espreguiçadeira, desta vez ela preferiu uma cadeira de realizador. Ficara à minha frente. Vestia muito simplesmente. Nos pés uns ténis. Depois umas calças azuis de ganga, depois uma camisa branca, de mangas compridas. Depois, e pela primeira vez, um lenço ao pescoço. Esvoaçante, apesar do nó. Não me impediu, contudo, de reparar em qualquer coisa na pele branca do seu longo pescoço. Pareciam-me umas nódoas negras, finas, da largura de dedos, esvaecendo-se num tom que não sou capaz de precisar. Facto que não abona muito na ideia dela de que sou, tenho que ser, um escritor. A menos que a descrição de uma coisa ou de um objecto não lhe seja fundamental. Seriam o efeito de noites apaixonadas, do que vulgarmente se denomina de chupões? Mas por acaso já tinha observado, uma ou duas vezes, quando trazia camisas de mangas curtas, brancas ou de outra cor, ao fazer um gesto que lhe expunha os braços, manchas mais ou menos semelhantes definindo e retraíndo-se, ganhando novamente a cor da sua pele. Nunca dei importância a esses pormenores.

## Capítulo 32

Junho levou os agricultores da região a cortarem o feno, agora inclinado completamente sobre aquela terra barrenta, em fileiras rudemente cilíndricas que denunciavam a passagem do tractor que o decepara. Ração para o gado, era o que me diziam. Os dias tinham crescido até se fartarem da luz do sol. Mas era um prazer, já na escola, até às nove e tal da noite, sentir a luminosidade natural. Parecia que eu tinha passado do turno nocturno para o da tarde. De qualquer maneira as aulas estavam a acabar, faltando apenas uma semana para o seu fim. Era uma chatice. Porque a partir desse dia eu era obrigado a apresentar-me na escola, não todos os dias, mas quando a minha presença fosse necessária. Não só para fazer as vigi-lâncias durante os exames. Tinha ainda para corrigir as provas escritas de português e de francês. E depois vinham as provas orais. Toda esta azáfama ocorria ou de manhã, ou de tarde, consoante. Mas antes, justamente nessa semana final, passava o tempo a corrigir os últimos testes das várias turmas que leccionava. Tarefa hercúlea, sem exagero, para um preguiçoso nato como eu. E para quê? Nas reuniões de turma, consultando notas fictícias, para parecer que levava a sério a minha profissão, bons e maus alunos, meus, passavam. Aque-la gente só precisava de um diploma para poder arranjar um trabalho, ou melhorar, talvez, a sua posição na hierarquia da empresa, do serviço, sei lá. Ou somente para permanecer no seu local de trabalho. Isto é, à minha maneira colaborava com o estado no seu anseio de mostrar à Europa que o país se alfabetizava.

Três ou quatro dias depois do começo do mês, estava eu nos afazeres do costume, na quintinha, regando aquelas árvores sequiosas, agora com a mangueira acrescida, quando sinto, com uma quase alegria no peito, que o jipe descia o caminho pedregoso, entrando no portão. Mas não vejo a sua condutora descer do veículo. E no entanto estava um calor de rachar. Quase sufocante. Seriam umas três horas da tarde, não mais. Deixo a mangueira junto às canas que abrigavam as árvores do vento. A água correndo, cristalina. As canas respondiam melhor ao meu tratamento que as próprias árvores. Mas

diziam-me que ainda era cedo para colher frutos. Eram muito jovens, precisavam, à vontade, de uns três anos para crescerem, ou mesmo mais. Aproximo-me, levemente transpirando, só pelo facto de estar ao sol, do jipe. Finalmente vejo-a sair, não se dando ao trabalho de fechar a porta, toda vergada. Vergada como quando se recebe um murro na barriga e o corpo se contrai. Chego-me a ela, amparo-a.

– Que aconteceu? Quer que a leve ao hospital?

Fez que não com a cabeça, aturdida. O seu rosto denunciava muito mais do que uma dor, parecia-me a mim a expressão do sofrimento. Irreconhecível. Uma mulher transtornada, com mais de cinquenta anos, os cabelos desgrehados. O que me fazia impressão era o seu corpo, como se fosse explodir, ou desmembrar-se em dois pedaços, cortado pela cintura. Uma velhinha, pensei. Cambaleava, não se tinha em pé, que teria acontecido? Repeti: Quer que a leve a um centro de saúde? O que tem? Sente-se mal? Ouço-a dizer-me, a voz embargada, só preciso de descansar. Posso deitar-me numa cama, na sua cama? Claro, claro. Entro com ela em casa, a temperatura muito mais agradável do que a que fazia lá fora, e ajudo-a a deitar-se na cama. Precisa de alguma coisa?, insisto. Só descansar. Estou bem, estou bem. Retiro-lhe os ténis. Obrigada, obrigada, repetia, mas o som da sua voz amortalhado pela saliva que lhe entorpecia a língua fez-me uma impressão intangível, como se a morte fosse evidente, estivesse iminente, fosse culminar no instante seguinte. Quer uma aspirina? Precisa de um lençol? Pergunta estúpida, pois a temperatura da casa, não se comparando com a que pairava lá fora, era, mesmo assim, considerável. Fez que não, com a cabeça e com uma das suas mãos. Deixei-a na posição fetal em que se encolheu.

Saí de casa, a correr, lembrando-me que deixara a torneira aberta, e aproximei-me do círculo de canas onde me encontrava antes da sua chegada. A água tinha jorrado todo aquele tempo, isto é, uns cinco minutos, não mais, mas o solo, de tão solidificado, empedernido, absorvera todo o líquido. Entrei dentro do círculo de canas, como sempre fazia, esgueirando-me entre elas, abrindo com as mãos um espaço para o meu corpo, sem as partir ou danificar. Não podia deixar uma aber-

tura em cada um dos quatro círculos. Teria sido uma perda de tempo construir aquela barreira, aquela aborígene fortificação. Cabras e cabrões, estou a falar dos pastores, teriam facilmente acesso ao que pretendi cerrar. Essas árvores que me deliciavam só de as ver. Sôfregas de água, tentando enraizar-se o melhor que podiam. O facto de estar ocupado na rega não me impediu de pensar: a tipa droga-se. Só pode ser. Veio completamente pedrada. Só pode ser. Está num estado lastimável. O perigo que correu, a conduzir neste estado. Pedrada, feita em dois. Coitada. Desenvolvi certamente outras considerações, outras congeminções talvez mais elaboradas, mas não me lembro do seu teor. Regava. Reguei as árvores ínsitas nas outras circunferências. Reguei as mulatas, mas só até onde dava a mangueira. As outras, as que iam até ao fim do terreno, definhavam. Mas já não tinha forças para andar de cima para baixo, como um escravo egípcio, levando em garrações de plástico o líquido precioso. Talvez aguentassem até ao próximo inverno. Reguei, depois, o meu roseiral.

Uma hora e tal tinha passado. Na espreguiçadeira que ficara à sombra tinha deixado o livro que andava a ler. De Sarah Kofman, *Comment s'en sortir?*, obra admirável e talvez até capaz de me ajudar a escrever sobre a tal linguagem porética, que eu próprio não sabia o que era. Se tivesse pachorra para o fazer. Ou se visse que era necessário. Sentei-me, descansando, absorvido na sua leitura. Aporia, aporias. Analogias. Genealogias: Métis, Poros, Eros. Passagens da astúcia para o amor. Teria que inventar para o livro *Mediocridade* um texto que falasse minimamente da linguagem porética. Não podia decepcionar os leitores. Tentei escrevê-lo de cabeça, já que não tinha à mão um lápis e um papel. Do género:

A linguagem porética é um discurso  
entre, entre a poesia e a filosofia,  
capaz por isso de fazer interpenetrar  
a abstracção do pensamento tateante  
no tecido afectivo da expressão lírica.  
É um espaço onde a temporalidade  
ganha o seu momento histórico,  
não porque reflecta a ideia de mundo

ou de tempo concebida pela política,  
mas porque inventa um outro mundo  
capaz de fazer sugerir a presença  
do mundo em que todos vivemos.

E que título? Não fazia a mínima ideia. E que data? E que mais? Ficar por aqui? Continuar quando chegasse ao apartamento? De qualquer maneira eu estava consciente, falho de memória como era, de que não me lembraria do que me veio à cabeça para poder reproduzi-lo no papel ou reatá-lo. O que foi, foi, passou, não voltará mais. Logo, não valia a pena preocupar-me com o inevitável. O livro no regaço, considerei o azul do céu imaculado, nem uma nuvem, nem nada. Nem sequer o rasto branco de um avião. Uma mulher na minha cama, dormindo, esfrangalhada, sabe-se lá porquê. Tentei, esforçado, ler mais algumas páginas, o assunto era interessante, mas não consegui. Tinha, em certo sentido, muito que ver com o que eu idealizara quando inventei essa palavra, porética, sem lhe ter atribuído um conceito. Também não precisava, pois a minha intenção foi, desde que imaginara esse livro, não mencionar nada sobre o que seria uma linguagem porética. Recordado de Pirro e da sua aporética, resolvi muito simplesmente rasurar a letra inicial dessa palavra tão céptica.

Estava muito calor, mesmo à sombra. Entrei em casa, procurando não fazer barulho. Fui ao quarto e deparo com uma cena que me introduziu no reino da perplexidade. Ela tinha tirado as calças, que deviam, certamente, apertar-lhe, mas continuava, mais ou menos, na mesma posição, embora mais relaxada, como se o corpo tivesse dado de si. Vejo-a de costas, à entrada do quarto, e não sei porquê, talvez pela conjugação da luz da tarde com as formas do seu corpo, descubro que aquele vulto não é, não pode ser da pessoa que chegara há duas horas. Sem as calças, não lhe vendo o rosto, o seu corpo emergia e ressaltava e eclodia como num quadro de um pintor do renascimento. Aquela mulher tinha renascido. Do farrapo que entrara em casa fez-se uma metamorfose amíntica, uma presença de uma sensualidade que me deixou deveras estupefacto. Usava uma dessas cuecas que por um ou dois escassos centímetros não era um fio dental. Via-se perfeitamente, entre

as coxas, apesar do tecido muito fino e acetinado, branco, o contorno polpudo e estendido de uma vagem aberta, colinas labiais dando passagem a um desfiladeiro que me fez estremecer de volúpia. E de vergonha. E de um sentimento de culpa. Como poderia eu sentir-me excitado por uma mulher a dormir, descansando talvez de uma noite de insónia, maltratada como veio? Afastei-me do quarto e saí de casa. Mas aquela visão fervia no meu sangue como um fogo icástico, fiz por tirar dos meus olhos e do pensamento o que vira, debalde. A beleza do oculto foi para mim como uma revelação. As roseiras davam rosas, quais delas as mais bonitas. E de repente, involuntariamente, lembrei-me de que lera algures ou ouvira alguém dizer, sem dúvida um erudito em símbolos, que a rosa representava o sexo feminino. Confesso, não via nenhuma semelhança entre uma rosa, mesmo se aberta, como algumas estavam, de um vermelho acetinado, com o sexo de uma mulher. As rosas não têm lábios. Verdade que se abrem, mas há tanta coisa que se abre por esse mundo afora. Eu não lobrigara no traseiro dessa mulher nenhuma deiscência, mas os rebordos talvez penugentos de uma dobra tectónica, um fruto de tal maneira exótico que ainda não fora descoberto pelos cientistas. A fome que me deu de comer esse fruto. Todo eu propendia, maravilhado, para aquele quarto, para aquele quadro, para aquele corpo. O pensamento não se dissipava, o desejo aflorava no meu corpo, uma atracção irresistível levou-me para dentro de casa, e dentro de casa, na sua sombra enganadora, aproximei-me da porta do quarto. Contornei a cama. Dormia, e o seu rosto nada tinha da miséria que testemunhei. Havia ali uma quase serenidade, a respiração fluida, as pálpebras trivialmente oclusas. Dormia. Contornei novamente a cama, em direcção oposta, e diante daquela imaginação envaginada não pude impedir-me de tirar o meu pénis das calças. Há mais de dois anos que não sabia o que era uma mulher. Sem temer que ela se voltasse, ou acordasse, amarrei-me a ele com a mão direita como quem, pendurado numa barra metálica de um qualquer exercício acrobático, não quer cair no abismo do desconhecido. Enquanto o friccionava, sempre olhando para aquela junção das coxas aos glúteos, tentando adivinhar o que não me era mistério, coloquei a outra mão,

em forma de concha, em frente do meu sexo. Masturbava-me. Se quisesse ser mais erudito, trazer a origem à degradação que os séculos lhe impuseram, diria: manusturbava-me. Mão agitada a minha, na humidade caligante em que se empenhava. Não demorei mais do que três ou quatro minutos, se tanto, tanta era a excitação, nesse delírio. Ejaculado, levei o sémen recolhido na mão esquerda e deixei-o desaparecer nas águas frias da torneira do lavatório. Limpei as mãos à toalha depois de as passar pelo sabonete. Nenhuma impressão digital ficou desse acto. Ninguém me poderia acusar de nada, se realmente houve um crime.

Eram quase cinco e meia, e ela, nada. Esperei, pacientemente, sentado na espreguiçadeira, sobre o passeio, enfrentando a luz do sol. Uma maravilha. Ei-lo. Descendo no horizonte como se tivesse reparado em mim. Enviando-me paisagens enternecidas, iluminando a taça de mar lá ao fundo. Mas comecei a ficar preocupado. Os minutos passavam, tinha que estar na escola às seis e meia. As aulas começavam às sete. Fui dentro de casa, ao quarto de banho, despi as calças encardidas que serviam plenamente para as lides no terreno, e vesti aquelas que levaria para o emprego. Mudei também de camisa. A jaqueta Levi's, pendurada no bengaleiro, ser-me-ia útil quando regressasse ao apartamento. Deitei uma olhada para o interior do quarto. A posição fetal tinha sucumbido à sua idade adulta. Dormia. Não tive coragem de a acordar. Fui à sala de estar, de comer, a mesma coisa, peguei num lápis e escrevi num papel avulso um textozinho informando-a da minha partida, pedindo-lhe para não se preocupar com a minha ausência, pois tinha ido trabalhar, e que só lhe pedia para fechar pelos trincos a porta de casa e o portão. Que não se afliesse. Os ladrões não viriam nessa noite. Sorri para mim mesmo ao mencionar os famigerados ladrões das redondezas. Rabisquei uma assinatura que nem correspondia à minha. Coloquei o papel na mesinha de cabeceira. Pensei duas vezes. E se ela não dava com o recado? Optei por deixar o aviso sobre a fina colcha da cama, quase junto a uma das suas mãos. Fui à sala, levantei do soalho a pasta com livros e cadernos e outras bugigangas, saí para o passeio, deixei a porta entreaberta, quase fechada. Meti-me no automóvel. E fui-me.

## Capítulo 33

Ouçó uma voz chamando-me, estou mesmo no fim do terreno, caso raro nos últimos tempos. Faz bem sabermos os nossos limites, e eu quase que me tinha transformado naquele pedaço de terra. Vim também para constatar a extensão do desastre. As mulatas estavam a comportar-se mal. Só com um grande desejo de sobrevivência atingiriam Setembro, quando as primeiras águas da chuva tocassem o chão. Viro-me e vejo-a, faz-me sinal com qualquer coisa que estende o seu braço. Subo, muito lentamente, aquele pequeno declive, sentindo agora que a nortada quase não se faz reconhecer. Se o mês anterior atingiu temperaturas de vinte e oito, trinta graus, agora os vinte e três ou quatro graus sabiam-me bem. Era levado pelo vento, as ervas atingiram o seu ponto mais alto, enormes. Uma semana tinha passado depois do que nem se poderá chamar de último convívio. Passo pelos círculos, evito o começo da vala, chego ao passeio onde ela se encontra. Sorri como se nada tivesse passado. Ela admoesta-me, num tom jocoso, irónico:

– Quer dizer, eu não posso andar pelo meio da erva, você pode. Acha isso justo?

– Eu sei que há carroças, e quando chego cá acima, ao passeio, faço sempre uma inspecção da roupa. Tiro a camisa, sacudo-a, e passo os olhos pelas calças. Hoje, com este vento, está mesmo bom para elas voarem sobre nós. Vê alguma coisa? Pela altura do colarinho?

Sinto a sua mão a passar-me pelas costas, um abanador inútil, um dedo suave a deslizar pelo meu pescoço, enquanto eu levanto as calças para examinar as meias. Nada. Entro em casa e trago duas cadeiras de lona, dirigindo-me para o lado da casa onde o vento não poderá deturpar a nossa conversa. Reparo então na revista que trouxe. Consigo ler, enquanto nos sentamos, o nome da revista: *La Nouvelle Architecture Française*. Diz: já que não posso construir uma casa por estas bandas, contento-me com as casas que fazem para os outros. É uma revista francesa. Como se eu não soubesse. Estendeu-me e ficou espçada a mirar-me, num silêncio propício a uma intimidade. Abri a revista e fui vendo as fotografias de fachadas

e ângulos de casas modernas, algumas contendo partes dos seus interiores, merecendo por isso duas páginas. Sobre elas, num pequeno rectângulo, a fotografia do arquitecto, o seu nome, dois ou três dados sobre a localização dos edifícios. Mais ou menos a meio da revista, dou, de caras, não com a casa, mas com a fotografia da minha primeira mulher. Envelhecida, tal como eu, passados os vinte anos. Talvez um pouco mais cheia, mas a fotografia de tipo passe poderia falsear o seu corpo. Sorria. Lá vinha o nome dela, e o local onde se levantava a casa. Na Bretanha. Demorei naquela página, atravessado de memórias, o tempo suficiente para que a minha amiga me perguntasse, gosta dessa casa? Não é feia, pois não? Está a tornar-se um grande nome da arquitectura francesa, essa arquitecta. GANHOU já um ou dois prémios. Gosta? Não está mal, retorqui. E ao pronunciar esta frase tão corriqueira, tão comum, como um golpe, em qualquer parte de mim que não tem partes, senti a dor pungente dessa palavra: mal. Então, não vê as outras páginas? Folhee-as, distraído, cumprindo quase uma obrigação. Uma revista bonita, foi a apreciação que fiz ao devolvê-la.

– Está triste, hoje, eu sei, por culpa minha. Nem tive coragem de lhe pedir desculpa pelo que aconteceu no outro dia. Sinto-me tão envergonhada. Se soubesse, tão envergonhada. Mas estava tão mal que pensei que só aqui poderia ganhar alguma paz de espírito. Aborreci-o por lhe trazer o mundo para este cantinho da terra?

Num sobressalto passei da memória para a realidade do momento: Aqui também é mundo. Não tenha ilusões, o mundo está tão presente aqui como no meio da multidão. Não lhe disse, por dispensável, aqui também havia o mal. Quer ouvir o resto do romance? Vi um sim pelo abanar da sua cabeça. Estava bonita. Talvez fosse bonita. Pensando bem, e não era a primeira vez que eu pensava nisso, eu sempre tivera o condão de atrair, se posso usar esse verbo, mulheres razoavelmente bonitas. E mais uma vez, a conclusão era a mesma: não compreendia. Talvez o belo deseje o feio, para equilibrar dessa maneira as leis arbitrárias do universo. O meu complexo de Otelo não se desmoronava. Escusado será dizer, esse complexo não consta dos livros. Comecei:

Frank telefonou para a universidade de Fresno. Ficou a saber que o senhor encarregue da biblioteca estava ausente, mas que regressaria dentro de uma semana. Nessa altura, estavam certos, ele teria muito gosto em recebê-los, a John e a Marilyn. Seria mesmo um favor, pois com as férias não havia quase ninguém no perímetro das instalações universitárias, e o bibliotecário, sem uma qualquer ocupação, sofreria uma solidão infesta. Infesta, por que raio empreguei eu este adjetivo? Perniciosa, mas mesmo perniciosa não encaixa neste contexto. Deixarei só solidão. Ficou pois acordado. Frank não se importava nada que Marilyn fosse com John, a falta que fariam, como penso que já disse a propósito das relações do trabalho, não se notaria. Marilyn não disse nada a ninguém sobre o sinal que lhe apareceu atrás da orelha. Só John estava ao corrente do facto. E enquanto o seu corpo aguentasse, ou fizesse de conta que estava saudável, ela continuaria o espelho da boa saúde. Uma vez aparecidos os sintomas, não precisaria de dizer nada, porque toda aquela gente ficaria a saber. Nada como os factos para dilucidarem segredos ou silêncios. As horas vagas eram pois passadas na praia. John habitua-se ao frio salgado do pacífico, e de vez em quando também dará o seu mergulho. Sexualmente, as suas vidas não sofreram nenhuma contrariedade ou escrúpulos físicos ou mentais. Aqueles que vão morrer nem sempre saúdam a morte. Mas Marilyn sabia muito bem que tinha que dizer à filha o que se passava. Uma tarde, usando um automóvel dos que costumavam permanecer junto ao centro, quase sempre estagnados nas suas possibilidades locomotivas, dirigiram-se para uma região, não muito longe de ali, em Montecito. Como vê, aproveito a minha estadia em Santa Bárbara para utilizar estes locais. Só que actualmente a gente que lá vive é de milionários para cima. Só há mansões. Está a seguir-me? Agora parece que é você que está deprimida, triste. Está a pensar numa outra coisa? Podemos deixar isto para outro dia. O mundo não vai acabar amanhã. Ou, como se diz em inglês, “Tomorrow is another day”. Continue, por favor, nem calcula o bem que me faz ouvi-lo. E eu estou a ouvi-lo, não tenha dúvidas. Continuei. Chegados à escola, cercada de dormitórios, cercados de árvores gigantescas de várias espécies, mas todas elas umbro-

sas, Marilyn entrou num desses edifícios cor de ocre e minutos depois trazia consigo a sua filha, uma moça talvez de uns quinze anos, mulata, mas já muito a tender para o moreno, aquela pele bonita das moças brasileiras. Apresentou John a Esperanza. Dão um abraço um pouco tímido, e desta vez da parte dos dois. O feitio da filha de Marilyn é muito diferente do da mãe. Não é tão extrovertida, é mais senhora do seu nariz. Mas simpática, embora sem grandes sorrisos. Eu não sei ainda, para dizer a verdade, se vou perder tempo com esta visita, mas enfim, para já é o que tenho a dizer. Não poderia haver nome mais encantador e positivo, diz John. A minha avó, de origem latina, com certeza até a conhece, lá do centro, quase obrigou, ou forçou mesmo, minha mãe a pespegar-me este nome. Mas faz sentido, dir-lhe-á John: Esmeralda, Esperanza. Muito bem. Vão até junto de uma dessas mesas em que os bancos se fixam e sentam-se. Então, perguntará Marilyn, como vão as coisas por aqui, desde a última vez? Muito estudado. Continuas com o Bill? Bill é o namorado da filha. Também amulatado. Não é que haja racismo na pós-Catástrofe, mas há acasos, como já disse, penso eu. Aliás, em relação à população do centro, esqueci-me de mencionar esse facto, convive gente de várias raças, ou etnias, ou seja lá o que for. Já agora, em toda a parte que ficou do continente americano acontece o mesmo. Esperanza vai dizer que sim, que ela e o namorado, Bill, se dão bem. Pergunta pela avó. Neste ponto, preciso de clarificar uma coisa. Quando disse que a filiação era materna, isso não quer dizer que as mães, adolescentes ou mais maduras, e estou a falar nos tais vinte e cinco anos, não soubessem, quase sempre, quem eram os pais das crianças que nasciam. A menos que a rapariga fosse verdadeiramente promíscua, casos que existiam, mas raros. Logo, bastava fazer as contas para se saber quem era ou seria o pai da criança. Esperanza, por exemplo, conheceu o pai, mesmo depois da sua mãe se ter separado dele. E sabe que vive e está algures numa cidade do interior. Os correios existem, como hoje.

– Peço-lhe desculpa, preciso de ir lá dentro, ao quarto de banho. Volto já.

– Depois vou eu, sorriu ela. Também preciso.

Fiz um chichi amelado e voltei. Foi a vez de ela se levan-

tar e contornar a casa. Deixou a revista sobre a lona da sua cadeira. Não resisti e procurei novamente a fotografia da mulher que amei até não saber onde eu começava e acabava. Era ela. Como estaria a sua mãe, o seu pai, o seu filho? Nem uma branca no seu cabelo. Depois, reflecti, e chamei-me estúpido, pois poderia muito bem pintar o cabelo. Aos quarenta e cinco anos? Talvez sim, talvez não. A sua mãe, com a idade dela, tinha um cabelo magnífico, de diva. De diva? Fiquei de todo aparvalhado com a fotografia. Coloquei a revista sobre a lona, a tempo, pois ela chegava depois de ter feito as suas necessidades. As suas necessidades? Que língua estranha, a portuguesa. Vamos a isso?, perguntei. Sou toda ouvidos. Bem, estão sentados, trocam impressões, e o leitor vai ficar a saber que Esperanza, ou por vocação, ou porque Bill pensa fazer estudos universitários, ambos pensam ir viver para Fresno, a universidade mais próxima oferecendo cursos de agropecuária e piscicultura para ela, e de engenharia mecânica ou outras para o seu namorado. Depois regressamos. Ou não, acrescenta Marilyn. Ou não, ecoa Esperanza. Bill aparece, aproxima-se deles com um sorriso enorme nos lábios, os passos também enormes mas lentos, como se medindo uma distância. John levanta-se para cumprimentá-lo. Bill tem à-vontade mais vinte centímetros de altura do que John. Senta-se com uma certa dificuldade, pois os seus pés não se coadunam àqueles acentos de madeira inamovíveis. E filhos?, perguntou Marilyn. Não sei se os teremos, foi a resposta de Esperanza. Desconfiamos que ou eu ou o Bill somos estéreis. E depois... Lembra-te da Elaine, a miúda minha amiga? Teve uma filha, tiveram que a eliminar. Vinha cheia de deformações. Sim, esclareço eu, porque aquela sociedade em certo sentido espartana, não se podia dar ao luxo de deixar crescer crianças com deformações. Não era isenta de crueldade essa utopia de que falo, pelo contrário, em muitos casos parecer-nos-ia inóspita. Aliás, e já agora, o mesmo acontecia com o comportamento das pessoas. A liberdade era total, mas não havia uma segunda chance para quem cometesse um qualquer crime, a partir de uma certa idade. Também não se podiam dar ao luxo de manter gente em prisões. Não havia prisões. Apenas penas de morte. Havia liberdade, e responsabilidade. Tudo o mais, para

lá da vida precária, era terra e mundo. Enquanto Bill falava com John sobre os seus projectos futuros, mãe e filha levantaram-se e afastaram-se o suficiente para que a conversa que mantinham não fosse ouvida. John percebia muito longinquamente as palavras de Bill, mas seus olhos seguiam aquelas duas mulheres, adivinhando o conteúdo daquela conversa. Lobrigou entre uma lágrima que se amofinava nos seus olhos e a vontade de passar uma mão pelas pálpebras, o abraço que elas se davam, o choro de Esperanza logo coarctado pelas mãos inolvidáveis da mãe. Bill vai-lhe ainda dizer, tem qualquer coisa no olho, talvez um cisco, responderá John. Elas regressam, de mãos dadas, qual delas a mais serena. Sabes que daqui a uns dias a minha mãe e o John vão a Fresno, justamente à universidade? Não é uma coincidência? Nós a pensarmos ir estudar para lá, e eles a ultrapassarem-nos na ida. John anda em busca de um livro. É professor, numa cidade do «midwest». Professor de quê, perguntará Bill, cheio de curiosidade. De coisas sem importância, de línguas e literaturas passadas. Deve ser um ramo fascinante, exclamou Bill, o futuro engenheiro mecânico ou civil, por gentileza. Temos que ir indo, o jantar aproxima-se e a cozinha espera-nos. E retornam ao centro. É Marilyn que conduz, descendo o monte arborizado, perdido na ilusão milenária que durará enquanto durar o planeta terra. Disse-lhe, confirma ela, e nem sequer tira os olhos da estrada. Eu sei.

A partir daqui será a ida a Fresno. Fica para outro dia. Sabendo que as cinco é a hora em que ela geralmente se despede, levanto-me. Ela permanece sentada, sonhadora, como se não tivesse dado conta de que me levantara. O sol está ainda bem no alto, os dias são enormes e o solstício de verão aproxima-se, dia a dia, inevitável e ligeiramente variável, como uma repetição que se desprende do repetido para aceitar a contingência. Vou até ao roseiral. Sinto os seus passos atrás dos meus, decalcando os meus passos a dois ou três metros de mim. Que beleza, profere. Um homem que gosta de rosas. Está a chamar-me maricas? Ela sorriu. Não sei se para mim, se para as rosas. Inclina-se para cheirar uma das rosas exposta ao gozo da lassidão que surge sempre depois de se gozar uma hora de exaltação dos sentidos. As cores. Os tons. Os acetina-

dos. As suas cuecas. O seu desfiladeiro entre duas colinas bochechudas, tão próximo da imanência. Não era só o romance que se expandia irriguo na minha cabeça. Não direi o que era.

## Capítulo 34

– Que se passa consigo, que agora é tão difícil de o ver? O que anda a fazer por esse mundo? Vim duas ou três vezes, e ninguém. Esteve doente?

– Não, nada disso, as minhas aulas acabaram, e lá se foi o horário nocturno. Agora tenho trabalho ou de manhã ou às tardes. Não lhe tinha já dito isso? Depois do dia doze de Junho é assim. Lá se foi, e lá se vai a minha liberdade, a minha disponibilidade. É um desassossego. Até pode ser que tenhamos vindo no mesmo dia, mas chego sempre depois das cinco, depois de alguma vigilância, ou de outra coisa qualquer. E aproveito para dar um salto até aqui, para regar as árvores, que é a minha sina. E vim, pelo menos uma vez, de manhã. Prefiro mesmo assim os fins do dia. Com o sol a pôr-se são verdadeiramente magníficos. A mudança da hora que o actual governo promulgou, se ajuda a economia, só veio trazer problemas ao início da noite, ao seu atraso. Tenho tido também provas de exame para corrigir. Fastidiosas. Devo ter engordado um quilo só com as bolachas que me ponho a comer, de tão nervoso que fico ao tentar dar o máximo de pontuação aos alunos, para não ter problemas com revisões de provas. E é assim. C'est la vie!

Começo a sentir qualquer coisa por esta mulher. A língua inglesa é mais explícita: “I have feelings for her”, seria a tentativa de dizer. Mas este “feelings” será traduzível? Começo a achar natural a presença desta mulher na minha vida, como se fosse uma dado adquirido. O que lhe irá na cabeça? O romance que desfibro, tecendo peripécias e observações mais ou menos didácticas, às vezes especiosas, às vezes inúteis, será assim tão fascinante? Aceito o real como ele é. Mas, para ser honesto, nem sempre a realidade, de que sou responsável. Uma outra história, talvez mais filosófica, ou especulativa, a da diferença que fazia entre real e realidade. Era bom tê-la ali. Todas as vezes que ela aparecia eu sentia-me em casa. Uma mulher, sozinha, comigo. No meio daquele silêncio, ninguém à vista, nem os camponeses que se dedicavam às suas árduas tarefas. Mas estava embaraçado. Tinha tirado a camisa, só por meia hora, para evitar uma insolação inoportuna, e agora, di-

ante dela, com as mamocas à mostra, a barriga já protuberante, senti vergonha da minha fealdade. Transpirava, ainda por cima. No seu semblante não lhe vi nem escárnio nem desgosto. Talvez, também, um pouco de embaraço, pois começara a debitar uma história que não sou capaz, depois de tanto tempo, de reproduzir. Nem sei se a ouvia. Palavras que nos saem da boca onde a língua deixa de ser um meio de comunicação para se transformar numa parte do corpo, uma coisa física. Vesti a camisa que adormecia seraficamente sobre a espreguiçadeira, ela sempre falando, eu sempre sorrindo, muito interessado com o que ela contava. Estava a ser sincero? Se fosse importante a lengalenga desenvolva que desenvolvia, ela teria ficado, penso eu, que não tenho certezas, na minha memória, e indelevelmente. Não ficou. Lamento.

– Está muito calor para ficarmos cá fora, vamos para dentro? Quer um sumo?, foi a sugestão.

Que sim. Sentou-se num sofá para duas pessoas, novo, ou quase, observando-me. Dirigi-me ao frigorífico, observando-a também eu, mas através dos ouvidos, poder que nem todos possuem. Ofereci-lhe num copo limpo um sumo de laranja. A Primeira Sinfonia de Mahler percorria o seu terceiro andamento, que os especialistas consideravam uma marcha fúnebre. Nunca a ouvi como se estivesse a contemplar ou a considerar a morte, minha ou de outra pessoa qualquer.

– Mas é o «Frère Jacques», exclamou.

– Para Mahler seria mais o «Bruder Jakob» – tive que me armar em alemão, eu que nem sei falar essa língua. É tudo a mesma coisa, deixe lá. Jacques ou Jakob, que diferença? Devo dizer, é o meu andamento preferido desta sinfonia. Ouvi-a centenas de vezes. A minha natureza compulsiva, declarei à maneira de uma provocação. Não a ela, mas a mim mesmo. Quer continuar a ouvi-la? Ou temos romance à vista?

– Vamos ouvir esta parte até ao fim, está bem?

Recebeu de mim um nuto. E ficámos assim, um ao lado do outro, gozando a temperatura sóbria da casa, bebericando em golpes espaçados o líquido alaranjado, ouvindo essa música, que nada me dizia, mas tudo me fazia sentir. Uma ou duas moscas volteavam adejantes, daqui para ali, não sabendo o que fazer da audição. Uma atreveu-se a aterrar na minha coxa

direita. Desgraçada, não sabia o que fazia. Um erro pode ser fatal. Foi-lhe fatal, ao sentir a palmada que a matou. Sem dúvida, senhores melómanos, uma marcha fúnebre. Compreendi então o acertado das suas opiniões, o conhecimento profundo e erudito dos críticos. Ela assustou-se e agarrou o meu braço com uma mão e uns dedos que fariam inveja às garras do milhafre que me acompanhava, lá do alto do céu, nas horas das meditações inúteis. Mas sensibilidades não se discutem. O meu gesto foi intempestivo, tenho que concordar. Às vezes era imprevisível. Às vezes, mesmo violento. Eu, que tinha horror a qualquer tipo de violência. Uma ferida no seio da humanidade, um grito da carne dos que não sabem o que fazem, a expressão de um conflito.

– Meteu-me medo.

Olhei-a e pareceu-me, mais uma vez, estar diante de uma criança apavorada. Fiquei consternado. As moscas, esses seres tão precários, não têm direito à vida? Não soube responder. Palavras como direito, em asserções tais como, por exemplo, direitos humanos, nunca as compreendi. Há tantas palavras que não compreendo, por mais que as use e abuse da sua existência. Mas se existem, por algum motivo foi, alguma necessidade as colocou no caldeirão das línguas.

– Desculpe.

Deixei, com o gesto perpetrado, de ouvir a música? Ela fluía, com as suas aparentes repetições, para a estratégia de um fim. Esperei por esse fim sem pressa, enleado e embrulhado naquelas sonoridades que, até certo ponto, me subsumiam. Eu ouvia nessa música um fora de mim tão íntimo que me convencia, por vezes, de que vim ao mundo só para ter a oportunidade de ouvi-la. Tudo o mais era cansaço e falta de sentido. Fazia sentido, dois desconhecidos, um homem e uma mulher, sentados lado a lado, sozinhos, ouvindo música? Eu sabia de onde tinha vindo e para onde ia, sabê-lo-ia ela? Tinha quase a certeza que sim. Somos todos iguais. Quanto mais fundo se mergulha no nada das pessoas, mais elas perdem as diferenças, mais elas se identificam. O nada não se reflecte em nada. Mahler, da música clássica, era o meu compositor favorito. Mas o terceiro andamento passava, compungido, indiferente, talvez imbuído de alguma lógica, ou talvez

não, ao andamento final. Levantei-me, depositei o copo vazio sobre a mesa coberta de uma toalha asseada, olhei para ela, disse: Vamos?

— Vamos.

Ouvia a minha voz contando aquela história impossível sobre acontecimentos impossíveis, falso profeta do mundo em que vivia e vivo. Pois bem, chegou o momento, passada a semana, de eles irem a Fresno. Não foram de carro. Aproveitaram a boleia do camião frigorífico, que levava a Fresno pescado e trazia de lá carne de vaca. Esqueci-me de dizer que, embora a maior parte da sua alimentação, quero dizer, daqueles centros junto à costa, consistisse em peixe, uma ou duas vezes por semana, comiam carne. Não só da que vinha de Fresno, mas também proveniente da caça. Temos que nos lembrar que, depois da Catástrofe, dada a escassez de humanos, concentrados em pequenas cidades, várias espécies animais começaram a proliferar, e uma delas foi a dos cervídeos, isto é, para ser mais preciso, veados e corças. Bastava irem ao Cachuma Lake, a uns vinte ou trinta quilómetros da Santa Bárbara, para trazerem dois ou três animais. Aliás, era fácil, por vezes, encontrá-los junto à parte mais afastada do campus universitário, de tal maneira o sítio ficara abandonado e a vegetação prosperara em todos os resquícios de terra. Os antigos parques de estacionamento, desaparecido o alcatrão com o tempo, pareciam pasto enquadrado em betão ou em estradas obsoletas. Um ou dois reformados, bons na pontaria, andavam sempre a espiar aqueles lugares silenciosos, na esperança de encontrarem caça. E, não raro, encontravam-na. Logo, vão os dois, John e Marilyn, ao lado do condutor, ele atento à estrada, eles admirando a paisagem, conversando, trocando impressões. O condutor mostrava-lhes, de vez em quando, restos de povoações que outrora havia ao longo da estrada. Vão até San Luis Obispo, ainda com alguns residentes, formando uma pequena comunidade, aproveitando a velha auto-estrada que desembocava outrora, isto é, nos séculos vinte e vinte e um, em San Francisco. Aí chegados guinam para a direita, para leste, percorrendo uma auto-estrada já construída depois da Catástrofe, quando as pessoas começaram novamente a organizarem-se em municípios ou, já agora, em condados. Uma

viagem de seis horas, o que dava para se adormecer no caminho. A vegetação abundava, uma aproveitada para a agrícola, para o cultivo de árvores de fruta, outra deixada para pasto. A Catástrofe tinha sido tão devastadora que mudara o próprio clima do que fora a Califórnia. Agora chovia muito mais, mas este muito, mesmo assim, é relativo. Diziam, os habitantes do planeta, que a terra tinha perdido o seu eixo. Se era uma constatação científica ou não, ignoravam. Chegaram a Fresno completamente exaustos. Despediram-se do condutor, tipo simpático, que fazia aquele trajecto, digamos, uma ou duas vezes por semana, e foram ao edifício de Recepção. A cidade tinha características completamente diferentes das de Santa Bárbara. Não havia centros, mas casas, umas ainda do tempo pré-Catástrofe, outras, para substituírem as que entraram em decadência, muito mais recentes. Foi uma das razões, aliás, para que Esperanza e o seu namorado, Bill, não foi o nome que eu lhe dei?, tivessem escolhido a universidade de Fresno. Esqueci-me, está a ver, de mencionar esse facto. Não só por ficar perto da cidade onde nasceu, e dos seus, avó e mãe, não só pelos cursos, mas também pela possibilidade de poderem ter uma casa individual. Ora bem, dizia eu que eles se dirigiram imediatamente à Recepção. O equivalente das nossas câmaras. São recebidos por uma senhora muito magrinha, usando óculos. Se havia um local para passarem a noite? Claro, respondeu ela. A cidade possuía um albergue para os forasteiros, infelizmente, dizia a senhora com um suspiro, raros, raríssimos. A porta está aberta, escolham o quarto que quisessem, o edifício, segundo o que constato, e pega num livro encadernado a preto, não tem hóspedes. Os estudantes, durante o ano, vivem nas suas vivendas, os residentes nas suas casas. Estão a ver, estejam à vontade. Deram-lhe os respectivos nomes, só para constar no livro de visitas. Perguntam-lhe onde fica o albergue, onde fica a universidade, ou mais propriamente, a sua biblioteca. A senhora informa-os. E onde comer? Vão à cantina. Muitos residentes não se dão ao trabalho de fazer almoços. Só têm que avisar com antecedência. Parece, sorriu ela, que hoje chegou peixe à cidade, e do fresquinho. John e Marilyn, olhando um para o outro, sorriram. Aqui está tudo organizado, não nos falta nada. O camião frigorífico

deve estar a chegar. Já chegou, disse Marilyn. Não me digam que vierem de Santa Bárbara? Viemos. Meu pai, mais dia menos dia, com a idade que tem, irá para lá. Foi a cidade onde nasceu. Vocês fazem parte do pessoal do centro dos reformados? Provisoriamente, foi a resposta espontânea que circunsonou em uníssonos na sala. É claro que John e Marilyn não estão a dizer a mesma coisa. Acha que o leitor se aperceberá desse facto, dessa nuança?

– Também não faça dos leitores uns atrasados mentais. Claro que sim.

Nessa noite, deitados numa cama de casal, dois dedos tocaram-se. Um dele, outro dela. Estavam estafadíssimos. Mas curiosos com o que o dia seguinte lhes poderia oferecer. Ninguém sabe, felizmente, o que o amanhã nos trará. Como vê, faço aqui uma pequena alusão, e, desculpe-me, não estou certo que todos a percebam, ao que dizem que foi a última frase escrita por Pessoa. Também sei prestar homenagens a quem as merece. E adormecem, tranquilamente. Não sei se aqui introduzirei o conteúdo dos sonhos de cada um. Verei depois. No dia seguinte, logo depois do pequeno almoço, um sol francamente quente, vão até à biblioteca onde encontram um senhor de cabelos branquíssimos, moreno, estatura média. Os óculos pendurados, brincando com o seu peito num balançar inconstante e assimétrico. Apresentam-se. Ele sabia que mais dia menos dia John chegaria. Fora avisado. Mas as notícias que tinha para dar não foram ou não eram muito entusiasman-tes, e ele estava desolado. Devido à vocação daquela universidade, engenharias e agro-pecuárias, livros de ou sobre literatura quase não existiam. Tinham, isso sim, um acervo bastante considerável de revistas do período que John mencionara, até em português, mas tratando de assuntos relacionados com a ciência, a arquitectura, o cinema, a arte, enfim, revistas pluridisciplinares. Querem ver o que há? Já agora, disse John, descorçoado. O bibliotecário foi a um dos muitos móveis metálicos que escondiam a parede em toda a sua extensão e retirou de uma das gavetas um arquivo. Colocou-o sobre o balcão. Deixem-me ver. Está aqui tudo o que esta biblioteca guarda de revistas em língua portuguesa, seja europeia, sul-americana, africana, e até mesmo americana. Do período em

questão. Colocou os óculos, escarrapachado, sobre o nariz e começou a debitar nomes de revistas numa espécie de ladainha profana. O dedo indicador descia lentamente aquela escadaria, a sua voz pronunciava com um som roufeno, mas não dissonante, títulos que nada diziam aos ouvidos atentos de John, e muito menos de Marilyn. Havia contudo um problema. Como Tony, o bibliotecário, não sabia nada de português, talvez que todas aquelas sonoridades viessem impregnadas de mal-entendidos, de distorções, de uma inevitável obscuridade. Posso ver?, pediu John. O arquivo, folhas que nem se moldavam à categoria de um livro, mas bem presas por um artesanato tipográfico, ficou diante dos seus olhos. O seu dedo, também indicador, afagou, sem deixar um traço visível naquelas folhas, esses títulos, testemunhos de uma outra época. Deparou com uma revista cujo nome, de uma só palavra, tinha a particularidade de não estar em maiúsculas. Dirigiu-se ao bibliotecário: Houve aqui um engano, sem dúvida. Este **nada** deveria estar, penso eu, em maiúsculas, pelo menos a letra inicial. Era e é ainda a convenção, como sabe. Não pode ser, respondeu-lhe com bonomia a experiência putativa daqueles cabelos brancos, aqui não há enganar. Fazemos um trabalho zeloso. De repente salta à memória viva de John algo relacionado com este **nada**. Onde está o meu caderninho? Apalpa o peito, nada no bolso da camisa. Vai aos bolsos das calças, nada. Marilyn coloca dois dedos incertos, mas astutos como pinças, num dos bolsos traseiros das calças de John, e como por magia estende-lhe o pequeno caderno ligeiramente abaulado. John precipita-se para aquelas referências que foi alinhavando desde que começou a leccionar na sua universidade. Vai imediatamente à letra ene, lê, no meio da página, **nada**, nº 9, número onde foi publicado, segundo o professor Morteiro, o texto O Livro Porético, de Silva Carvalho, referenciado no seu ensaio. Retorna à folha imaculada do arquivo. Quinze números. Dois mil e três a dois mil e dez, lê. E logo a seguir, entre parêntesis, a proveniência, Doação de Alma Brannan, ano dois mil e cinquenta, descendente de Marcia Newman, professora de português na universidade de Turlock no início do século XXI. Num relance amoroso virou-se para Marilyn, um pouco atónita, falando-lhe simplesmente com os

olhos. Depois, expectante, mais do que perguntando, instou o bibliotecário: Poderei consultar estes volumes? Os quinze?, quis confirmar o bibliotecário, contente pelo que estava a suceder, embora ignorasse o quê. Se for possível, se for possível. É só esperar. Vou às estantes. Às vezes estão no alto e tenho que usar o escadote. Pacientem. Foi a vez de Marilyn perguntar, então? Não acredito, não me acredito, repetia John num frenesi acusmático, será possível? Vim à procura de um livro, não o encontrei. Mas descubro, vamos a ver, vamos a ver, nada de festejos antecipados, o número da revista onde apareceu o ensaio do próprio Silva Carvalho, sobejamente citado pelo professor Morteiro. Não pode ser. Primeiro o anuário, com a fotografia, agora a revista. A tua mãe é uma vidente, uma vidente. Não é, assegura-lhe Marilyn, os olhos levemente aquosos. Que sabe ela do que me espera? Nada.

Interrompe-me. Não acha um pouco inverosímil tanta sorte? Acha que convencerá o leitor da sua veracidade? Não teme que possam achar a história do romance um pouco forçada? Não é uma crítica, é só um reparo. Mas eu não vou escrever um romance realista, esclareço com uma certa tenacidade. O romance, se o escrever, e não estou certo, não se pretende o espelho de um possível, de uma possibilidade. É uma fantasia, fruto da minha imaginação. Não me preocupa que faça ou não sentido, que seja inacreditável o que narrarei. Não me importa que o livro seja uma porcaria. Só espero que dê a verdade. Fiquei perplexo com o que acabava de proferir. Não acreditei que pudesse ter dito tal enormidade, completamente alheia às minhas convicções mais profundas. Não, não era eu quem discorria daquela maneira tão acesa, era uma outra pessoa, uma figura imperceptível de um outro que eu desconhecia, e com quem, possivelmente, sempre convivi numa mútua ignorância. E continuei, sem saber ao certo quem estava, verdadeiramente, a argumentar. Quando digo verdade, não estou a falar da verdade absoluta, da verdade dos filósofos, da verdade da ciência, da verdade maiusculada. Falo de uma verdade nem acima nem abaixo da verosimilhança, mas ao lado, paralela. A verdade corriqueira, de todos os dias, a verdade da nossa experiência. Há verdades que não são verosímeis. Por exemplo, não é verdade que estamos os dois aqui, sentados

um ao lado do outro, eu a falar e você a ouvir? É. Mas é verosímil? É verosímil que duas pessoas que mal se conhecem, que é o nosso caso, que não sabem nada de nada um do outro, que é o nosso caso, ainda por cima um homem e uma mulher, se encontrem uma ou duas vezes por semana num local afastado de tudo e de todos, para conversar, para ler um livro quando é caso disso, ou muito simplesmente para gozarem a presença da natureza, a sua inexorável solidão? Falo mais de si do que de mim, que tenho a canseira, voluntária, não digo que não, de regar as plantas que plantei. Acha isso verosímil? Repare. Imagine que eu chego à roda dos meus amigos e lhes digo, de vez em quando aparece-me lá no terreno uma senhora, ainda jovem, que me pediu se podia passar algumas horas naquela solidão que lhe apraz. Tenho a certeza que me perguntariam, e peço desculpa pela grosseria, pá, andas a comer essa gaja? Para eles isso seria verosímil. Mas não é verdade. Imagine que, falando com uma das suas amigas mais íntimas, lhe diz, sabes, de vez em quando vou passar umas horas, à tarde, numa quintinha. O dono, pessoa muito simpática, deu-me o ensejo de aí disfrutar de um sossego que me fazia falta. Levo um livro, e ponho-me a ler. Ou a observar a natureza, sei lá, a passar o tempo. A sua amiga perguntar-lhe-ia, curiosa, qual é a idade do senhor? Um velhinho? Não, deve ter mais uns cinco anos do que eu. Ela sorriria, dizendo, não me digas que tens um caso! Para ela isso seria verosímil. Mas não é verdade. Onde quero chegar? Perdi-me.

O rosto dela, observei surpreso, sofreu uma pequena transformação. Na sua testa emergiu uma ruga vertical, nos seus olhos quase que se adivinhava um espanto, a sua boca, embora fechada, parecia um vulcão prestes a explodir. E pensei, se bem me lembro, não vou torturar mais esta mulher. Calei-me. Olhámo-nos. Disse-me: Continue. Como se eu estivesse a narrar a nossa história, uma história que nada tinha a ver com a utopia, com épocas pós-catastróficas, mas tinha tudo a ver com a realidade. Tem a certeza? Não a quero massacrar. Não, por favor, continue, continue. Eu não discordo nem de uma palavra que proferiu. É verdade.

## Capítulo 35

O solstício não é uma quimera. Dias enormes desafiando o abismo da noite, como se não houvesse lugar para uma absconsa obscuridade. Quem precisa da noite? Não é muito melhor sentir nas pupilas dos olhos a estranheza da luz, o seu fascínio, a sua possibilidade, mostrar ao homem o que se encontra no seu redor, o que se esconde, talvez, na sua consciência? Amava esses dias de uma maneira mais intensa e alegre do que amei as mulheres que não me puderam, talvez, amar. Não importa. A vida é o que nos dá a vida. E a natureza onde me tinha embrenhado não era uma fantasia mais ou menos ecológica, era a minha realidade dialogando com o mistério do que é, e que eu, como tantos outros, chamo real.

Liberto dos afazeres da escola, actividades não identificáveis pela memória, nesse dia, às cinco horas da tarde, mais minuto menos minuto, cheguei ao meu campo e nele edifiquei uma maneira de estar na terra, repetindo gestos e atitudes que nunca coincidiam com os gestos e as atitudes anteriores. Primeiro as obrigações, e durante uma boa hora perdi-me em delicadezas de regas onde a mangueira deslizava tal uma cobra verde sobre o chão ressequido. Eram as fruteiras, eram as canas protectoras, eram as mulatas alcançáveis, eram as roseiras na sua platabanda inconfundível, extrovertendo rosas em delírios de formas e de cores que me metamorfoseavam num insecto, numa exponencial abelha, numa mosca com as suas oceladas visões em nada primitivas. Depois, descansado e deambulando, foi a descida alegre, por entre aquela erva indomável e cíclica, ao fundo do terreno, certo de que não encontraria nenhum fundo de pensamento, ou de verdade. Mas só percepções e sensações, os sentidos expostos à exposição da natureza como se nela pudesse coexistir a humana natureza que me definia. Um homem cercado de nada, um homem no meio de nada, que era um tudo. O mar tresloucado ao longe, acenando-me azuis selvagens, tocando ao de leve o azul do céu prístino. Uma tarde maravilhosa de um dia perdido em tarefas que não levavam a nada, muito menos ao enriquecimento futuro do país. Seis horas da tarde e não era ainda tarde. O sol não bailava no céu límpido, quem bailava era eu, um ho-

mem solto no seu corpo e na sua mente, ousando sentir o que havia para sentir, essa música do silêncio, esse silêncio enganador tentando iludir ou apagar os sentidos. Respirava o ar como se fosse natural respirar, via as coisas como se não se resumissem a objectos, ouvia as infinitas vozes da esfera que me envolvia, tacteava com as minhas mãos a mangueira quando a recolhia, cheirava a mim mesmo no suor do corpo que não desmerecia a transpiração mais eufémica, trazia no palato o gosto do café que tinha bebido ao sair da escola. A terra era o mundo, e eu estava feliz.

Sentei-me, como sempre fazia, na espreguiçadeira que se moldava ao corpo amparando-o de uma fatal queda, peguei no livro que andava e ler e consumi-me na leitura fecunda de alguns parágrafos. Mas eu não estava ali. Nessa leitura, nesse livro. Meus olhos despediam-se sem maneiras das páginas do livro e procuravam o redor, o perto e o longínquo, mas sobretudo, o gozo inexplicável da luz. Da luz que não via. Pensei, como é possível que alguma coisa, a luz do sol, possa permitir aos nossos olhos a visão das coisas, não nos permitindo a sua visão? As coisas à volta não reflectiam a luz, devolviam-na, o que não é a mesma coisa, e assim, devolvendo-a, traziam aos nossos olhos a maravilha do que é, do que existe. Eu era, eu existia. Não era a presença dos outros que me dava a existência. Era a presença sensual da luz, esse erotismo secreto, segregado em horas de pleno abandono. Não era o poder dos outros que me identificava, mas o fluxo desses anónimos raios dispersos em cegueira.

Nenhum casal de milhafres à vista. Súbito, olhando casualmente para a superfície do passeio de mármore, a uns três metros de mim descubro um desses seres antediluvianos, um enorme sardão trazendo tauxiadas no seu dorso figuras geométricas, artísticas, capazes de desafiar o talento e a arte dos maiores génios de uma qualquer pintura, passada, presente, ou futura. Reduzi-me à minha insignificância. Insignificantes, expostos ao sol flamejante e ainda quente, parecia que dois tempos da terra se adunavam, se incorporavam sem qualquer conflito ou animosidade. Fiquei extático na nudez de um ínstase, ignoro o que senti, mas tenho a certeza, contudo, que senti. O prazer de trazer até mim essa cena transforma-me na

memória de um presente transportando em si épocas tão passadas que não deixaram ainda de continuar a passar, como a própria terra nos seus movimentos periféricos e na sua mudança tangível, ao ritmo do que acontece de imprevisível e de acaso. Aquela estupefacção durou talvez uns dez minutos. Um ruído qualquer fê-lo abdicar do passeio de mármore e atirou-o para o mimetismo que encontraria nas ervas. Fiquei completamente sozinho. Diante de tudo como se houvesse também em mim, um todo, mesmo se inefável e contraditório. Levantei-me, fui novamente perscrutar as rosas, vê-las dava-se a sensação de uma beleza inaudita, incomum, mas inapreensível na sua indesculpável exterioridade. Cheirei algumas delas. Algumas lançavam perfumes insofismáveis, outras nada despertavam no meu olfacto. Deviam ser, pensei para mim, as híbridas. De uma beleza encantatória, mas falhas de uma potência, de um odor que as rosas banais ainda possuíam e possuem. Com dois dedos assertivos, o polegar oposto ao indicador, cortava aquelas que se tinham extravasado numa abertura desmesurada, a natureza tem as suas monstruosidades e as suas insídias. Os campos em volta alongavam-me a vista durante quilómetros, bosques cujas copas de pinheiros bravos construía esponjas esverdeadas. A terra. Nem uma casa à volta. Apenas montículos sobressaindo de uma hipotética planície que não existia. Tudo aquilo, fósseis corroboravam, fora o fundo de um oceano. Pensar o tempo atordoava-me. Dizer bilhões e bilhões de anos era como assobiar. Faziam ruído, não mais. O relógio de pulso foi consultado. Oito horas. Não era possível. O tempo humano, é certo, nada tem que ver com o do universo. Dirigi-me a casa. Guardei a espreguiçadeira. Fechei a porta de casa, não esquecendo a mala para o dia seguinte. Junto ao portão, entrei no automóvel e fi-lo avançar para o caminho de modo a poder fechá-lo. Era a rotina. Com as chaves na mão, por uma última vez nesse dia, abri-me à contemplação do sol, à sua aparente imobilidade. Teimava em não descer no mar impérvio, como se tivesse ainda muito tempo à sua frente. Senti que tudo estava nos seus lugares, eu e o universo, e suas memórias mais flagrantes. Fechado o portão, entrei no Micra, arfando o seu motor, desperdiçando gasolina. Em primeira subi aquela gravilha de-

sordenada, ao cimo, olhando à direita e à esquerda, vendo que nenhum automóvel se aproximava, virei. E fui, descuidado, guiando o automóvel como se viesse de um encontro com o inassinalável. Os dias tinham atingido o seu clímax. O calor também. Abri os vidros dianteiros para arejar. Quando, quase ao chegar ao apartamento, me lembro que deixei o livro que andava a ler na casa do campo. Que faria na manhã seguinte? O nada era-me insuportável. Fiquei furioso comigo mesmo. Uma chatice! Tinha que voltar ao campo, não havia nada a fazer. Quinze minutos gastos para chegar ao apartamento, outros quinze para aí regressar. Disse mal da minha vida. E voltei. O sol não desanimava. Obstinado continuava a derramar luz como se fosse inesgotável. Tinha pouca gasolina no automóvel. Por isso, nas descidas ia em roda livre, com um pé no travão e a mão na embraiagem. Quinze minutos, que não é nada, pareceram-me horas. Não tive sequer pachorra, o outro termo para o tempo, para apreciar os fardos de feno transformados em obras de arte, esculturas de uma contemporaneidade antiquíssima. Ao sair da estrada envelhecida no seu asfalto esburacado, virando à esquerda, para o caminho que me levava à quinta, aproveitando a descida, ponho novamente o automóvel em roda livre. Mas por causa do cascalho ou da gravilha, com medo de que alguma pedra solta me dessa cabo da pintura, levo um pé atento no travão. Desço suavemente pela vereda abaixo. E começo a ouvir um barulho estranho, não originado no automóvel, mas algures nos arredores, tiros, pensei eu, perplexo. Mas o som era regular, e vinha da minha casa, estava, o coração aos saltos, quase certo. Paro o automóvel a alguma distância do portão devidamente fechado. Saio e deixo a porta aberta do automóvel, para não fazer nenhum estrondo. Não haja dúvidas, aquele som nem sequer era esporádico, seguia com uma regularidade que faria inveja a um metrónomo. De metal batendo em metal, como nas serralharias. Mais do que curioso, atado a um pressentimento, desci o caminho, mas não abri o portão. Contornei o terreno, andei furtivo e curvado os metros suficientes para poder ficar com uma visão do que estava a acontecer. Nada de bom.

A porta da cabine estava arrombada, escancarada, podia-se ver mesmo o avermelhado do balão que armazenava a água

do furo. Espojado no chão, um pé-de-cabra. Vi um homem, com a picareta que eu guardava na cabine, a tentar abrir a porta da casa. Cem contos, foi quanto me custou aquela porta. O buraco, estilhaçado pelos diversos golpes desferidos numa repetição encarniçada, aumentava a cada golpe. Senti uma raiva terrível perante aquela destruição. Peguei numa pedra tosca, mas suficientemente grande para que coubesse na minha mão, e saio tresloucado detrás das mulatas que me escondiam. Corri para o homem vociferando, filho da puta, filho da puta, arremessando-lhe a pedra que só foi danificar a parede da casa, sem acertar no indivíduo. Virou-se para mim com a picareta em riste, esperando a investida. Mas eu não ficara completamente louco para me dirigir a ele desprotegido. Passo junto à cabine e recolho do chão o pé-de-cabra, arma tão mortífera como a picareta. Corro para ele com uma selvajaria incalculável, filho da puta, filho da puta, berrava, cego, sem medir as consequências do que fazia. Ao ver-me brandir a arma, estupefacto, o homem deixa cair a picareta, o que abriu no passeio branco de mármore mais um buraco, mesmo se diminuto, e pôs-se a fugir. Seu filho da puta, seu filho da puta, e eu no seu alcance. Vi logo que com o meu peso, a minha idade, não o alcançaria. Mas aquele malandro não se dera ao trabalho de estudar o terreno onde levaria a cabo o seu crime. E dirige-se, correndo, para a vala aberta no chão. Tenta saltá-la, mas não conseguiu. A surpresa de deparar com tal trincheira, ou a precipitação em que ia, não lhe deu a capacidade de pular sobre aqueles quase dois metros de largura. Cai dentro daquele labirinto escabroso, e eu perco-o de vista, momentaneamente. Corro esfalfado e, atirando-me em voo sobre o abismo, caio em cima dele com o peso de todo o meu corpo. Tenho-o debaixo de mim, esbracejando, tentando livrar-se a todo o custo daquele fardo, eu. Ou o meu corpo, se não for a mesma coisa. E consegue. Soerguemo-nos e eu, que nunca fui capaz de dar um soco na minha vida, talvez por falta de agilidade, falta de treino, tento agarrá-lo, como penso que se faria na luta greco-romana. Socos recebo eu daquele homem da minha altura, magro, infligindo-me dores em tudo o que se lhe oferecia como corpo. Não sei quanto tempo durou aquele estúpido afrontamento. Exposto aos golpes, mas não me re-

tendo para fugir ao contacto, não me abrigando das dores sucessivas, atirando-me para a frente, consegui, por sorte, passar-lhe o braço pelo pescoço e fechá-lo até o fazer tombar, arquejante, sobre aquelas pedras soltas que jaziam no fundo da vala. Tenho-o debaixo de mim, mas estou muito cansado. As forças abandonaram-me. Não é o facto de suportar o meu corpo sobre o dele que o impede de espernear em todos os sentidos, tentando libertar-se do meu peso, nem de continuar, com êxito, a sovar-me nas ilhargas, nos flancos. Um medo incomensurável foi-me assaltando. Estava a ser espancado, e senti a exaustão como uma derrota. O assaltante era muito mais novo do que eu, um rapaz dos seus vinte anos. Eu não tinha mais forças. Arquejávamos, convulsos. O odor inóspito e estranho do corpo do estranho fendia-me as narinas. O seu bafo era uma ofensa aos meus sentidos. Apocalíptico, o medo apoderou-se de mim, um medo tentacular, ingente, atro, caligante, inexplorado, mais abissal que a consciência pérfida da sua presença em mim. Mas eu tinha entre as minhas mão o pescoço do filho da puta. Então, como quando às vezes me acontecia, sem saber muito bem porquê, sem motivos aparentes, uma raiva oriunda de uma impossível origem, uma violência irreconhecível, tomaram-me nas suas garras. Senti passar por mim uma luz branquíssima a uma velocidade fenomenal, meteórica, aórgica, sem princípio nem fim, um repente, um segundo, um ápice, transportando em si, libertando-se, uma força inexcedível. Fechei os olhos cegos pela luz e comecei a apertar com veemência o pescoço do meu inimigo. Dor em toda a parte. Suor repelente. Apertei, apertei, os polegares oprimindo a garganta que não levava a nada. Uma boca abria-se, mas não pedia mercê. Os olhos obtusos nada espelhavam. Apertei ainda mais, inexorável. Pouco a pouco as pernas do agressor deixaram de se agitar, os golpes tornaram-se ineficazes, perdiam-se pelo caminho. Um tempo indecifrável, assim concentrado, assim tenso. Fez-se uma imobilidade silenciosa. Minha e dele. Desprendi-me do pescoço alheio com um relaxamento de todo o meu corpo. Estava vivo. Respirava. Levantei-me. No chão daquela vala inútil deixava um cadáver. O sol, insolúvel, continuava a iluminar a terra, sereno e magnífico. Mas não via as coisas com nitidez. Desfoca-

lizado percebi que tinha perdido os óculos. Procurei-os entre as pedras e pedregulhos da vala. Nada. Não tinha forças para escalar a parede da vala cuja fundura atingia o meu peito. Fui ao longo daquele maldito vê ou ele e subi, franqueado um fictício degrau de escada, para a terra firme. Dirigi-me, perscrutando o chão, ao local do salto. A três metros da vala estavam os meus óculos. Curvei-me. Dores insuportáveis, o corpo parecia uma ferida aberta ao céu que esmorecia. Felicidade, não estavam partidos. Coloquei-os e vi, à volta, no silêncio do fim da tarde, que tudo estava bem. A vida voltava à sua bafejante rotina. Sempre previsível na sua ingénita imprevisibilidade. Estava vivo, repetia algures o que pode, num ser humano, originar tal asserção. Estava vivo. E senti-me livre, liberto, como nunca.

Que fazer daquele corpo?, foi o problema que eclodiu. Estava tão cansado que nem me passou pela cabeça a ideia de enterrá-lo. Uma ideia fértil de possibilidades, contudo, irrompeu no pouco que restava de mim. Dirigi-me, vagarosamente, passando ao lado do roseiral, à fossa séptica. Dividida em três câmaras, cada uma delas possuía uma abertura quadrangular fechada por uma tampa de ferro. Abri a tampa correspondente à primeira divisão. Fiquei espantado. Não saiu desses antro nenhum fedor insalubre. Percebi. Poucas vezes a sanita do quarto de banho era servida. Raramente, por mero acaso, defecava no terreno. E mesmo urinar, era esporádico. Fazia-o na plenitude do chão da natureza, quando me vinha a vontade. O corpo passaria bem pela abertura. Nem me dei ao trabalho de olhar para os campos ao lado. Se houvesse alguém, que esse alguém se manifestasse. Eu tinha perdido o medo. Sentia-me liberto, livre, capaz de tudo, até da alegria, até do sofrimento. Meti-me novamente na vala. Não me dei sequer ao trabalho de observar o rosto do assaltante. Peguei-lhe nas suas pernas pelos pés calçados de uns ténis quase novos e arrastei-o ao longo da vala, como se eu fosse um cavalo ou um burro e me tivessem atrelado uma carroça, ou melhor ainda, um trenó. Não me foi difícil chegar à fossa. Retirada a tampa da primeira câmara, pensei duas vezes na maneira de introduzir o cadáver naquele sepulcro. A alternativa era, ou pela cabeça, ou pelos pés. Puxei o corpo para cima da fossa, resolvi enfiá-lo

pela cabeça, para que os braços não impedissem a sua entrada. Os ombros deixavam o corpo passar. Não sei porquê, ou talvez porque sempre achara, da bíblia em tradução inglesa, poéticas e profundas aquelas palavras fúnebres que ouvia em filmes americanos, disse mentalmente, quase solene, “ashes to ashes, dust to dust”, acrescentando, da minha lavra, inopinadamente, estupidamente, “shit to shit”. Acabada a cerimónia improvisada, deixei cair o corpo na escuridão. Confesso, estava à espera de um som líquido que me devolvesse a queda, mas nada. A tampa de ferro voltou à sua posição inicial. O crepúsculo era agora uma evidência. Nove e meia da noite, e réstias da presença fulgurante do sol imperavam ainda a ocidente. Nenhum arrebol no céu desfalecido.

Abri o portão, trouxe o automóvel, estacionado no caminho, para dentro da quintinha. Guardei na cabine a picareta e o pé-de-cabra. A porta estava num mísero estado, como dizia a minha mãe. Toda esfacelada, um rombo arredondado partindo do trinco, alargando-se para a sua plena superfície. O palerma nem foi capaz de reconhecer que a porta era daquelas que comportavam três trancos, cada um na altura apropriada. Tive um mau pressentimento. Tento introduzir a chave na fechadura e noto então que ela estava danificada. Não havia nada a fazer. A porta ficara bloqueada. Nem se podia sair nem entrar. Pensei, amanhã telefono ao construtor. Mas primeiro que se mudasse de porta, cem contos, foi quanto me custou, para evitar justamente assaltos, uma ou duas semanas passariam. Não era viável tal ideia. Fui à cabine, a porta encostada, a fechadura destruída pelo pé-de-cabra, a única coisa que ganhara com aquilo tudo, e pego novamente na picareta. Chorando brandamente pela violência que empregava, as lágrimas toldando-me a visão, mas resoluto, com a picareta em punho arrombei a porta, sabendo onde se situavam os outros dois trancos. Uma dor, que não era do corpo, mas também não era da alma, que não existe, devolvia meus sentidos anquilosados à corrupção traumática do real. Consegui finalmente abrir a porta e entrar em casa. Fiat lux, e a luz fez-se. O livro que me obrigou a voltar ao terreno lá estava, inocente e silencioso, sobre a mesa. Logique du Pire, de Clément Rosset. Estava muito cansado, meio morto. Não me apeteceu ir para o

apartamento. Não me apeteceu ir fechar o portão. Não me apeteceu jantar. Deitei-me sobre a cama, sem me preocupar se a porta de entrada ficara aberta ou fechada. Apaguei a luz. Adormeci como há muito não me acontecia.

## Capítulo 36

Acordei por volta das nove horas da manhã, estupefacto por me encontrar na casa do campo, deitado sobre a cama que não foi desfeita, vestido como no dia anterior, os ténis a alguma distância da cama. Pensei, depois de tanto tempo, é a segunda vez que durmo aqui. Levantei-me cheio de fome. Urgente na minha resolução fui ao quarto de banho urinar. Mas ao levantar o tampo da sanita senti, talvez por uma sugestão reflexa, a vontade de defecar. Urinei e defequei. Senti então a presença da dor em pleno corpo, tinha-o diante do espelho, retirada a camisa, as calças, as cuecas e as meias. Nu, enfrentei a memória de quem era. Nódos negros como crateras abertas na carne da terra por meteoritos caóticos. Fui buscar os óculos à mesinha de cabeceira. Voltei ao quarto de banho. Olhei para o espelho. Hematomas afloravam ao tecido da pele numa desorganização lamentável. Meti-me debaixo do chuveiro e permaneci uns dez minutos a lavar com a água, um pouco mais do que morna, na superfície do meu corpo. Lavei-me com um sabonete adocicado, cheirando a maçã. Impoluto, limpei-me suavemente à toalha que me aguardava. Fui ao quarto, escolhi a roupa que teria de levar à escola para o serviço dessa tarde. Vesti-me, calcei-me devidamente, deixando os ténis onde estavam. A porta da entrada ficou entreaberta. Abri-a, levei com um vento do norte na cara. Na cozinha, como não tinha pão, preparei um arroz branco enquanto partia os ovos que estavam no frigorífico. Despejei num copo o leite que iria beber. Esperei vinte minutos, ou mais, para que o arroz estivesse cozido, enquanto folheava o livro que estava deitado no sofá. Recebi-o de amigos que viviam ainda em Paris, tendo escolhido um outro país para se fixarem definitivamente. Mas a pátria seria sempre o lugar onde nasceram os seus pais. Bastava-me, pois, enviar-lhes uma carta pedindo-lhes qualquer coisa, livros, quase sempre, e aí se consumava a acção da amizade. Nada como a amizade, a verdadeira, para que o mundo seja habitável. Mulheres vêm e vão, são amores, são paixões, são desvarios, são tolices, a amizade, quando é verdadeira, é inquebrantável. Lia uma página desse livro de um autor pouco conhecido, aconselhado por um co-

lega da escola, professor de filosofia. Não sei, a esta distância, o que estava a ler. Lembro-me vagamente de toda uma tirada a propósito do azar, acaso em francês, da diferença que ele estabelecia com a sorte, e talvez outros vocábulos congêneres. Uma passagem admirável, cheia de erudição e de etimologias que me faziam crescer a água na boca.

Mas no tacho o arroz estava cozido, na frigideira o azeite aquecia, na malga os três ovos mexidos esperavam. Não esperaram muito tempo. Nada de sal, dissera-me o médico que frequentei na Califórnia. Faltava-me, lembrei-me, o comprimido para a tensão arterial. Logo o tomaria, chegado ao apartamento. Pensei na agenda do dia. Telefonar ao construtor, da necessidade de se comprar uma porta nova para a casa e uma fechadura para a cabine. Ir à escola à tarde, depois, regressar. A casa, não ao apartamento. Comi e saboreei esse arroz branco desenxabido, essa omelete bem frita. Bebi o leite que entretanto perdera alguma da sua frigidez. Arrotei, satisfeito. Cento e tal contos, era por quanto me ficaria a brincadeira. A mala estava no automóvel. Peguei num casaco, não fosse o dia arrefecer. Saí para o passeio. Não via o sol, elevando-se por detrás da casa, mas via todo o terreno inundado de uma luz recente, vivaça, renovada todos os dias com tonalidades que faziam sonhar. A natureza, que muitos filósofos diziam que não existia, estava ao redor na sua exuberância inexplicável. O homem, que muitos filósofos também diziam que não existia, admirava aquele todo confundindo-se com tudo o que se apresentava aos sentidos. Eu era o homem. Deixei a porta da entrada aberta. A porta da cabine lá ficou encostada, como estava. Deixei o portão aberto depois de o ter franqueado. Tinha perdido o medo. Era outro. Subi o caminho recordando, ao verificar distraído o indicador de gasolina, que tinha de ir a uma estação para encher o depósito. Era tudo, se não me esqueci de nada. Foi tudo. Conteí a história do arrombamento ao construtor, por telefone, logo que cheguei ao apartamento, e depois de ter engolido o comprimido, dizendo que contava com ele para me arranjar uma nova porta, o mais depressa possível, e ele, a voz aparentemente agastada, perguntou-me se tinham roubado alguma coisa de importante. Nada, foi a resposta. A não ser que não tenha dado conta. Ouvi-o pensar,

fazer as suas contas, até que me disse, nem daqui a uma semana. A menos que o homem tenha ainda alguma dessas no armazém. Não faz mal, quando tiver o material passe por lá. E o portão? Como se combina? O portão e a porta da casa ficarão abertos. Se eu lá não estiver, deixe as novas chaves no local do costume. Não se esqueça da fechadura para a cabine. Esteja descansado. Esses estupores. Não foi à polícia? Fazer o quê?, respondi e perguntei ao mesmo tempo. Realmente, ouvi-o suspirar à distância. Desliguei, desligámos.

Regressei ao terreno depois de ter vigiado uma turma apouquentada com um exame de matemática. Duas horas, não me recordo ao certo, a olhar para o boneco. Deveres, deveres profissionais. O terreno estava como o deixei, no seu lugar e imaculado. Excepto o sol, que viajara como todos os dias o fazia, imperturbável e obsceno, ousara derrubar a ilusão de uma estase. Na vinda fui ao supermercado mais perto e comprei tudo o que necessitava para quatro ou cinco dias. Vivia de nada. Ou só de pão, que comia com gosto e afã. Aos fins de semana, quando vinham os amigos que vinham, inverno ou verão, desforrava-me nas bifanas, nas sardinhas, nas saladas. Tudo regado com um tinto que diziam ser bom. Nunca quis criar uma polémica. Estava feliz por tê-los ali, por trocarmos desconchavos, ironias, piadas, trocadilhos, opiniões, entre risos e chasqueios. A pena que sentia por não aparecerem todas as semanas. Mas os compromissos. Uma chatice. A solidão nunca me afectara. A ausência das pessoas, de amigos e conhecidos, sim. Não fui regar as árvores. Reguei as rosas, sempre sequiosas, sempre exigentes, pedindo água sem descanso. Jantei cedo porque não tinha almoçado. Estava fora dos eixos, diria o truísmo mais estafado. E li. Estirado na espreguiçadeira, o livro frente aos meus olhos, li aquela lógica com o fervor de quem reconhece uma voz ou dá conta de um percalço até então passado despercebido. Pensei, num relance púvrio, no romance que nunca escreveria, pois já andava a contá-lo. Onde estaria, nesse preciso momento, John e Marilyn? Em nenhuma parte. Fazia-me companhia com fantasias e fantasmagorias, fantasmas alucinados e venéficos, memórias de passados, em que mundo, em que realidade? Rasgões dilacerantes assumiam, por vezes, a desenvoltura de uma sen-

sação estranha, onde me encontrava? Aquele terreno absorvera-me os últimos anos, cada ida e vinda, em certo sentido, uma aventura, uma imprevisibilidade, o impulso de uma curiosidade. Não só a obrigação me levava a esse chão que eu pensava, muito convicto, que era meu. O pior não tinha nem um discurso nem uma lógica, era talvez, como rezava esse autor, uma alegria trágica. Trágica? Ignorava de todo o que isso significava. Proferia essa palavra de vez em quando, certo, lia-a algumas vezes, certo, mas sabia o que estava a dizer? A vida e a morte há muito que tinham deixado de ser tragédias. Tudo passava como quando passa por nós a impressão de que qualquer coisa ficou por dizer, e essa coisa não se confunde com o silêncio ou uma cesura, esse não-dito que nem sequer atinge as fímbrias do maldito para poder ser verdadeiramente trágico. Há, ressoa talvez, um vazio, mas onde se não há nem um dentro nem um fora de nós? Sentidos anacrônicos guerreiam-se em batalhas inúteis, tanta a violência, o desgaste, e para quê? Para nada. Tanta confusão incapaz de se exprimir numa língua capaz de se abrir ao que nem sequer é mistério. A vida fazia sentido, quando sentida no próprio corpo. Que sentido fazia? A de passar. O sol, se o solstício fora no dia anterior, já não tomara o mesmo curso, a mesma rota, o mesmo rumo. Tanto sol, e os dias a ficarem menores. Viriam os meses de Julho e Agosto, as pessoas iriam de férias, as que fossem, dirigindo-se para o campo ou para a praia, indiferentes ao percurso do sol ou da terra, ignorantes do que se alardeia como universo.

Fui dentro de casa e escolhi, de Mahler, *Das Lied von der Erde*, para ouvir. Deixei essas vozes, masculina e feminina, percorrerem os caminhos dos seus destinos irrefragáveis, levemente contradizendo o sol caindo a ocidente, como se fosse possível, nesse momento extático, retornar-se ao nascente, ao oriente da ficção sonora. Não se podia, não se pode. Finalmente, dialogando com a música em cadências contrapontistas, mas em consonância com o lugar que o sol tomava no céu nesse momento, emerge do impensável a voz de uma mulher que canta, envolta numa sonoridade irredutível e pervigil, *Der Abschied*, esse adeus irremeável. Trinta minutos de apagamento, a atenção tão concentrada na sucessão de sons, da voz

e da música, que o mundo desaparece do olhar e fica só a terra, uma tensão ctônica e intensa, uma imensidade de sentimentos afluindo e refluindo, oscilando, oscilante, intuindo e pressentindo um fim para lá de qualquer ideia de tragédia. O real não pode conversar com a crueldade ou a destruição ou a violência. Nem com o amor. Nem com a amizade. Um nada não se pode transfigurar em nada. É da condição do homem ser um nada desejando ser. Mas que desejo poderá salvar este adeus? Se, irremediável, ele não pode voltar atrás?

Adormeci novamente nessa cama tão pouco utilizada desde a construção da casa, e dormi um sono solto, seduzido pelo hipotético aparecimento de sonhos que me introduziriam numa dimensão do absurdo ou do disparate. Deixei aberta a porta de entrada, ou encostada? Não me lembro. Deixei o portão aberto, ou fechado? Não me lembro. Não acredito que o homem possa renascer do homem, mas tinha havido na minha pessoa, em mim, uma pequeníssima deslocação, uma imponderável mutação, um cisma e um sismo, um abismo estendido a duas margens. Ao passado e ao futuro. Eu era doravante o presente, ou assim pensava. Os dias foram passando, as tarefas iam sendo cumpridas, no terreno e na escola, e a falta, essa megera, começou a assaltar-me como estilete escrevendo sobre a minha pele um desconsolo, uma incerteza. Ela nunca mais apareceu. E eu pensava, aquela última conversa fora fatal. Um risível, escurril «amor fati», que nunca me fez exultar nem nunca me extrapolou a considerações de destino ou coisa parecida, tentou galvanizar-me, apoderar-se da minha consciência. Impedi-o, ou não restasse em mim uma réstia das convicções passadas. A verdade, porém, era essa, o construtor encontrou no tal armazém uma porta semelhante à primeira, com muita sorte, muita sorte, repetia ele, e já a tinha instalado, ou um dos seus homens, como já tinha substituído a fechadura da cabine, como já tinha recebido o dinheiro que eu lhe devia, e ela sem aparecer. Essa é que era essa. Essa é que era essa, eis a lengalenga que vibrava no meu cérebro enquanto eu procedia à azáfama dos meus passos. Num desses dias, depois do jantar, rodeado serenamente por uma peça de música de Britten, *Serenade for Tenor, Horn and Strings*, condizente com o crepúsculo, estirado como sempre na es-

preguiçadeira do costume, o vento amainado, as rosas quase imperceptíveis, seduzido pela voz cantando a *Elegy*, de William Blake, embrechada num crescendo que me elevava para domínios que realmente não desvendava, ouvi, “O rose, thou art sick! The invisible worm, that flies in the night in the howling storm, has found out thy bed of crimson joy: and his dark secret love does thy life destroy. Senti, distintamente, que se estava a falar de mim. Eu era essa rosa, e estava doente. Permaneci horas no esplendor belisário em que voluteava, estrangeiro de mim, estranho. Deixei-me ficar, a luz sobrepaindo a porta de entrada atraindo insectos e rodopios, penso mesmo que vi, na escuridão, não um pardal, mas antes um morcego agarrando-se à fachada depois de um voo, num impacto. As estrelas, tão desprezadas ou esquecidas que foram ao longo dos anos, surgiram palpitantes em fulgências minúsculas, pontos de fogo branco no céu, enchendo-o de presenças longínquas e inacessíveis. Outros sóis para outras gentes, ou para ninguém, nessa escuridão sem começo nem fim, talvez fria, talvez silenciosa, ao ponto de ser ocioso chamar silêncio ao que nunca foi perturbado pela animosidade antagónica de um ruído. Dez minutos, talvez mais, para não ser parcimonioso, foi quanto durou o espectáculo, o pescoço doendo, a pachorra esvaindo-se na decisão de me recolher. Que me importavam as estrelas, para lá da sua beleza imponderável? Sim, a noite era uma realidade. Eu era real. A falta, dessa mulher, era tão invicta que senti um arrepio por me sentir em falta. Não deveria ter dito o que disse. Há fins, infelizmente, que não se anunciam nem se pronunciam. Irrompem, pérfidos, como uma crueldade. Nunca consegui estar preparado para receber golpes. Mesmo depois da mudança perspicua que se tinha operado em mim, a fraqueza era-me tão inata como uma evidência.

Até que um dia, começo de Julho, vejo entrar pelo portão o jipe verde. Não fui capaz de fazer um movimento, surpreso com o acontecimento. Vejo-a que desce, vejo que bate com a porta dianteira num gesto resolutivo, vejo que olha em redor, observando não sei o quê, que é tudo, e depois dirige-se a mim, o semblante intraduzível. Não saí do passeio reverberando de calor. Esperei que ela chegasse até mim. Chegou. E

ao chegar, aberto ao que desse e viesse, apertei-a num abraço forte, não lhe dei tempo de dizer sim ou não, apertei-a até sentir aquele corpo miscigenar-se com o meu. Uma emoção extraordinária apoderou-se de mim, avassaladora e benfazeja, tinha um corpo de mulher nos braços. Senti um calor que não era do sol, um arquejar animal, meu rosto apoiando-se quase no seu ombro, meus olhos vendo uma cegueira, um em frente indefinido, as coisas do mundo desprovidas de qualquer sentido, esperando, esperando. Pouco a pouco senti que também os braços dela se enlearam nas minhas costas, apertando-me, apalpando-me, talvez procurando a melhor maneira de se estabelecer uma junção capaz de perdurar. Senti que sentir era bom. Procurei, tateando, a sua boca, encontrei-a semi-aberta, beijámo-nos. Nem uma palavra proferida, e no entanto havia ali um diálogo que desafiava a própria natureza da língua. As línguas tocando-se, procurando ajustar-se a um alfabeto, húmidas de uma saliva que propiciava o gosto quase abrasivo do prazer. Sibilina, ouço-a dizer:

– Tanto tempo!

Levo-a, como se fosse uma menina, para dentro de casa, para dentro do quarto, dispo-a pela primeira vez, não só a ela, mas também ao facto de ser eu a despir alguém, pela primeira vez activo, eu que vivera sempre, com as mulheres, uma monstruosa passividade. Ela deixava-se fazer, silenciosa e expectante, arfando um pouco, até ficar nua diante de mim, que, de tão perto, não tinha visualmente acesso a todo o seu corpo. Não foi preciso deitá-la na cama, sobre a coberta. Despi-me, o suor das axilas foi a sensação que me alcançou as narinas, mas logo depois, enlaçados, enfeitçados, perdidos em gestos e carícias, deixámo-nos levar pelas leis da natureza. Humanos, compartilhámos por alguns minutos, o que é o tempo, o que é o tempo?, a nossa infindável animalidade. Cada um tentando, a seu modo, furtar-se ao próprio corpo para sentir como seu o corpo do outro. Culminados, caímos para o lado. Um ao lado do outro. Ela levantou-se com agilidade, saiu do quarto, por breves instantes, regressando depois toda inteiriça. A sua nudez transformou-se numa aparição. O desejo já tinha ocorrido, o prazer já se tinha saciado, mas os olhos, oculados, descobriam novamente o mistério de um corpo fe-

minino. Um desvairo da consciência. A surpresa, irreconhecível, de perceber os seus mamilos com a forma de um pequeno dedal róseo. Não tinha dado por nada. Os sentidos, mesmo despertos, ou talvez por isso mesmo, não podem dar por tudo. Um encanto! Não pude evitar de lhe colocar os lábios nessas minúsculas torres de babel, de me engolfar na sua suave rigidez, fascinado com tanta beleza. Levantou a minha cabeça com um misto de deleite e de timidez. Acalmei-me e deixei-me cair para trás. Deitada ao meu lado, murmurou:

– Foi preciso tanto tempo!

Não era uma reprovação ou um lamento. Era talvez a comprovação de uma distância que tem que ser percorrida, o tempo de um espaço. Levantou a coberta, puxou o lençol sobre o seu corpo. Mas eu, já sentado, com os pés fora da cama, com a intenção de ir também ao quarto de banho, tive a oportunidade, num relance, de descobrir mais nódoas negras nos seus braços, mesmo nas coxas.

– O que são essas nódoas?

– Sou muito desajeitada, passo a vida a ir de encontro aos móveis. Ou é de brincar com os meus filhos. Quando se tem dois rapazes!

Pensei, que desastre a impele para ser tão desastrada? Que violência doméstica iria naquela casa! Fez-me uma carícia com as suas mãos cuidadas, no peito e no ventre, nas ilhargas. Seus olhos acompanharam, talvez com um atraso de uns segundos, num lapso infinitesimal, a passagem dos seus dedos sedosos sobre a minha pele.

– E você? Que é isso?

– A casa foi assaltada. Arrombaram a porta. Apanhei o ladrão em flagrante delito. Lutámos. Deu-me uma sova.

– Lutaram? Fugiu?

– Não, matei-o.

Puxou o lençol para esconder o quase riso que se esboçou no seu rosto. Prosseguiu com o que pensava ser uma farsa, uma brincadeira, tentando mostrar alguma credulidade.

– Matou-o?

– Sim, matei-o. Tive que o matar.

– E onde está o corpo?

– Lancei-o na fossa séptica.

Não se pôde conter mais. E riu francamente, abanando a cabeça como que dizendo: Essa imaginação! Ou então: Ainda diz que não é um escritor! Ou então: Só você!

Ninguém acredita na verdade.

## Capítulo 37

O bibliotecário chega finalmente, empurrando um carrinho metálico um pouco enferrujado nas articulações das suas rodas de borracha. No seu tampo pontificavam as revistas tão almeçadas por John. Os volumes são colocados sobre o balcão. Ei-las, as revistas da coleção que procura. Fiquem o tempo que quiserem a examiná-las, eu vou ocupar-me de uma outra papelada. Chamem-me, se for preciso. John não resiste, precipita-se sobre o número nove da revista, confronta a sua capa colorida abarrotada de edifícios de uma qualquer cidade desaparecida, ou do resultado hiperbólico de uma montagem artística, e vê, lendo, fulminado pela realização da sua expectativa, inscrito na sua metade inferior, branca, O Livro Porético, seguido do nome Silva carvalho, um cê minúsculo que o surpreende, lhe faz franzir a testa. Mostra a capa a Marilyn, e, como ela desconhece a língua portuguesa, sublinha com um dedo magnânimo a existência do que encontrou. Ela sorri, enquanto os dois fazem uma prospecção abreviada do conteúdo daquele volume. John repete, olha para isto, olha para isto, folheando aquelas páginas onde, de vez em quando, como que enriquecendo os diversos artigos, surgiam fotografias coloridas e a preto e branco. Folheiam duas ou três vezes, e Marilyn ousa dizer, devia ser, pela qualidade, uma revista muito famosa. Ignoro de todo, respondeu-lhe John. E o artigo, precedido de uma figura de um livro ainda mais antigo que aquela época, entra-lhes pelos olhos dentro. Apalpa este papel, já nada disto existe. Mas não fica por essas palavras. Curioso, numa excitação deplorável, conta o número de páginas ocupado pelo artigo. Doze páginas, diz a Marilyn. Vou ter que passar todo o artigo à máquina, não há outro remédio. Eleva a voz, Tony, posso servir-me de uma das vossas máquinas de escrever? Claro, é a resposta. Depositou a revista no cimo do balcão. Vou ter que ficar aqui, Marilyn, vou ter que ficar em Fresno durante alguns dias. Ficas comigo? Regresso e depois volto. Aqui sou completamente inútil. E enquanto proferia aquele inútil injustificado, humilde, apossou-se do primeiro número da revista, de dois mil e três. Depara, na sua capa, com uma praia mais frequentada do que a de Santa Bárbara.

É a vez dela franzir a testa numa manifestação de espanto. Vê novamente o nome do autor que ainda há pouco John lhe indicou com o seu dedo nervoso. Soletra, como se as línguas pudessem ser surpreendidas no conhecimento que fazemos delas, Sil-va, Car-va-lho. Que dizes?, soergueu John os olhos Aqui, e Marilyn passa-lhe a revista que tem nas mãos. Olhos esbugalhados é uma expressão que não expressa nem exprime a estupefacção de John, mas como inventar um outro percalço da língua quando não há tempo para se dar conta do que acontece? Não, John não se precipita sobre o primeiro número da revista **nada**, antes examina a sua capa com uma desconfiança lenta, desconfiando até de que a realidade possa ser real. Infantil, pede à mulher que o acompanha, dá-me um beliscão. Um beliscão forte. Não sejas parvo, não estás a sonhar. Está aí. Estava novamente ali o nome, precedido de um título que identificava iniludivelmente esse nome: Poreticismo e Deriva. Com um cuidado extremoso, não só extremo, acede à primeira página. Boquiaberto, esse adjectivo que sou obrigado a utilizar, não descreve nada do que lhe está a acontecer. Não pode ser. Não pode ser, sussurra, cicia, mussita, repete, fora de si. Vira-se para Marilyn, quase pedindo-lhe socorro, vê isto, vê isto, não lhe dando sequer espaço para ela observar o que deveria estar a ver. Então, o que é, o que se passa? Três capas de três livros que aparecem como publicados no exemplar que possui do livro Mediocridade expõem-se aos seus olhares verdes como se tivesse sido necessária a confirmação de qualquer coisa que, para John, nunca estivera em dúvida. Mas esses três volumes, de repente, vistos assim, na materialidade das suas capas, surgem-lhe como uma evidência questionável. Será que o passado poderá ser recuperado? Será que a história é uma disciplina possível, mesmo se truncada e recheada de vazios imponderáveis? Não acredita. Acredita no acaso. O passado passou, mas deixou resíduos, pegadas, traços, rastos, indícios do que aconteceu. E lá figurava, nessa imagem, entre os três, o livro que o obcecava desmedidamente. A Experiência Americana Ao Vivo. Quase vociferou, Tony, a biblioteca possui uma máquina fotográfica? Claro, foi a resposta. Os trinta anos de John diluíam-se numa sensibilidade desconhecida, como se, pela primeira vez,

estivesse realmente a sentir, não qualquer coisa, mas uma mão estendendo-se até à sua mão, procurando não só a amizade mas também um abrigo. Baixa os olhos sobre a página seguinte, o sumário elucida-o: trata-se de uma entrevista. Percorre com um olhar precoce e breve o editorial. Logo a seguir aparece a entrevista. E com ela, no seu recesso, seis fotografias. Seis fotografias. Ei-lo, o mesmo homem, o mesmo rosto descoberto entre o grupo de professores que o anuário transportava nas suas entranhas. Denunciando, sem dúvida, a diferença que o trabalho do tempo, precisamente quinze anos, efectuara, para sempre, naquele rosto. Dois momentos, instantâneos de um instante que transformara a passagem do tempo numa paragem inadvertida, artificial. Atentou no olhar divertido, francamente maternal, de Marilyn.

– Mais trabalho, não é?

Fez que assim. Mais tempo ficarás por aqui. Vou e venho, assegurou-lhe ela. Não te deixo sozinho com tantas palavras para reescreveres. Acabarás sendo o próprio Silva Carvalho, o que não fará mal ao mundo. Ele só pôde sorrir. Repentinamente, tomado de um frenesi, lançou-se sobre as outras revistas. Em que mais números teria comparecido esse autor? Consultou os outros sumários. Ao todo, sete vezes. Inéditos, consumia-se John, obsessivo e extasiado, inéditos. Pensou, vai ser uma pequena revolução nos estudos literários concernindo a língua portuguesa. No reconhecimento do autor que previu, muito antes de outras personalidades de outras literaturas mais predispostas à publicidade cultural, e gozando por isso mesmo de um maior prestígio, o fim da figura mítica do poeta, o último dos heróis ocidentais. Marilyn, calma, como se fosse portadora de uma ponderação razoável e racional sobre-humana, chamou-lhe a atenção para os números cinco e seis da revista. Que desse uma vista de olhos nas contracapas. Nada, disse um John circunspecto e admirado, não vejo nada. Abre, aconselhou-o Marilyn, vê a face de dentro. John abriu e deparou com a fotografia a cores de quatro livros de Silva Carvalho, outros que não os do primeiro número. O livro *Mediocridade*, que servia de base para o seu curso, lá estava, acompanhado de mais três volumes. Atroou novamente a sua voz no espaço silencioso da biblioteca. Tony, as películas são

coloridas? Claro, respondeu o bibliotecário, aproximando-se com passos lentos dos dois visitantes que aparentemente lhe faziam companhia. Então? Permites-me que te aborreça durante uma semana ou duas? Tenho que passar à máquina bastantes textos, e de uma película para tirar fotografias a fotografias. Tony sorriu, deliciado com a perspectiva de não ficar só durante uma ou duas semanas. Disse, transparecendo-lhe um laivo de ironia na sua voz: o nosso condado está cheio de recursos. Não há problema. Mas, e o tal livro? John, depois daquela abundância de informação, não teve coragem de lhe mostrar algum desânimo no seu semblante. Não se pode ter tudo. Lembre-se, retorquiu Tony, a primeira proprietária desta colecção era professora em Turlock. Nessa época viviam muitos, mas mesmo muitos, luso-descendentes, isto é, luso-americanos, nessa área. Sim, mas a cidade não está ainda na zona neutra, perguntou Marilyn. Balelas, balelas, respondeu Tony. Conheço quem lá viva, ou, pelo menos, nos seus arredores, há muitos anos, sem doenças nem preocupações com a saúde. Excesso de zelo da parte das autoridades sanitárias. A radioactividade é nula, é o que me diz um amigo do peito. Mas enfim, são políticas, e quanto a isso não se discute. Logo se verá, meditou, sem proferir palavra, Marilyn. De uma maneira ou de outro ela não correria perigo se lá fosse. O seu perigo vivia já com ela, não estava em Turlock ou em qualquer outra cidade do mundo estraçalhado e dividido em ilhéus com apertados istmos entre si. O perigo nela fizera-se carne, realidade indiscutível. Esperava pacientemente que a hora soasse para abstrai-la da dor de ser e de viver num mundo sobrevivido e sobrevivente. Ela discutiria o problema com John, nada de precipitações. Despediam-se, a manhã soalheira acolhendendo-os na rua pouco movimentada, ou não fosse a hora do almoço. Dizia John em voz alta, Marilyn ouvindo-o, este autor, Morteiro não o diz, também não era o escopo do seu ensaio, pois não se publicita o lugar-comum, a evidência, uma redundância desnecessária, mas este autor tinha ou teve que ser conhecido na sua época, no seu país, nos meios intelectuais onde vivia, caso contrário não teria merecido a sua presença numa revista desta categoria. E esta revista, dadas as suas características, devia ter sido conhecida em toda a co-

munidade de língua portuguesa, europeia ou sul-americana. John falava, falava, como tomado por uma luxúria histórica, esquecido da fome que os levava à cantina. Mas Marilyn não o viu comer, meter um pedaço de bife à boca, pegar num dos pães fofinhos que ela trouxera do bufete, entre outras vitualhas.

– Não tens fome?

Estava preocupada e ao mesmo tempo quase lisonjeada por ver na maneira como ele a fitava o amor que ele deveria estar a sentir por ela e pelo autor que lhe era de todo desconhecido. Os olhos de John tinham ficado na biblioteca, vendo aquelas capas sumptuosas, o interior folheado daqueles números orientados para as mais diversas disciplinas que se propagavam e floresciam na véspera da Catástrofe. Sorria, enquanto a sua mão direita, num gesto de ternura, afagou o rosto de Marilyn. A página de um livro, de uma revista. O mundo transformara-se num imenso livro, tudo era livro e tudo, livre de tudo salvo do medo comum que açambarcava as almas daquelas pessoas, parecia enlevar-se na beleza de uma presença indisfarçável, a sobrevivência da espécie. Quanto tempo duraria ainda esse medo que adunava aquela humanidade no instinto da igualdade e da liberdade? Quantos séculos? Quanto tempo para que o equilíbrio alcançado não fosse posto novamente em causa? Ninguém o poderia predizer ou adivinhar. O homem teria deixado, definitivamente, de ser um homem, um animal predador, uma consequência de uma precedência que o abismara no conflito, na destruição, na violência, na morte?

Comovida, ignoro porquê, ela largou as páginas daquele possível capítulo de um futuro romance e encostou a sua nudez ao meu corpo adusto, procurando um beijo nos meus lábios. Afoguei-a em beijos, retirando a minha mão esquerda do interior das suas coxas, onde a pele era mais macia. O que pode existir na cabeça de uma pessoa, disse-me ela sorrindo, quanta imaginação! Você possui a precisão de um matemático, a minúcia de um arquitecto, a ingenuidade de um visionário. Sim, mas não acha todos estes detalhes fastidiosos, perguntei. Bastante. Lembro-me de um professor que dizia que o génio era monótono. Leu o *Moby Dick*, de Melville? Tinha

lido, há muito. Quantas e quantas páginas, continuou ela, insuportáveis de informação, as baleias isto, as baleias aquilo, e no entanto não dizem que é uma obra-prima, um dos romances americanos mais importantes do século dezanove? Mas não mais importante que o nosso romance, e dizendo isto tomou-me nos seus braços como se exigisse que eu escrevesse nela a história de um amor, a filigrana rendada de uma convulsão. Foi o que fiz, sem ter a oportunidade de me referir ao problema do mal que tanto aflagrava o autor americano. Talvez ela me respondesse, e não há mal na sua utopia? Correspondemos ao nosso desejo, devolvemo-nos no prazer, cansados despedimo-nos como se houvesse um amanhã para o tempo. Mas nunca se sabe.

Agora os encontros eram agendados, havia horas, chegadas e partidas, não nos podíamos mais entregar às deliberações do acaso. A loucura tem as suas regras. Dávamos grandes passeios até ao fim do terreno, entrelaçávamo-nos em conversas anódinas, tudo era motivo para uma observação, para um abraço, para uma gargalhada. As ervas, aquela savana, tinha sido recolhida pelos pais do senhor que me trouxera a terra para o roseiral, viviam na aldeia vizinha. O mar não se transformara num peixe cujas escamas poderiam ser interpretadas como uma metáfora, mas vê-lo ao longe era um prazer quase dionisíaco para os olhos. Fechávamos, agora, o portão. A solidão, repentinamente, poderia ser solicitada pela presença de um estranho. Isso não impedia que muitas vezes não fôssemos nós a ultrapassar os limites da decência envolvendo-nos nos bosques que refrigeravam os ardores do sol. A resina não se resignava a ser só odor, inspirava-nos a conceber o mundo em volta como uma percepção eivada de sensações, os nossos corpos respirando uma terra quase incógnita, uma solidão fresca, um exílio palpável. Eram passeios que ultrapassavam a dimensão fértil dos nossos sentidos, e a alegria fazia-me feliz, e a felicidade parecia ser possível, inmensurável, perdurável. Nunca dei tantos beijos na minha vida, nunca apertei durante tanto tempo uma mulher nos meus braços. Abraçava um tempo perdido, o tempo de um lapso. Ela ria, fugia, fazia-se amada. Amei-a com a consciência plena de que não se poderia amar mais. Efusões de sexo fundiam-nos

na irremediável ataraxia dos nossos corpos, onde acabava, onde começava, não eram perguntas passíveis de serem feitas. Havia porém uma obrigação a cumprir. Acabar o romance que tinha narrado, contando-o, ao longo de dois ou três meses. Não me podia furtar a esse fardo.

## Capítulo 38

Por conseguinte, John permanece em Fresno com o intuito de passar à máquina todos aqueles textos descobertos por acaso. Marilyn, como combinara, volta a Santa Bárbara, não só por se sentir inútil, sem nada para fazer, mas também para pôr ao corrente, de viva voz, Frank. Embora, muito vagamente, lhe tivessem contado, por telefone, o que se estava a passar. Toma o camião frigorífico e põe-se a andar. Não sei se perderei muito tempo a narrar a actividade desta personagem nessa semana fatídica, apetece-me quase dizer. Que acha? No fundo, tudo dependerá das páginas que tenha escrito. O que é que é essencial num romance? As acções, a psicologia das personagens, isto é, meditações e pensamentos, ou mostrar uma, como dizer, espécie de filosofia, uma tonalidade estética mas também afectiva, que conduza o leitor a uma apreensão de um real, sem dúvida imaginário, mas que poderá ser vivido como um acontecimento. Não sei quem o disse, já agora, que a realidade passada a escrita se transformava numa ficção, e que a ficção uma vez lida revertia novamente em realidade. Qualquer coisa do género. Bem, terei que dizer que John todos os dias se apresentava na biblioteca, todos os dias perdia, pelo menos, duas horas da manhã, umas três da tarde, no cansativo trabalho de escrever à máquina, mas com um cuidado extremo, pois que não era a mesma coisa escrever um texto da sua lavra, uma carta, um artigo, por exemplo, e transpor *ipsis verbis* o que estava escrito nesses textos. John tinha-se transformado num copista, só que nós sabemos os erros que os copistas desatentos instalaram em textos antigos. Logo, não se tratava só de utilizar a máquina, era preciso fazer coincidir a sua atenção com o que ia escrevendo. Cinco horas, não sei se será assim que vou descrever, sentado numa cadeira chata, era uma provação para o seu rabo. Ela sorriu. Não sei também se devo descrever, minimamente que seja, a cidade de Fresno. Não terei pachorra. Vou contar, isso sim, para que se demonstre que o clima da Califórnia tinha mudado, lembra-se, a terra ter ficado fora dos seus eixos, uma chuva que, de tão espessa e demorada, alagou as ruas da cidade, ou, pelo menos, a rua que servia a biblioteca. John, no seu

«midwest», estava mais habituado a tornados, muitas vezes letais para as populações daquelas incipientes cidades, por mais refúgios que tivessem construído já depois da Catástrofe. Uma chuvada em pleno verão, e daquela natureza, foi coisa que nunca vi. John e Tony vêm à janela, um feliz por ver tanta água caindo, é o caso de Tony, o outro admirado com o espectáculo. Tiram as fotografias ao fotografável, não só às do escritor, não só às capas dos livros ínsitas em dois ou três dos volumes, não me lembro bem, mas também, porque sobejava película, às capas da revista **nada**, pelo menos dos números em que vinham publicados os textos. Ah, esqueci-me de mencionar que uma das dificuldades que John sentirá ao passar todos aqueles textos se deve ao facto de ter que manter com uma mão, a esquerda, as revistas abertas, e com outra mão, portadora de um dedo providencial, carregar sobre as teclas. De tal maneira o esforço era evidente que Tony veio ajudá-lo, escarrapachando aquelas páginas com um denodo que obrigava John a perguntar-lhe, não está cansado, veja lá! Diz qualquer coisa, achas tudo isto supérfluo? Não sei o que dizer, replicou ela. No romance não há muita metafísica, logo, talvez esses pormenores sejam significativos. Não sei. Não sei como será o fim do romance. Ainda não me revelaste. Estás suspenso na minha própria suspensão, tardando, tardando o desenlace. Achas então que devo despachar tudo isto, ou melhor, que devia, desde o começo, ter despachado o teor o romance em duas ou três pinceladas. Ela sorriu, depois começou a rir, depois pôs-se séria. E disse: como poderias fazê-lo, se precisavas de tempo para me seduzir? Para te seduzir, eu? Sim, você. Você. E também eu, não o nego. Como já lhe disse, o seu romance alicerçou ou propiciou o nosso romance, o nosso caso, não é assim que o dizes. Espertinha, foi a palavra, um pouco infantil, que se soltou da minha boca. O conhecimento carnal que nos introduziu na realidade e no formato de um recente casal, mesmo se controverso e com muitas reticências, não a impedia de me tratar por você. Às vezes por tu, mas era evidente o esforço que ela fazia para se imiscuir na minha mundivivência. Ela pertencia a um outro espaço, embora o tempo em que vivia não fosse diferente do meu. Anacronismos, dizem os historiadores que se compungem com as

exorbitâncias do mundo. Contemporaneidades nem sempre contemporâneas. Por um motivo que não sou capaz de deslindar, muito menos agora, que só relato o que aconteceu sem ter que inventar o que me passava pela cabeça, posso asseverar, sem dúvida alguma, que até gostava daquele tratamento. Transportava-me, por assim dizer, para uma diferença de mim, sei lá, perspectivava-me na possibilidade de poder ser um outro, não o sendo, pois nada mais era do que fingimento, pensando eu então que, pelo facto de fingir uma língua, a língua dela, esse facto não me determinaria como personalidade ou maneira de ser. Hoje já não estou tão certo de que fosse assim. Confesso, não sei. Nem me afligi ao descobrir que ela pensara, estava mesmo convencida, que toda aquela narração de um romance mais ou menos futuro e hipotético fosse uma ctónica estratégia de engate. Não foi, mas isso importa? As pessoas lêem-nos e interpretam-nos com a liberdade das suas experiências, para quê desmentir, berrar que não, que não foi assim, o que foi alguma coisa?

Onde estava? Pois, aquela semana passou depressa, diria o truísmo. Isto para despachar. Mas não, não posso já dizer que Marilyn voltou a Fresno. Tenho que encontrar maneira de se falar do problema de Turlock. Ajuda-me, pedi-lhe. Sorriu, como se me estivesse a ajudar, abanando com a cabeça, lendo eu, decifrando eu aquele movimento de uma amorosa paciência como um desabafo: este homem, este homem! navega, não sabe por onde vai. Tony vai fazer amizade com John, vai convidá-lo a jantar em sua casa, e numa dessas vezes, justamente, aparece, a pedido do anfitrião, o seu amigo, Ted, membro da equipa de detecção da radioactividade, um homem troncudo, dos seus quarenta anos, farta bigodeira, e eu desfaço-me em riso, com aquela farta bigodeira do século dezanove. Agora a sério. Façamos de conta que Marilyn já está presente, já voltou. Tony apresenta a Ted o casal que viera de Santa Bárbara. Fazer uma pesquisa, elucida Tony, mas não encontraram o que esperavam: um livro do tempo anterior à Catástrofe. Felizmente que não vão de mãos a abanar, porque encontraram outro material, que mal sabiam que existia. Bebem uma tisana, ou uma infusão, tanto faz, muito agradável, boa, segundo o parecer talvez supersticioso da população da

cidade, para prevenir o Grande Mal. Os médicos, sempre cépticos, mas compreensíveis, afirmavam que a mistela não fazia mal a ninguém. Que a tomassem. Era um bom digestivo. E eles assim faziam, tomavam-na. O problema, explica Tony a Ted, é que eu falei-lhes de Turlock, da sua universidade, da existência, então, de muitos cidadãos, senão bilingues, pelo menos de origem portuguesa, e da possibilidade, mesmo se remota, de se encontrar numa estante da sua biblioteca o tal livro. Mas Turlock ainda se encontra na zona neutra. A pergunta que te faço é muito simples, ainda há perigo em lá ir? Ainda há alguns resquícios de contaminação? Ted diz que não, pois os índices de radioactividade são quase normais. Mas logo a seguir, quanto ao perigo, nunca se sabe. Depende das disposições biológicas das pessoas. Agora, que não encontram nada de anormal, é um facto. Só que as autoridades sanitárias, sempre temerosas, por precaução, compreende-se, e porque a cidade realmente sofreu muito com a sua aproximação a San Francisco, essa completamente devastada, aliás como aconteceu com a metrópole de Los Angeles, apesar de todo o tempo que já passou depois da ocorrência da Catástrofe, não é que não permitam, porque nem sequer o poderiam fazer, mas aconselham as pessoas a não se deslocarem a Turlock. Todos somos conscientes, perorou Ted quase filosoficamente, de que o que nos une é o medo. Ao medo de hoje chamavam nesses tempos pré-Catástrofe, alma. E continuou, conheço bastante gente que vive, não propriamente na cidade, mas nos seus arredores. A cidade foi invadida pela vegetação. Os arredores, por milhares de árvores, quase todas carvalhos, de várias espécies. Devo dizer, uma beleza. O vale de San Joaquin, e aproveito esta passagem do romance para oferecer aos leitores alguma informação, que te parece?, acrescenta Ted, que estava em sérios perigos de desertificação no século vinte e um, devido à salificação dos terrenos, por sua vez devido à irrigação excessiva que fizeram desde o começo do século vinte, e aqui suspendo-me, porque nada mais sei sobre o assunto, digo-lhe eu, com o tempo, com a mudança do clima, com as chuvas mais frequentes, mesmo se depois da Catástrofe ainda ácidas, tornou-se novamente fértil, ofereceu-se aos ventos e às sementes. Grande parte do vale é uma floresta.

Nós aqui não permitimos que isso acontecesse porque temos a agro-pecuária, com animais para alimentar, mas estou convencido que num futuro não muito distante, não fazendo as asneiras desses passados imbecis, mais dia menos dia a cidade será recuperada e as pessoas poderão aproveitar toda essa terra para a agricultura. Será uma riqueza. Mas a cidade em si?, quis saber John. A cidade é uma cidade fantasma. Os edifícios degradaram-se, nada resiste ao tempo. Mas ainda há ruas asfaltadas, casas mais ou menos habitáveis, pelo menos vistas do seu exterior. Nós vamos lá de dois em dois meses. Conheço umas dez famílias que vivem nos seus arredores há muito tempo, alguns dos mais jovens dessas unidades até nasceram lá sem precisarem de vir ao nosso hospital. Falecem com as idades com que falecemos, no tempo aprazado. Há exceções, como Tony, diz Ted com uma afectuosa carícia no peito do amigo, que vai durar muito mais tempo. Até aos setenta, pelo menos. Os sábios têm esse privilégio, sabem prolongar o tempo dentro e fora deles. Aqui, estou um bocado confuso. Falei já, se te lembras, da sexualidade dos mais velhos? Lembro de ter dito que o tempo fecundo para as mulheres seria entre os quinze e os vinte e cinco anos, mas referi-me às vidas sexuais desses reformados, então já uns velhos? Também não me lembro, disse ela consternada. É a chatice, contar não é a mesma coisa que escrever. O escrito fica como um marco, com a memória não se pode regressar atrás. A memória é uma evanescência. Tem sempre que ser inventada. Não faz mal. Porque aqui, eu gostaria de dar a entender que estes dois amigos eram homossexuais, e que não havia, obviamente, nenhuma sanção ou discriminação nesse facto. Depois vejo. Porque gostaria de pôr Marilyn a olhar para John, não com um olhar de cumplicidade, como se tivessem descoberto alguma coisa, mas com uma ternura suave, de quem aceita o real e as suas diversidades. Esta personagem, já antevejo, falo da Marilyn, também vai causar-me problemas no fim do romance. Mas ainda não chegámos lá. E então, Ted, o que se poderá fazer?, inquiriu Tony, a mão esquerda no queixo, em expectativa. Tenho um amigo, Marlon, a escassas milhas da cidade. Vive numa cabana, arranjou água de um poço que fez, ou que já lá existia, não posso precisar, cultivava uma

horta que lhe dá os vegetais, tem um pomar com algumas árvores de fruto, e depois, com a sua espingarda quase ancestral, caça tudo o que lhe vem à mão, conforme a necessidade.

— Caramba, estou a contar como se estivesse a escrever. E estás a escrever, confiou-me ela, denunciando no seu rosto talvez alguma admiração, talvez, não sei, algum orgulho. O seu olhar não era um livro, nem os olhos, infelizmente, são o espelho da alma. Tudo isto aconteceu, mas se me perguntassem onde isto estava a acontecer, este relato, seria incapaz de o dizer. Estaríamos deitados na cama, estaríamos no passeio, estaríamos sentados no sofá, bebericando um qualquer líquido? Um refrigerante? Não me perguntem. Mas aconteceu, disso tenho a certeza, porque recordo o rosto dela, como se a tivesse aqui agora mesmo, à minha frente, o tempo revolucionado numa presença eterna, num momento fixo, numa paragem utópica. Enfim, vamos ao que interessa. Dirá o Ted, se lá quiserem ir, vão ter com Marlon. Vão da minha parte. É um homem muito gentil, a solidão parece que o rejuvenesceu, e já não é novo. E ri-se, ri-se, quando nos vê lá chegar. Como se fôssemos o mundo a ir ter com ele. Mas como encontrá-lo? Fácil, antes de entrarem na cidade, a umas, quê, cinco ou seis milhas, verão um poste de madeira encimado por uma seta metálica onde está pintado o seu nome, à esquerda, e depois seguem o caminho, terra, é claro, são umas dez milhas até à sua casa. O problema é que podem não encontrá-lo. Obviamente, explica Tony, não tem telefone. Ted ri-se, não, não, não há linhas naquela direcção. É preciso ter-se coragem para se viver só. Ele tem uma carrinha, que usa quando esporadicamente vem a Fresno, comprar balas, como ele diz, e visitar uma amiga de longa data. Se lhe acontece qualquer coisa de grave essa coisa será a sua sepultura. Diga-me lá, e tenho que me lembrar disto, o lápis, o lápis, interrompo a pergunta que estava prestes a fazer. Escrevi a frase numa folha avulsa. Diga-me lá, o que vê nesta frase? Tenho que ver alguma coisa? Vou repetir: Se lhe acontece qualquer coisa de grave, muita atenção agora, essa coisa será a sua sepultura. Não haja dúvidas, você é um professor. Eu sou a sua aluna? Então, não nota nada? Tinha a obrigação, para quem fez um curso de línguas e literaturas modernas, ainda por cima de francês e de inglês.

E continuo, a fingir que estou amuado: Estou perdido, não há trocadilho que resista, nem leitores privilegiados. Como se diz sepultura em inglês? Ela percebeu. Assim não vale, é muito rebuscado o seu jogo de palavras. Vai passar completamente despercebido. Não pode exigir tanto do leitor. Tem que escrever para as massas. Quais massas?, repliquei, gozando o diálogo. Continua com os trocadilhos? Assim não vale. Nunca te vi tão facecioso. Que se passa consigo, diga lá! E nunca me viu, a mim, tão humilhada, e é uma queixa que lhe faço. Meu amor, penso que exclamei essa banalidade pela primeira vez. A verdade porém é que eu senti como verdadeira aquela ejaculação espontânea, aquele arroubo emocionado transpôs-me trémulo para incomensurabilidades de uma quase transcendência, se faz sentido empregar este termo neste contexto. Tempos ecoavam em tempos, cenas desdobravam-se em cenas, eu tinha vivido nesses lugares que a ausência não apagara, eu tinha proferido essas mesmas palavras vezes sem conta, e agora todo esse tumulto acusmático atingia-me como um estremecimento da alma, que não existe, mas que persiste, inexistência, em sobreviver para lá do bem, para lá do mal. Amor, reciprocou, omitindo o «meu». Que se lixe o romance. Eu tinha-a, a ela, dentro de mim sem precisar da imaginação, bem real, palpável, mulher. Peguei nela, não para a sagrar divina num qualquer altar do engano, mas para a levar ao tumulto inalcançável do meu sentimento, da minha animalidade absconsa em rodeios que a própria língua seria incapaz de compreender ou assimilar. Criança de mim próprio, muito próximo talvez do bebê que fui ou que desejava ser, suguei-lhe aqueles mamilos na esperança de encontrar um alimento que me sustentasse. Sustentei todo o tempo que pude aquele frenesi a dois, explodi quando senti no seu corpo e na sua voz uma explosão fatal.

Banhados de suor, levantámo-nos e fomos ao chuveiro. A água, morna, caiu sobre nós como uma chuvada depois de um fogo consumado, a inocência do nosso instinto saldava-se pelo prazer de sentir sobre a pele aquele apelo a uma fertilidade finalmente humana. Brincámos ensaboando-nos nas partes do corpo que mais nos eram caras, duas crianças jogando ao delírio e à ilusão da felicidade. Minutos e minutos sob aquela

água nem baptismal nem funérea, chupada do poço que mandara abrir nas entranhas da terra, trazida pelos canos de não sei que matéria, aquecida pelo esquentador que, na cozinha, comedor e sala de estar, refulgia no estrépito de um prolongado fogo. Pudéssemos nós prolongar o fogo, o nosso fogo, até aos limites da possibilidade, pudéssemos nós durar enquanto houvesse amor.

## Capítulo 39

John e Marilyn, no albergue solitário, dentro da noite, discutem o que fazer. A ideia de John é de irem os dois, primeiro porque não sabe conduzir, e depois porque receia que ela não dê, mesmo que o livro se aloje nessa biblioteca da universidade de Turlock, com a sua presença, dado o desconhecimento da língua. Não é uma razão para ires, gostaria muito mais de que acabasses a transcrição desses textos, em vez de perdemos um ou dois dias na ida a Turlock. É a minha opinião. Mas não era só pelas causas aludidas, e John sabia. Ela temia que houvesse ainda réstias, mesmo se imperceptíveis, de radioactividade no local, uma coisa era a natureza, outra coisa seriam esses edifícios abandonados, possivelmente fechados. Que sabiam eles, no fundo, do que causava o mal. Nada. E ele teve de concordar. Não vou fazer nenhum sacrifício, dirá ela, mas seria inútil expores-te ao perigo. Ou achas, diz-me lá com sinceridade, que um livro vale a vida de uma pessoa? Um livro é só um livro. Ela tinha razão. O luar dessa noite tentou acompanhá-los na ternura em que se abraçaram e enlaçaram, mas foi demais para uma luz tão ténue. Adormeceram e na manhã seguinte, tendo John, sempre precavido, escrito o nome do autor e o título do livro sobre um papel, como se ela não soubesse de cor esses dois garatujos, foram à Recepção, a Câmara Municipal, como tinham combinado com Tony. Manhã cedo. Lá estava ele junto a um automóvel que pertencia à cidade, esperando-os. A viagem demoraria umas duas ou três horas. Ficou surpreendido quando descobriu que só Marilyn iria a Turlock. Tenho que fazer ainda aqui, e pensando melhor chegámos à conclusão que seria preferível ela levar a cabo esta missão sozinha, sorriu John. Não se pode adivinhar quantos dias demorará a pesquisa. E ainda há muito a passar à máquina, como sabes. É uma boa ideia. Tenho a certeza que Marilyn dará conta do recado. Trouxe qualquer coisa para comerem, como só vai um, mais restará. Não te esqueças, Marilyn, primeiro à cabana de Marlon. Fazes o que Ted sugeriu ontem. E cuidado com o caminho, que a estrada deve estar num mísero estado. Para a equipa de Fred poderá ser viável, porque se deslocam em jipe, mas para este calhambeque será

uma outra aventura. E não te esqueças dos animais selvagens, que podem aparecer, atravessando a estrada. Cuidado!

– Preferi dar o protagonismo a Marilyn, pensando que talvez depois, ao escrever o livro, possa alinhar algumas meditações sobre o problema da morte, da morte como era vivida por aquela gente. Terei ainda que inventar, e isso dependerá da inspiração do momento. Ou então vou a um desses romances que já ninguém lê, mas clássico, canonizado, perdido nas bibliotecas do nosso ocidente, e roubo algum palavreado mais ou menos metafísico, não para o plagiar ou copiar, mas justamente para o inverter, dando-lhe a volta. Um cataclismo daqueles nunca aceitaria uma visão ainda possível no nosso tempo. Que lhe parece?

– Parece-me que você quer ser uma máquina do tempo. Andar de trás para a frente e vice versa, num corupcio alucinante. Mas com o tempo não se brinca. Nem com o tempo imaginado. Mas realmente concordo, não é má ideia dar a essa mulher algum protagonismo. As feministas que cá não existem ficariam desoladas, sorriu, divertida com a brejeirice do seu raciocínio. Vamos lá, continue, esse seu romance religioso.

– Religioso? Onde está a religião nisto tudo?

– Em muitos aspectos, já agora, que poderemos discutir numa outra ocasião. Mas não se dá conta, no fundo, bem lá no fundo, que a procura desse livro é a expressão contemporânea, ou foi-a na Idade Média, tanto faz, da busca do Santo Graal? Como diria um qualquer teórico estruturalista. Ou não sou eu, e com um sorriso malandro, uma mulher que possui uma licenciatura em línguas e literaturas modernas?

Fiquei petrificado. Aquela mulher era inteligente e perspicaz. Possivelmente mais do que eu. Varado, foi como fiquei. Derrotado. Lá se foi o romance, pensei. Não iria calcorrear caminhos já trilhados, comprazer-me com esquemas simbólicos, corroborar com imbecilidades civilizacionais. Mudo, soergui-me da espreguiçadeira e deixei que meus olhos admitissem uma aquosidade intempestiva, em certo sentido incestuosa. Estava calmamente fora de mim. Como se me tivessem apontado um dedo acusatório, expelindo com violência uma pergunta inadmissível: Como é possível desconheceres-te?

Era possível? Não quis crer. Mas era possível.

– Então, vamos lá, esse romance? Marilyn descobre ou não o livro? Não me deixe em suspenso.

– Como posso continuar esta história, este esboço de romance, depois do que me disse? Acertadamente, acertadamente, e agradeço-lhe por tê-lo feito. Como posso continuar esta história?

– Mas quem é que vai dar por isso? E quem se importa com isso? Pelo contrário, só poderá favorecer-lhe.

Não a ouvia. Como não pensei nesse paralelismo? Era estúpido, sempre fora estúpido, tudo me escapava. Bem feito por me ter deixado apaixonar pela imaginação. Escrever romances, para o que me havia de dar. Felizmente que não estava escrito. Sim, continuaria com a história, mas só para lhe dar prazer. Nunca cairia na asneira de escrever um romance. Não tinha a ingenuidade feliz dos romancistas, nem a seu traquejo no que respeita à manipulação do real. Da ficção do real. Utopias, utopias, merda para as utopias. Acabou-se, pensei e vocalizei o que acabava de pensar.

– Não faças uma coisa dessas. Deixas-me desiludida. A história não tem interesse nenhum. Importante é o que irrompe nos seus interstícios, nos intervalos. Pequenas meditações, minúsculos pormenores, apartes, ditos inesperados, e finalmente, um estilo. É muito simples, o livro tem que ser encontrado. Não será uma quimera, uma fé, um delírio. Será uma coisa real. Só isso, o livro terá que ser descoberto, e lá se vai a lenda do Santo Graal. É isso.

– Não é isso não. Encontrado o livro, o romance transforma-se num policial. Dylan tinha razão: You're gonna have to serve somebody.

– Todos nós, religiosos ou não. Não há ninguém que consiga escapar. Ninguém é livre, meu caro. A liberdade é um mito. Um outro, disfarçado, Santo Graal. Muitos a procuram, não a encontram. Que liberdade tenho eu, que liberdade tem você?

Senti, mais do que adivinhei, na sua voz, um estremecimento que poderia interpretar de amoroso, não, antes amorosamente maternal. Não podia perder aquela mulher. Abandonado na maior das desolações, desanimado, insubstancial, pe-

di-lhe: Ama-me. Ela levantou-se e abraçou-me com uma força descomunal, ilesa, protegendo-me da queda vertiginosa e da sombra da morte que toldou o meu olhar. Senti o seu coração palpar, transmitindo-me sinais que não sabia decodificar mas que me asseguravam, algures na distância, da existência de um porto. Bastava-me descobrir uma porta. Ela foi, nesse momento, essa porta. Amo-o, ciciou aos meus ouvidos, amo-o. Nessa tarde não fizemos amor. O amor tinha-se de tal maneira declarado que não nos foi possível oferecer-lhe um corpo, um desejo, uma expressão saudavelmente sexual. Ajuda-me a acabar esta história, disse-lhe, com toda a humildade que consegui congrega no meu nada. Tu és um homem, não precisas da minha ajuda. Descobri-me repentinamente na sua voz e no que acabava de proferir, eu era um homem. Eu sou um homem, repeti para mim mesmo, mas não estava seguro. Que era ser-se um homem? Qual o significado, o sentido, a verdade daquela tão banal afirmação: eu sou um homem? Não significava nada, não fazia nenhum sentido, mas era verdade. Eu era um homem, fora sempre um homem, seria sempre um homem. Até à morte. Até não ser mais verdade.

Sentados novamente nas espreguiçadeiras, protegidos da ventania que se fazia sentir, ouvi: Continua. Não liguei aquele verbo ao romance que tentava contar. Liguei aquele verbo à minha vida. Continuo, sim, confirmei numa voz que me devolia ao mundo e à sua realidade. Marilyn tomou o caminho de Turlock. Deixou passar o tempo da viagem como se ela própria fosse uma viagem, fazendo da sua consciência os acontecimentos da sua vida, os factos, as peripécias, as palavras proferidas nesta ou naquela situação, mas que a estigmatizaram ao ponto de agora surgirem como memória ou capacidade de reviver o passado. O seu tempo era limitado, como o dos outros, mas de uma maneira diferente. É bom não se sofrer de antemão a finitude, a morte. Mil vezes encontrá-la de supetão, sem um aviso prévio. Não teve essa sorte. Nada no corpo lhe assediava como uma antecâmara da fraqueza ou de um desgaste, mas dentro dela cambaleava a fragilidade da sua condição humana. Era demasiado nova para perecer. Tentou, depois de descoberta a nódoa, enganar-se com a indiferença e a aceitação, racionalmente aceitou essa morte precípita, mas a

componente biológica do seu corpo não podia concordar com um destino que se desfigurava sem sentido, como se a falta dos anos que não viveria soubessem a uma injustiça. Perpetrada por quem? Ninguém acreditava, da humanidade que ficou sobrevivendo, na existência de deus ou de um ser supremo, pelo menos conscientemente, a Catástrofe pôs fim à ideologia da ilusão. E no entanto, no entanto ela percebia, muito tenuemente, talvez, que a ideia de deus derivava e ressumava do próprio corpo, não de uma consciência, não de uma fé ou de uma convicção forjada pela suspeita de uma presença na ausência. Eram as entranhas, os sentidos, e não a volição, que exigiam algo que estivesse ao mesmo tempo muito longe e tão perto que a intuição, a percepção, poderiam dar a conhecer o irreconhecível, a inexistência.

A beleza da estrada, não dos buracos que desfeavam o piso ao ponto do automóvel perpassar numa sinfonia de solavancos ao longo de todas aquelas milhas percorridas, mas das suas bermas e arredores, árvores que lhe eram desconhecidas subiam ao céu com um excesso de folhas e de titilações verdes que faiscavam em contacto com a luz do sol. Uma serenidade transpô-la para lugares inacessíveis ao sentimento, na hora da perda descobria, achava uma novidade fazendo-se presença e sonho. Crueldade era o nome do real. Que realidade poderia salvá-la ou abstraí-la ao fim? Viu finalmente a flecha com o nome esculpido, Marlon, guinou o automóvel e sem apreensão deixou-se levar por esse caminho de uma terra por vezes batida, outras vezes tão mole como as areias de uma praia. Encontrou a cabana, estacionou, olhou em redor, ali uma horta viçosa, mais ao longe o mecanismo de ferro que ajudava Marlon a elevar a água que se se acumulava no fundo do poço, a sua ventoinha pacientemente imóvel, esperando sem dúvida que o vento soprasse a qualquer hora, indiferente à volubilidade atmosférica. Marilyn acercou-se resoluta dos troncos unidos pelo adobe primitivo, de dentro da cabana aparece Marlon, sorridente, perplexo talvez pela visita inesperada. Ouve a história que Marilyn tem para lhe contar, primeiro vamos almoçar, diz-lhe, depois iremos à cidade. A fragilidade do almoço, a sua dieta, legumes e carne oriunda das caçadas de Marlon, foi uma injunção para Marilyn, havia vida

até à morte. Ouvia-o contar histórias, abreviaturas de uma experiência solitária, o trabalho na horta, a necessidade que tinha de ir a Fresno para obter as sementes, pois os vegetais não se propagavam. As árvores sim, e revelou-lhe com um prazer maravilhado todos os nomes que Marilyn ignorava. Ouviu encantada as peripécias da caça, a maneira como ele escolhia as presas, o respeito que sentia por todos aqueles animais. E falou-lhe do perigo. Muitos animais selvagens concorriam com ele na busca de alimento, lutando pela sobrevivência. Não só felinos, panteras da montanha que desceram ao vale, até ursos de distâncias que não os impediram de surgir. Daí a necessidade de andar sempre armado. Por vezes, disse-lhe Marlon, sem arbitragens nem conversações, talvez por acaso, sabe-se lá porquê, parecia que um compromisso tinha sido atingido, parecia até que se respeitavam. Ele tinha o seu território, eles ficavam-se pelos seus limites. Nem sempre, e então Marlon tinha de usar da violência, não bastava afugentá-los, era obrigado, com muita pena, a eliminá-los com um tiro certo. Assim era a vida por aquelas bandas. Não, não sou um solitário, nada disso, adoro a companhia das pessoas. Quando por cá passa o Ted com os colegas é sempre uma festa, contam-se histórias e mentiras, bebemos uma tisanha misteriosa, e piscava um olho maroto como se Marilyn compreendesse do que estava a falar. Compreendeu quando Marlon fez referência a umas ervas que eles fumavam para alcançarem a euforia da plenitude gratuita do bem-estar. Quer levar um saco consigo, quando regressar a Fresno? Disse que sim, subitamente alegre, desfeita a sombra da viagem. Vamos então, foi como concluíram a conversa.

A cidade de Turlock acolheu-os com o restolho das folhas das árvores que invadiram tudo o que fosse terra. O asfalto e o cimento, o betão dos grandes edifícios estavam isentos da beleza que se espalhara. O tempo da terra, para ser eficaz, para apagar a presença da humanidade, precisava de mais do que um ou dois séculos. Era uma cidade fantasma, mas o fantasma não assumia as sugestões escandalosas do fantasmagórico nem do apocalíptico, havia naquelas casas de madeira que abrigaram famílias um fascínio impoluto, uma presença quase real, mesmo se irrealizável. Como estão essas casas?,

perguntou Marilyn. Como sempre estiveram. Pelo menos algumas. A lei não impera no acaso do que acontece, respondeu espevitado Marlon, não saberia explicar por que razão algumas ainda resistem e outras se degradaram. A diferença, se entrar numa dessas casas residenciais, é que deparará com poeira e com as inevitáveis teias de aranha. Algumas vezes com ratos. Mas nota-se um certo equilíbrio. As ratazanas não metem medo, são dóceis e vistosas, pelo menos para mim. Para os predadores são apenas alimento. Mas há sempre o perigo. Daí lhe ter dado uma arma, essa pistola que leva no seu saco. Nunca se sabe.

Parei. Expliquei, embora achasse inútil a descabida explicação. Na utopia do meu futuro cataclísmico não há monstruosidades como as que vemos nesses filmes que passam por aí, muito mais espelhos contemporâneos do nosso presente do que realidades pretensamente futuristas. Não há espectáculo. Nem horror. Há a naturalidade inexpugnável da terra sobrevivendo aos seus próprios ciclos. Outrora foram os meteoritos ou os vulcões, segundo a ciência de hoje, amanhã, quem sabe, será uma outra história. Depois da Catástrofe, depois da insanidade beligerante dos interesses e das competitividades das sociedades iludidas pela rapacidade capitalista espalhada pelo que chamavam o globo, em vez de planeta, como já o fazem, e não invento nada, o susto dos sobreviventes desse horror, o medo, como já disse, apagou-lhes a maldade ou a ganância. Com o inenarrável horror, com o inolvidável sofrimento, fez-se consciência a cooperação. Nada como a morte epidémica para transformar os homens em filhos da terra, seres terrestres. A ilusão foi ter-se construído o mundo. Na utopia o mundo que há é a memória da Catástrofe. O que se pensa hoje ser a inteligência, essa faculdade, como dizem os dicionários, para se resolver os problemas, não é verdadeiramente inteligência. É a esperteza, o pensar-se que os outros são estúpidos, o pensar-se que não somos como os outros, que há diferenças, porque alguns de nós vivem o mal como um facto natural. Veja o Marlon, caça, como os outros animais, para se alimentar, não para adquirir riqueza. Nem sabe o que isso significa. Distinguir-se o ouro de um metal qualquer, até de uma pedra, não é sinal de inteligência, é a manifestação de

uma doença, de uma vaidade sem fundamento.

– Está a querer dizer-me que o homem não terá solução? Não acredita no progresso, que hoje se vive muito melhor do que há alguns séculos atrás?

– Quem vive hoje melhor? Os que possuem as armas e disfarçaram o mal em bem. Não falo de armas armas, falo dos meios que possuem para subjugar os outros. E no entanto, veja, quando há um desastre, um terramoto, outra coisa qualquer oriunda da terra, as pessoas, as nações, ajudam os que se encontram em perigo. Se todos estivéssemos em perigo, ajudar-nos-íamos todos uns aos outros. A voz da espécie seria talvez mais inteligente do que daqueles que pensam que ultrapassaram a condição de animais terrestres. A utopia não é um lugar que não existe porque nunca poderá ser atingido, a utopia é esse lugar de onde saímos. Em termos, vá lá, bíblicos, do paraíso. Não é por acaso que não gosto da expressão, a idade do ouro, essa idade mítica. Nunca houve uma idade do ouro. Mas houve, há e haverá sempre a idade, ou as idades da terra. Não ligue, só digo disparates. Às vezes penso que a melhor maneira de se fazer sentido é não se fazer sentido, não sei se me compreende. Não? Não faz mal. Também eu não me compreendo. E todos nós vivemos, sem compreendermos muito bem porquê. Porque nascemos, aduziu ela. Porque nascemos, concordei. A ideia do suicídio que sempre me acalentou fendeu-me a consciência como uma vergonha da minha covardia.

Quis saber: Você é comunista? Ri às gargalhadas, não, não sou. Mas não queira saber qual é a minha cor política, nunca fui polícia de ninguém. Nem aspiro a sê-lo. Compreendeu a insinuação? Ignoro. Prossigo? Recebi o seu nuto. Em suma, Marilyn procurou, procurou nessa poeirenta biblioteca, no departamento de português, e não descobriu nada. Perdeu a tarde. Marlon seguia-a, sem pronunciar uma palavra, para não a distrair. Mas sempre protegendo-a, do perigo, como ele dizia, fazendo-lhe companhia, sugerindo, e ali, e ali. Nada. Saíram da biblioteca e enfrentaram, com os olhos piscos de um interior que talvez há muito desconhecesse o que era o ar, o sol de um crepúsculo jovem, apenas iniciado. Gostaria de ver uma das casas, só para ficar com uma ideia de como as pes-

soas viviam. Não é que não veja nos filmes que por lá passam, no nosso centro, mas seria diferente, ao vivo, se me posso exprimir assim. Venha, e Marlon levou-a, encaminhando-a pelos passeios voluminosos de uma vegetação saudável, a uma das residências que melhor estavam conservadas. A porta estava fechada. Mas não foi preciso chaves para abri-la. Muita poeira, verdade, e teias moribundas, como se os próprios insectos achassem que nada mais faziam naquele ambiente fechado e tivessem, sabiamente, de moto próprio, abandonado o local. Marilyn satisfaz a sua curiosidade. Primeiro no rés-do-chão, a sala de estar, a cozinha, a sala de jantar, uma pequena biblioteca, e depois, no primeiro andar, os quartos de banho e os de dormir. As camas feitas, como se não tivesse havido pânico, alvoroço, fuga precipitada, as cadeiras nos seus lugares, um autêntico museu dos finais do século vinte e um. Olhou para Marlon, como se ele tivesse uma resposta para o seu espanto, como se Marlon tivesse estado lá nesse fatal dia só pelo facto de agora, passados tantos anos, estar a viver junto à cidade. Não me pergunte, que também não sei. Divagamos, eu e o Fred, mas não chegamos nunca a nenhuma conclusão. Não sabemos. Nem os especialistas dos efeitos da Catástrofe em Turlock têm respostas. Há teses, há teorias, não há nada, se quer que lhe diga. Mas há especialistas. Do nada, sorriu Marilyn. Do nada, concordou Marlon.

Tarde demais para regressar a Fresno. Teria que passar a noite na cabana, Marilyn, o que não lhe pareceu um contra-tempo. Enquanto Marlon prepara o jantar, ela sai da cabana e senta-se num desses troncos largos que fazem de conta que são um banco ou um assento oferecido pela natureza. Ela vê o sol amistoso tentando desaparecer no horizonte perspectivado pela floresta. Sabe, instruída pelo aviso de Marlon, que a cabana não tem luz eléctrica, e que, por acaso, as velas que trouxera da última ida a Fresno já foram consumidas no periclitante fogo que prospera e se consome nas suas mechas. Há tempo. Declinou servir-se da sua cama, qualquer coisa, uma ou duas peles, uns farrapos, seriam mais do que suficientes para imitarem uma cama. Dormiria no chão, talvez até fosse visitada por um desses bichos do campo, um ratinho, por exemplo. Não, Marilyn pensava antes no destino do sol-pôr,

na queda daquele astro como se estivesse a subsumi-lo, a fazer dele o seu próprio destino. Terrível engano, de que se envergonhava. Ela não amanheceria mais. Mas aquelas árvores, todo aquele verde misterioso à sua frente, fruindo de uma brisa que fazia também estremecer a cegonha metálica, dando-lhe presença, lhe proporcionava uma paz amíntica, epulótica, uma felicidade sem alegria, um bem-estar sem que se sentisse presente. Pensou em John, e no acaso daquele encontro. Iria com ele para qualquer lugar da terra que fosse habitável, mas só em pensamento. Pensou na mãe. Pensou na filha, que lhe disse vir viver para Fresno. Teria que conhecer melhor a cidade, passar pelos lugares que a filha pisaria, como se fosse possível deixar pegadas decalcáveis, imbuídas de um sortilégio, de um sentimento. Marlon, mais do que sorridente, chamou-a, o repasto estava pronto. Curiosa, perguntou-lhe, que idade tens? Adivinha, instalando no cimo da mesa o guisado. Cinquenta, alvitrou ela. Soou uma gargalhada quase musical, cinquenta, repetiu ele várias vezes, cinquenta, e com umas lágrimas inconclusas nos olhos pelo riso que tinha deflagrado no interior da cabana, revelou, serenado: estou quase com setenta anos. Ela não quis acreditar, ele brincava. Era muito raro chegar-se a tal idade. Teve que lhe dizer, com diplomacia: Sabes bem que é impossível, muito menos, e desculpa ser céptica e dizê-lo, para uma pessoa que habita por estas paragens mapeadas como neutras. Olha para ti, não mais do que cinquenta e cinco, e já é muito. Olha para mim, sorriu ele, levantando os cabelos que lhe cobriam uma das orelhas. Ela viu, quase assustada, ela bispou essa estrela tão semelhante à sua, essa protuberância letal, ou nuncia, precursora de uma morte mais ou menos iminente, aprazada. É o nosso segredo, sussurrou ele, fica entre nós. Marilyn não teve coragem de lhe revelar o seu estigma. Mal conhecia Marlon. Não pode ser, não pode ser! Há quanto tempo trazes a marca? Come, come, que a comida esfria. Sentaram-se. Nem todas as pessoas estão condenadas à morte prematura só pelo facto de lhes ter aparecido este feitiço na pele. Não acredites nos médicos. Mas são factos, contrariou ela. Acredita que há pessoas e pessoas, e que cada uma traz em si uma história. Infusões, minha querida, tisanas, e umas ervinhas para alimentarem as células do

cérebro. Quase setenta anos, e tenho esta impinge desde os quarenta. Vim para aqui para morrer, não desejava perder os sentidos num hospital qualquer, na frialdade branca de uma luz artificial. Sei que vou morrer, mais dia menos dia, mas os meus dias não estão contados. Todos os dias começam com um espreguiçar, todos os dias acabam com um bocejar. Até ao dia, até ao instante. Perdendo o olhar nessas árvores que me abraçam, lançando meu rosto ao uredo e cuidado do sol. Come, come, senão a comida esfria. Como está este meu gui-sado? Marilyn provou, saboreou, cerrou os olhos de satisfação: Muito bom. Não te esqueças da infusão, bem quentinha, para acompanhar.

– Não sabia nada de ervas, nem de nada, quando vim viver para aqui. Não fui eu quem construiu esta cabana, ou a cabana primitiva, pois tive com o tempo de a remoçar. Vivia aqui um índio. Filho de outros índios, daquelas famílias que nunca se miscigenaram antes ou depois da Catástrofe. Seus pais viviam numa reserva, ou coisa parecida, não me recordo bem, vizinhos de uma cidade em ruínas, Solvang, ou qualquer coisa parecida. Sei perfeitamente, reconheceu Marilyn, confirmando e esclarecendo, era uma pequena cidade de descendentes de Dinamarqueses, europeus, vivia essencialmente de turistas, antes da Catástrofe. Acabaram os turistas, acabou-se a cidade. Lá ficou, imprestável, um busto de um escritor, confesso que nunca soube o seu nome. Havia ainda, pois fui lá duas ou três vezes durante toda a minha vida, com a minha mãe, uma missão edificada pelo franciscanos, gente religiosa. Muito, mas mesmo muito anterior à própria cidade. A minha avó, que se chamava Esperanza, nome que dei à minha filha, dizia que lá estavam sepultos, desde há séculos, os seus antepassados. Histórias, que sei eu.

– Mas o índio só me falava do lago Cachuma, ou melhor, ao cair da noite punha-se a dançar e a cantar, cachuma, cachuma, à volta de uma fogueira, como se estivesse a viver num tempo anterior à chegada do homem branco. Acabei por acompanhá-lo nessas danças. Quando falo disto ao Ted, ele desfaz-se em incredulidade, e ri, ri, como se eu fosse um louco. Mas era verdade. Entre nós, para que fiques sabendo, às vezes ainda é verdade. Dá-me uma vontade louca de restituir

à floresta, aos seus animais, às suas aves, os seus gestos, os seus cantos. Foi ele que me deu a conhecer estas ervas. Que me ensinou a caçar. Quero dizer, é minha convicção, foi ele que me salvou a vida. Com estas tisanas. Acreditava em espíritos. Eu tinha regressado, ao vir para aqui, a uma vida que existira muitos séculos atrás, e convivi com ele sem nenhum problema. Confesso, nunca consegui dominar a língua dos seus antepassados, incrível, como ele a trazia ainda dentro de si. Há coisas, levantou-se Marlon, a refeição acabada, que nos fazem meditar. Nem lhe digo o nome desse homem. Porquê?, perguntou Marilyn. Não gostaria de saber, foi a resposta nostálgica. Por favor! Death, era como ele se chamava. Veja lá, Death. Se isso é um nome que uma pessoa possa ter!

O sol, emaciado pelo negrume da floresta, deixava um esquisito arrebol no céu imperturbável. Eles saíram para lavar a loiça com a água do poço. Trocavam palavras entre si, frases de um convívio recente, procurando informar mais do que revelar o que quer que fosse. Ficaram ambos observando por alguns minutos a beleza icónica do avermelhado rasgão flutuando no céu, cuidando talvez que nessa figura de um fogo imóvel pudessem detectar uma língua, um aviso. Onde vivo a floresta são as ondas do mar, disse Marilyn, gozando com a analogia. Entraram na cabana adormecida num silêncio acolhedor, prepararam-se para se deitar. Improvisaram no chão um cama fofa, servindo-se de uma pele de urso. Amanhã é um outro dia, disse Marlon, dando porém ao truísmo uma outra dimensão, como se a palavra dia tivesse adquirido uma tonalidade afectiva, pensou Marilyn. Nem sequer tirou a roupa. As calças que vestia não lhe estavam rentes nem apertadas, a circulação do sangue fazia-se sem história. A escuridão alastrou entre aquelas quatro paredes. Pouco a pouco, paradoxalmente, o silêncio abandonou-se a todos os ruídos possíveis e imaginários, a noite estava viva, eles estavam vivos, expectantes talvez, talvez presos a uma estranheza incondicional. O tempo passou, passava, irreme e sem solução. Estás a dormir?, ouviu Marilyn. Ainda não. Às vezes, quando ando a caçar, no meio das árvores, entre o verde das folhas que vibram em contorções e lampejos de luz, ouço uma voz. Viro-me, e nada vejo. Só árvores, troncos, ramos, folhas revolteando.

Continuo a caminhar, atento, à procura de caça, silencioso. A presença do homem que sou soa a um perigo. Ouço novamente uma voz, um apelo, de alguém chamando-me. Viro-me para trás, coloco os olhos em tudo o que me rodeia, e nada. Não distingo de quem é essa voz, mas sei perfeitamente que se trata de um chamamento. Então, estúpido, começo a dizer em voz alta: Fala, fala comigo, eu ouço, eu ouço. Não me dirijo a ninguém. Mas a floresta perde-se numa inapelável incompreensão, deixa de ser floresta, as árvores são apenas coisas, as folhas são apenas coisas, eu sou apenas uma coisa. Será que me dirijo a mim próprio? Será isso, esse fenómeno, o que se chama solidão? Dirigirmo-nos a nós próprios como se fôssemos outros, incapazes de uma comunicação entre o que somos e quem somos, mas chamando, chamando. Que te parece? Marlon não obteve resposta. Sentiu, pelo respirar de Marilyn, naquela escuridão familiar, que ela tinha adormecido.

## Capítulo 40

Não me sentia bem com o que estava a contar. Ela dizia-me que sim, que continuasse, mas eu sentia que algo de errado se tinha imiscuído na minha história de uma utopia abstrusa, algo que quase me feria, como se estivesse a ser invadido por forças, não direi ocultas, que os tempos e as ideologias não estavam para isso, mas por uma força que me apagava para se erigir como o autor do que eu dizia. Idealizei durante os anos transactos esse romance inexpedito, rabisquei-o na memória corrupta mais de uma vez, sempre pensei que quem o imaginava era eu, mesmo se aceitasse diferenças aqui e ali na sua intriga. Mas a voz que se fazia ouvir, então, diante daquela mulher que me fizera renascer, não era a minha. Alguém falava por mim, introduzindo cenas e diálogos que me soavam a falso, destruindo as versões anteriores para me impor a sua própria versão, que eu nunca poderia assinar nem promover. Não se tratava de um discurso novo, mais recente, para uma história antiga, parecia-me antes tratar-se de uma história nova narrada promiscuamente por um discurso antigo, antiquado, fora de moda. Quem teria a pachorra de ler tal romance, se alguma vez fosse realmente escrito? Acreditava que ninguém. Acertadamente. Nem eu, para ser honesto, eu nunca teria a coragem de pôr o meu nome na capa de tal livro. Só um pseudónimo poderia subsumir a autoria do que eu narrava como se fosse realmente eu, o que não era.

Eu perdia-me onde me achava, dentro dela, ao lado dela, uma mulher impossível de ser historiada ou narrada por um qualquer romancista. Em momentos de uma lassidão reconfortante, nossos corpos devolvidos à sua singularidade, ela passando pelas brasas sem qualquer receio de se queimar, eu meditando, concluía, não de uma maneira onde imperava a lógica, mas muito confusamente, a razão do que me estava acontecendo. O mal-estar que se apossara de mim, no fundo, era eu estar a escrever, a narrar, a contar uma história a uma só pessoa, a ela. E ela, essa leitora que eu conhecia e a quem me dirigia pessoalmente, em certo sentido obrigava-me a dizer o que pensava que ela gostaria de ouvir ou de ler. Moral da história, não se pode escrever romances com um público

em vista. O livro terá sempre que ser escrito para um ninguém que assumirá, com sorte e ao acaso do gosto e das modas de cada época, o estatuto de leitor. Mas eu não estava a escrever. Eu contava. A ela, a essa mulher que amava, ou pensava que amava, se se pode ter a certeza dos nossos sentimentos e das nossas afeições. E não podia fazer dela um ninguém, por maior abstracção, que seria até monstruosa, que fizesse. Ela, ao ouvir-me, escrevia comigo o que eu contava. Não sei se ficou bem explicado o que matutava enquanto ela se agasalhava nesses olhos fechados, respirando sincopadamente, indiferente ao mundo e à terra, entregue a sei lá que sonhos, a sei lá que vazio da consciência.

Para evitar esse apagamento de mim, ou da minha voz, decidi escrever os últimos capítulos do livro, trazendo-os do apartamento escrevinhados, sujeitos a futuras correcções, que não me incomodavam. Mas essa decisão não deixou de me inculcar certos engulhos. Ao fazê-lo, já não me dirigia a ela, ela tornara-se completamente inútil. Os seus ouvidos, a percepção e a confirmação do que surgia no que escrevera, desapareciam por magia, eu não tinha a presença dela, vívida como era, mais em conta. Como se ao escrever a parte final daquele romance, eu fosse obrigado a deixar de lhe ter amor. O que era falso. Mas o que são os paradoxos? Nunca soube o que eram, o que significavam, o sentido que neles se introduzia.

Pedi-lhe apenas, o que lhe pareceu insólito, mas que não a desagradou, se podia colocar a minha cabeça no seu ventre, ela na posição de quem vai parir, as pernas abertas, eu sentindo no meu pescoço o velo de um ouro imaginário, os seus pelos púbicos tentando imitar a figura de um triângulo. Se pudesse, ficaria assim toda a minha vida, debitando frases ou silencioso, isso não era importante. O mistério para mim nunca fora verdadeiramente misterioso. Tinha corpo, o da mulher, mas sobretudo, no corpo da mulher, o que nela sobressaía era essa falha vertiginosa, caligante, dando passagem para um abismo cálido onde apetecia morrer. Sabendo, de antemão, e daí a alegria, que se renasceria.

Marilyn chegou a Fresno por volta das onze horas. Estacionou o automóvel da geração anterior junto à Câmara Muni-

cial e dirigiu-se à biblioteca da universidade. John lá estava, na companhia de Tony, conversando ambos sentados a uma mesa que geralmente servia de estudo para os estudantes. Levantaram-se e foram ter com ela. Ainda não se tinham abraçado e já John lhe dizia, não faz mal, não se pode ter tudo na vida. Ela, a mulher que ele conhecera na cozinha, dizendo piropos de um excesso de alegria à esquerda e à direita, quase lacrimejava. Procurei em toda a parte, com a ajuda de Marlon, e nada. Só silêncio, pó, ar abafado. Passei a tarde a percorrer prateleiras. Nada. John abraçou-a ainda mais, não fique assim, como correu a viagem? A estrada, ainda transitável, o caminho para a cabana de Marlon, acessível? Tudo acessível, menos o livro. Não há problema. Tony, comovido com a cena presenciada à sua frente, passou-lhe a mão pelo rosto, grande mulher, e a sala pareceu estremecer com a sua voz anormalmente tonitruante. John acaba de passar todos os textos que se encontravam nas revistas, o trabalho está feito, assegura-lhe com um ligeiro brilho nos olhos. Os negativos das fotografias estão disponíveis. E as fotografias também. E agora?, perguntou Marilyn, refeita da emoção, do reencontro com o homem que então amava. Agora é dizermos adeus a Tony e agradecer-lhe todo o incômodo. O bibliotecário abanava a cabeça com um leve sorriso nos lábios. Vamos à cantina?, propôs. Foram. Almoçaram. Conversaram. Quando teremos boleia para Santa Bárbara? Tony levantou-se e foi falar com um dos senhores que se encontrava atrás do bufete. O camião frigorífico chegaria no dia seguinte, no dia aprazado, mas, dada a viagem de tantas horas para Santa Bárbara, só partiria na manhã seguinte. Foi a notícia que ouviram da boca de Tony. Ainda bem, alegrou-se Marilyn, terei tempo, e corrigiu, teremos tempo de conhecer a cidade, a universidade. Gostaria de ficar com uma ideia dos lugares que a minha filha frequentará quando vier estudar para Fresno. Que achas?

John concordou. Encontrar-nos-emos ainda, disseram a Tony. Lá fora, na rua, não fazia muito calor. Havia sol, mas uma brisa redentora acariciava a rua e os passantes. As casas, de um só piso, não reflectiam, talvez por serem construídas de madeira barrada a cimento, nenhum calor. Amanhã vamos ver a cidade universitária, as habitações para os estudantes,

que dizes?, perguntou Marylin. John fez sinal que sim. Dirigiram-se ao albergue. Um jovem casal tinha chegado e cumprimentou-os amavelmente. Temos companhia, sussurrou ela, levada pelo abraço de John. No quarto que escolheram fazia um pouco de calor. Abriram as janelas. Despiram-se e deitaram-se sobre a cama, não para fazer amor, que a digestão ainda não estava feita, e porque Marilyn sentia-se deveras cansada da viagem que fizera nessa manhã. Contou-lhe o que se passara em Turlock. John ouvia, seus olhos prisioneiros daquele rosto, daqueles cabelos, daqueles lábios propagando palavras que contavam a sua aventura do dia anterior. Marilyn contou-lhe, sem nada abreviar, a história de Marlon, do índio, da sobrevivência. Aquela viagem, de uma maneira ou de outra, segundo ela, mudara a sua vida, não sabia em que sentido, mas mudara. Não era capaz de descrever como se sentia, mas sentia que algo acontecera, um não sei o quê muito indefinido, nebuloso, que a obumbrava, a obnubilava, um sentido mais intuído do que clarividente, do que conspícuo, uma sensação estranha, como se da estrela que trazia atrás da orelha não fosse morrer. John não dizia nada. Ouvia com um carinho inultrapassável aquela mulher que amava, receando contudo que ela estivesse a iludir-se. A morte não é um protagonista de um qualquer relato, é o seu desfecho, a página em branco, o fim de um livro. Se se pudesse não se encontrar nunca esse livro, como não encontraram o livro de Silva Carvalho! Mas a morte não se perde nem se esconde, inexequível, nos confins de uma biblioteca, aparecia diariamente com o jeito de quem sabe que vai vencer. Virados um para o outro, esquecidos da nudez essencial em que se encontravam, fixaram os olhos nos olhos do outro, não esperando talvez por um sinal, por uma revelação. Permanecer assim, por um instante que fosse, por um momento, para sempre. Não na eternidade da indiferença ou do esquecimento, mas na deiscente eclosão de uma presença. O tempo perdido, nem imóvel nem asfíxiado pela intemperança do acaso, perdido na sua crueldade amante, como uma realidade impenetrável tentando compenetrar-se da sua trágica existência. A existência que devia aos humanos. Uma injustiça universal percorria como um arpejo o seu ser, melhor gozá-lo que sofrê-lo. Não conseguiram resistir. Nenhum

cansaço abolirá o amor, a sua feérica animalidade. Perpétuos na desmedida de um enlaço lançaram-se num voo alivelo, estridente, isentos de qualquer lei da matéria, do espaço e do tempo, ligando-se visceralmente até que as entranhas pudessem dizer, numa voz inefável, a exiguidade humana de uma presença na terra e na vida. Minutos onde o desespero procurou destruir-se para se alçar em fértil esperança, minutos de uma harmonia fogosa, de um vaivém metabólico, enérgico, meticuloso. Dois gritos, talvez de prazer, talvez de dor, ressoaram pelo albergue, uma união consumara-se para que a parca memória do acontecido pudesse sobreviver. Até quando, era e é uma outra história.

– Vou viver para a cabana de Marlon, logo que a minha filha se mude para aqui. Vou aprender a reconhecer no chão da floresta quais as ervas com que ele faz as tisanas, as ervas que fuma para proteger as células do seu cérebro. Não tenho nada a perder. Talvez só junto do perigo se possa vencer o perigo, como ele diz. Vou lembrar-me de ti, e do teu quimérico livro, vou dançar à volta de uma fogueira e cantar com um arroubo infrene, cachuma, cachuma. Vou aprender a usar uma arma para ir à caça. Parou de se exortar, apagou-se a exultação. Levantou-se e foi ao saco, esquecido sobre a cadeira. Dentro encontrou a pistola que servira para protegê-la na cidade fantasma, à espera de um futuro. Esqueci-me de lhe entregar, esqueceu-se de me pedir, que vou fazer agora com isto? John foi atravessado de um medo instintivo, de um estremecimento inconcusso, temeu. Olharam-se, sorriram, sem saber ao certo por que o faziam. Vem cá, foi tudo o que John conseguiu pronunciar naquele momento. Ela deitou-se novamente ao seu lado, a pistola encafuado no saco. John procurou com os lábios, por detrás da orelha de Marilyn, afastados os cabelos, sorver aquela estrela escandalosa, arrancá-la com os dentes e puxá-la para dentro do seu corpo, integrá-la nas suas entranhas, rasurando a morte anunciada no pescoço de Marilyn, a mulher da sua vida, por tão pouco tempo. Em vão. Desculpa, desculpa, fiz-te um chupão, e John quase chorava. Ela, subitamente inexpugnável, pegou-lhe na cabeça com as duas mãos abertas e deu-lhe um beijo nesses lábios impotentes. Minutos depois, adormeciam, a tarde fazendo-se tarde com a

naturalidade do que sempre foi, tentando recuperar o tempo perdido.

No dia seguinte, manhã cedo, erraram pela cidade ainda adormecida, ou com os seus habitantes entretidos nas suas azáfamas habituais. Poucas pessoas viram, as aulas ainda não tinham começado, e muita da população de Fresno era constituída por estudantes universitários vindos de muitas das regiões mais ou menos próximas. A cidade dedicava-se à pecuária, homens e mulheres metiam-se em camionetas para substituírem em calendários acertados aqueles que ficavam a cuidar do gado, nos arredores. Por vezes, muito tenuemente, dependendo da direcção do vento e da sua intensidade, podia sentir-se um odor a gado, à sua bosta. Mas os arredores eram planícies vastas, parcas em erva recente nesta época do verão, a menos que umas chuvadas, como às vezes acontecia, não intentassem a desoras trazer à superfície do chão tapetes de um verde fértil. O gado bovino, de qualquer maneira, ficava suficientemente distante da cidade para que os seus odores um pouco pestilentos e ácidos pudessem perturbar como um hábito adquirido os olfactos das gentes mais sensíveis.

Erraram pela cidade universitária, quase devoluta, deixando Marilyn em cada pegada invisível no cimento o peso assertivo do seu corpo, para que um dia, sua filha, pudesse sentir ou intuir, se tivesse tempo e sensibilidade para tanto, a presença da sua mãe. Uma tolice, era o que era, sabia-o bem Marylin, mas não só de realidade vivem as pessoas. As ilusões são muletas tão válidas, quando se trata da afeição e dos afectos, como as teorias do conhecimento. John não se importava, pelo contrário, emocionou-se com tanto amor, anonimamente manifestado. Abraçados ou de mãos dadas descobriam outros bairros da cidade, o sol obrigava-os a escolherem os passeios na sombra, peripécias de uma errância. Conversavam, distraíam-se com nonadas, esferas de uma convivência. Aquele dia depressa foi esgotado, sem uma complacente história que o dilate na pretensão de se narrar um evento. No dia seguinte rumariam em direcção a Santa Bárbara, que as pessoas maldizentes afirmam, convictas e sabedoras, que até nem foi santa, ou nunca existiu. John e Marilyn alguma vez existiram? Talvez sim, talvez não.

## Capítulo 41

Chegaram cansados ao seu destino depois de tantas horas de caminhão frigorífico. Depois de tanta conversa com o condutor, um companheiro diferente daquele que os levava a Fresno. A maresia reanimou-os, o ar era mais respirável, o centro estava na mesma, as pessoas que avistavam saudaram-nos com um inusitado desejo de não ficarem só pela saudação. Estavam ao corrente de tudo, porque John telefonara a Frank, duas ou três vezes, relatando o que se estava a passar, os sucessos e os insucessos. Alguns dos reformados, ali presentes, antigos pescadores, diziam-lhes com uma genuína exultação, boa pescaria, boa pescaria, congratulando-se mais até do que congratulando-os. John e Marilyn não pareciam nem estavam desanimados, o que encontraram nas revistas era mais do que suficiente para o futuro dos estudos do autor em questão. E para o futuro de John, pensou Marilyn. Frank apareceu no limiar da desafogada porta, sorrindo, estendendo-lhes os braços para dois abraços fraternais, como se também conhecesse John desde há muito. Vão tomar um banho, devem estar cansadíssimos. Comeram alguma coisa? Depois fala-se, ou amanhã. Hoje à noite parece que teremos mais festa. A tua visita tem servido de pretexto para tudo. Há até quem deseje ler os textos que descobriram em Fresno, devidamente traduzidos, é claro. John mirou Frank e Marilyn um pouco obumbrado com o que acabava de ouvir. Asseverou: É uma promessa que faço, vou colocar os meus alunos a traduzirem esses textos e o livro que trouxe comigo. Leitura, é mesmo disso que esta gente precisa, gracejou Frank, rejuvenescer. Pensou duas vezes, colocou a mão direita à cabeça, despenteando-se, o que só me trará problemas, concluiu. Como assim? E numa voz mais baixa, se esta gente começa a durar mais tempo, a ganhar mais anos de vida, teremos que abrir um outro centro. Onde os recursos? Logo se verá. Festa, amigos, e depois misteriosamente, dirigindo-se a John, temos que conversar.

Passou a noite, com danças, com cantares, com a presença de um coro improvisado. Esmeralda lá estava, na mesa ao lado da mesa onde estavam sentados Marilyn e John, com um sorriso nos lábios oclusos, como se contivesse um segredo

inviolável que procurava a todo o transe irromper e sair à luz do dia. Mãe e filha olhavam-se, sem pretexto nem causa aparente, olhavam-se, reconhecendo-se, como se a distância que as separava lhes permitisse ver mais delas mesmas nelas mesmas diversamente reflectidas. John não dava conta de nada, entretido com aquelas danças, aquelas canções, aquelas músicas tão contemporâneas. Veio-lhe subitamente à memória uma das noites que passara com Tony. Da música de Mozart que ouvira, uma preciosidade desses tempos remotos que sobrevivera em discos muito pequeninos, um dos quais o seu amigo bibliotecário introduzira num aparelho que poucas pessoas possuíam, a não ser os poucos museus tratando da civilização ocidental pré-Catástrofe. Ouviram uma sinfonia enquanto bebiam calmamente uma infusão que Tony tinha preparado para aquela audição quase confessional. Música clássica como não se fez nem se faz mais, dizia-lhe Tony, um pouco elitista, abrindo os braços como se tentasse imitar um maestro de uma grande orquestra. Divina, divina, eram as palavras embriagadas de prazer estético. John sorriu, mas não concordava com aquela ideia peregrina de uma genialidade que não poderia ser acessível a todos os mortais. Talvez não pudesse, talvez o gosto por essa música fosse parco, escasso, e depois? O que importava era a aliança, o tipo de entrega, de repercussão e de diálogo que a música, qualquer música, exigia dos seus ouvintes. Por exemplo, o coro que ouvia, entoando uma canção recente, em moda, tanto ali como no seu «midwest», fazia vibrar todos aqueles reformados com a mesma genuinidade, o mesmo empenho e o mesmo gozo estético que a música de Mozart suscitava aos ouvidos refinados de Tony. Não havia diferença nenhuma. A emoção era a mesma. Agora mesmo John, que ouvira Mozart acompanhado de elogios, sentia o mesmo estado de fusão e de companhia que sentira perante a talvez mais elaborada música de Mozart. Mas a simplicidade, tantas vezes aparente, não era um grau inferior da complexidade. Tantas vezes ao serviço de um vício que fora terrível para a humanidade. O da superioridade, a de um poder. Não, John estava encantado com aquelas vozes que se faziam ouvir no refeitório, enorme salão que servia de auditório sempre improvisado. A própria vida sempre lhe pa-

receu uma improvisação provisória, precária, um caminho por entre os casos do acaso e da indesmentível contingência. Ouvia naquelas vozes dos homens e das mulheres que cantavam, para dizer a verdade, mais do que a própria canção, as vozes, as vozes ora explicitando a humanidade de quem cantava, ora o desejo de atingirem uma humanidade que lhes fugia, estando sempre à sua frente, sempre futura, chamando-os, mais, exortando-os a abrir caminho até a uma possibilidade que destruísse de vez com a necessidade tão cara a algumas visões de uma ancestralidade anêmica ou derrotada na experiência de um pessimismo abstruso.

No dia seguinte, depois do banho colectivo, depois de ter passado uma toalha cheirosa envolta de comunidade sobre o seu corpo enxuto, depois do pequeno almoço numa das mesas do refeitório maleável, que dava para tantas manifestações e prestava tantos serviços, John, piscando um olho a Marilyn, que falava com a mãe e suas amigas, talvez contando algumas das peripécias da viagem que fizeram a Fresno, levantou-se da mesa e foi ter com Frank ao seu escritório, logo à entrada do centro. Lá estava ele, atarefado na resolução de problemas, telefonando sabe-se lá a quem, procurando estar à altura do lugar que ocupava. Frank, sempre falando ao telefone, viu-o pelas vidraças e fez-lhe um breve sinal para que entrasse e se sentasse na cadeira que se encontrava à sua frente, a secretária servindo de plataforma para papéis de vária ordem, para alguns anuários testemunhando da vida de toda aquela gente existindo em conjunto. John esperou, pensando de si para si, não queria ter a vida deste homem, nem por um minuto. Como se estar à altura de tanta responsabilidade? Resolver problemas, resolver percalços inimagináveis, sempre com bom-humor, como se o real fosse muito naturalmente um desafio constante, origem de uma alegre excitação. O real, John sabia-o, era um desafio constante. Acabado o telefonema, só chatices, só chatices, praguejou, quando me deixarão voltar ao mar, à pesca, quinze anos de democracia, e eu prisioneiro da democracia. John sorriu, e compreendeu toda a ironia posta naquele desabafo. Então, o que se passa?, perguntou John, expectante, ignorante da teatralidade que era um traço relevante da personalidade de Frank. A resposta foi uma pergun-

ta: Por que pensas que me elegem todos os anos? Uma pergunta retórica, porque logo aduziu, porque sou inteligente. E sorriu, misterioso. John não vislumbrou nenhuma petulância naquela afirmação que poderia, a uma primeira vista, parecer perfunctória. Também sorriu, assinalando com a cabeça que estava de acordo. E Frank continuou, mas não sou inteligente porque tomo conta de toda esta gente, de toda esta comunidade, o que não é fácil, mas porque também penso e tenho, vê lá, ideias. Ideias, frisou, olhando para o rosto de John, como se lhe estivesse a dizer, não só os professores são inteligentes. Não era um desafio ou uma provocação o que se descortinava em toda aquela cena, pelo menos para a percepção de John. Daí não dizer nada. Durante um bom minuto, foi o que pareceu a John, fitaram-se cordialmente, olhos nos olhos, de homem para homem, até que um sorriso se abeirou dos lábios de Frank. Foi a uma das gavetas da secretária, tendo para isso de contorcer um pouco o seu corpo, e retirou de lá um livro que atirou num deslize, vitoriosamente, para o tampo do móvel. Ainda antes de ler o seu título já John adivinhara de qual livro se tratava. *A Experiência Americana Ao Vivo*. Pegou nele com as mãos subitamente suadas, o que era muito raro em si, homem calmo, pausado, sentindo-as tremer, o coração aos saltos, os olhos verdes pespegados àquela capa que vira já, por interposta tecnologia, numa das revistas, razão porque levava o seu testemunho nos negativos que trouxera de Fresno. Não percebo, tartamudeou. Percorri a biblioteca da universidade de andar em andar, de prateleira em prateleira, não dei por nada, e agora apareces-me com o livro. Desde quando está nessa gaveta? Desde o último telefonema que tivemos. Diz-me cá, quem era a pessoa que poderia resolver este problema? Só eu, porque sou inteligente, e tenho ideias, repetiu mais uma vez a sua deixa. Tu, o que és, és um sortudo. Onde descobriste o livro?, quis saber John, um pouco acabrunhado com a sua incompetência. Muito facilmente, e Frank desejava fazer render o espanto de John, mantê-lo na curiosidade que tanto pode, infelizmente, digo eu, ajudar os homens como desgraçá-los.

Frank contou. Perante o desânimo do amigo, por mero acaso, veio-lhe à ideia, absolutamente por acaso, qualquer

coisa que atravessou o seu cérebro tão ocupado com tantos problemas a resolver. E se fossem dar uma vista de olhos na antiga Câmara Municipal, bem conservada, considerada quase pelos habitantes da cidade como um monumento? Quem lhe dizia a ele, Frank, que esse tal escritor, tendo falado da cidade onde vivera alguns anos num dos seus livros, não tivesse enviado, por cortesia, ou por outro motivo qualquer, não interessa, um exemplar ao presidente da Câmara? Era uma hipótese, só uma possibilidade a considerar. Improvável, longínqua, remota. Pediu a Esmeralda, e sobretudo a Helen, uma das senhoras do centro que mantinha, com mais companheiras, o interior do edifício num estado decente, que passassem os olhos pelos calhamaços que se encontravam numa das muitas salas e salões dispersos naquela inutilidade arqueológica. Foi o que fizeram. Não só descobriram o livrinho dentro de um dos armários envidraçados, no meio de muita livralhada imponente, como dentro dele um papel. Uma carta escrita na nossa língua, John, e devidamente assinada. Ei-la. Li a carta, obviamente, já que da língua do livro não percebo nada. John leu as palavras escritas, não à máquina, não lhe parecia essa a sua proveniência, mas de uma impressora ligada a um dos computadores, talvez pessoais e muito comuns, da altura. Dos computadores, uma das grandes causas que levaram à Catástrofe. E daí, banidos e esquecidos pela periclitante sociedade que brotou daquela monstruosidade ecológica, daquela calamidade que quase destruiu o planeta. Mas a assinatura era pessoal, escrita à mão, um autógrafo. John impregnou-se ao mesmo tempo da felicidade de ter vindo a Santa Bárbara, e das subsequentes descobertas que fez ou foram feitas com a ajuda dos demais, e da infelicidade de saber que a mulher por quem se enamorara tinha os seus dias contados. A escolher, entre o livro e a mulher, mil vezes a mulher. Nenhum livro, nenhuma obra de arte valia a vida de um ser humano. Muito menos da pessoa que se ama.

Mas Frank continuava, dei uma vista de olhos pelo livro, o tipo conhecia esta parte do país. Turlock, por exemplo. Não sei o que diz, mas aí está, numa das páginas, inscrito o nome da cidade. E de muitas mais. E nomes de ruas que ainda hoje permanecem, subsistem, mais até desta região do que da ci-

dade propriamente de Santa Bárbara. Filosofando, acrescenta Frank, nada mudou, e tudo mudou. Fascinante. A história é um livro estranho, esquisito, ninguém o escreve e todos nós lá pontificamos, personagens anónimas ou nomes de gente que se transformou em figuras e vultos, nessas épocas. Antigamente. Porque hoje somos todos anónimos, mesmo possuindo nomes para nos distinguirmos no convívio diário. Não há mais heróis nem homens providenciais. Esse tempo passou, espero que para sempre. John lembrou-se imediatamente da tese do professor Morteiro, do poeta como o último herói a desaparecer na ideologia do ocidente, enquanto folheava o volume, impecável, como se o tempo não o tivesse descoberto, nem as maleitas do mal. Passou despercebido no tumulto da agonia e do desastre, encoberto pelos poderosos calhamaços. O papel daquela edição era excelente, parecido com o do anuário encontrado na universidade. O polegar da sua mão esquerda abriu-o no fim do livro *A Experiência Americana*. Folheou essa metade do volume de trás para a frente. Nomes de estados, sem dúvida visitados pelo autor, Arizona, Wyoming, Nevada, Montana, de parques poupados na grande Catástrofe pelo simples facto de não haver gente por perto, mas só animais e natureza. Yellowstone Park, Yosemite Park. E nomes de tantas cidades, como acabava de dizer Frank.

– E agora? Que vai ser deste livro?

– Agora é teu. Ou da tua universidade, como quiseres.

– Vou traduzi-lo. É uma promessa que faço, foi a maneira de John agradecer, comovido.

– Iremos lê-lo, podes ter a certeza, e não preciso de fazer promessas. Leituras colectivas, pela noite adentro.

John levantou-se com aquela preciosidade nas mãos, e mais uma vez lançou um olhar para Frank, agradecendo. Não sabia onde se dirigir. Seus passos levaram-no ao refeitório, e nele encontrou ainda Marilyn conversando com as outras senhoras, à volta de uma das mesas. Um companheiro passava um esfregão pelo linóleo rescendendo a limpeza. No dia seguinte, também ele, e durante as duas semanas que ainda passaria no centro, retornaria às tarefas da cozinha. Foi por detrás de Esmeralda, que aparentemente não o vira, e deu-lhe um grande abraço, inclinando-se. Ela soergueu a cabeça e vi-

rou-se, como se estivesse muito espantada com aquele gesto filial. Sabe disfarçar muito bem, sua marota, admoestou John. Marilyn e as outras reformadas apreciavam o espectáculo, ignorando o que se passava, quais os motivos daquele gesto carinhoso. Não sei do que estás a falar. E interpelando Marilyn, o que quer este homem? Sou demasiado velha para amores. Riram-se, bem dispostas, as senhoras à volta da mesa. John deu-lhe um beijo nos lábios. Esse beijo, assim tão espontâneo, não deixou de parecer a Marilyn um pouco incestuoso. Então?, perguntou com um olhar interrogativo aos dois. Brincando, mas com uma voz mais triste do que alegre, tens que escolher, ou eu ou a minha mãe. John levantou o livro. A tua mãe, conluiada com Frank e com uma outra senhora, Helen, salvo erro, descobriram a jóia, o tesouro. Na Câmara, no museu da cidade. Marilyn, que nunca ligara a livros depois dos seus estudos escolares, ficou radiante, dizendo, também deste um beijo ao Frank, e à Helen? Não me passou pela cabeça, mas também mereciam. Acercou-se de Marilyn e com carinho abraçou-a. As senhoras bateram palmas, Esmeralda limitou-se a sorrir. Subiram ao quarto e juntaram sobre a mesa todo o material recolhido. A luz do sol transformava aqueles poucos metros quadrados numa realidade palpável, não induziam ninguém a perder-se em sonhos ou em fantasias, o sol era lúcido como uma verdade. Não vou perder tempo agora com os achados, diz John, mas dá-me só um minuto, preciso de conhecer a estrofe precedente àquela que apareceu no ensaio do professor Morteiro. Não resisto. Pega na cópia do famoso ensaio e procura a estância em questão. «Suspiros de alívio...» Mas a citação não especifica o número da estância. Marilyn abre o livro, vê as oitavas, umas atrás das outras, numeradas. Não percebo nada disto, isto são números? Números romanos, explica-lhe John, era costume, em livros literários. Que grande chatice, vou ver-me aflito para descobrir onde se encontra a estância. Já não é para hoje. Logo à noite, que te parece. Marilyn não o ouve, pois os seus olhos pregaram-se, por acaso, a uma dessas estâncias numeradas e lê, galvanizada, como se tomada por um transe capaz de ofuscar o próprio sol, e a sua lucidez inexpugnável, ou nem tanto. Em *itálico* detecta, cachuma, cachuma, e na mesma estância, na

penúltima linha, novamente, cachuma, cachuma. O nome do lago, perto de Solvang, ali bem perto, a algumas milhas de distância. Lê em voz alta, cachuma, cachuma, enquanto John a observa como hipnotizado pelo som que o nome do lago inculca na atmosfera da manhã. Ela lembra-se de Marlon como se o tivesse à sua frente, substituindo o corpo do seu último amor, John, mas sobretudo lembra-se, como se de repente a escuridão da noite obnubilasse o sol da manhã, do que Marlon lhe contara sobre o índio, Death, cantando e dançando à volta de uma fogueira mítica aquela inacessível canção. Que dizes?, foi a vez de John lhe perguntar. Aqui, aqui, vê, o nome do Cachuma Lake. Que raio de língua é esta, o português, percebo estas duas palavras, ritual e tribal. Claro, depois explico-te, têm a mesma origem, de uma língua ainda mais antiga, o latim. Mas de que é que fala, repetem duas vezes a palavra como o índio a repetia, não é estranho? Coincidências, meu amor, coincidências, foi a impérvia resposta que John soube encontrar no vasto léxico que dominava. Já estou a ver, logo à noite, vamos procurar, com o indicador, ao longo das estrofes, aquela que foi citada pelo professor Morteiro. Também podia ter explicitado no artigo o número da estância! Não sei como explicar a sua ausência. Logo à noite veremos. Vamos descer, temos que ajudar o pessoal da cozinha a preparar o almoço. Acabou-se a boa vida, vamos ao trabalho. Marilyn, disseste alguma coisa à tua mãe? Nada, não disse nada. Mas disseste à tua filha. Quero, enquanto puder, poupá-la. Ela contacta com a neta? Porque perguntas?, quis saber Marilyn. Eu tenho a impressão que ela está ao corrente. É só uma impressão, uma pequena suspeita, mas há ali qualquer coisa, naquele sorriso. Posso estar enganado, concluiu John. Beijaram-se. Por que não vens comigo? O velho «midwest» também tem a sua beleza, os seus prados a perder de vista, as suas colinas, a primavera, o outono. Vou ter com o índio, apressou-se ela a responder, meigamente, como se o trocasse por um outro homem. A resposta soou aos ouvidos de John com toda a sua ambiguidade. Ela não disse, vou viver com Marlon, o caçador. Como poderia ir ter com alguém que já não existia, que já estava morto? Ter-se-ia enganado, ou a sua boca, inocente, fugiu-lhe para a verdade?

## Capítulo 42

Ainda fazia dia quando chegaram ao quarto, embora já houvesse um cheirinho a crepúsculo, uma atmosfera deslizando para um fim provisório da luz, pois o quarto onde estavam instalados só recebia o sol pela manhã. Estavam cansados, o traquejo, mesmo nas tarefas da cozinha, era fundamental para que o corpo se habituasse aos gestos que tinha de despende, toda uma arquitectura de músculos em exercícios que se repetiam, mas não mecanicamente. Daí John sugerir a Marilyn, ao ver o seu rosto transpirado cerzido de pérolas prontas a evaporarem-se no ar, se eu deixasse isto para amanhã? Não passes uma noite mal dormida a matutar na tal passagem, no que está ou vem escrito antes dessa estrofe que te atormenta, como se houvesse um mistério nesse antes, como se tudo ficasse esclarecido depois da sua abordagem ou do seu contacto, como se tudo precisasse de uma causa. Eu deito-me e acompanho-te em pensamento. Tu não necessitas de mim. E riu, insinuando talvez, com aquele verbo necessitar, que John se preparava para fazer amor com aquele livro. Tu necessitas de conhecer o que vem antes e o que surgirá depois. Espero que não fiques desiludido. Por que ficaria?, admirou-se John. Sei lá, as pessoas esperam sempre mais, aliás incompreensivelmente, dada a sua experiência do mundo em que vivem, do que podem obter ou alcançar da vida. E então os homens, sorriu ela. A vida... Suspendeu-se, a palavra feriu-lhe a consciência como uma bala disparada pelas mãos do acaso, como se estivesse, agora que tinha sido atingida pela presença do mal, ou pela sua prova, ou pela sua evidência, essa despudorada estrela saliente na sua pele, escondida, como um caçador furtivo, atrás da sua orelha coberta por cabelos loiros, à espera de uma presa, de uma vítima, proibida de proferir uma palavra tão simples e insignificante, como vida. Morte também não deixa de ser uma palavra singela, fácil, como, aliás, todas as outras. Ou as línguas transportarão em certos vocábulos o peso da realidade vivida, de uma realidade que nos parecerá inóspita e cruel? Todas as palavras de qualquer uma língua são insontes, mesmo as menos usadas, pelo menos aparentemente. Ou não serão? Excurso escusado.

John senta-se à mesa, o livro disponível, esperando a devoção ou o carinho que não dispensará a Marilyn nessa noite. A sua memória contém a citação da estrofe que deu azo, ao emérito comentador, o professor Morteiro, a pressuposições e a ilações mais ou menos filosóficas. Verdade seja dita, e John estava consciente disso, que nos século vinte, vinte e um, pelo menos nas línguas inglesa e francesa, os melhores comentadores ou críticos da «coisa poética» eram realmente filósofos, e alguns de nomeada, de fama internacional, quando o nacional ainda era uma realidade política e cultural. Poetas dessas línguas, que lhe parecem a ele, passados alguns séculos, simplesmente fortuitos, ocasionais, não verdadeiramente secundários ou menores, como então se dizia, mas que não conseguiram inaugurar ou prever nas suas obras um futuro, fosse ele qual fosse. Cada época a sua ilusão, a sua verdade, o seu enleio. Poetas que eram levados aos ombros pelas críticas dessas línguas, pelas opiniões académicas e talvez, quem sabe, que nunca se saberá ao certo, dadas as informações sociológicas avulsas que compulsou, raríssimas, pelas leituras populares de quem ainda delirava com a palavra poética. O abandono da poesia por parte de Silva Carvalho foi um gesto contrastante, talvez de uma solidão terrível, talvez incompreendido. Como surgiu, esse gesto, John desconhece. A explicação do professor Morteiro, mais uma vez, lhe parece a todos os títulos um pouco temerária, quando sugere esse gesto, esse passo, ou mesmo essa atitude, decorrentes de uma afirmação muito famosa na segunda metade do século vinte, de um pensador da categoria e da craveira de Adorno, ao proclamar que a poesia era ou seria impossível depois do Holocausto ocorrido durante a segunda guerra mundial. Aviso, sem dúvida, da possibilidade de uma Catástrofe que teve a paciência de esperar por mais um século, sabedora do esquecimento ontológico e da ignorância escatológica que caracteriza a humanidade indiferente à história do tempo e dos seus factos. A John não lhe parecia que fosse essa a razão fundamental. O próprio Silva Carvalho, como se pode constatar nas Obras Publicadas inseridas no livro que ficou para a posteridade, *Mediocridade*, faz a distinção, na sua obra, de duas fases explícitas, uma primeira, a poética, e a segunda, por ele

denominada de porética. Daí não estar convencido da importância da visão adorniana para a atitude tomada por Silva Carvalho. Qualquer coisa, que ignora, aconteceu. Seria a asunção, mas devido a quê, por parte do autor, da sua humanidade simplesmente histórica? Seria a consciência de ser apenas um pai de família, um homem entre muitos, sem o poder outorgado pela palavra, ilusão muito comum nesses idos pré-Catástrofe? Seria o quê? Esse quê pode estar contido, encebado neste livro, *A Experiência Americana Ao Vivo*, a ler de uma ponta a outra. John, como se já lhe não bastasse o ensaio do autor que vem no fim do livro *Mediocridade*, estudado até ao tutano, mais o ensaio seminal escrito pelo professor Morteiro, mais o texto sobre «o livro porético» que apareceu na revista **nada**, lido muito por alto na sua transcrição, não lhe permitindo por conseguinte uma leitura aturada, sente que há um mais, e que esse mais lhe escapa insidiosamente. Que necessidade teve Silva Carvalho de um tal gesto? Qual o motivo dessa tomada de consciência em relação ao literário? E essa tomada foi anterior ou posterior à prática da sua escrita? Eis a incógnita. Talvez, pensa John, um enigma não muito próprio nem consentâneo com o tempo em que ele, John, vive, nem com o estado do mundo como o conhece desde que nasceu.

Tendo em mente a instância que sabe de cor, de tantas vezes a ter lido, de tantas vezes se referir a ela nas suas aulas de história das literaturas portuguesas, europeias, africanas e sul-americanas, começa, com o tal dedo indicador, a tentar encontrar esses «suspiros de alívio». Tarefa, possivelmente, e dado o seu cansaço, para várias noites. De vez em quando, imposta a curiosidade, deixa-se distrair pelos itálicos que vão surgindo ao longo da narrativa. Depara com um Dom Casmurro, romance genial que conhece, terá que ver o que faz ali, pois o seu autor é brasileiro, Phelps Hall, o edifício onde Silva Carvalho dava as aulas, e algumas frases da língua inglesa, versos de canções então em voga, expressões como “the best is yet to come”, nomes de cidades, como Solvang, agora fantasma, Gaviota, por onde ele próprio, John, passou depois de ultrapassado o seu mínimo desfiladeiro, que logo aparece acrescentada de “Pass”, Utopia, nome de um romance que gostaria de escrever, «Sem camena não sei como poe-

tizar a vida», começo de uma estrofe que não consegue atinar com o seu sentido, tendo-a lido já umas três vezes, the wilderness, e finalmente «Suspiros de alívio», o começo da estância que sabe de cor. Lê-a toda, não porque a desconheça, mas para verificar, num sigilo todo heurístico e casuístico, se o texto corresponde ao que aparece citado no trabalho do professor Morteiro. Não haja dúvidas, a citação estava correcta. Aquele final «lá sem conteúdo» sempre lhe pareceu, desde que tomou conhecimento da sua existência, a expressão de uma genialidade vibrando como um quase oximoro, quase porque era duvidoso, do ponto de vista estritamente retórico, que se tratasse de um oximoro. Havia ali uma infinitésima distorção, como aliás a interpretação do professor Morteiro dá conta e confirma, mesmo se por caminhos travessos. Mas todo aquele enigma aparentemente excepcional não se deverá à necessidade de se encontrar uma palavra que rimasse com contudo? Não seria um abuso hermenêutico introduzir intenções onde nada mais houve que um acaso? Não concordando com a problemática que o professor Morteiro aventou, toda uma interpretação ontológica onde inserira o ser e o não-ser, socorrendo-se de filósofos então tidos como essenciais, a verdade é que John não era capaz de deslindar uma outra explicação, ficava-se pela intuição de estar frente a um desses percalços da língua que poderia apontar em várias direcções. Mas John não podia deixar de ser sensível à beleza de todo aquele verso: «estar perto e não ter ido ao lá sem conteúdo». A essa renúncia e, talvez, também, a essa covardia. Claro que a problemática da família foi fundamental para a consciencialização de que algo terminava com esse gesto. O poeta, esse herói, pelo menos era a ilusão da altura, teria ido ao lá. Como se fosse, aliás, essa, a sua função, o seu dever de vate, de profeta. Mas John está curioso, sobretudo com as estrofes que precedem a decisão tomada, não sem um certo remorso. Lê a passagem do livro de trás para a frente, como se não quisesse fugir daquele caroço, daquele nó essencial. Compreende a ambiguidade sugerida na estrofe anterior pelo próprio texto, e, logo, pelo seu autor, implícita na palavra «muda», podendo ser tanto um verbo como um adjetivo, embora o «indizível» que surge depois de «muda» não caucione verdadeiramente o

vocabulo como um adjetivo referindo-se à filha, mas antes à mudança de sentido do automóvel onde pai, mãe e filha viajam. Por assim dizer, para John, quem escreve está a ler mal o que escreve, ou a sugerir uma leitura que não é sustentável, motivo, agora percebe, porque Silva Carvalho sempre considerou, e daí as estéticas da imperfeição, da estupidez e do problema, os três pilares da sua porética, não possuir um domínio sobre a matéria verbal de que se servia. De não ser um artista, alguém que possui um poder, uma técnica. Só assim se explica a tal «ambiguidade» que menciona, levando o leitor, propositadamente ou não, por ínvios caminhos do sentido. Mas o que mais suscita a atenção de John, até mesmo uma excitação inusitada, é o final da estrofe, «e regressam, mas regresso/não há, pois se ignora se houve ou não acesso.» Não, John, interpreta, tenta interpretar, claro que não poderá haver um regresso de um sítio onde nunca se esteve, esse *lá* sem conteúdo. Há o regresso, possivelmente a casa, e terá que ler todo o livro para confirmar essa pista, da família, mulher e filha, do ex-poeta, do finalmente «escrevedor», homem do impoder, mas não do poeta que o autor pensava ser. O poeta, e aí, sem dúvida alguma, o professor Morteiro tinha fundada razão, estava morto, tinha desaparecido da face da terra. O herói, quer no sentido grego, quer no sentido judeo-cristão, pois a figura, mítica ou não, de Moisés, também dever ser considerada. Numa das instâncias anteriores aparece mesmo, preto no branco, «a sarça ardente ardendo uma vez/por todas na vacância do sentido». E logo a seguir, como uma espécie de cegueira, de aproximação a um outro mundo, de uma apocalíptica estase, «tudo parado, a fonte/do tempo um mistério, e na paragem sente, vindo/de si para si, do ser para o ser, que não haverá/língua, que não há mundo, e que história não há.» John, aturdido com a complexidade daquela passagem, ainda tem olhos para ler, «em frente o enigma». Cansado, a cabeça bombardeada e percorrida de sinais vindos de todos os lados, como se contivesse uma galáxia rodando na escuridão de um universo sem anverso nem reverso, John procura pôr em ordem todo aquele imbróglio linguístico, estético, literário: o poeta não teve a oportunidade de responder ao enigma que o cimo da montanha lhe iria propor, o *lá* não foi alcançado, o

regresso foi-lhe pois impossível. A realidade, apesar de toda a encenação da sua subida à montanha, destruiu-lhe as duas coisas que se fundiam numa só. O ser grego não lhe fez nenhuma pergunta, intangível ou inatingível, a montanha não lhe concedeu, apesar da presença da sarça ardente, as tábuas legislativas. A ilusão romântica, que continuou, mesmo se subterrânea, pelo século vinte, do poeta como legislador, fora apenas uma quimera de Shelley, uma piedosa pretensão sem sentido, uma amostra da monstruosa loucura do ocidente. Seria por isso que Silva Carvalho renunciou a tal papel? A pergunta baloiçava na cabeça de John quando se deitou junto a Marilyn, alongando todo o corpo, procurando com as suas narinas sentir o odor palpável daquela carne adormecida na sua insolúvel realidade.

— Vamos à vida?, sopra-lhe ela ao ouvido, já com a toalha na mão, preparada para o duche matinal. Ele agarra-a com um braço inesperado pelo pescoço desprevenido, sentindo o cabelos dela afagarem caoticamente o seu rosto ainda incerto para o dia que se alcantilava. Malandro, sorriu-lhe ela despeitada, ou fazendo de conta, já não necessitas de mim, abandonas-me pelo primeiro livro que te aparece à frente. Ele devolve-lhe o sorriso esprevidado, espreguiçando-se, não atinando com a presença do sol que se imiscuíra no quarto com o à-vontade de quem não ignora que é ubíquo. Vamos, repete-lhe, enquanto ela se levanta e ajuda-o a soerguer-se da cama desfeita. Marilyn está bem disposta. Ele está nu, com o calor ficara apenas com o lençol sobre o seu corpo. Olha-me para esse pendericalho, brincava ela. Ele olhou, levado pela injunção, e viu apenas o seu pénis reduzido, realmente, a um corpo obedecendo às leis da gravidade e da física mais elementar. Não me apetece nada trabalhar, confessa, enlaçando-a como se não fosse nem a primeira nem a última vez. Estás farta de mim, já percebi. Não digas tolices, estou apenas ensonado, a noite de ontem foi terrível, tanta coisa ao mesmo tempo, tenho um livro para inspirar os meus alunos nos próximos anos. Quer dizer, chegaste à passagem que te interessava, acedeste a essa anterioridade que te obcecou durante anos, descobriste. Não brinques, disse-lhe John, vestindo o pijama para se dirigirem aos balneários. Uns saíam e outros entravam, esses e

essas reformadas, qual deles o mais gentil, o mais afável. A água plasmou-se numa corrente morna pelos seus corpos, ela tendo puxado para cima os seus cabelos loiros, com a ajuda de um cordel, para não os molhar. John, sentindo na pele a água e o sabão em que se esfregava, não pôde deixar de pensar, com temor, que aquela estrela pudesse ser detectada por um olhar mais perspicaz. Mas quem se importava com eles, com a sua nudez, quando todos estavam nus, numa ablução que os entretinha e os ocupava. Regressaram ao quarto, limpam-no em brevíssimos minutos, fazendo a cama, dispondo os livros que John trouxera e levará sobre a mesa discreta, onde a papelada, transcrições e alguns manuscritos, lhes faziam companhia. Havia naquele sol daquele dia uma tonalidade de outono, embora Setembro quisesse irromper no tempo com a certeza de ser também uma estação do ano. Lá fora, vista pela janela, ao longe, uma montanha daquelas que não se tem em conta, mais perto, a superfície de um velho aeroporto que servira noutros tempos a cidade de Santa Bárbara. John perguntou, como se nada fosse, será possível irmos, num destes dias, a Solvang, e passar pelo Lago Cachuma? Solvang é um monte de tábuas, esclareceu ela, o lago é outra coisa. Com as chuvas deste inverno que passou deve estar cheio de água, no seu máximo. Mas não penses que é enorme, nem rodeado de verduras paradisíacas. Tudo é agreste, embora digam que outrora era pior. Muita caça, e o peixe, para quem gosta da espécie que aí abunda, não falta. Prefiro o peixe do mar, como aquele que comemos. Fala com Frank.

Duas semanas de trabalho na cozinha resplandecendo na sua brancura habitual, ora de manhã ora à tarde, de cá para lá, trazendo e levando pratos, ajudando os cozinheiros, sempre com tarefas a cumprir, entre conversas sobre as nonadas que alicerçam vidas e destinos. Frank estava convencido, e com razão, de que a estadia prolongada de John, agora que tinha encontrado o seu livro, se devia a Marilyn, esse caso que se fez casal, e não a nenhum sentido de dever ou de agradecimento. Falou mesmo com ela, porque não vais com ele, farte-á falta. A mãe, a filha, foi a resposta, e Frank até compreendeu. Concorde, mas és uma mulher na plenitude dos teus anos, dificilmente encontrarás alguém como John. Talvez en-

contre um índio, quem sabe, um desses fantasmas que perpassam pelos nossos sentidos quando estamos distraídos, perdidos numa desatenção melancólica. Um índio?, espantou-se Frank. Brincava, brincava, onde há ainda índios? Talvez em muitas regiões do continente, mas não aqui, passou Frank a sua mão direita pela farta cabeleira. Tomara, disse sonhador, poder entrar pelo continente dentro, ou sair para o mar como os meus amigos da escola. E o que faço da minha vida? Atu-ro-vos. Talvez venhas a necessitar de mim, nunca se sabe. Não estou virado para aí, sorriu ele, bonacheirão, como se ela não o soubesse.

Tardes de mar, as ilhas, ou os ilhéus, ao longe, nesse mar tão pacífico que por vezes, se não fosse o salgado das suas águas, seria difícil acreditar-se que se abordava um oceano enorme. Nus, sobre as areias molhadas, mais ou menos distantes dos outros banhistas, tudo gente que habitava o centro, entregaram-se várias vezes um ao outro sobre essas areias primordiais e antiquíssimas, sem receio de serem vistos, pois o coito não era motivo para escândalo, receando apenas ouvir nas suas costas palmas de regozijo, de gente que festejaria o encontro de dois jovens corpos, como os seus. Ficavam, às vezes longos momentos, os corpos protegidos pelas toalhas para que nenhuma insulação os surpreendesse, de lado, olhos nos olhos, como se as pupilas se transformassem, por uma qualquer magia, ou por amor, em papilas gustativas, saboreando-se no jogo do saber, desconhecendo ambos o acerto dos seus actos. Tocavam-se ao de leve, o dedo mais afoito de cada um passajando a pele do outro, ousando abrir caminho naquele deserto de poros, caldeiras fumegando sem que fosse visível o espectáculo da evaporação. Sentiam a falta, não a falta premonitória que a sua separação obviamente lhes iria causar, mas a falta de uma falta, como uma ausência presentificando-se sem duração nem tempo na insensibilidade da terra. Agasalhavam-se nas mãos espalmadas que percorriam os seus corpos, ele buscando um pouco abaixo do monte de vénus em que ela se oferecia uma abertura capaz de o conter e abrigar para sempre, ela procurando fazer da virilidade arreitada que se insinuava nele um mastro para um barco incorruptível, um barco que os levasse do mundo em que viviam

para um mundo que não vivesse de gente, do seu inapelável sofrimento e da sua excruciante finitude. Olhos nos olhos, ignorando onde havia do humano nessas íris dissolvendo-se e disseminando-se em cores quase gelatinosas, recusando-se a secarem para advirem uma imagem perfeita de um quadro, de uma pintura. Eles falavam, só ignoravam o que diziam. Vida e morte entreolhavam-se sem suspeição nem ódio, mas o diálogo era mudo, embora não fosse um diálogo de mudos, como a língua das culturas ocidentais costumam averbar nos hábitos e nas práticas da dissensão e do opróbrio. Os olhos consentiam apenas uma lágrima tímida, tão humilde que não prefigurava o aspecto de uma humilhação. Tristeza era o nome da coisa, ou dessa falta. Da separação viva a que estavam sujeitos.

Dias depois John subia para a camioneta que o levaria à cidade do «midwest». A despedirem-se estavam muitos dos reformados, silenciosos e anónimos, servindo de pano de fundo para aqueles que mais conviveram com o forasteiro. Frank era um deles. Esmeralda figurava no pequeno grupo, peça essencial para o final feliz daquela aventura. Marilyn, era a que era. Quase feliz, por saber que ele não a veria morta e despojada do que fora e era, sorria, entoando silenciosamente, para que só os ouvidos de John adivinhassem o que perpassava pelos lábios dela, cachuma, cachuma, como se nesse canto houvesse uma possibilidade. De quê, seria sempre um mistério.

Não havia mais nada a dizer, a contar. O autocarro fez um ruído estranho quando o motor começou a funcionar, e depois, lentamente ganhando velocidade, afastou-se por entre a poeira que levantou no asfalto. O braço de John fez adeus, os braços dos que ficaram disseram adeus. Não houve choros entre aquela gente. Apenas o sentido profundo do testemunho que confirmaria a futura história do que tinha acontecido, do que aconteceu. Contornando o oceano, o autocarro fazia o caminho de volta. John reparou naquela luminosidade matinal que as águas pacíficas do oceano reflectiam em toda a atmosfera, de encontro ao azul espreado do céu, sentindo dentro de si uma incontrollável juventude, um indubitável, inexplicável recomeço. Quando chegaram a Gaviota Pass, entrando pelo

continente adentro, a sensação de uma inenarrável excepcionalidade desapareceu. Esperava-o a sua cidade, nos confins do «midwest», mas sobretudo, o convívio com as pegadas de um homem que há muito tinha pisado aquela terra.

## Capítulo 43

Acabado o romance em que me precipitara durante alguns meses dessa primavera e desse verão extraordinários, únicos, sem saber ao certo se ela gostara ou não do que ouvira e eu lhe pedira para alvitrar, a verdade é que todo o tempo que agora nos concediam a sorte e a cumplicidade era ocupado não só pelos nossos amplexos redimidos pelo prazer que atingíamos com uma orgia de sensações por mim quase esquecidas, mas também pela partilha das ocupações que aquela terra sáfara exigia do tempo que nos sobrava. Maneira um pouco fantasiosa de dizer. A maior parte do tempo ela passava-o sentada à sombra, deitada na espreguiçadeira, lendo romances ou passando olhos por revistas que eu nunca imaginara que existissem. Não me importava. Chamava-me com uma voz imprecisa e meiga quando deixava de me ver, quando eu penetrava naqueles círculos sequiosos de água. Também é verdade que algumas vezes, quando podia ficar até mais tarde, o que aconteceu em duas ou três ocasiões, ela juntava-se a mim no afã de levar a cabo, com a mangueira em punho, a rega das árvores. Outras vezes deixávamo-nos levar pela curiosidade ou pelo ensejo de descer até ao fundo do terreno, de mãos dadas, como se a adolescência fosse possível em qualquer idade. O oceano lá estava, perdido na sua intumescência luminosa, umas vezes lançando escamas de prata para o céu, quando a ondulação era mínima ou cordata, outras vezes, quando soprava o vento, arrastando na sua superfície ondulas sucessivas de uma espuma esbranquiçadas que a população chamava carneirinhos. Dela só sabia o que ela queria que eu soubesse. De mim ela só soube o que eu quis que ela soubesse. Mas falávamos de muita coisa em conversas sinuosas e peripatéticas, salvo do passado que nos pudesse atormentar ou indispor contra a vida. Antes de regressar a casa, quase sempre, para não dizer sempre, ela tomava um duche, como se não quisesse levar no seu corpo o resquício de um lugar ou o odor de uma presença. Juntei-me algumas vezes a esses duches, e no espaço amplo em que nos movimentávamos experimentámos uma segunda deslocação da ternura ou do ardor físico. Eu emagrecera, não para condizer com o seu corpo que eu consi-

derava belo e atraente, mas porque, como ela aparecia por volta das três da tarde, e não resistíamos ao desleixo da cama rescendendo a um apelo imediato e irrecusável, tendo receio de me embrenhar nesses rodopios extáticos e instáticos com o ventre cheio e a digestão por fazer, comia ao almoço um quase nada, uma ou duas peças de fruta. À noite desforrava-me. Mas mesmo assim, emagrecia. Talvez a causa estivesse mais no exercício físico a que nos entregávamos. Era bom ter uma amante, e ainda melhor ter amor por essa amante, não estando só determinado pelo prazer meramente sexual. Algumas dessas tardes esquecia as árvores, esquecíamos que havia um mundo, as obrigações e as tarefas subsecivas. Esquecíamos que havia gente sobre a superfície da terra, e até, muitas vezes, que nós também éramos terra. Mas só nos encontrávamos porque o mundo nos permitia, nos seus intervalos, nos seus interstícios, no espaço de algumas horas. Não me recordo, passados tantos anos, das opiniões que trocávamos sobre os acontecimentos que se sucediam num movimento linear, não me perguntem quem governava o país, se houve greves assinaláveis, se algum crime mais ou menos hediondo tivera lugar. Não estou a insinuar que éramos apenas corpos, estou simplesmente a tentar compreender como se poderia ter preenchido o tempo entre as expulsões sensuais a que nos dedicávamos com ardor e urgência. Sim, lembro-me de algum sono depois de termos apaziguado o desejo de irmos mais longe, do tempo que perdi a admirá-la enquanto ela dormitava, fascinado por ter uma presença feminina ao alcance das minhas mãos.

Obviamente, nunca escreveria aquele romance que me enleara nesses meses, não tinha idade nem feitio para contar histórias, por mais profundas ou reveladoras da natureza humana. Não acreditava na natureza humana. Não acreditava na condição humana. Não tinha a ilusão de que um livro pudesse mudar o mundo ou consolar, com as suas peripécias infantis, as almas de todos aqueles que precisavam de se evadir em fantasias religiosamente inconscientes. A minha cabeça não estava direccionada para um «possível», sempre além e sempre fugindo em frente, agastando-nos com o seu estúpido apelo, vem, vem, que encontrarás o que procuras. A minha cabe-

ça, como penso que sempre me aconteceu, estava virada para o passado, não para a nostalgia acutilante do que fora num tempo longínquo transformado em memória, mas para os gestos e as falas e as sensações e as percepções do que acabava de viver, a minha consciência, numa ruminação saudável que sempre me caracterizara, devolvia-me o feito ou o testemunhado pela segunda ou terceira vez, num irrecuperável retorno do mesmo ou da diferença, é-me indiferente tentar deslindar agora as repercussões filosóficas ou pueris que possam distinguir as duas formulações. Ela partia e eu retinha-a sem que ela desse conta ou se apercebesse desse facto, revivia cada momento do nosso encontro, cada fala, cada olhar, não descuidando de nenhum detalhe, como se a memória para mim fosse sempre de um presente e nunca se atrevesse a deixar passar o tempo para que o olvido a distorcesse ou a anulasse. Revivia cada gesto que tivera ao regar as rosas que resplandeciam no seu canteiro, via-as, a essas rosas, com uma nitidez que me fazia pasmar, sentia os vários odores nas minhas narinas, a textura das pétalas nos meus lábios roçagantes. Verdade que me evadia, e é uma concessão que faço à língua em que escrevo, recuperando o que realmente acontecera, não o que poderia acontecer. Daí não ser, verdadeiramente, uma evasão. Reviver não é sair-se para um desconhecido entrevisto ou sonhado, é repetir *in absentia*, como dirão os doutos, o que já fora acontecimento. O disparate, trazer novamente ao mundo uma utopia. Como se já não bastassem as utopias realizáveis. A única utopia tem por nome real, tudo o mais são histórias e historietas para alimentarem os covardes. O futuro nunca existiu, nunca existirá, não é tempo nem fulguração premonitória. É o acto de um presente que não se perpetra quando a vida o exige. Mas não estou disposto a contemporizar com contradições ou paradoxos.

Nos dias em que ela não vinha, resolvidas as tarefas do assalariado que eu era na escola onde trabalhava, ou ficava no apartamento a ler e a ouvir música, essas sinfonias de Mahler que me absorviam a consciência estética, ou descia pela vereda para retomar o canto da terra. A ausência dela era-me salutar. Não padecia de nenhuma saudade obsoleta e obscena, sentia apenas que sentir já era muito bom, e que amar, não

sendo trampolim para nada, nem para devaneios patéticos e poéticos, era uma prática salutar. Quantas pessoas amara na minha vida. Tantas. Quantas delas sem no saberem, ignorantes do que me ia na sensibilidade do sentimento. Duas coisas completamente diferentes, já agora. Amei-as, a essas mulheres, umas conhecidas, outras desconhecidas, como se não fosse, e não era, essencial trocar fluidos nem tocar em corpos. Amei-as com o carinho de quem sabe que vai desaparecer para não mais voltar. Rostos eram rastos, caminhos sibilinos que me lavavam a apogeu da presença de mim em mim, corpos eram movimentos da matéria em que me confundia em formas excepcionais da beleza. Não da beleza esporádica dessas mulheres, mas da beleza de havê-las para serem queridas e contempladas e estimadas pelo simples facto de existirem. O meu amor nunca teve limites. Era universal. Amava aquelas plantas com um denodo quase inumano, amava aquele chão quando o pisava com passos intensos, amava aquelas pedras como se elas tivessem sobrevivido para fazerem parte da minha vida, amava aquela casa, no meio do nada que é uma paisagem despovoada, como se nela eu fosse um habitante. Só não amava a violência, da terra ou dos homens. Aí esboçava-se a minha fragilidade ingénita, aí eu não era eu, mas uma estupefacção desprovida de uma origem ou de um fim. Daí, apesar de todo o amor que sentia pelas coisas da terra, eu compreender que nascer tinha sido, como violência que fora, uma aberração da natureza, e que morrer, como violência que seria, um crime. Réstia de nada, restava-me o meio, o entre, o intervalo. Nessa fissura eu vislumbrava a beleza de tudo, até da minha vida.

Num dia não muito quente, mas com um sol amável, e uma brisa que não fazia mal a ninguém, estando eu a regar as rosas, contra indicação ainda recente dos meus amigos, que só então me disseram que plantas como essas deveriam ser regadas ao entardecer, e não no pino do sol ou no calor abraçador da tarde, vejo-a sair, completamente nua, da casa, os meus chinelos nos pés, com várias toalhas de várias cores que lhe iriam servir de algum conforto sobre o passeio de mármore onde ela pretendia se bronzear. Dirigi-me a ela e disse-lhe, vai apanhar um escaldão. O facto do ventinho diminuir a sen-

sação de calor, a verdade é que o sol queima. Ela trazia, eu não tinha visto, uma loção solar debaixo de todas aquelas toalhas, e pediu, estendendo-me a bisnaga, para a besuntar em todo o seu corpo, nomeadamente nas costas e nas nádegas. Fui ao quarto de banho lavar as mãos e quando regressei ao passeio já ela estava comodamente refastelada sobre as toalhas, de barriga para baixo, tendo tido o cuidado de aproveitar a linha de sombra que a aresta da casa fazia no passeio para proteger completamente o rosto e a cabeça. A linha invisível mas real passava-lhe pelo pescoço, o que não fora uma má ideia. Espalhei aquele líquido espesso, esbranquiçado e cheiroso sobre as costas, demorando-me nas suas nádegas maleáveis, dirigindo-me depois às pernas e aos braços. Ela não dizia nada, a cabeça sobre os braços cruzados, os cabelos roçando o mármore limpo do passeio. Era, aliás, a primeira coisa que fazia quando chegava ao terreno. Passar uma mangueirada pelo passeio que bordejava a casa, não só para o manter limpo como para criar alguma frescura no ambiente. O favor concluído, levantei-me e fui arrancar, com uma raiva razoavelmente explícita, as ervas contumazes que assolavam a platibanda do roseiral, impedindo-as assim de roubar o alimento precioso das minhas flores predilectas. Minhas mãos chafurdavam na terra húmida, meu pensamento ficara porém naquelas nádegas imperiosas que me excitaram desmesuradamente. Eu bem infiltrava os meus dedos na terra molhada do canteiro tentando arrancar pelas raízes as ervas daninhas e contumazes, mas a visão daquele corpo nu deitado sobre o passeio não me dava sossego nem me facultava a menor das atenções para levar a cabo a tarefa que me impusera. Aproximei-me da casa, muito calor, foi a desculpa para nela novamente ingressar, estou convencido que nem me ouviu nem me viu de tão entretida que estava com o sol. Fui ao quarto de banho um pouco sombrio, mas fresco, e passei as mãos pela água, lavando-as com um sabonete que ela me oferecera. Depois, na soleira da porta, qual um leão em dia ou época de cio, espreitando a oportunidade para acometer a fêmea lascivamente distraída, saltei-lhe sobre o pêlo, sem objecções, mas como o leão, depressa me despachei, de tão excitado que estava, não direi em alguns segundos, como se podia observar nos documentários

que a televisão passava sobre a vida selvagem, mas em dois ou três minutos, o que me deixou envergonhado, sem saber o que dizer. Flexionando os braços para não me besuntar na pele do seu corpo, pois não me tinha despido, pedi-lhe desculpa, fazendo menção de ir buscar um papel higiénico. Ciciou, com uma voz sonhadora, sem se mexer um milímetro, entregue a uma passividade afável: gostei.

Levantei-me e entrei novamente em casa, à procura do rolo de papel higiénico. Olhei de viés para o espelho do quarto de banho e deparei comigo, o meu pénis brandamente murcho saindo das calças num apogeu de carne. Comecei a chorar em convulsões espasmódicas, ouvindo aquele «gostei» entre ressonâncias que me diziam muitas coisas, mas o quê, eu ignorava. Sentado na sanita, menino perdido em mim mesmo, sem passado nem passando de uma memória obscura, longínqua como um mito ou uma invenção pueril, chorei abundantemente, ruidosamente quase, soluçando entre ritmos do corpo descontrolado, ao ponto de, com medo de ser ouvido, me levantar da sanita para fechar a porta sepulcral do quarto de banho. Meus olhos, quando os relanceei novamente sobre o espelho, devolveram-me um desconhecido, alguém que fora amado. Aquele «gostei», a maneira como foi dito, o prazer com que fora pronunciado, mexeu-me com as entranhas, entranhou-se algures numa parte de mim que não me era geralmente acessível, um oco que se transformou, assim tão desprevenidamente, só pela entoação de uma palavra, num eco. De quê, era o desconhecimento total. Como se em cada um de nós houvesse um vestígio de um amor incontroverso, biológico, puramente animal e terrestre. Acalmei-me, limpei as lágrimas, bati no rosto para o recompor, para o tornar banal e rotineiro, e quando cheguei ao pé dela com o rolo higiénico, tentando limpar-lhe o líquido que nada tinha de solar, a menos que tragámos dentro de nós um sol, ouvi-a dizer: Não te preocupes. Eu já me levanto.

Julho preparava-se, como se fosse evidente, para desaparecer no mês seguinte, e já eu estava de férias. Nessa semana, como nas semanas precedentes, eu dormia tanto no apartamento como na casa do campo. Tudo dependia dos afazeres e dos compromissos tomados. Numa dessas noite, no aparta-

mento, postado diante da televisão para ver o seu jornal das oito, sabendo de antemão, por experiência, que nada de excepcional tinha acontecido no país, talvez porque o país não pertencesse à esfera dos acontecimentos relevantes que fazem a ou uma história, ocupava a minha paciência a comer uns amendoins e a beber uma cerveja bem fria, recostado supinamente ao confortável sofá. Poucos minutos depois do começo do noticiário aparecem imagens de uma cerimônia que teve lugar nesse dia, algures num edifício solene e pomposo da capital, e que estava, aparentemente, sob a alçada do estado. O facto nacional mais importante do dia ia ser-me desvelado. Vejo um pequeno número de homens e mulheres entrando para um grande salão, e depois, seguindo uma lógica que me escapou, vi-os formando, segundo um protocolo que desconhecia, possivelmente bem definido, uma linha mais ou menos recta de casais estacionados e acotovelados uns ao lado dos outros, tendo, como pano de fundo, se bem me recordo, uns enormes espelhos de outras idades emoldurados em amarelos áureos. Quando a câmara se aproximou para dar um plano mais preciso da gente que se dispunha, compenetrada e sorridente, de tal sorte, esperando que qualquer coisa ocorresse ou estivesse formalmente em vias de ocorrer, vejo-a, a mulher que me tinha numa expectativa de emoções e de afectos e de desejos, a mulher que me visitava uma ou duas vezes por semana e que me trouxera a alegria de uma companhia. Junto do seu marido, não me foi difícil de compreender, um ministro, percebi pelo que a jornalista ia dizendo, do governo. Um homem alto, magro, elegante, o cabelo reproduzindo uma tímida asa de corvo, vestido de um fato que lhe ficava bem, de uma camisa imaculada, de uma gravata que se enforcava no colarinho branco. Ao contrário dela, um pouco cabisbaixa e com um semblante sério, levemente carregado e inseguro, o que me fez pena, sentimento que não consegui evitar de sentir, ele sorria, feliz, talvez, por estar ali na companhia dos outros seus colegas, homens da política e da governança, à espera ou do primeiro-ministro ou mesmo do presidente da república que, partindo metodicamente de uma ponta daquela barreira humana, começou a cumprimentar os homens e as mulheres, ou melhor, os senhores e as senhoras que se ofereciam

à sua frente. Não posso assegurar, depois de tantos anos, de que cerimónia se tratava. Não se pode saber tudo. Sei que passei o resto do noticiário televisivo a fazer de conta que ouvia as notícias, mas eu estava muito longe dali, das imagens que perpassavam no écran e das vozes que debitavam as notícias mais relevantes, do país e, penso eu, como não poderia deixar de ser, do mundo. O que eu não daria, até para o benefício do que agora narro, para recuperar agora mesmo, numa inflexão arbitrária da memória, o que me iria pela consciência de então. Fiquei contudo com a ideia de que nem sofri nem gozei com o conhecimento daquele facto, tomei-o muito simplesmente como uma exteriorização irreversível do real, uma possibilidade entre muitas, afinal o que sabia eu dela, da minha amiga, da minha amante, da minha amada? Muito pouco, ou quase nada. Sabia, porque me dissera, que tinha dois filhos e era casada. Nunca lhe fiz perguntas, que mais precisava eu de saber?

Dois dias depois, preparava-me para cuidar das minhas rosas, quando a vejo entrar na quintinha, sempre no seu jipe verde, e cuja marca, talvez porque nunca tenha dado importância a automóveis, me ficou para sempre desconhecida. Ela desceu do veículo dirigindo-se a mim, com um aceno alegre, eu corri para ela, procurando encurtar o tempo do nosso abraço, da junção dos nossos corpos. Mas conforme vou avançando pergunto-lhe, numa voz apazível e alta, por que nunca me disseste que o teu marido era o ministro... Estacou. Há muito, teria os meus dezoito anos, eu fora um cinéfilo convicto, não perdia um filme que passasse na vila onde então vivia, deslocando-me mesmo à cinemateca da capital do norte, uma vez por semana, para descobrir o que de melhor fora feito nessa arte. E comprava revistas, não sobre a vida das estrelas, é claro, mas de cinema, da arte do cinema, que, como fenómeno estético, me deslumbrava. E lembro-me perfeitamente de um artigo bastante interessante sobre um realizador italiano, Antonioni, em que se dizia que ele pedira, para uma cena de um dos seus filmes, a uma das suas actrizes predilectas, Monica Vitti, se a memória não me falha, que num brevíssimo lapso de tempo o seu rosto exprimisse, pelo menos, seis sentimentos diferentes. Quando li o artigo, amante do cinema que era,

não pude contudo deixar de exclamar, em profundo descrédito do que lera, estes artistas, sempre os mesmos, uns charlatães. A armarem-se em parvos! Como se fosse possível tal coisa! Pois bem, é possível. Eu vi na cara daquela mulher que eu amava, no seu rosto, num segundo fulminante, assim me pareceu, piedade, desdém, compaixão, raiva, incredulidade, desilusão.

Vi-a virar-me as costas e sem uma palavra regressar ao seu jipe, quase correndo, como se fugisse do mal. Ou de uma ignóbil monstruosidade. Avancei com passos lentos, enquanto ela, ao volante, dava meia volta e saía pelo portão. Não compreendi. Não compreendia. Vi que uma poeira informe se levantou no calor da tarde mesmo à saída do portão, expandindo-se em bilhões de partículas, tentando, não sei por que razão o percebi assim, iludir a lei da gravidade. Um espectáculo, assistir a uma convulsão do universo, a disparidades de galáxias sobressaltadas e despidas de qualquer brilho, como se, em vez de testemunhar um começo de qualquer coisa tentando ser e existir, contemplasse o fim do universo. A poeira aparentemente imaterial começou, pouco a pouco, a descer à terra, sem pressa, amorfa, e a visão feérica de um apocalipse eclipsou-se do meu olhar, deixando-me órfão. Quando levantei os olhos já o jipe tinha desaparecido da polvilhada vereda. Fiquei ainda uns dois ou três minutos, junto ao portão, à espera de um retorno da realidade, de um tempo desbobinando-se em sentido contrário, mas nada. Não compreendi nada do que se passou. Não compreendia. Perdi toda a vontade de ir tratar das rosas e das árvores, e do mais que fosse. Ao virar-me reparo que no terreno ao lado, a uns cem metros, especados, hieráticos, silenciosos, indiferentes ao sol e ao calor que fazia, observando-me, estão duas pessoas, um homem e uma mulher, lado a lado, sem dúvida um casal. Os dois vestidos completamente de preto. Ele magro, com um chapéu também preto, portador de uma barba farta e grisalha, podendo eu adivinhar que à volta dos lábios, talvez porque fumava, a barba ganhara uma tonalidade acastanhada fugindo quase para o amarelo fibroso. Ela, larga e mais baixa do que o homem, a cabeça coberta por um lenço, trazia sobre o avental também preto as suas mãos morenas, como se esperando, aparente-

mente resignada. Deveriam ter a minha idade. Que fariam ali? Num impulso de toda a minha humanidade, intuitivamente reconhecendo os meus semelhantes, levantei o meu braço direito numa saudação espontânea, a alegria estampada no meu rosto, sentindo como um bem a solidão daqueles campos subitamente destruída. O homem respondeu à minha saudação levantando também um braço, talvez um pouco hesitante. Ela não se mexeu. Abanando a cabeça, percorri os passos que me separavam da porta da casa e entrei. Que frescura! Fui ao frigorífico e despejei num copo delgado um pouco de sumo. Não compreendi. Não compreendia. Nem a reacção abrupta do meu amor, nem a presença icónica e icástica daquela casal, digno de um anacrónico daguerreótipo ou de uma profana hagiologia. Pensei, o comportamento das pessoas, tão estranho, onde acaba a sanidade e começa a loucura? O que é o real, o que é a realidade? Quererão dizer a mesma coisa, essas duas palavras? Apreciei o líquido que ingurgitava em haustos pausados, revisitando com um olhar saudável o espaço que me envolvia. Depois de bebido o sumo, de ter limpado o copo com carinho, passando-o pela água que vinha das profundezas da terra, depois de o colocar na prateleira a que pertencia, dirigi-me ao quarto de banho e fiz um chichi sonoro, esquecido. Abri a porta do quarto, tirei os ténis, as calças de ganga azul e deitei-me na cama onde pensara, nesse dia mesmo, que os seus lençóis ficariam suados de ternura. Não aconteceu, tanto pior. Reparei então, sobre a mesinha de cabeceira, num livro que ela me oferecera uns dias antes, dizendo-me que eu teria uma surpresa ao lê-lo. Era de um jovem romancista português, festejado calorosamente pela crítica nacional. Ela, para dizer a verdade, não tivera tempo para lhe passar os olhos nem ao de leve, mas fora a capa, ou o que vinha na capa, que a seduzira e a levara a comprá-lo. Estava envolto num papel cravado de figuras coloridas que a livraria tivera o cuidado de fornecer, já que, com certeza, ela teria dito que se tratava de uma oferta. Romances, pensei eu, contristado, e ainda por cima portugueses. Só podia ser uma brincadeira, pois ela sabia muito bem que fazia anos, para não dizer hiperbolicamente séculos, que eu não lia um romance pátrio. Mas enfim. Descoberto o livro, folhee-o distraidamente, os olhos nas páginas

esvoaçantes, e vi logo, pelos brancos que denunciavam diálogos, que se tratava efectivamente de um romance. Na contracapa, nada. Na capa, o nome do autor: Silva Carvalho. Título do livro: Como Se Nada Fosse.